

OSWALDO MÁRIO SERRA TRUZZI

PATRÍCIOS
- SÍRIOS E LIBANESES EM SÃO PAULO -

Tese de Doutorado apresentada ao
Departamento de Ciências Sociais
do Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Estadual
de Campinas

Este exemplar corresponde à
redação final da tese defendida
e aprovada pela Comissão Julgadora
em 5 de maio de 1993.

Orientador

Sergio Pfeiffer Pessoa de Barros

ABRIL DE 1993

Patrícios

- SÍRIOS E LIBANESES EM SÃO PAULO -

Oswaldo M. S. Truzzi

A Roseli

SUMÁRIO

Apresentação

1. Redentores de famílias	1
2. De mascates a empresários	22
3. A reinvenção das identidades	57
4. A colônia se diferencia	73
5. Doutores	109
6. Patrícios na política	140
7. País desenvolvido, trajetória nem tanto: sírios e libaneses nos Estados Unidos - um enfoque comparativo	177
8. Conclusão: rumo a uma história da imigração urbana em São Paulo	231
<i>Anexos</i>	246
<i>Bibliografia</i>	256

APRESENTAÇÃO

A jornada de milhões de pessoas que cruzaram o Atlântico a partir de fins do século XIX para se estabelecer em terras do continente sul e norte americano sempre estimulou a imaginação de historiadores e sociólogos. Muitos grupos étnicos, provenientes de diferentes origens, compuseram este deslocamento maciço de imigrantes. No caso paulista, grande parte destes foram atraídos pela pujança de uma lavoura cafeeira em desenvolvimento, que semeava estímulos e oportunidades aos recém-chegados na sociedade como um todo, tanto no campo quanto nas cidades. Entretanto, como a atividade agrícola inicialmente constituiu a mola propulsora da economia e a razão a partir da qual desencadeou-se o movimento migratório em substituição ao trabalho escravo, inevitavelmente a maior parte dos trabalhos focalizando imigrantes em São Paulo orientou-se por apanhá-los e estudá-los no mundo rural.

Partindo de uma perspectiva diferente, este trabalho surgiu num contexto de um grupo de pesquisa que procurava explorar justamente as trajetórias **urbanas** de diversos grupos imigrantes no estado de São Paulo, a partir da detecção de uma lacuna na literatura existente sobre o tema. O que se buscava então era melhor avaliar a contribuição que imigrantes de destinação urbana tiveram para tornar São Paulo aquilo que é: uma sociedade peculiar no panorama nacional - a mais dinâmica, a mais plural e a que conta com a estrutura social mais diversificada e complexa. Em grande medida, acredito que este trabalho sobre os sírios e libaneses em São Paulo permanece fiel a esta orientação, que constitui uma espécie de espinha dorsal para este estudo.

Os sírios e libaneses e seus descendentes, que ainda hoje comumente se referem uns aos outros como patrícios, formaram uma colônia razoavelmente numerosa no estado de São Paulo. Em sua grande maioria, eles preferiram permanecer nas cidades, onde procuraram ganhar a vida como comerciantes autônomos, do que rumar para as lavouras do interior. Quem percorre hoje algumas ruas antigas do centro da capital, onde no início do século a colônia sírio-libanesa se apinhava em pequenas lojas, armazéns, casas de atacado, fábricas de fundo de quintal, residências, cortiços e pensões, poderá ainda notar os resquícios de uma hegemonia outrora quase absoluta e que ao longo de muitos anos vem se desfazendo, combatida pelas transformações da própria cidade, pela saída gradual e segura das famílias e dos negócios típicos da colônia, e pela chegada de outros grupos - entre os quais os coreanos e os camelôs nordestinos figuram como os mais recentes - que vem também disputar as conveniências de uma localização tão central na cidade.

Apesar disso, é possível ainda se notar uma aglomeração razoável de lojas de tecidos e de armarinhos escondidas atrás de luminosos e placas que disputam entre si visibilidade, exibindo muitos nomes típicos da colônia. Estes também aparecem com uma frequência inabitual em muitos painéis no hall de entrada de edifícios com salas de escritórios localizados na área. Com certeza muitos membros da colônia ainda hoje se dirigem ao Empório Sírio à procura de produtos alimentares ou ainda são capazes de reconhecer prédios ou locais em que antepassados de uma ou duas gerações viveram histórias e experiências que lhes foram transmitidas. Este trabalho procura dar conta dos principais determinantes das trajetórias sociais percorridas por esta colônia, compreendida como imigrantes e seus descendentes, entre os anos noventa do século passado e a década de sessenta deste século.

O primeiro capítulo se alinha com a perspectiva mais moderna de se procurar entender a experiência migratória ao mesmo tempo como emigração e imigração, e não como fenômenos desvinculados ocorrendo em contextos nacionais distintos. Ganha-se uma maior compreensão do processo porque se devolve a experiência a um contexto significativo para os reais participantes dela - os imigrantes - que não apenas chegaram aqui, mas também saíram de um determinado lugar. Na nova terra, estes imigrantes construíram relações que pudessem viabilizar a sobrevivência, apoiando-se nos vínculos familiares e em relações de conterraneidade, num processo mais coletivo que individual. No caso de sírios e de libaneses, a maior parte da primeira geração de uma forma ou de outra contribuiu para o estabelecimento e o desenvolvimento de um nicho de especialização econômica, a comercialização e a fabricação de tecidos, malhas e armarinhos (capítulo 2). Ao longo de algum tempo, uns foram melhor sucedidos que outros, e a colônia foi cada vez mais deixando de se apresentar como um grupo homogêneo (capítulo 4). Afinidades e diferenças foram reformuladas, identidades foram redefinidas (capítulo 3). Os capítulos 5 e 6 tratam da componente mais geracional do fenômeno, elegendo como foco não mais os imigrantes, mas seus descendentes, observando em primeiro lugar o investimento em educação como uma instância fundamental de integração e de ascensão sócio-econômica, e em seguida a crescente participação de descendentes em atividades e cargos políticos. Por fim, o sétimo capítulo procura entender o tipo de inserção que os sírios e libaneses tiveram em São Paulo a partir de uma perspectiva comparada com a inserção desta mesma colônia nos Estados Unidos.

No período analisado, a economia e a sociedade paulistas sofreram transformações muito aceleradas e as frações urbanas de grupos de imigrantes e descendentes certamente fizeram a sua parte neste processo. Desde o início, São Paulo se conformou como uma espécie de caleidoscópio de grupos étnicos variados, vivendo e interagindo

fortemente entre si. Comunidades originalmente muito diferentes tiveram de conviver lado a lado, forjando relações de classe, cultura e sociabilidade que se misturaram e se recombinaram em formas e intensidades diferentes ao longo do tempo. Por causa disso, de um ponto de vista metodológico, este trabalho sobre os sírios e libaneses mantém um olho permanente nos "outros", nas adaptações e inter-relações advindas da vinda e convivência conjunta de diversos grupos (imigrantes ou nativos) no estado e em particular na cidade de São Paulo, o que os colocava imediatamente em contato com outras frações, e não com algum tipo idealizado de "sociedade paulista".

Este trabalho foi construído a partir de um espectro muito amplo de fontes: trabalhos anteriores sobre o tema no Brasil e no exterior, dados censitários, estatísticas, dados apurados em escolas, tribunais eleitorais, clubes, arquivos de jornais e revistas de dentro e de fora da colônia, almanaques da cidade de São Paulo e do interior, arquivos particulares, etc. Mesmo assim, se somente ele tivesse se apoiado em fontes escritas, por mais que o trabalho tivesse a elas recorrido, tenho certeza que uma parte significativa da reconstituição se perderia. Consequentemente, o trabalho fez uso extensivo de relatos orais, colhidos através de entrevistas breves ou em profundidade, que em seu conjunto somaram quase uma centena. Acredito que tais relatos constituem instrumentos de pesquisa imprescindíveis para quem trabalha com o tema no período analisado e os encaro como um material sempre potencialmente muito rico, a ser testado e verificado como qualquer outro, ao longo do trabalho de pesquisa.

Conforme já mencionei, este trabalho deve muito ao grupo de pesquisa de História Social da Imigração, do Instituto de Estudos Econômicos, Sociais e Políticos de São Paulo (IDESP), projeto de pesquisa concebido por meu orientador, Prof. Sergio Miceli e pelo Prof. Boris Fausto, coordenador do grupo. A sensibilidade sociológica de um e a experiência criteriosa de outro certamente se situam na raiz da maior parte dos méritos

que este trabalho eventualmente possa ter. A eles devo muito de meu amadurecimento intelectual nos últimos anos de convivência, como membro de uma equipe de pesquisadores. Ao Sergio em particular, agradeço pelo permanente estímulo à produção intelectual, desde quando ainda era engenheiro e resolvi me embrenhar na profissão, há dez anos atrás.

Registro uma dívida especial para com a Comissão Fulbright e a Capes, que propiciaram uma estadia de um ano junto ao Center for Latin American Studies da Universidade de Chicago. Esta experiência extremamente rica e marcante em minha carreira com certeza extrapola em muito o resultado concreto deste período de trabalho, expresso no capítulo sétimo desta tese. Nos Estados Unidos, sou especialmente grato ao Prof. John Coatsworth, à Profa. Kathleen Neils Conzen e ao Prof. Samuel Baily, por discutirem comigo versões preliminares deste capítulo.

Roberto Grun, colega de trabalho, acompanhou de perto o desenvolvimento deste estudo em suas diversas etapas, enriquecendo-o num processo estimulante de "fertilização cruzada" entre o seu próprio trabalho e este. Aos outros membros da equipe do IDESP - Célia Sakurai, José Leonardo do Nascimento, Maria do Rosário Rolfsen Salles, José Renato de Campos Araújo e Marcella F. V. Camargo - devo a contribuição de várias críticas e sugestões em diversas ocasiões em que discutimos trechos deste trabalho. Estes dois últimos e mais Rosângela Batista Cavalcanti auxiliaram-me em levantamentos de dados utilizados na elaboração da tese, enquanto a Profa. Cheywa Spindel, Maria da Glória Bonelli e Michelle Selma Hahn cordialmente se prontificaram a me ajudar em pontos específicos desta.

A Profa. Aracky Martins Rodrigues e o Prof. Vilmar Faria contribuíram com críticas, sugestões e precisões importantes à versão final da tese, por ocasião do exame de qualificação. Sem estas, o resultado final inevitavelmente seria menos expressivo.

Agradeço também aos colegas de departamento da Universidade Federal de São Carlos, que se não acompanharam de perto o desenvolvimento do trabalho, com certeza propiciaram condições efetivas para a sua realização. Na secretaria da pós-graduação da Unicamp, agradeço a atenção dispensada por Lourdinha e Mari, nas ocasiões em que dela precisei.

Às inúmeras pessoas (muitas delas pertencentes à colônia) que em seus domicílios ou em seus escritórios mostraram-se disponíveis, concedendo-me entrevistas, devo, conforme já mencionei, muito da riqueza deste trabalho. Na impossibilidade de mencioná-las todas, em particular agradeço a Lina Maluf, que além de discutir comigo certos capítulos específicos, colocou à minha disposição materiais bibliográficos que utilizei com frequência.

Por último, devo uma menção especial à memória do Prof. José Albertino Rodrigues, que leu e contribuiu com sugestões para a primeira versão deste trabalho. Mais relevante que isso porém foi sua capacidade de sempre nos transmitir um profundo entusiasmo e dedicação para com as Ciências Sociais.

1. REDENTORES DE FAMÍLIAS

Pouco estudada, a imigração de origem síria e libanesa talvez constitua um dos capítulos mais interessantes do vasto compêndio que representa a história dos imigrantes em São Paulo. O trabalho de maior importância, que constitui referência pioneira e obrigatória sobre o tema, foi escrito pelo brasileiro Clark Knowlton¹. Sua tese, defendida ainda em 1955 na Vanderbilt University, foi orientada por Lynn Smith, do departamento de Sociologia. O trabalho de Knowlton procura analisar detidamente as características demográficas da colônia sírio-libanesa no Brasil (e em particular no estado e na cidade de São Paulo), reconstitui a ascensão econômica do grupo e pincela aspectos de sua aculturação na nova terra. Escrito no início da década de 50, sua preocupação fundamental é avaliar em que medida "a teoria ecológica desenvolvida nos Estados Unidos aplica-se a movimentos de grupos imigrantes em outros países"². Sua resposta é amplamente positiva e graças a este enquadramento teórico em que se desenvolve o trabalho, este explora longamente as mudanças dos locais de

1 Knowlton chegou a São Paulo no primeiro trimestre de 1950 e, como sociólogo que buscava aperfeiçoar seu português, matriculou-se em um curso da Escola Livre de Sociologia e Política. A partir de lá travou contatos com Donald Pierson e Florestan Fernandes, este último um jovem que pretendia se dedicar aos problemas da assimilação e aculturação dos sírios e libaneses em São Paulo. No prefácio de seu trabalho, Knowlton relata tal coincidência como um incidente, reclama da necessidade de uma ligação entre as instituições acadêmicas da América Latina e dos Estados Unidos, a fim de prevenir tais ocorrências e afirma ter estabelecido uma divisão do campo de pesquisa, concentrando-se ele próprio "nos aspectos demográfico, ecológico e de mobilidade social da vida da colônia, deixando os problemas de aculturação e assimilação ao colega brasileiro". (Clark Knowlton, *Sírios e Libaneses: mobilidade social e espacial*. São Paulo: Anhami Ed. Ltda., 1961; p. 8). Mais tarde, Florestan mudaria de tema.

2 Clark Knowlton, *Sírios e Libaneses...*, p. 189.

concentração da colônia e as decorrências em termos de sua sociabilidade, a assim chamada sequência de mobilidade social e espacial, que dá o subtítulo ao livro³.

De inserção marcadamente urbana na nova terra, ao contrário dos outros grupos anteriores provenientes da Europa Ocidental (e da imigração japonesa posterior), os sírios e libaneses - também em contraposição a outras etnias - vieram por conta própria, o que por eles é referido orgulhosamente como prova inequívoca de um espírito altivo. Mais tarde, tal circunstância seria interpretada pelos porta-vozes da colônia como sinal de distinção em relação à massa de imigrantes de outras nacionalidades, em geral aqui aportados de forma subsidiada.

A maior parte dos aqui chegados decidiu pela emigração premida pela precária situação econômica da terra de origem e pela inferioridade sócio-religiosa dos cristãos (que de fato constituíram a grande maioria dos imigrantes) numa sociedade predominantemente islâmica, em uma região à época integrante do vasto império otomano.

Do ponto de vista econômico-demográfico, as causas da emigração de origem síria não diferem muito do padrão comum a outros países europeus. Nestes, dois movimentos são clássicos. Em primeiro lugar, à medida em que as redes de transporte em expansão integraram territórios mais abrangentes, bens manufaturados mais baratos invadiram os mercados rurais, passando a minar a produção de artesãos independentes ou de trabalhadores rurais que se engajavam em uma produção de pequena escala domiciliar com o intuito de complementar suas rendas. Em segundo lugar, o rápido crescimento

³ para uma consulta às formulações desenvolvidas pela teoria ecológica urbana, consultar Martin Bulmer, **The Chicago School of Sociology** (Chicago: The University of Chicago Press, 1990) e P. Saunders, **Social Theory and the Urban Question** (London: Hutchinson, 1981).

das cidades criou um novo mercado de grandes proporções para uma produção agrícola comercial, de maior escala, que acabou deslocando a produção para subsistência.⁴

Até a primeira metade do século XIX, uma economia de subsistência prevalecia em toda a região compreendida como Grande Síria.⁵ Uma rede de transportes precária, forjada por características geográficas adversas, sempre dificultou uma maior integração territorial, fazendo com que "quase todas as comunidades fossem auto-suficientes, cada uma produzindo virtualmente aquilo que todas as outras produzem."⁶ Num padrão onde o tear doméstico constituía um equipamento essencial à família, artesãos e agricultores também operavam quase que exclusivamente sobre a base territorial definida pela aldeia, em relações de caráter fortemente pessoais.⁷

Com a melhoria nos métodos de transporte marítimo e terrestre, uma ampla gama de bens manufaturados na Europa começou a inundar os mercados locais. Saliba observou que há anos a outrora vigorosa indústria têxtil síria acumulava insucessos

4 John Bodnar, *The Transplanted: a History of Immigrants in Urban America* (Bloomington: Indiana University Press, 1985), pp. 54-5.

5 até o final da Primeira Guerra Mundial, a região pertencente ao império otomano compreendida como Grande Síria, ou simplesmente Síria, incluía o Líbano em suas fronteiras. "A Síria, pátria dos sírios", diz-nos Philip Hitti referindo-se a este período, "é uma estreita faixa de terra, de quatrocentas por cento e cinquenta milhas, que se estende da faixa de Taurus e do Eufrates no norte até a península do Sinai no sul, limitada pelo mar Mediterrâneo a oeste e pelo deserto à leste." (Philip K. Hitti, *The Syrians in America*, New York: George H. Doran Company, 1924; p. 21). Com a derrota dos turcos na Primeira Guerra Mundial, a França assumiu o controle político da região. Sob o regime de protetorado francês, o Líbano (capital Beirute), uma faixa de terra ainda mais estreita do que a anterior, colada ao Mediterrâneo e povoada à época em sua maioria por cristãos maronitas, ganhou autonomia em relação ao restante da Síria (capital Damasco), povoada por uma maioria de muçulmanos. Ambos os países atingiram a plena independência somente em 1943 e 1946, respectivamente. Para um apanhado histórico conciso da Síria e do Líbano, consultar *Cambridge Encyclopedia of the Middle East and North Africa*, ed. Trevor Mostyn (Cambridge Un. Press, 1988); para uma história detalhada, consultar Philip Hitti, *History of Syria, including Lebanon and Palestine* (London: Macmillan, 1951) e *Lebanon in History* (London: Macmillan, 1967). Ao longo deste trabalho, para designarmos a região de origem dos imigrantes sírio-libaneses, referiremo-nos ora a Síria simplesmente, ora a Síria e Líbano, quando uma maior precisão for necessária.

6 Philip Hitti. *The Syrians...* p. 46.

7 Aff I. Tannous, "Social Change in an Arab Village", *American Sociological Review*, (October 1941), p. 660.

invariavelmente causados por uma alta tributação doméstica e pela ausência de tarifas protecionistas que amenizassem a dura competição de bens industrializados importados.⁸ Tais bens, conta-nos Hitti referindo-se ao Líbano, "compreendiam tecidos manufaturados em Manchester, mobílias fabricadas em Paris e uma variedade de artigos distribuídos por atacado provenientes de outros centros industriais.(...) Logo o artesanato das cidades e das aldeias começou a minguar. Foi isso o que aconteceu com as atividades de tecelãos, tintureiros, artesãos em cerâmica e em cestos de palha, apenas para mencionar alguns dos ofícios em que a destreza manual dos libaneses era há tempos imemoriais reconhecida."⁹ É claro que o crescimento das cidades também minou a produção agrícola de subsistência, forçando-a a tomar os moldes de uma agricultura mais comercial. No caso por exemplo da sericicultura, uma atividade caseira e principal fonte de renda de centenas de aldeias, esta passou a se desenvolver de forma mais orientada ao atendimento dos novos mercados abertos na Europa, em especial o francês.¹⁰ Evidência incontestável do acelerado processo de urbanização, a cidade de Beirute por exemplo, que havia iniciado o século XIX com menos de 5 mil habitantes, chegaria ao seu final com mais de 120 mil.¹¹

Também é fora de dúvida que ao final do século, o incremento populacional da maioria das aldeias havia atingido o limite, relativamente à capacidade de utilização das terras

8 Najib E. Saliba, "Emigration from Syria". *Arab Studies Quarterly*. vol.3(1) (winter 1981), pp. 56-67.

9 Philip K. Hitti, *Lebanon in History: from the Earliest Times to the Present* (New York: Macmillan, 1967), p. 471.

10 vide Philip Hitti, *Lebanon in...*, p.471 e também o interessante artigo já citado de Tannous ("Social Change...") registrando o impacto da evolução da indústria de seda em um vilarejo do norte do Líbano. Por outro lado, Hitti (*The Syrians...*) apurou que a produção de seda foi seriamente prejudicada pela concorrência japonesa, propiciada pela abertura do canal de Suez, uma observação também confirmada por Saliba ("Emigration from..."). De qualquer forma, mais tarde a Primeira Guerra Mundial e logo após a introdução do rayon destruiriam esta indústria. Knowlton também apontou que o cultivo da uva e a fabricação do vinho, atividades tipicamente familiares, regrediram atacadas por doenças como a phylloxera. por volta de 1890. (Clark Knowlton, *Sírios e Libaneses:....*, p. 26.)

11 Philip Hitti, *Lebanon in...*, p.472.

aráveis.¹² Desertos ou terras muito montanhosas, com escassa disponibilidade de água, cujos solos via de regra se mostraram menos férteis que suas mulheres, certamente fizeram a sua parte em reforçar a tendência migratória. Mais que isso, um núcleo familiar desdobrado em três gerações vivendo sob o mesmo teto, normalmente composto pelo patriarca, seus filhos e filhas solteiros e pelas famílias dos filhos homens casados, colocava dificuldades adicionais para que uma pequena propriedade, típica de uma estrutura agrária pulverizada, pudesse fornecer o sustento de todos.

Por sobre tais razões de ordem econômico-demográfica, incidiram fatores de natureza mais política que se acumularam ao final do século. Para manter o controle da região e assim poder extrair uma carga tributária cada vez mais elevada¹³, a administração turca ao longo do século XIX havia fomentado discórdias profundas entre os druzos¹⁴ e os cristãos no atual território do Líbano e entre muçulmanos e cristãos no restante do território conhecido como Grande Síria. Seria fastidioso e inoportuno rememorar a extensa cronologia de conflitos envolvendo essas populações. Sobre estes, pesou sobretudo o fato de que tanto os quase quatro séculos de domínio turco quanto os mais recentes vinte e cinco anos de regime de protetorado francês tiveram por sustentáculo fundamental a política do dividir para reinar. Naquela região do planeta, isto equivalia ao fomento de discórdias entre os diferentes grupos étnicos e religiosos, que via de regra constituíram um motivo adicional para a emigração, sobretudo de cristãos.

12 Vide Afif I. Tannous, "Emigration, a Force of Social Change in an Arab Village", *Rural Sociology*, vol.7 (March 1942), pp. 62-74.

13 Hitti por exemplo, faz referência a um relatório consular de 1886 reclamando que os turcos haviam praticamente dobrado os impostos (*The Syrians...*, p.50).

14 O druzismo é uma seita derivada de uma dissidência islâmica desenvolvida no século X pelo Califa Fatimite Al-Hákem. Em razão de perseguições seculares movidas contra os membros, seus adeptos em todo o mundo normalmente professam sua fé em segredo. Consultar Nagib Assrauy, *O druzismo* (Belo Horizonte: Ed. São Vicente, 1967).

Naff argumentou que perseguições na Síria forçando cristãos a emigrarem constituiu um mito forjado sobretudo por políticos árabes na América após o fim da Primeira Guerra Mundial. Ponderou essa autora que os mais interessados em propagar tal tese foram os maronitas, ardentes defensores do Líbano sob o regime de protetorado francês. Junto às entrevistas que recolheu entre informantes cristãos, afirma que em nenhuma delas o tema das perseguições veio à baila.¹⁵

Outros autores argumentam no entanto que a circunstância da emigração no período ter de fato sido composta em sua imensa maioria por cristãos constitui prova de que as perseguições contra estes de fato ocorreram e tiveram o seu peso. Mesmo assim, pode-se argumentar que os cristãos emigraram em maior número porque em geral tinham uma mentalidade mais progressista e eram menos apegados ao solo do que os muçulmanos.¹⁶ Estes acreditavam que teriam mais dificuldades em seguir seus preceitos religiosos em uma terra distante onde seriam minoria. Assim sendo, a religião acabou exercendo um papel determinante no destino dos emigrantes. A maior parte dos muçulmanos preferiram o Egito ou ainda outros países da África, enquanto os cristãos praticamente constituíram a totalidade dos que buscaram a América.

Mesmo assim, a literatura a esse respeito é controversa, de modo que deve se dar uma importância no máximo secundária a perseguições religiosas como fator impulsionador da emigração. Os grandes massacres de cristãos pelos druzos por exemplo, ocorreram no início dos anos sessenta, ao passo que o movimento emigratório tomou fôlego a partir dos oitenta. Mais provável é que a ameaça cada vez mais presente de potências do Ocidente na região nas décadas anteriores à derrocada final do império otomano tenha exigido dos governantes turcos medidas cada vez mais impopulares que

15 Alixa Naff, *Becoming American: the Early Arab Immigrant Experience* (Carbondale: South Illinois University Press, 1985), p. 7.

16 Philip Hitti, *The Syrians...*, p.52.

acabaram exacerbando o clima geral de descontentamento e por consequência acabaram também se traduzindo em atritos entre os diferentes grupos étnicos e religiosos. Em 1909 por exemplo, o serviço militar obrigatório foi estendido aos cristãos, que antes eram dele dispensados. Esta medida de caráter extremamente impopular detonou uma avalanche de saídas para o exterior. Saliba conta-nos que de um contingente de 240 mil recrutados, 40 mil foram mortos e aproximadamente 150 mil desertaram. "Muitos outros abandonaram suas casas e terras para escapar ao recrutamento."¹⁷

Relembrando o clima vigente na região, Safady por exemplo, menciona que: "o fator primordial dessa imigração era a pressão e o despotismo dos dominantes turcos. As divergências entre muçulmanos e cristãos, definidas desde os tempos dos cruzados, produziram convulsões internas no Líbano, que culminaram com os massacres de 1860. O libanês naquela época para descer a Beirute ou a Trípoli era sempre molestado pelos muçulmanos destas duas cidades. O Líbano, depois daquelas convulsões internas, ficou menor em área, conforme a Constituição de 1861 e continuou assim, até depois da Primeira Guerra Mundial, desligado de Beirute, Trípoli, Saida e Sur, as quatro cidades-estados do Líbano antigo. A região do Bika'a, tendo Zahle como capital, era dominada pelos muçulmanos chiitas, um lugar de contínua tensão e lutas fratricidas entre estes e os cristãos. Na Síria as lutas entre muçulmanos e cristãos não eram menores. Na cidade de Homs as lutas eram em maior escala. Os cristãos não tinham nem o direito de andar nas calçadas."¹⁸

Podemos portanto concluir que basicamente a conjunção de tais fatores, econômico-demográficos e políticos, desencadearam o surto migratório na Síria. Foram reunidas

17 Najib Saliba. "Emigration...". pp. 56-67.

18 Wadih Safady, *Cenas e cenários dos caminhos de minha vida* (Belo Horizonte: Santa Maria, 1966), pp. 161-2. Vide também Philip Hitti, *The Syrians...*, p. 51.

assim as condições básicas mais gerais que determinaram que em quase todas as cidades e aldeias, alguns elementos, por uma razão ou outra, se predispusessem a arriscar uma cartada maior, de jogar o seu futuro na América. Entretanto tais fatores, mesmo que presentes, não conseguiriam dar conta do volume expressivo dos contingentes migratórios que a partir dos anos noventa buscaram a América. Para se entender com mais propriedade os determinantes da febre migratória que atingiu a sociedade síria, é necessária uma rápida incursão aos pilares fundamentais da identidade deste povo: religião, aldeia e família.

*

"A Syrian is born to his religion, just as an American is born to his nationality", escreveu Hitti no início dos anos vinte.¹⁹ De fato, na Síria, berço do cristianismo, islamismo e judaísmo, as religiões freqüentemente ocuparam o lugar que o Estado moderno tomou nos países do Ocidente. É inconcebível para alguém não professar uma religião e em cada aldeia, a autoridade religiosa de cada credo controlava sua comunidade, regulando assuntos de natureza não apenas espiritual, mas civil, educacional e pessoal. Se o sistema de organizar a sociedade por credos remonta a vários séculos atrás, sob o domínio dos turcos tal sistema adquiriu a forma das milícias. Foi a fórmula institucional encontrada para se manter a ordem social entre as numerosas minorias étnicas e religiosas e para se coletar impostos ao mínimo custo.²⁰ Mola mestra da identidade, seja no Líbano onde no século XIX a maioria era cristã, seja na Síria de ampla maioria muçulmana, o fator religioso também freqüentemente esteve na raiz de um padrão de

19 Philip Hitti, *The Syrians...*, p. 34.

20 Alixa Naff, *Becoming American...*, p. 50.

segregação geográfica que distribuía fiéis de mesmo credo entre regiões, cidades ou entre bairros numa mesma cidade, estimulando o facciosismo entre seitas.

Por causa disso, acoplado ao fator religioso, iremos encontrar na aldeia ou na cidade de origem o segundo fator constituidor da identidade síria. Nas aldeias, a liderança era exercida por membros pertencentes a famílias de notáveis, reconhecidos por suas virtudes (idade ou riqueza) ou por sua nobreza. Era comum que a liderança numa comunidade tomasse a forma de conselhos, que normalmente reuniam os chefes das famílias mais importantes. A maior parte das aldeias possuía duas ou mais famílias veneráveis que reivindicavam ora virtudes ora raízes nobres. "Rachaia por exemplo tinha duas; Btallun tinha cinco e Zahle tinha sete. Elas não governavam ou representavam as autoridades, elas lideravam. Cada família tinha a sua própria corte de seguidores na aldeia, a maior parte do próprio bairro. Individualmente ou coletivamente, o status e a força de tais famílias podiam, de tempos em tempos, ter precedência ou anular o poder das autoridades religiosas ou políticas. A relação entre este tipo de liderança pessoal e seus adeptos era baseada em lealdades e reciprocidades. Como contrapartida ao suporte dos liderados, cada liderança comprometia-se a proteger e a atender os interesses econômicos, sociais e políticos destes. A identificação dos moradores das aldeias com o seu respectivo líder e grupo era completa e carregava o mesmo sentido de honra e orgulho encontrados em outros elementos da identidade."²¹

Hitti, seduzido por uma espécie de determinismo geográfico, procurou vincular tal identificação às características do território sírio, às divisões naturais da terra em longas e estreitas faixas onde se alternam planícies litorâneas, montanhas, vales e desertos, dificultando a comunicação. "Seus efeitos sobre a ocupação e sobre o caráter do povo", escreveu ele, "não podem ser subestimados. Elas deixaram a população dividida

21 Alixa Naff, *Becoming American...*, p. 64.

socialmente, politicamente e economicamente, contribuindo para perpetuar as diferenças raciais e os preconceitos."²²

Tais elementos, expostos brevemente, são necessários à construção da identidade mais comum entre os imigrantes aqui chegados: existe pouco reconhecimento de uma identidade nacional, compensada porém por uma forte identificação religiosa e da cidade de onde se origina a família. A religião e a aldeia (ou cidade) definiram os laços básicos de lealdade entre os aqui chegados. A unidade sustentadora de tais laços foi e é a família ampliada.

De fato, na tradição síria, o núcleo duro de valores, a própria essência de se ser sírio, enfeixa-se nos padrões de comportamento que protegem e perpetuam a honra e a unidade da família. O sentimento de honra, cuja fonte num passado distante foi o pertencimento a tribos, tem hoje como fonte primária a família ampliada, capitaneada pelo patriarca, o responsável pela renda e pela riqueza da família. A este cabe zelar e decidir sobre a propriedade rural, as finanças, outros bens, obrigações, casamentos, etc. numa relação em que todos os membros da família lhe prestam contas. Via de regra a fonte principal do sustento familiar, a propriedade rural herdada de geração em geração é cultivada em regime de colaboração por toda a família, que compõe assim uma unidade orçamentária única.

Transmitido patrilinearmente, é significativo que a maior parte dos nomes da colônia no Brasil incorpore, além do sobrenome, o primeiro nome do pai, num padrão que comumente reitera que Fulano(A) Sicrano(B) de Tal(C) é filho de Sicrano(B) de Tal(C): Faris Nicolau Ansarah é filho de Nicolau Ansarah; Ernesto Assad Abdalla, de Assad Abdalla; Paulo Salim Maluf, de Salim Maluf; e assim por diante.

²² Philip Hitti, *The Syrians...*, p. 22.

Na terra natal, sendo a existência fora da família algo quase inconcebível para o indivíduo, tradicionalmente aprende-se desde cedo a sustentar a honra familiar. Talvez na sexualidade feminina resida o elemento mais simbólico desta honra: paralelamente à sua religião e a seus ancestrais, o maior insulto que um sírio pode sofrer, capaz de provocar a mais violenta reação, é a blasfêmia contra a castidade de suas mulheres: esposa, irmã, filha e mãe. Noções como orgulho, vergonha ou desgraça relacionados à família aliam-se à identificação do lugar de origem e da filiação religiosa para compor a referência do indivíduo para com o mundo. "Quando um sírio pergunta *quem você é*, ele pergunta, implícita ou explicitamente, *a quem você pertence - ou seja - de quem você é filho ou filha* e prossegue em suas indagações até se sentir suficientemente informado: nome da família, religião e lugar de origem (...) porque implícita em qualquer relação se faz presente a inflexível convicção individual de que a honra de sua própria família é maior ou pelo menos equivalente a aquela de seu interlocutor."²³

Para nossos fins, a noção de "igual ou melhor" ajuda-nos a compreender por que a onda migratória alastrou-se de forma irreversível a partir dos anos noventa. Com o sucesso

23 Alixa Naff, *Becoming American...*, p. 58. Além de forjar um agudo senso de competição, a noção de "igual ou melhor" fornece também a chave para a compreensão de outros comportamentos comumente valorizados pela colônia. Ela pode sinalizar por exemplo o modo como o status e a honra familiar são avaliados pelos de fora. "Numa sociedade que empresta tanto valor às relações pessoais, a reciprocidade de favores, presentes e cumprimentos traduziu-se em um código de comportamento não escrito em que dar menos do que se recebeu significa mostrar desconsideração, senão desrespeito, à honra familiar. Tal transgressão gera desarmonia na relação e coloca o ofertante em uma posição de dívida em relação ao outro. A fim de evitar uma situação tão intolerável e ao mesmo tempo como um modo de elevar, na verdade enfatizar, a honra familiar, a tendência foi transgredir no extremo oposto - exagerando a oferta."(Alixa Naff, *Becoming American...*, p. 59.) De fato, talvez o símbolo nos dias de hoje mais comum, denotativo da magnanimidade da colônia expresse-se na generosidade de uma mesa abundante, num jogo onde ambos, ofertante e convidado, são compelidos a uma performance que não admite desfeitas: para o primeiro, servir com fartura, para o último, corresponder à altura servindo-se fartamente. Este mesmo tipo de lógica, de não parecer menor frente ao interlocutor, parece alimentar a inveterada paixão de parcelas expressivas da colônia por jogos de azar, praticados hoje sobretudo nos clubes da colônia, em cujas mesas, segundo inúmeros entrevistados, quantias vultuosas trocam de mãos.

dos primeiros pioneiros que rumaram à América evidenciado ora por suas remessas de dinheiro, ora por um retorno relativamente abonado, uma verdadeira febre se desencadeou nas aldeias. É verdade que o movimento migratório respondia às pressões econômicas, demográficas e políticas anteriormente mencionadas exercidas sobre a população, mas uma série de elementos sugerem que um elemento cultural mais fundamental perpassava a decisão das famílias que enviavam seus filhos, costurando e robustecendo a convicção de cada um dos que imigrou. Por sobre as dificuldades de caráter estrutural, aquilo que estava realmente em jogo era a defesa do prestígio de cada família na sociedade local, de modo que as famílias foram sendo cada vez mais compelidas a enviar um ou mais de seus membros à América se desejassem manter sua posição relativa nas aldeias.

A esse respeito, é eloqüente e revelador o testemunho do poeta libanês radicado nos Estados Unidos Mikhail Naimy, retratando sua infância. "A emigração de meu pai não foi idéia sua, nem de seus pais, mas vingou pela insistência de minha mãe. Ela nunca se conformou com a idéia de ficar atrás dos outros, desgostava-a muito ver sua família crescer sem nenhum aumento correspondente na renda para as necessidades da vida, e ainda ficar vendo outras pessoas de seu relacionamento cruzando o oceano para a distante América para retornar depois de algum tempo com suas penúrias transformadas em afluência, construindo para si casas de tijolos e comprando pomares de amoras nas aldeias ou vinhas e bosques de cinamomos no campo, enquanto ela e sua família tinham que depender do trabalho de cada dia para comer."²⁴ A oportunidade de fazer dinheiro numa proporção inimaginável para os padrões locais exerceu um profundo impacto no equilíbrio das aldeias, atuando como comichão e desencadeando a avalanche migratória.

²⁴ Mikhail Naimy, *A New Year* (Leiden E. J. Brill, 1974), p. 2.

É interessante a esse respeito frisar com Tannous que nas aldeias, "no começo deste período sob consideração (1890-1939), a posse de dinheiro estava se tornando cada vez mais valorizada - como uma nova forma de prestígio e como meio de satisfazer as novas necessidades que chegavam. A população tomava consciência disso e começou a procurar maneiras de ganhar dinheiro. A América fornecia a melhor resposta para esta nova busca."²⁵ Mais adiante, esse mesmo autor, referindo-se ao exame de aproximadamente cem cartas enviadas por emigrantes às suas famílias numa pequena aldeia libanesa, completa: "Sem exceção, todas as cartas mencionadas acima referiam-se a algum dinheiro que havia sido enviado, estava sendo enviado ou seria enviado a pessoas em casa. Mandar dinheiro de volta tinha um duplo significado aos emigrantes. Dava-lhes a satisfação de viver com a obrigação cumprida com os familiares e também dava-lhes prestígio na aldeia. Ao mesmo tempo, o prestígio e a possibilidade de satisfazer as novas necessidades era a recompensa para os que recebiam os cheques. Eles podiam comprar coisas novas com o dinheiro, emprestá-lo a juros ou ainda adquirir mais terra com ele."²⁶

No caso de sírios e libaneses portanto, a emigração nunca poderá ser entendida como uma empreitada de aventureiros desgarrados do tecido social na terra de origem. Como em geral acontece, não foram os estratos sociais mais desprivilegiados que conformaram as hostes de emigrantes.²⁷ Enviar um ou mais filhos à América via de regra era uma decisão tomada no âmbito da família, coordenada pelo seu chefe, num cálculo destinado a melhorar ou a pelo menos manter a situação relativa do núcleo familiar na sociedade local.

25 Afif Tannous, "Emigration...", p. 65.

26 Afif Tannous, "Emigration...", p. 71.

27 John Bodnar, *The Transplanted...*, pp. 13-23.

Duas circunstâncias atestam de forma irrefutável tal caráter. A primeira delas, já mencionada, a importância das remessas de dinheiro enviadas à terra de origem. Infelizmente, inexistem cifras que avaliem o montante dos envios. Nos Estados Unidos entretanto, no ano de 1907, o relatório da Comissão de imigração endereçado ao Senado destacou que os "imigrantes sírios remetem mais dinheiro do que qualquer outra nacionalidade"²⁸, enquanto Rupin estimou que na região do Monte Líbano, às vésperas da Primeira Guerra Mundial, as remessas monetárias significavam 41% do orçamento familiar.²⁹

A maior parte das remessas tinha endereço certo: o dinheiro amealhado deveria servir para ampliar a propriedade rural da família, símbolo de seu status, de modo a permitir que dela fosse possível se tirar uma renda suficiente para o sustento de todos. Das correspondências trocadas, recuperadas e citadas por Tannous em seu artigo, a maior parte delas traz uma referência explícita às propriedades familiares. "Informe-nos sobre a colheita de olivas e sobre como foi afinal resolvida a disputa sobre a localização do muro" (7 de junho de 1897); "Caro irmão, por favor escreva-me sobre a casa e sobre nossa propriedade, também conte o que aconteceu com a figueira que plantei perto da cerca" (14 de março de 1899); "Diga-me quanto custou para você plantar o novo pomar, e eu lhe mandarei a quantia... É verdade que meu irmão quer vender sua parte da terra? Se for, informe-me sobre a quantia para que eu possa lhe enviar; aí você transfere a parte dele para o meu nome" (29 de novembro de 1900); "Meu único pedido a você, meu filho, é tomar conta de suas duas irmãs e enviar-nos dinheiro suficiente; Deus o abençoe. Compramos a plantação de olivas. Se você tiver uma quantia extra agora, mande-nos que eu compro mais terras para você" (1 de dezembro de 1902); "Eu lhe

28 Beverlee Turner Mehdi, *The Arabs in America (1492-1977): a Chronology & Fact Book* (Dobbs Ferry: Oceana Publications, Inc., 1978), p. 10.

29 A. Ruppin, "Syrien als Wirtschaftsgebiet." In *The Economic History of the Middle East: 1800-1914*. Charles Issawi, ed. (Chicago, University of Chicago Press), p. 271.

enviei um telegrama orientando-lhe para embargar a propriedade de N. Ele se recusa a pagar o que me deve ou a assinar uma hipoteca sobre a sua terra aqui na vila (6 de agosto de 1914); "Eu estou lhe mandando dinheiro suficiente para comprar de volta todos os campos que pertenciam à propriedade de meu marido. Você sabe que eu não faço disso um negócio para ganhar dinheiro. Eu só estou fazendo isso porque quero manter viva a memória de meu marido e de seus ancestrais, que eram os donos daquela propriedade. Eu quero que nosso filho herde aquela terra..." (7 de março de 1923).³⁰

Mas o dinheiro servia ainda a outras finalidades. O mesmo relatório enviado ao Senado americano apontou ainda num tom ressentido que entre Beirute e Damasco, numerosas casas foram construídas com dinheiro americano.³¹ Na Zahle de 1885, conta-nos Hitti, "havia apenas um único prédio de tijolos: a Igreja; um quarto de século depois, praticamente só existiam casas de tijolos e uma de suas principais avenidas fora rebatizada com o nome Brasil.(...) Dificilmente hoje uma vila ou cidade do Líbano não é capaz de exibir uma casa coberta com telhas vermelhas construída com o dinheiro vindo do exterior."³²

A outra circunstância, talvez mais ainda veemente, reveladora dos vínculos profundos com a terra natal, residiu no caráter temporário com o qual era encarada a emigração. Até pelo menos o final da primeira década deste século, o cálculo dos emigrantes era de que alguns anos de América seriam suficientes para lhes assegurar uma vida familiar próspera em suas aldeias. Por causa disso, a maior parte dos que emigraram, sobretudo

30 Afif Tannous, "Emigration...", pp. 68-70.

31 Beverlee Mehdi, *The Arabs...*, p. 10.

32 Philip Hitti, *Lebanon in...*, pp. 474-6. Ghanem, provavelmente com algum exagero, escreveu que nos anos vinte 70% dos habitantes de Zahle falavam o português. por já terem estado no Brasil. Consultar Sadalla Amin Ghanem, *Impressões de viagem (Brasil-Líbano)* (Niterói: Graphica Brasil, 1936), p. 83.

no período inicial, provavelmente o fez na condição de solteiros. As entradas de imigrantes pelo porto de Santos registram os sírio-libaneses como a etnia que apresenta as maiores porcentagens de solteiros, do sexo masculino e de avulsos (entrados sem família) no confronto com as outras principais etnias, no período 1908-1939.

**Quadro I - Porcentagens de imigrantes solteiros, do sexo masculino e avulsos
entrados pelo porto de Santos, por etnia (1908-1939)**

<i>nacionalidade</i>	<i>solteiros</i>	<i>masculinos</i>	<i>avulsos</i>
sírio-libaneses	63,58	69,69	56,07
portugueses	54,87	67,69	52,76
espanhóis	60,24	59,40	18,44
italianos	55,21	64,65	42,55
japoneses	56,02	56,10	5,31
alemães	56,57	63,87	44,69

(fonte: Secr. Agric. Est. SP - *Boletim do Serviço de Imigração e Colonização*, n.2, out. 1940)

Rupin observou para o caso dos sírios e libaneses que entre um terço e metade dos emigrantes saídos voltaram para investir suas economias em terra e casas novas.³³ A estimativa é compatível com as estatísticas de entradas e saídas pelo porto de Santos disponíveis, que aponta 21323 saídas (45%) para um total de 47361 entradas da etnia

³³ A. Rupin, "Syrien...", pp. 271-2.

no período 1908-1939³⁴. De fato, talvez o fenômeno da imigração de retorno confirme como nenhum outro os laços robustos mantidos com a família.

Tal padrão de almejar um retorno abonado à terra natal prevaleceu pelo menos ao longo dos primeiros vinte anos de imigração mais constante, entre 1890 e 1910. Depois disso, a extensão do serviço militar aos cristãos no crepúsculo do império otomano, as dificuldades econômicas enfrentadas durante a Primeira Guerra Mundial³⁵, os decepcionantes desdobramentos políticos desta que colocaram a região sob o regime de protetorado da França, e por final e sobretudo, o relativo sucesso dos emigrantes na América - todos estes fatores cumulativamente engendraram uma mudança no caráter da imigração, de temporário para permanente.

Embora o padrão inicial fosse marcado pelo desejo da volta, obviamente voltar não era garantido. No Brasil, nenhuma obra literária retratou com maior fidelidade os vínculos emotivos entre os que partiram e os que ficaram do que o espirituoso e comovente romance de Emil Farhat, "Dinheiro na Estrada: uma saga de imigrantes", escrito a partir das cartas trocadas entre o autor, ele próprio imigrante, e sua mãe, que ficara numa pequena aldeia do Líbano, desconsolada com a perda de seis filhos para o Brasil.

"E agora, com vinte anos nessa mina do Brasil, Iskândar já não encheu o bernal da fortuna de que tanto falava? Então, por que não vem? E você? Ele é o mais velho, mas autorizei você a puxar-lhe as orelhas. Assim. Isto, desse jeito. Então, por que não fez? Vocês todos são uma súcia. Estão apalavrados para me deixarem na berlinda, chorando num canto da casa. Chorando escondida para que seus irmãos, suas irmãs daqui não vejam. Eles se ralam de ciúmes com as lágrimas que choro por causa de vocês.

³⁴ Secr. Agric. Est. SP - Boletim do Serviço de Imigração e Colonização, n.2, out. 1940.

³⁵ Durante a Guerra, a importação (marítima) de alimentos fôra bloqueada pelos aliados, enquanto a produção local nunca mostrara-se suficiente para alimentar a população. Além disso, as autoridades militares otomanas confiscaram os estoques de trigo e de outros grãos a fim de assegurar provisões ao exército. O resultado foi um período de extrema penúria e fome que atingiu principalmente as populações das regiões mais montanhosas do Líbano. Vide Najib Saliba, "Emigration..." e Wadih Safady, **Cenas e cenários....**

Para que essa cara de berinjela murcha? Seus irmãos e suas irmãs, os daqui, estão com a razão. Então isso é coisa que se faça? Pegaram-se aí nesse Brasil, nessa América, e pronto. Lata na cara da velha.

Meu Deus! Só peço a Deus para que não me deixe sentir o tempo. Para mim, vocês saíram anteontem. Anteontem. As vezes consigo ver claramente a cara de todos. Um por um. Iskândar, com o bigodão, só para esconder aquela cara de menino assustado. In-Hula, elétrico, apressado, sempre se queimando com a sopa quente. Muzáref, tinindo os dedos, mexendo os dedos. Fazendo exercício prá contar o dinheiro, dizia ele, esfregando as mãos ao invés de adeus, na hora da partida. Ziad recitando versos repentistas para um desafiante que sempre perdia. E para uma platéia que só o aplaudia. Nazira amedrontada, vai-não-vai, querendo ir, só eu sabia porque. Para se casar. E casou? Mas como é que você não me disse nada antes? Não abuse dessa desculpa. Estou ficando surda, mas não para ouvir as notícias de meus filhos. Notícia de filho, a gente ouve antes mesmo das bocas se abrirem.

E você, o orgulhoso, o emproado, o briguento Tauil? "Vou lá no Brasil e trago todos, pelo cangote." Trouxe quem? Trouxe nada.

Perdeu-se no mesmo atoleiro. Você ainda nos deixou esta casa. Agarro-me nela, nos balaústres, nos portais; seguro cada pedaço que caiba na minha mão. E chamo todas essas coisas por um nome só - Tauil. Tauil. Tauil.

Desculpe, o papel molhado aqui foi porque não achei lenço. Não vi que estava enfiado no cinto do vestido."³⁶

Entretanto, a constatação de que nem todos puderam retornar não deve obscurecer o fato de que retornar foi uma meta comumente perseguida durante um bom tempo por muitos. Aqueles que o fizeram, mesmo que temporariamente, às vezes para rever familiares, para casar ou mesmo para convencer o restante da família a acompanhá-los, semearam uma verdadeira febre nas aldeias. Já no começo dos anos noventa, relatórios das missões presbiterianas queixavam-se que "a febre emigratória não apresenta indícios de diminuir. Chegou a tornar-se uma mania. Tirou das nossas igrejas alguns dos seus membros mais úteis; muitos dos professores dão sinais de inquietude. Um analfabeto vai para a América e no curso de seis meses manda um cheque de \$300 ou \$400 dólares, mais do que o salário de um professor ou de um pastor em mais de dois anos. Durante os meses passados veio para Zahle da América uma média de \$400 a \$500 dólares diariamente. Quase tudo é usado para pagar velhas dívidas, hipotecas e para levar outros emigrantes além-mar. Dos relatos dos emigrantes só se ouvem louvores irrestritos à América (...) A emigração, como um fermento possante, agita todas

³⁶ Emíl Farhat, *Dinheiro na estrada: uma saga de imigrantes* (São Paulo: T. A. Queiroz, 1987), pp. 72-3.

as aldeias e povoados de nosso campo. Todo mundo está em movimento e ninguém parece disposto a ficar, desde que possa, de um jeito ou de outro, arranjar dinheiro suficiente para pagar a viagem."³⁷

O dinheiro enviado das remessas fizeram com que o correio se tornasse a instituição mais importante nas aldeias. Cartas comuns significavam notícias e cartas registradas, as mais festejadas, notícias e dinheiro.³⁸ Nos lugarejos menores, onde as cartas às vezes chegavam somente uma vez por semana, o correio era aguardado por todos e a distribuição das correspondências realizada em lugar público. Carta de um virava carta de todos: "para muitos, as cartas chegadas substituem as cartas esperadas, que não vieram."³⁹ Num clima desses, contagiante, imaginar a América comportava tudo, atiçando a vontade dos mais jovens, inebriados pelas maravilhas do outro mundo.

"Patifes. Abusando da mãe sem se importarem com minhas lágrimas, com meu sofrimento. Vou lá, apanho o que puder, e volto. Foi o que o Iskândar me falou. Disse que era fácil, contaram-lhe que o dinheiro estava na estrada, prá quem quisesse pegar, foi a conversa dele, do Iskândar. Eu ainda repeti umas cem vezes para ele que não era preciso muito. Sempre vivêramos com pouco. Que trouxesse só o que fosse possível. Sem demorar demais.

Lembro-me muito bem do "Volto podre de rico" do até então discreto Iskândar, o primeiro da fila, o puxador dos trânsfugas.

Embora tudo tivesse ocorrido em anos diferentes, cada um parecia ter passado ao outro o ensaio da astúcia ou empáfia na hora da despedida.

Enquanto seu pai e eu fingíamos tranqüilidade no momento dos beijos e do "Allah mâak!"⁴⁰, cada aventureiro que se foi soltou sua tirada de adeus.

Ziad e In-Hula embarcaram juntos, talvez um para encorajar o outro. Mas antes de partir já roncavam como efêndis. Cada qual queria mais bolsos internos com forro de lona, nas calças, na frente e atrás e até embaixo das dobras, "para o massari"⁴¹, para muito massari" que haveriam de ganhar e trazer.

Que dizer então da petulância desse sempre atrevido Muzáref? Depois dos abraços dentro de casa, saiu para a varanda e trovejou para o casario que se enfileirava rua abaixo: "Adeus, pobreza!"

37 Clark Knowlton, *Sírios e Libaneses:....*, pp. 29-30.

38 Afif Tannous, "Emigration...", p. 70.

39 Emil Farhat. *Dinheiro na* p. 43.

40 "Deus te abençoe".

41 "dinheiro".

Felizmente eram cinco e meia da manhã. Caso contrário eu estaria até hoje ouvindo os rícochetes zombeteiros sobre as fortunas que meus filhos americanos amontoaram ou mandaram."⁴²

Foi tal espírito febril, um espírito desafiado por condições econômicas e políticas adversas, retemperado pelos condicionantes culturais da sociedade local e inflamado pelas histórias de sucesso do outro lado do mundo, que compeliu os protagonistas, cada um desejoso de não ficar para trás, de redimir a situação econômica familiar, a competirem em direção à América.

A intensidade do desejo não deve no entanto distorcer os determinantes mais essenciais do processo. A maior parte dos que emigraram o fizeram não com a decisão tomada individualmente, mas apoiados por uma base familiar ou no mínimo uma rede de conterrâneos.⁴³ Sendo assim, ao nível familiar, geralmente a condição para a emigração de uns era que outros na retaguarda assumissem as lides com a propriedade rural. Além disso, um polpudo movimento de remessas de dinheiro aliado ao caráter inicialmente temporário da migração estão longe de sustentar a imagem de aventureiros desgarrados em busca de interesses exclusivamente individuais. Um retrato mais fiel seria compreender a imigração síria e libanesa formada por indivíduos comprometidos por laços familiares, dedicados ao atendimento de prioridades deixadas na terra natal. Seja através do envio de remessas monetárias, seja ao longo do tempo reconstruindo suas vidas familiares no Novo Mundo, eles efetivamente buscavam redimir suas famílias de situações desfavoráveis.

Uma compreensão precisa, em suas dimensões econômicas, políticas e sobretudo culturais, do ambiente na terra de origem que favoreceu o movimento migratório nos ajudará mais tarde a compreender que elementos desta experiência, deste passado,

⁴² Emil Farhat, *Dinheiro na...*, p. 72.

⁴³ vide sobre outras etnias John Bodnar, *The Transplanted...*, p. 52.

poderão ser reaproveitados, recriados sobre os novos parâmetros fornecidos pela sociedade de adoção, num processo onde não existe garantia a priori de que um traço cultural ou outro vingará na nova terra. Afinal de contas, conforme exploraremos oportunamente, o tipo de inserção e sobretudo a assim chamada "etnicidade" dos sírios e libaneses no Brasil⁴⁴ variará historicamente, como construção cultural continuamente negociada pelo grupo, em resposta a circunstâncias engendradas pelas dinâmicas tanto internas ao próprio grupo, quanto externas, da nova sociedade.

⁴⁴ e provavelmente de qualquer outro grupo étnico.

2. DE MASCATES A EMPRESÁRIOS

Os primeiros sírios e libaneses começaram a chegar ao Brasil ainda nos anos setenta do século passado. Todas as estatísticas a seu respeito são imprecisas, pois foram registrados como turcos, turco-árabes, turco-asiáticos, sírios ou libaneses. Knowlton apurou contingentes modestos e irregulares até por volta de 1895; daí em diante o fluxo imigratório se adensou para, a partir de 1903, crescer ininterruptamente até as vésperas da Primeira Guerra. 1913 registrou a cifra máxima de 11101 imigrantes chegados. Nos anos vinte o movimento foi revitalizado com um contingente ao redor de cinco mil entradas anuais. A partir de então, a depressão e o sistema de quotas adotado pelo governo brasileiro colocaram o movimento imigratório em níveis baixos¹.

Em termos relativos, as estatísticas disponíveis para o Estado de São Paulo apenas nos permitem focalizar períodos compreendidos após 1908. Antes disso, os imigrantes sírios e libaneses não eram discriminados pelos registros imigratórios, mas apenas englobados na categoria de "outras nacionalidades". O Quadro I apresenta estes dados para o período 1908-1941. Neste período, em termos das estatísticas disponíveis, os imigrantes desta etnia aparecem registrados como turcos (sobretudo até o final da Primeira Guerra Mundial) e depois ora como libaneses (a partir de 1920), ora como sírios (a partir de 1922). O contingente encontra-se em sexto lugar entre as etnias, contribuindo com cerca de quatro por cento do total da imigração vinda a São Paulo

¹ vide Clark Knowlton, *Sírios e Libaneses:...*, pp. 37-42 e T. Lynn Smith, *Brazil: People and Institutions* (Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1954), p. 285.

neste período, o que corresponde a quase o dobro de sua participação relativa no país como um todo.² Em São Paulo, os portugueses, os espanhóis e os italianos somados perfizeram cerca de sessenta por cento de todo o contingente imigratório no período.

Quadro I - Imigração de algumas nacionalidades para São Paulo desde 1908 até junho de 1941

<i>nacionalidade</i>	<i>número</i>	<i>%</i>
Portugueses	309318	25,4
Espanhóis	228376	18,7
Italianos	213385	17,5
Japoneses	189268	14,7
Alemães	52364	4,3
Sírio-libaneses	48326	4,0
Romenos	33709	2,8
Lituanos	25731	2,1
Iugoslavos	22693	1,9
Poloneses	19575	1,6
Austríacos	16400	1,4
Total	1218739	100,0

(apud Clark Knowlton, *Sírios e Libaneses:....*, p. 46)

² Clark Knowlton, *Sírios e Libaneses:....*, p. 43.

Vale notar ainda as distorções decorrentes do fato das estatísticas estarem disponíveis apenas a partir de 1908. É claro que os volumes imigratórios de várias etnias, cujo pico de entrada ocorreu antes desta data, estão claramente subestimados. Os italianos por exemplo contribuíram com uma cifra entre 120 mil e 150 mil imigrantes, apenas no período 1901-1907, estimou Hutter³. Além destes, muitos outros vieram já a partir do último quartel do século passado.

O recenseamento de 1920 contou 19290 turco-asiáticos em todo o estado de São Paulo, quase um terço deles (5988) vivendo na capital. Eles representavam na época a quarta etnia mais volumosa na capital e a quinta entre os estrangeiros que habitavam o estado. O Quadro II exhibe os dados a este respeito levantados por este recenseamento. O censo de 1920 flagrou ainda uma concentração importante deles na região servida pela estrada de ferro Araraquarense. Temos aí uma das regiões do estado que mais se desenvolveria nas décadas seguintes, beneficiada pela marcha do café em direção ao oeste paulista. As cidades de São José do Rio Preto, Barretos, Olímpia, Catanduva, Taquaritinga e Monte Alto, todas na mesma região, abrigavam então um número bastante expressivo de sírios e libaneses no interior de São Paulo, conforme nos mostra o Quadro III.

3 Lucy Maffei Hutter, "Entrada e saída de imigrantes italianos em São Paulo: análise de dados estatísticos", in *A presença italiana no Brasil (vol.II)*, ed. Luis A. de Boni (Torino, Porto Alegre: Fondazione Giovanni Agnelli, Escola Superior de Teologia, 1990), p. 315.

Quadro II - População estrangeira no estado e na capital em 1920 (principais etnias)

<i>nacionalidades</i>	<i>Estado</i>	<i>Capital</i>	<i>%</i>
italianos	398797	91544	23
espanhóis	171289	24902	15
portugueses	167198	64687	39
japoneses	24435	*	-
turco-asiáticos	19290	5988	31
alemães	11060	4555	41
austriacos	10643	1772	17
inglês	2198	1212	55

(* menos de mil)

(fonte: *Recenseamento de 1920*)**Quadro III - Principais núcleos de concentração de sírios e libaneses no interior****(mais de 200 habitantes no município)**

S J Rio Preto	730	Ribeirão Preto	234
Santos	586	Catanduva	219
Barretos	553	Piraju	219
Campinas	327	Igarapava	213
Piracicaba	287	São Carlos	212
Olímpia	243	Taquaritinga	211
Araraquara	237	Monte Alto	203

(fonte: *Recenseamento de 1920*)

No Novo Mundo, Brasil, Estados Unidos e Argentina, e secundariamente México e Canadá foram os países que mais os receberam.⁴ No Brasil, a maior colônia se constituiu em São Paulo, embora Minas Gerais e Rio de Janeiro também tenham abrigado contingentes expressivos. O recenseamento de 1920 contou quase vinte mil sírios e libaneses habitando o estado de São Paulo, uma cifra equivalente a pouco menos de quarenta por cento do total nacional. O próximo censo nacional, realizado vinte anos depois, apanharia São Paulo com praticamente a metade do contingente nacional. Em 1934, mais de um terço destes que se estabeleceram em São Paulo residiam na capital, a maior parte deles ao norte do distrito da Sé e ao sul do de Santa Ifigênia, num triângulo cujos lados são as ruas 25 de março, Cantareira e a avenida do Estado.

Quadro IV - Distribuição dos sírios pelos distritos de paz na capital - 1934 -

<i>distritos</i>	<i>número</i>	<i>%</i>	<i>distritos</i>	<i>número</i>	<i>%</i>
Sé	1245	15,26	Ipiranga	548	6,66
Sta. Ifigênia	1086	13,21	Liberdade	462	5,62
Vila Mariana	713	8,67	Brás	460	5,59
Belenzinho	627	7,62	Consolação	400	4,86
Moóca	597	7,26	outros	1516	19,56
Bela Vista	559	6,79	total	8223	100,00

(apud Clark Knowlton, *Sírios e Libaneses:....*, p. 107)

4 É curioso que muitos dos que se estabeleceram no Brasil, pretendiam na verdade ir para os Estados Unidos. Foram impedidos de lá desembarcarem ora por problemas de saúde (em especial, o tracoma), ora porque foram ludibriados pelas companhias de navegação. Estas, interessadas em balancear seus fluxos de passageiros, argumentavam que afinal, tudo era América. (Clark Knowlton, *Sírios e Libaneses:....*, pp.34-35).

Quadro V - Distribuição percentual das nacionalidades por alguns distritos de paz na capital (Dados da Subdivisão de Documentação Social e Estatísticas Municipais - Recenseamento de 1934)

<i>nacionalidades</i>	<i>Sta. Ifigênia</i>	<i>Sé</i>	<i>Liberdade</i>	<i>Bom Retiro</i>
estrangeiros	30,33	37,47	22,07	35,48
italianos	8,26	7,24	8,87	11,49
portuguêses	6,42	5,42	4,62	2,54
espanhóis	1,51	1,30	1,33	1,44
japoneses	0,13	1,61	2,10	0,07
alemães	2,43	1,67	1,18	0,38
austriacos	0,70	0,33	0,31	0,28
húngaros	0,78	0,34	0,18	0,19
russos	0,76	0,29	0,23	2,30
sírios	2,68	11,57	0,98	0,21
outras	6,66	7,69	2,28	16,58
brasileiros	69,58	62,48	77,75	64,43
não declarados	0,09	0,05	0,18	0,09
total	100,00	100,00	100,00	100,00

(apud Oscar Egidio de Araujo, "Enquistamentos étnicos", *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, n.6 (março de 1940), p. 235.)

Em 1940, chamou a atenção de um observador a extrema concentração deles nesta região, "onde o amendoim torrado cede lugar à semente de abóbora e o quibe, sob todas as fórmulas, sobrepuja o típico feijão com arrôz brasileiro ... O ambiente é francamente sírio. Há livrarias que só vendem livros escritos em árabe. Ouve-se,

constantemente, música típica e canções dolentes e sentimentais pelas melhores vozes do Oriente. Nas confeitarias e nos cafés, os radios, em geral, estão ligados para as estações que irradiam músicas árabes e os fregueses falam mais em lingua estrangeira do que na lingua do País."⁵

Mesmo que os dados coligidos por este capítulo refiram-se fundamentalmente a São Paulo, é plausível se pensar que muitas situações semelhantes tenham ocorrido em outras regiões do país onde a colônia se estruturou de modo parecido, como no caso do Rio de Janeiro.⁶

*

"Quem manda nesta nossa Bagdá paulistana é Mercúrio, somente Mercúrio, exclusivamente Mercúrio - o amado filho de Júpiter, trêfego mensageiro dos deuses e também êle um dos mais poderosos deuses do Olimpo. Êle é o Deus da eloquência e do comércio! Só êle, pois, domina o ambiente! Só êle aqui tudo resolve! Nem podia, aliás ser outro o nosso denominador comum neste febril século vinte! Aqui ninguém vive só de esfregar as mãos na lâmpada maravilhosa de Aladino. Não. Em absoluto. As mãos, aqui, trabalham a sério. Quando nada, trabalham medindo fitas..."⁷

À medida em que o século avançava, na sociedade paulista a imagem de homens dedicados ao comércio sobrepôs-se ao exotismo anteriormente associado aos costumes

⁵ Oscar Egidio de Araujo, "Enquistamentos Étnicos", *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, n.6 (março de 1940), p. 231.

⁶ O bairro árabe no Rio de Janeiro localizava-se nas ruas da Alfândega, Buenos Aires, José Maurício e adjacências. ao lado da Praça da República. Consultar Wadih Safady, *Cenas e cenários...*, p. 132.

⁷ Gabriel Marques, *Ruas e tradições de São Paulo* (1966), p. 80.

das populações orientais. Não era para menos. Os descendentes de sírios e libaneses haviam penetrado de forma irreversível em todos os patamares da estrutura comercial da cidade, especializando-se em alguns ramos que à época eram importantes e também vistosos⁸ porque dependiam de um consumo popular. Esta história recheada de dramas pessoais, mas no geral bem sucedida, que por certo constitui um dos episódios mais volumosos da saga dos imigrantes sírios e libaneses, tem seu começo com a singular figura do mascate.

É absolutamente pertinente a indagação a respeito das causas que levaram o imigrante de origem síria ou libanesa a se dedicar às atividades de mascateação. Afinal de contas, existem evidências ponderáveis de que a maior parte dos imigrantes que vieram para a América provenientes da Síria eram agricultores.⁹ Reporta-nos ainda Miller que na terra de origem o ofício de mascates era mais freqüentemente exercido por gregos, armênios e judeus.¹⁰

O elemento fundamental para a compreensão da inserção profissional na nova terra reside no contraste entre as características da estrutura agrária da terra de origem e as da aqui vigentes. Conforme já observamos, os imigrantes aqui chegados em geral

8 O que levou autores como Diegues Jr. a afirmar que "quando um "turco" chega a uma rua para atividade comercial, a rua logo se modifica; toma outro colorido, um colorido quase étnico.(...) Os mostruários de bugigangas nas vitrines, as camisas dependuradas, os sabonetes suspensos por cordões, bôlças escolares, brinquedos de criança, a variação, enfim do colorido e dos objetos expostos dão logo à fisionomia da rua o seu caráter sírio." (Manuel Diegues Jr., "Dois grupos étnico-culturais no Brasil: italianos e sírio-libaneses", *Jornal do Comércio*, 4 de outubro de 1951). Marques captou o mesmo tipo de impressão: "É rua colorida, alegre, gesticulante, com um cheiro gostoso de fazendas novas, de tecidos gomados, de bons ou falsos perfumes e de sabonetes caros ou baratos. Ali há de tudo. Tudo que possa arregalar os olhos bisbilhoteiros se acha ali exposto em local bem visível. As vitrines são, por isso mesmo, arlequinescas". (Gabriel Marques, *Ruas e tradições...*, p. 82).

9 Clark Knowlton, *Sírios e Libaneses...*, p. 135 e Afif I. Tannous, "Acculturation of an Arab-Syrian Community in the Deep South", *American Sociological Review*, vol.8 (3) (June 1943), p. 266.

10 Deborah L. Miller, "Middle Easterners: Syrians, Lebanese, Armenians, Egyptians, Iranians, Palestinians, Turks, Afghans". In: *They chose Minnesota: a survey of the State's ethnic groups* (St. Paul: Minnesota Historical Society Press, 1981), p. 514.

pertenciam a famílias de agricultores proprietárias de pequenos lotes de terra, trabalhados e cultivados por toda a família ampliada.

Estes imigrantes, embora a maior parte deles vinculados à atividade rural em suas terras de origem, depararam-se aqui em São Paulo com um sistema de grandes lavouras em tudo diferente do que conheciam. Vieram sem recursos, o que lhes impedia de se estabelecerem como proprietários rurais.¹¹ Em particular, frente a uma estrutura agrária concentrada, teriam de se empregar como colonos ao longo de pelo menos uma ou duas gerações para terem a chance de conquistar o acesso a algum tipo de propriedade rural que os mantivesse em suas atividades originais. Além disso, Knowlton aponta que nos primeiros tempos da imigração, alguns deles empregaram-se como colonos, mas alguns meses depois fugiram para as cidades mais próximas, desmotivados pelo tratamento nas fazendas e pela falta de perspectivas de melhoria de vida. Seus relatos contribuíram, conta-nos Knowlton, para que outros se mantivessem afastados da agricultura.¹²

Os dados relativos à profissão de imigrantes coligidos quando da entrada destes pelo porto de Santos e disponíveis para o período 1908-1939 apontam que os sírios e libaneses, dentre as demais etnias, pouco se apresentaram como agricultores, provavelmente porque já tinham em mente trabalhar em atividades comerciais, aproveitando-se da inserção de parentes ou conterrâneos previamente estabelecidos.

11 Entre muitos entrevistados, há conhecimento de uma única família estabelecida em São Paulo diretamente como proprietária rural: a família de Camilo José Saad, que imigra trazendo no navio um grande lote de mercadorias que, uma vez vendidas, lhe permite a aquisição de uma fazenda em Itirapina.

12 Clark Knowlton, *Sírios e Libaneses:...*, p. 136.

Quadro VI - Principais etnias entradas pelo porto de Santos, segundo o percentual de trabalhadores agrícolas (1908-1939)

<i>japoneses</i>	<i>espanhóis</i>	<i>italianos</i>	<i>portugueses</i>	<i>alemães</i>	<i>sírio-libaneses</i>	
98,95	78,63	49,11	47,99	31,08	18,05	(%)

(fonte: Secr. Agric. do Est. de SP, *Boletim do Serviço de Imigração e Colonização*, 2,out. 1940)

Neste aspecto, são evidentes as diferenças em relação a outros contingentes imigratórios subsidiados. Nestes estiveram presentes circunstâncias (o acompanhamento de toda a família, a passagem pela Hospedaria dos Imigrantes, a condução do grupo às propriedades rurais, dívidas a serem resgatadas com o trabalho, etc.) que coibiram qualquer tentativa de uma mobilidade mais acentuada no início.

Uma vez que vieram solteiros e quase sempre com a determinação de retornar à terra de origem depois de amearhar durante alguns anos algum capital que os fizesse viabilizar a vida, a maior parte deles não hesitou em optar por uma atividade que os mantivesse na condição de trabalharem para si próprios, escapando das agruras da condição de colonos ou operários. Como em geral vieram sem nenhum capital, esta atividade somente poderia ser a mascateação.

É provável que também alguns elementos - não muitos - tivessem familiaridade com ofícios mais ligados ao artesanato em sua terra natal. Entre estes, Rizkallah Jorge, proveniente de Alepo, fundador e proprietário da Casa da Bóia, que transferiu-se para São Paulo, com sua experiência herdada de uma família de metalúrgicos, ainda em

1895. Embora casado há apenas seis meses, veio sozinho; dois anos depois ele traria a família e mais dois anos conseguiria comprar a oficina de seu patrão português na qual ele havia inicialmente se empregado. Jorge prosperou muito e a Casa da Bóia tornou-se uma espécie de estabelecimento de referência do ramo em São Paulo.

É também provável que o comércio fosse uma atividade relativamente familiar a muitos pois o território sírio constituía uma rota tradicional, quase obrigatória, de tráfego de mercadorias entre os países ocidentais e os orientais. Assim sendo, a facilidade e propensão a trabalhar no comércio também deve ser buscada no fato de muitos deles já terem exercido tais atividades em seus países de origem. Kurban descreve várias biografias de imigrantes cujos pais já se dedicavam a atividades comerciais em Beirute, Zahle e Homs principalmente.¹³ Bastou que alguns poucos se iniciassem no ramo. Como tinham por prática importar parentes e amigos uma vez bem sucedido o negócio, rapidamente estabeleceu-se uma corrente de imigrantes orientada. Além disso, ao se depararem com uma sociedade em vias de se urbanizar, é natural que pendessem a tais atividades, aproveitando-se do comércio como um novo espaço de inserção profissional.

Convém notar ainda, que mesmo como agricultores que cultivavam cereais, árvores frutíferas, oliveiras, vinhedos ou como criadores em pastos de propriedade da família ou no máximo arrendados, era comum que a própria família se envolvesse com a comercialização de seus produtos, o que de alguma forma os aproximava da condição de comerciantes. A família Safady por exemplo, embora nitidamente agricultores ao cultivarem figos, damascos, uvas e outras frutas junto com alguns cereais em sua pequena propriedade, armazenava seus produtos no porão da residência onde morava

13 Taufik Kurban, *Ensaio e biografias* (São Paulo: Sociedade Imprensa Paulista Ltda., 1937).

toda a família ampliada, e uma vez secas as mercadorias, alguns membros da família as acompanhavam até o Brasil para serem comercializadas.

Mas de qualquer forma, o importante a se reter no caso dos sírios e libaneses é que entre a manutenção original do ramo de atividade ou do tipo de inserção na estrutura ocupacional, a etnia em massa optou por esta última, ao reafirmar desde o início suas aspirações ao estabelecimento de seu próprio negócio - no dizer de um entrevistado, ao "optarem por cuidar de seus próprios narizes"; no dizer empreado de outros, "ao não se sujeitarem a ocupações servis".¹⁴

Esta 'vocação' comercial significou algo mais específico do que uma mera inserção urbana, não devendo ser confundida com esta condição mais ampla por dois motivos: em primeiro lugar porque a zona rural constituiu uma base espacial importante às atividades do mascate e em segundo lugar porque eles não aderiram a outras ocupações tipicamente urbanas, fora do comércio.¹⁵

Deffontaines observou que, desde os fins do século passado, "o campo de trabalho dos mascates se alargou consideravelmente, na mesma proporção em que o colono procurava se desembaraçar das compras nas lojas do fazendeiro e por isso os mascates representavam uma feliz concorrência ao armazém do patrão".¹⁶ Em função disso, os mascates embrenharam-se sertão adentro, percorrendo fazendas onde eram bem recebidos pelos colonos que preferiam com eles negociar. As condições de

14 Taufik Kurban, *Os Sírios e Libaneses no Brasil* (São Paulo: Sociedade Imprensa Paulista Ltda., 1933), p. 65.

15 Alfredo Ellis Jr., *Populações Paulistas* (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934), p. 203.

16 Pierre Deffontaines, "Mascates ou pequenos negociantes ambulantes do Brasil", *Geografia*, 2:1 (1936), p. 27.

pagamento eram mais tolerantes, e as compras fora da venda da fazenda diminuían a dependência dos colonos em relação aos fazendeiros.

Desta forma, a população rural constituiu um importante mercado para os mascates. Esta circunstância também explica o estabelecimento de muitas famílias de sírios e libaneses em pequenas cidades dispersas ao longo de todo o interior paulista, já referida anteriormente. Vale ainda notar a precoce disseminação de sírios e libaneses por todo o território nacional. Eles deitaram raízes em praticamente todas as regiões do país, desde a sua importante presença no ciclo da borracha no Amazonas, ainda no século passado.¹⁷

A atividade de mascateação tinha várias vantagens. Em primeiro lugar, ela dispensava qualquer habilidade ou soma de recursos significativa. Começavam carregando caixas e malas enormes dos já treinados e mal aprendiam as palavras e frases suficientes para efetuarem a venda, saíam por conta própria. Com ânimo e juventude, sempre esteve aberta a possibilidade de encher um tabuleiro ou uma mala de bugigangas variadas e vendê-las em bairros da capital, do interior ou nas zonas rurais carentes das novidades do comércio da capital. Por outro lado, isso não significa dizer que o trabalho não fosse duro, penoso.

"De manhã cedo saíam os mascates percorrendo as ruas e procurando as casas, suportando o calor, o frio e a chuva, levando o pão e qualquer coisa que pudessem adquirir, de preferência queijo e banana, para a única refeição diurna. Ao escurecer, voltavam com a fêria do dia completamente exaustos, para fazer a conta com o patrão. O lucro diário apurado ia sendo gradualmente creditado ao vendedor, e muitos formavam assim o capital inicial, para tornarem-se por sua vez comerciantes e atacadistas.

Secando as vendas no centro, buscavam os mascates os subúrbios, afastando-se gradualmente até chegar às cidades do interior, e de lá às fazendas e até aos sertões,

17 Sobre o papel do mascate nesta região, vide Tanus J. Bastani, *O Líbano e os libaneses no Brasil* (Rio de Janeiro: Estabelecimento de Artes Gráficas, 1945). Knowlton apresenta dados detalhados a respeito da distribuição dos sírios e libaneses no Brasil (Clark Knowlton, *Sírios e Libaneses:...*, pp. 65-76).

sempre em ondas mais crescentes. Houve mascates que empreendiam viagens com caixas nos ombros pesando de oitenta a cem quilos, esgotando o estoque entre ambas as capitais ida e volta e vice-versa. Na medida do crescimento do negócio e do poder de gastar, alugavam carregadores e mais tarde adquiriam burros de carga."¹⁸

Mesmo assim, a atividade era um bom começo na nova terra. Ela não exigia mais que um conhecimento rudimentar da língua portuguesa e ao mesmo tempo, o próprio trabalho treinava-os no novo idioma. Além disso - o mais importante - era relativamente certo que depois de não muitos anos de trabalho árduo, era possível acumular algum capital, o que nunca foi um dado seguro tanto para colonos como para operários na época. O desemprego por exemplo, um dos fantasmas perseguidores destes últimos, nunca os ameaçou. Os mascates, embora mais "soltos", "desgarrados" no tecido econômico e social, nunca tiveram por isso mesmo um limite próximo, uma perspectiva de ascensão delimitada estruturalmente como a das classes trabalhadoras no campo ou fabris. À sua frente um horizonte sempre relativamente mais amplo de possibilidades de melhoria de vida se abriu.

Além disso, os mascates em geral trabalhavam para patrícios já estabelecidos que lhes adiantavam as mercadorias a serem vendidas. O acerto de contas com o fornecedor podia ser feito portanto após a venda de parte dos produtos a serem comercializados. Um fornecedor era em geral um comerciante que já havia passado pela mascateação e que graças ao trabalho de alguns anos lograra se estabelecer com uma loja. Ele conhecia bem o ofício porque já passara por ele, o que de certo modo facilitava o relacionamento entre o fornecedor e o mascate. Muitas vezes o mascate era apenas um parente ou um conterrâneo chegado há menos tempo que o fornecedor, o que lhes estreitava mais ainda os laços. Entretanto, em geral o mascate sempre manteve sua autonomia, expressa na possibilidade de ele poder trabalhar com vários fornecedores ao mesmo tempo. Obviamente uma das regras implícitas do jogo era a de que o trabalho

18 Taufik Duoun, *A emigração sírio-libanesa às terras da promessa* (São Paulo: Tipografia Editora Árabe, 1944), pp. 93-4.

de mascateação era uma condição provisória, um estado de passagem necessário à acumulação do primeiro pecúlio. Este cálculo era sem dúvida compartilhado por ambos os parceiros, mascate e fornecedor.¹⁹ Inexistiam portanto barreiras impeditivas à atividade de mascateação, sobretudo para aqueles do interior da colônia.

Outro grande fator de atração residia na circunstância de que a atividade oferecia a possibilidade de um retorno rápido, dependente unicamente do trabalho individual. A "acumulação primitiva", digamos assim, era função exclusiva do esforço próprio, individual, do mascate. Trabalhando duro e gastando o mínimo para sobreviver, era relativamente segura a possibilidade de se amealhar um certo capital, sobretudo para os indivíduos solteiros, que vieram sem a família. Este cálculo deve ter sido feito e posto em prática por uma grande parcela de sírios e libaneses que pelo menos até o final da Primeira Guerra Mundial sempre acalentou o sonho de um retorno farto, bem sucedido à terra de origem.

De fato, voltar depois de algum tempo, com recursos que no contexto econômico por que lá passava a região eram até que bastante expressivos, não foi difícil. Esta alternativa esteve presente para muitos, que de fato o fizeram. Entretanto, difícil foi permanecer. A maioria dos que retornaram havia chegado ao Brasil na condição de solteiros, ganhou algum dinheiro e voltou; mas ao comparar as possibilidades do Brasil com as da terra natal, optou por constituir família e migrar novamente. Daí o padrão de buscar a noiva na terra de origem, muito comum entre os pioneiros. Ter a opção de voltar com recursos constitui sem dúvida uma das provas irrefutáveis de uma acumulação bem sucedida. Mas não foi só isso. Não acontecendo a volta, conforme já assinalamos, ocorria no mínimo uma remessa regular de recursos para os parentes que ficaram.

¹⁹ consultar Pierre Deffontaines, "Mascates ou pequenos...", p. 28.

Os almanaques da cidade de São Paulo, editados por volta da virada do século²⁰, permitiram a Knowlton reconstituir com relativa precisão o processo de penetração dos sírios e libaneses nas atividades comerciais. A rua 25 de março tem sua origem vinculada à retificação do rio Tamanduateí ainda em 1849. Anos mais tarde, em 1867, uma parte da várzea foi aterrada e criou-se um mercado municipal no cruzamento das ruas 25 de março e General Carneiro. "Consistia numa praça aberta onde mascates e vendedores de toda espécie ofereciam suas mercadorias ao público. Alguns anos depois, em 1874, um parque de diversões, a Ilha dos Amores, instalou-se numa ilha em frente ao mercado, e logo se tornou um centro de atração para os mascates, mendigos e o povo em geral."²¹ Outro fator de atração foi a posterior construção da estação terminal da estrada de ferro Cantareira. Movimentado, os primeiros mascates portugueses devem ter julgado o local bastante apropriado para expor suas mercadorias.

Knowlton foi informado por entrevistas que por volta de 1885 havia um pequeno núcleo de mascates sírios e libaneses trabalhando na praça do mercado. Solteiros e pobres, residiam em pensões baratas e cortiços localizados em suas imediações, constituídos na maioria das vezes nos porões de velhos sobrados desta antiga zona da cidade.²²

"Talvez a principal razão para o desenvolvimento de uma colônia síria e libanesa na rua 25 de março estivesse no fato de lá se terem estabelecido os primeiros sírios e libaneses que vieram. Seus parentes, amigos e conterrâneos, ao chegar, instalaram-se perto deles. Outros imigrantes sem relações também foram para lá, porque encontravam patrícios que lhes davam a mão nos primeiros tempos, ajudando-os a ajustar-se à nova

20 Antonio José Baptista de Luné e Paulo Delfino da Fonseca, *Almanach da Província de São Paulo para 1873* (São Paulo: Tipografia Americana, 1873); Jorge Seckler, *Almanach Administrativo, Commercial e Industrial da Província de São Paulo para o Anno de 1885* (São Paulo: Jorge Seckler e Cia., 1884); Jorge Seckler, *Novo Almanach de São Paulo, 1883* (São Paulo: Jorge Seckler e Cia., 1882); Canuto Thorman, *Completo Almanach Administrativo, Commercial e Profissional do Estado de São Paulo para 1895* (São Paulo: Editora Companhia Industrial, 1895) e *Almanach Laemmert para 1903-1904* (Rio de Janeiro: Laemmert e Cia., 1904).

21 Clark Knowlton, *Sírios e Libaneses:...*, p. 112.

22 Oscar Egidio de Araujo, "Enquistamentos...", p. 231.

vida. À medida que chegavam navios em Santos, transportando imigrantes, os sírios e libaneses em São Paulo iam receber os seus amigos e compatriotas. Transportavam-nos para a rua 25 de março em São Paulo, e lá lhes ensinavam os têmos portugueses indispensáveis e os truques do comércio do mascate. Forneciam-lhes mercadorias a crédito e depois mandavam-nos para o interior ou para os subúrbios da cidade para mascatear. Gradualmente, desenvolveu-se uma colônia considerável em torno do mercado."²³

Por volta de 1880, muitas atividades econômicas, a maior parte delas tocadas por imigrantes, acabaram se concentrando nesta região, favorecidas pelos efeitos da aglomeração. Os portugueses especializaram-se na venda de produtos agrícolas, armarinhos e tecidos; os alemães em máquinas e instrumentos metálicos; os italianos em materiais de construção em geral e lavanderias, padarias, barbearias e alfaiatarias.

Será somente no almanaque de 1893 que surgirá a primeira referência a casas de comércio (seis lojas de armarinho e uma mercearia) nas mãos de sírios e libaneses. Estes se iniciavam aos poucos no comércio varejista. Entretanto, estima Knowlton que já à esta época, mais de 90% dos mascates da cidade de São Paulo eram sírios e libaneses. Eles haviam sido bem sucedidos no deslocamento dos mascates italianos e estavam preparados para inundar de pequenas lojas toda a região cortada pela rua 25 de março. O 'boom' foi acusado pelo almanaque de 1901, que registrou mais de 500 estabelecimentos cujos proprietários eram sírios e libaneses. Havia também uma nítida concentração de seus negócios: os livros de lançamento de impostos de casas comerciais em 1907 apontaram que das 315 firmas sírias ou libanesas em São Paulo, cerca de 80% (219) eram lojas de tecidos a varejo ou lojas de tecidos e armarinhos.²⁴

Esta foi de modo geral a opção de especialização da colônia para todo o Brasil²⁵ e em especial para São Paulo. Consta que os primeiros imigrantes teriam se estabelecido em

²³ Clark Knowlton, *Sírios e Libaneses:....*, p. 114.

²⁴ Clark Knowlton, *Sírios e Libaneses:....* p. 144.

²⁵ Diegues Jr., por exemplo, aponta a colônia libanesa como a responsável pelo início da indústria de roupas feitas em Juiz de Fora (Manuel Diegues Jr., "Dois grupos étnico-culturais...").

Aparecida do Norte comercializando artigos religiosos, alguns importados de sua terra natal²⁶. Aos poucos entretanto, já como mascates, estenderam este comércio ao ramo de miudezas e fazendas.

"A rua 25 de março estava se tornando conhecida como a colônia sírio-libanesa. Os alemães haviam se retirado, praticamente, e os italianos estavam diminuindo. Alguns portugueses ainda moravam em torno do mercado. A vasta maioria de sírios e libaneses viviam em casas de aluguel ou nos andares superiores dos prédios onde negociavam. Tinham se especializado em grande parte em armarinhos e fazendas. Diversos informantes declararam que escolheram esse ramo devido à falta de concorrência. Embora houvesse muitos estabelecimentos, por atacado e a varejo, de portugueses, alemães, italianos e ingleses, nenhuma nacionalidade se dedicara aos tecidos, ao contrário do que sucedera, por exemplo, com os produtos agrícolas, mercearias por atacado e a varejo, materiais de construção e ferragens. Os sírios e libaneses tinham enfrentado como mascates a dura competição dos italianos, e durante algum tempo dos portugueses, quando começaram a entrar no comércio de tecidos e armarinhos."²⁷

Por volta de 1910, segundo Knowlton, os italianos haviam sido expulsos do distrito e ao eclodir a Primeira Guerra, os sírios e libaneses já dominavam quase que exclusivamente a rua 25 de março e adjacências com suas lojas de varejo. Eles iniciaram a ocupação de posições mais favoráveis no comércio atacadista de fazendas e armarinhos e na indústria de confecções durante a década de vinte, enriquecidos pelos bons lucros auferidos durante a guerra, quando a importação interrompeu-se.

Neste setor, o comércio por atacado era também dominado por firmas portuguesas estabelecidas em sua maior parte à Rua Florêncio de Abreu. Os livros de lançamento de impostos acima mencionados já registravam em 1907 11 lojas de tecidos por atacado pertencentes a sírios e libaneses. Certamente este número é menor que o real, dada a prática de sonegação, bastante comum à época. À medida que os negócios da colônia

26 vide Wadih Safady, *Cenas e cenários...*, p. 181. Backeuser registrou que os sírios no Rio de Janeiro começaram vendendo fósforos no princípio do século, "em bandejas de madeira pendendo do pescoço, suportadas por um espeque." (Everardo Backeuser, "Comércio ambulante e ocupações de rua no Rio de Janeiro", *Revista Brasileira de Geografia* ano VI n.1, janeiro-março de 1944, p. 14).

27 Clark Knowlton, *Sírios e Libaneses:...*, pp. 117-8.

se multiplicavam com novos estabelecimentos operando no varejo, algumas firmas mais prósperas mudaram-se para esta rua a fim de operarem também no atacado.

A maior parte das fábricas também teve um início modesto, explorando a manufatura de "qualidades inferiores de fazendas, fitas, rendas, bordados, meias e confecções logo vendidos por mascates e viajantes. Eram todas indústrias que requeriam um capital mínimo. Podia-se instalar uma pequena fábrica com quatro ou cinco empregados numa sala alugada, usando máquinas de costurar de segunda mão. Era muito comum que irmãos ou parentes cooperassem no mesmo negócio. Um dirigia a fábrica enquanto outros viajavam para vender os produtos. Havia muitos revezes e falências, mas gradualmente essas indústrias prosperaram. Outros, observando o êxito, montavam fábricas idênticas."²⁸ O recenseamento de 1920 confirma os ramos preferenciais ocupados pela etnia: dos 91 estabelecimentos industriais sírios e libaneses anotados, 65 operavam no setor de confecções e 12 no setor de têxteis, dos quais 8 no sub-setor de malharias e meias.

Aqueles que à esta época deram este passo provavelmente não se arrependeram. Os anos vinte se revelariam exuberantes a ponto de Stein, o brazilianista autor do trabalho de referência sobre a evolução da indústria têxtil no Brasil, batizar o período de 1921 a 1927 de "os anos dourados" dos têxteis nacionais. Finda a guerra, houve farta importação de maquinários adquiridos em condições facilitadas por fabricantes ingleses ávidos por recompor seus fluxos comerciais. Neste período relativamente breve, o número de fábricas no setor cresceu em cerca de 50%, o de fusos 60% e o de teares 33%.²⁹

²⁸ Clark Knowlton, *Sírios e Libaneses:....*, p. 143.

²⁹ Stanley J. Stein, *Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil - 1850/1950* (Rio de Janeiro: Campus, 1979).

A crise geral no final dos anos vinte fez com que muitos tivessem de recomeçar do zero. Uma vez que os comerciantes da colônia em geral operavam com os maiores níveis de risco do mercado, uma boa parte foi à ruína em função do calote geral. Muitos hoje orgulham-se de uma falência honesta do pai, num evidente esforço de contraposição a tantos outros casos de falências fraudulentas. A insistência no tema revela quão comum devem ter sido estas últimas.

Entretanto, ainda que fortunas tenham sido dilapidadas do dia para a noite, a posição econômica relativa da colônia manteve-se. É oportuno observar por exemplo que já em 1934, dentre os grupos étnicos mais importantes em São Paulo, os sírios e libaneses serão aqueles cujas firmas apresentarão em média o maior porte, conforme ilustra o Quadro VI.

Na verdade, ao longo dos anos trinta e quarenta os sírios e libaneses consolidaram e ampliaram seus negócios, monopolizando praticamente o comércio varejista de tecidos e a pequena indústria de transformação ligada a este setor, ocupando a posição mais importante no comércio atacadista e investindo ao longo da década de quarenta metade do capital aplicado em toda a indústria têxtil em São Paulo.

Quadro VI - Tamanho médio das empresas do parque industrial paulista segundo a nacionalidade dos proprietários (1934)

<i>nacional. do empresário</i>	<i>número de empresas</i>	<i>capital médio investido por empresa</i>	<i>número médio de operários por empresa</i>	<i>força motriz média por empresa(cv)</i>	<i>valor médio da produção por empresa</i>
canadense*	4	133028	2058	730	25363
inglesa*	27	2522	69	145	1142
americana*	18	1034	38	86	1230
brasileira	4837	413	31	39	350
sírio-libanesa	225	223	26	26	434
portuguesa	460	83	11	12	134
austriaca	44	75	13	13	108
francesa	13	72	17	13	200
italiana	2181	58	9	8	99
alemã	122	52	12	8	134
espanhola	275	37	7	4	86
japonesa	62	23	7	3	47
outras	307	187	19	12	244
total	8575	340	24	27	274

(o tamanho médio das empresas canadenses, inglesas e americanas são elevados devido ao fato delas operarem basicamente nos setores de fornecimento de energia, ferrovia e telefonia, muitas vezes em regime de monopólio.

(valores em contos de réis)

(fonte: *Estatística Industrial do Estado de São Paulo, 1934*; p.28)

Também é significativo que aos poucos, conforme mostrou Durand, o capital sírio e libanês tenha se deslocado do varejo para aplicações no comércio atacadista e sobretudo na indústria. Esta é mais uma evidência do fortalecimento do poder

econômico da colônia que passava agora a se interessar por posições mais maduras do tecido comercial e industrial.³⁰ Construiu-se assim um setor totalmente integrado verticalmente, onde industriais e atacadistas supriam as necessidades de uma rede ampla de varejistas e comerciantes ambulantes pertencentes à mesma etnia.

QUADRO VII - Capital realizado por sírios e libaneses no setor têxtil do Estado de São Paulo em 1940 e 1950 - indústria e comércio(%)

	1940	1950
Indústria têxtil	4	25
Indústria do vestuário	7	10
Comércio varejista de tecidos e confecções	33	24
Comércio atacadista de tecidos e confecções	12	21
Comércio misto (atac. e varej.) de tec. e conf.	16	*

Fonte: Censos Econômicos de 1940 e 1950; apud José Carlos Duran, "*Formação do pequeno...*"

* (dado não desagregado em 1950)

Qualquer balanço da bem sucedida saga da colônia síria e libanesa em termos de sua ascensão econômica não pode deixar de destacar três elementos básicos que deram sustentação ao processo como um todo.

30 José Carlos Durand, "Formação do pequeno empresariado têxtil em São Paulo (1880-1950)", In: Henrique Rattner (org.), *Pequena empresa - o comportamento empresarial na acumulação e na luta pela sobrevivência* (São Paulo, Brasília: Brasiliense, CNPq, 1985).

Em primeiro lugar, os sírios e libaneses apresentam um perfil de distribuição demográfico-ocupacional singular no estado. Diferentemente de outros grupos étnicos, os sírios e libaneses reúnem *simultaneamente* duas características que lhes emprestam esta singularidade: são razoavelmente bem distribuídos entre as diversas regiões do território paulista e ao mesmo tempo apresentam um alto índice de ocupações urbanas. Esta combinação única de fatores decorre da especialização da colônia como um todo, ao longo de todo o estado, em atividades ligadas ao comércio, fazendo com que "por menor que seja a cidade, a gente encontre 'turco' com lojinha"³¹.

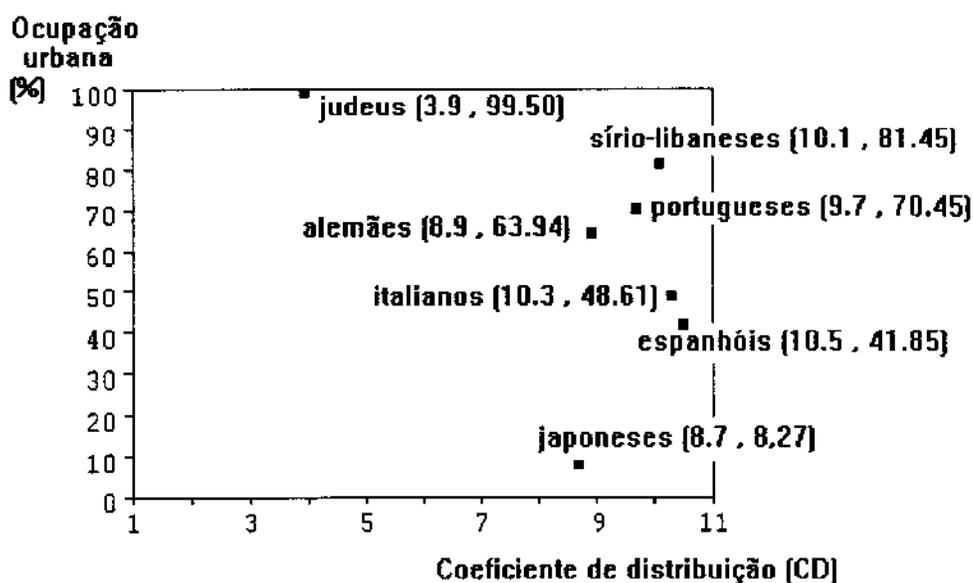
Esta peculiaridade do perfil de distribuição demográfico-ocupacional da colônia pode ser melhor avaliada a partir do gráfico abaixo, que simula, num espaço assim definido, a distribuição dos outros grupos étnicos mais importantes em São Paulo. A base de dados utilizada para se estimar esta distribuição (representada por um coeficiente³² na ordenada do gráfico) foi o número de estrangeiros por nacionalidade por regiões (divisão regional agrícola) registrado pelo censo estadual de 1934³³. Na abscissa foram plotados os valores relativos às taxas de ocupação urbana destes grupos para o estado como um todo. O resultado é uma representação do posicionamento dos grupos étnicos mais significativos neste espaço de distribuição demográfico-ocupacional. Através dele podemos constatar a posição específica dos sírios e libaneses no quadrante superior direito, fruto da combinação de uma elevada taxa ocupacional urbana com um padrão razoavelmente homogêneo de distribuição entre regiões do estado.

31 entrevista a Guilherme Curban.

32 vide Anexo I.

33 o censo de 1920 desprezaria parcelas importantes de imigrantes chegados a partir da década de 20, enquanto que o de 1940 não discrimina os sírios e libaneses por regiões ou municípios. Por causa disso, este último censo foi utilizado como base de dados apenas para os judeus, não reunidos numa categoria pelo censo de 1934. Por outro lado, deve ser observado que trabalhar com o número de estrangeiros em 1934 constitui apenas uma aproximação à localização das colônias no estado, já que os filhos de estrangeiros (brasileiros) e brasileiros naturalizados ficam alijados da base de dados. Esta circunstância distorce levemente a distribuição das colônias entre regiões no estado em prol das regiões que receberam imigrantes mais recentemente.

**Quadro VIII - Distribuição demográfico-ocupacional das principais etnias
no Estado de São Paulo**



(fonte: *Censo Estadual de 1934 e Censo Populacional de 1940*)
(vide o anexo I para o cálculo do CD)

É interessante notar ainda que, segundo estes mesmos parâmetros, o grupo étnico mais próximo ao dos sírios e libaneses será o dos portugueses, portadores de um coeficiente de distribuição inter-regional muito próximo ao dos sírios e libaneses, e de uma taxa de ocupação urbana um pouco menor, muito embora mais próxima do que a de italianos, espanhóis, alemães e - obviamente - japoneses. Esta indicação sugere aquilo que teremos oportunidade de confirmar mais adiante através de depoimentos: os portugueses de modo geral representaram o grupo étnico mais concorrente dos sírios e libaneses. Para que os sírios e libaneses pudessem encontrar o seu espaço de inserção

na economia paulista, estes em certa medida tiveram que deslocar os portugueses, há mais tempo estabelecidos³⁴.

Por outro lado, note-se que o distanciamento dos judeus relativamente aos sírios e libaneses explica-se quase que totalmente pela disparidade entre os dois grupos no tocante à distribuição entre regiões no estado. Apresentando uma taxa de ocupação urbana elevadíssima, os judeus encontram-se entretanto extremamente concentrados na capital do estado. Basta dizer que em 1940 a cidade de São Paulo abrigava mais de 85% do contingente do estado e que apenas mais três cidades no estado (Santos, Campinas e Santo André) apresentavam uma população de judeus superior a meio por cento do total estadual. Seis anos antes, em 1934, estes mesmos dados para sírios e libaneses revelam pouco mais de 34% habitando a capital e 35 municípios com população maior que meio por cento do total de sírios e libaneses no estado. Por causa disso, podemos afirmar que o perfil dos judeus é muito semelhante ao dos sírios e libaneses, se a comparação se restringir especificamente à capital paulista ou no máximo ao seu entorno regional. Ao nível do estado como um todo entretanto, esta aproximação se desfaz, em razão da presença numérica muito pouco significativa de judeus no interior paulista.

O segundo elemento significativo da trajetória dos sírios e libaneses diz respeito às relações de complementariedade e de entre-ajuda estabelecidas no interior da colônia. Estas se manifestaram num sem número de mecanismos que se desenvolveram desde a acolhida dos recém chegados pelos já aqui residentes até a ponta das relações de complementariedade que se estabeleceram entre industriais e grandes comerciantes. Entre estes dois extremos, encontraremos um conjunto de mecanismos facilitadores de

³⁴ De fato no início, os sírios e libaneses, ainda operando majoritariamente como mascates ou com firmas de varejo, supriam-se de mercadorias junto a atacadistas portugueses. À medida em que os negócios dos primeiros foram se desenvolvendo, eles passaram a competir com os portugueses também nas atividades por atacado e industriais.

crédito, de fornecimento e de entre-favorecimento que ao acompanhar toda a cadeia de suas relações comerciais acabou constituindo um sustentáculo importante de suas atividades econômicas.

É importante salientar que tais relações em geral não derivaram uma expressão institucional.³⁵ Elas tinham por base fundamental a compreensão de que por detrás de cada história individual na colônia, de cada ato do drama que representou a aventura da imigração para a etnia, havia para todos uma busca comum de se refazer a vida. Este elemento comum, entremeadado de laços de parentesco e de conterraneidade forneciam o substrato de uma certa cultura de cooperação que sempre tendeu a se estabelecer de modo informal.³⁶ Várias tentativas de se formalizar esta cooperação foram frustradas porque as linhas divisórias de religião, parentesco e origem não puderam ser transpostas. O que até certo ponto mostra que na prática os sírios e libaneses conseguiram distinguir bem seus negócios de suas desavenças. Nesse caso, inverteu-se a máxima: "Inimigos, inimigos; negócios à parte".

A informalidade nas relações de cooperação expressa a medida justa de seu alcance. Tais relações não podem ser tomadas como absolutas, elas estão longe por exemplo de se traduzirem em obrigações. Conforme já mencionado, acima de tudo os sírios e libaneses privilegiaram a autonomia individual, a abertura de seu próprio negócio; no limite um beneficiado hoje sempre será potencialmente o concorrente no amanhã. A tradução deste limite implícito na esfera das relações de parentesco cunhou um admirável provérbio na colônia: "todo libanês é brimo até a brimeira falência".

35 Até a década de cinquenta os sírios e libaneses não conseguiram, por exemplo, organizar uma Câmara de Comércio, coisa comum entre comerciantes de outras nacionalidades.

36 vide Clark Knowlton, *Sírios e Libaneses:...*, p. 147. Institucionalmente, as atividades filantrópicas assistenciais em torno de hospitais, asilos, creches e orfanatos representaram a única possibilidade de cooperação formal; uma cooperação, diga-se logo, para desvalidos e enfermos.

No entanto, por mais que os sírios e libaneses, ao operarem concentradamente em poucos ramos do comércio, fossem concorrentes entre si, é seguro que eles acabaram mais se beneficiando dos efeitos de tal concentração. A concorrência no início com outras etnias por exemplo, havia sido mais dura e absolutamente despojada de qualquer elemento de confiança nos negócios.³⁷ Entre patrícios, os conflitos podiam ser resolvidos por um amigo ou conterrâneo comum ou ainda pelos ricos, chefes ou patriarcas da colônia. Além disso, operando numa época de franca formação de um mercado de trabalho urbano, alimentado tanto pelas populações vindas do campo, mas também por aquelas que deixaram de habitar vilas operárias fechadas das grandes empresas, havia espaço no comércio para todos aqueles que procurassem se instalar seja como comerciantes ambulantes, seja como varejistas.

Por último, cumpre ressaltar o contínuo processo de realimentação que representou a importação de parentes e conterrâneos pelos já estabelecidos. Não existem dados precisos a esse respeito no Brasil, mas tudo indica que este efeito "corrente" foi responsável por enormes parcelas de imigração síria e libanesa. Nos Estados Unidos por exemplo, em 1907, um levantamento do Departamento de Imigração indicou que dos 9188 imigrantes sírios entrados naquele ano, 8725 (94%) declararam ter imigrado para encontrar parentes ou amigos.³⁸ Este processo por sua vez, acoplou-se perfeitamente ao primeiro porque graças a ele a maior parte dos recém-chegados imediatamente contou com uma referência forte de parentes e conterrâneos em termos de como seria possível tocar a nova vida.

37 Safady por exemplo, relata que em dezembro de 1904 "os comerciantes sírios de São Paulo, reagindo contra a boicotagem da companhia italiana Dell'Acqua, declararam-se contrários à atitude daquela companhia, comprometendo-se não negociar, directa ou indirectamente, com os tecidos por ela fabricados, (já) que a companhia italiana nega vender aos nossos patrícios, a pedido dos comerciantes, que se sentem ameaçados pela concorrência dos árabes." (Jamil Safady, *Coleção Brasil-Líbano-Síria*, São Paulo: Editora Comercial Safady, 1949, p. 22).

38 Beverlee Mehdi, *The Arabs...*, p. 11.

Assim sendo, o grosso dos imigrantes sírios e libaneses não chegou aqui sozinho, desamparado. Eles haviam imigrado com base em decisões razoavelmente bem informadas sobre onde ir, sobre onde encontrar trabalho e sobre que tipo de trabalho os esperaria na nova sociedade. Sobretudo, desde o início havia uma clara noção, fornecida pelos que chegaram antes, de por onde se deveria começar, do tipo de mobilidade a ser perseguida, de qual era o nicho onde a colônia havia se entrincheirado com sucesso, de onde portanto existia uma rede de conterrâneos funcionando efetivamente: provendo emprego, treinando e socializando o recém-chegado.

Além disso, por sobre as relações de conterraneidade, encontraremos as relações familiares. Entre os sírios e libaneses, a economia familiar sobreviveu e floresceu porque normalmente nas fases iniciais - como aliás é típico entre outras etnias - o negócio dependia fortemente do trabalho de toda a família. Organizar a família para cooperar e sobreviver em grande parte moldou a entrada deste imigrante na nova sociedade. Assim sendo, a célula familiar permaneceu como o modo tradicional de se compreender e de se ordenar a vida.

"Freqüentemente um mascate sírio ou libanês da rua 25 de março encontrava uma rua ou um largo em que o negócio parecia particularmente proveitoso. No decorrer do tempo, as pessoas da vizinhança começavam a reconhecê-lo como o mascate que passava diariamente pelas suas casas e davam-lhe preferência. Depois de economizar bastante dinheiro, o mascate procurava uma casa disponível num bom local ao longo da rota de sua freguesia, e abria uma pequena loja de armarinhos, fazendas e roupas feitas. Ganhando dinheiro, aumentava a sua loja e mandava buscar os parentes e patrícios para reunir-se a êle. O que muitos fizeram. Acumulando capital, êles por sua vez abriam um negócio na mesma zona. Com o tempo cada distrito e bairro de São Paulo chegou a ter um núcleo de sírios e libaneses originários da mesma aldeia ou cidade da Síria ou do Líbano."³⁹

Tais circunstâncias não podem ser menosprezadas porque elas ampliaram as possibilidades de crescimento dos negócios da colônia, que de outra forma teriam

³⁹ Clark Knowlton, *Sírios e Libaneses:....*, p. 118.

permanecido limitados à capacidade de trabalho do núcleo familiar. Ao encorpar a colônia, o efeito corrente permitiu que ela pudesse se diferenciar, facultando aos patrícios já há mais tempo estabelecidos a possibilidade de alcançarem posições estratégicas do comércio atacadista ou da indústria ligada ao setor. É neste sentido que os grandes se fizeram sobre os muitos pequenos. Estes últimos tomados em seu conjunto abriram a possibilidade do domínio de um setor econômico em franca expansão na economia de São Paulo.

Em 1936 Deffontaines já observava que "o commercio de mascates representa um progresso sensível para uma economia essencialmente fechada e rotineira. Com o seu tino commercial crearam um grande negócio e óra estão em vias de participar activamente no nascimento da grande indústria".⁴⁰ Anos depois, Knowlton ficaria impressionado com suas qualidades comerciais. "Não tinham preço fixo, vendiam pelo que achavam que o mercado podia pagar, e viviam com muito pouco. Se o freguês não podia pagar a dinheiro, o mascate aceitava em troca borracha, gado, café, ouro, ou qualquer outro produto. Os sírios e libaneses também estavam dispostos a conceder crédito até por um ano de cada vez. Devido à sua flexibilidade e disposição de correr riscos, poucas nacionalidades podiam competir com êles".⁴¹

Não há dúvida portanto que os sírios e libaneses operaram, na qualidade de pioneiros, uma verdadeira revolução nas práticas comerciais. De fato eles "arejaram" o comércio, redefiniram as condições de realização do lucro para todo o setor, ao adotarem uma política de vendas a crédito, ao buscarem compensar a redução da margem de lucro por unidade aumentando a quantidade vendida, ao buscarem uma alta rotatividade no estoque, ao inaugurarem a promoção de liquidações, ao reinvestirem os lucros no

40 Pierre Deffontaines, "Mascates ou pequenos...", p. 29.

41 Clark Knowlton, *Sírios e Libaneses*:..., p. 138.

próprio negócio e finalmente, de um modo geral, ao dedicarem uma maior atenção às necessidades e condições do consumidor. Por tudo isso, não seria demais afirmar que foram os sírios e libaneses que no Brasil "inventaram" o comércio popular, dando balizamento a seus parâmetros hoje tão comumente empregados.

"Os sírios e libaneses adotaram desde o início o sistema de vender barato para vender muito e, por outro lado, exerciam o máximo de economia, conseguindo assim acumular capitais apreciáveis".⁴² Ellis Jr. acrescenta que "o syrio não demorou em desbancar o portuguez de índole urbana, desse comércio meúdo, esse portuguez trabalhador e honesto, mas carranço e tradicionalista, conservador e inimigo do progresso."⁴³ Knowlton apurou que os sírio-libaneses conseguiram expulsar os italianos (a maior parte calabreses) da mascateagem de fazendas e amarelinhos, adotando o sistema de crédito e barganha. Por volta da virada do século, estes tentaram convencer seus fornecedores a boicotar os mascates sírios e libaneses. Não sendo geral o boicote, a tentativa malogrou.⁴⁴

Jorge Germanos, um libanês que há quase cinquenta anos ocupa cargos de diretor ou de conselheiro da Associação Comercial de São Paulo, revelou-nos que "os patrícios vendedores ambulantes tinham que vender mais barato para pegar mais mercadorias; eles não podiam ficar carregando muita mercadoria de um lado para outro, sem vendê-las." Ele relembra que a maior resistência veio dos portugueses já instalados como grandes comerciantes.

42 Taufik Duoun, *A emigração sírio-libanesa...*, p. 115.

43 Alfredo Ellis Jr., *Populações Paulistas...*, p. 198; vide também Claude Fahd Hajjar, *Imigração Árabe: 100 anos de reflexão* (São Paulo: Ícone, 1985), p. 99.

44 Clark Knowlton, *Sírios e Libaneses:...*, p. 137. Os italianos, segundo Knowlton, passaram à comercialização de peixes e verduras.

Na década de cinquenta, tais disputas se refletiram em duas chapas para as eleições da tradicional Associação Comercial: "quatrocentões" versus "cafajestes". A chapa dos primeiros, encabeçada por João Batista Leopoldo Figueiredo, era mais vinculada ao comércio graúdo, muitas vezes com relações com o exterior, capitaneado por famílias mais tradicionais, enquanto os últimos apresentavam ligações mais íntimas com o pequeno comércio. Esta tinha João di Pietro, um filho de italiano como presidente e Eduardo Saigh, um filho de libanês como vice. É interessante observar que na consulta a um "Quem é Quem no Brasil" editado no final dos anos quarenta, praticamente constem dele todos os nomes da chapa de Figueiredo e nenhum da chapa de João di Pietro⁴⁵. A disputa bastante renhida (esta última chapa venceria por uma diferença de 139 votos num total de quase cinco mil) representou a confirmação de novos interesses na Associação Comercial de São Paulo.⁴⁶ Na gestão seguinte, Eduardo Saigh seria eleito presidente, inaugurando a série de mandatos exercidos por filhos da colônia: mais tarde, Camilo Ansarah, Paulo Maluf, Guilherme Afif Domingos e Mario Germanos também dirigiram a associação.

Ao serem bem sucedidos, os sírios e libaneses certamente contribuíram para uma mudança na apreciação social daqueles que se dedicavam ao comércio na sociedade paulista, vistos anteriormente com certa suspeição, como praticantes de uma atividade pouco nobre ou adequada para homens com uma certa inteligência. Sem terem sido nem fazendeiros e nem doutores, alguns dentre eles no entanto haviam se tornado muito ricos.

45 *Quem é quem no Brasil - biografias contemporâneas*. São Paulo, Sociedade Brasileira de Expansão Comercial Ltda., 1948.

46 Para uma recuperação do pleito, consultar: *Diário de São Paulo* (29/11/53, 6/12/53, 8/1/54 e 19/1/54), *A Gazeta* (30/11/53 e 4/12/53), *Última Hora* (1/12/53 e 19/1/54), *Correio Paulistano* (11/12/53 e 21/1/54), *O Estado de São Paulo* (1/1/54, 19/1/54 e 22/1/54), *Diário do Comércio* (2/1/54, 4/1/54, 9/1/54, 16/1/54 e 19/1/54), *O Tempo* (3/1/54 e 21/1/54), *Diário da Noite* (4/1/54 e 12/1/54), *Folha da Manhã* (10/1/54, 19/1/54 e 20/1/54) e *Diário Popular* (20/1/54).

Os Jafet foram sem dúvida, ao lado de outros pioneiros da industrialização de São Paulo, um dos mais ricos de seu tempo. A estupenda ascensão econômica experimentada pelos cinco irmãos, alguns deles aqui chegados como mascates, remonta ao tempo em que estes imigrantes eram capazes de "fazer brotar dinheiro das mãos", como ainda hoje se diz freqüentemente na colônia. Na verdade, no início o dinheiro brotava não apenas em razão de um trabalho perseverante, mas sobretudo como fruto da severa frugalidade observada com o intuito de se obter um capital inicial.

Ao longo dos anos, em virtude sobretudo de sua prosperidade, a família tornou-se muito respeitada na colônia, e acabou ajudando no início muitos patrícios a estabelecerem negócios, concedendo-lhes crédito numa época em que dificilmente este seria concedido a arrivistas, em outros locais. Em contrapartida, muitos destes imigrantes, também no início, confiaram aos Jafet a guarda de suas economias. Mais tarde porém, na década de sessenta, quando o grupo foi estrangulado pelo governo, em função da mudança nos rumos políticos do país, é comum se ouvir dizer da falta de coerência daqueles muitos que anteriormente na colônia haviam sido beneficiados e que agora se voltavam contra os Jafet, na mesma proporção em que o poder econômico do grupo diminuía.⁴⁷

Ellis Jr. incluiu os Jafet como um dos 'grosbonnets' do parque industrial paulista. Mas havia outros sírios e libaneses também muito bem sucedidos proprietários de fábricas de

47 No apogeu de suas atividades, as Organizações Jafet concentravam seus investimentos nas áreas têxtil, de mineração e de siderurgia. Proprietário da maior usina de aço do estado de São Paulo, o grupo ainda tinha o orgulho ter fabricado o primeiro tubo de aço sem costura na América Latina. Em 1955, o grupo era formado pelas seguintes empresas: Fiação, Tecelagem e Estamperia Ipiranga Jafet S/A; Mineração Geral do Brasil Ltda.; Usina Siderúrgica São José S/A; Metalúrgica São Francisco S/A; Usina Santa Olímpia Indústria de Ferro e Aço S/A; De Martino S/A Usinas Brasileiras de Ferro e Aço; Codiq S/A Construtora de Equipamentos Industriais; Têxtil Porto Ferreira S/A; Minas da Jangada S/A; Banco Cruzeiro do Sul de São Paulo S/A; Codime S/A Construtora de Equipamentos Mecânicos; Companhia Brasileira de Mineração e Metalurgia; Empresa Internacional de Transportes Ltda.; Empresa Continental de Mineração S/A e Imobiliária Bom Pastor S/A.

tecidos, grandes atacadistas, etc. Quem visita hoje a biblioteca do Clube Homs poderá ver os móveis doados por outro destes, Assad Abdalla. Tanto Jafet quanto Abdalla iniciaram suas carreiras ainda no século passado com o comércio de mascateação, sinalizando com seus exemplos a todos que as portas da fortuna estavam abertas, bastando o trabalho. Não há dúvida que muitos aderiram ao apelo e, ao final de suas vidas, mesmo que estivessem longe de igualá-los, acabaram experimentando uma ascensão econômica razoavelmente rápida, assegurando seus frutos já para a segunda geração. "Os collegios de meninas onde freiras severas ministravam a instrução com a religião catholica, tiveram uma súbita invasão de syrios que nelles punham suas filhas. O mesmo acontecia nos collegios de S. Bento e de S. Luiz, para onde os syriozinhos entravam em massa."⁴⁸

Também é certo que despertaram a atenção e mesmo a inveja de outras etnias. "Os sírios e libaneses, para progredirem o mais depressa possível e tornarem as suas posições sólidas e inexpugnáveis, tanto lutaram, sacrificaram e se esforçaram, que criaram entre as outras correntes imigratórias muitos inimigos e despeitados. Êstes, para se vingarem dos seus indomáveis concorrentes, procuravam por todos os meios prejudicá-los, expondo-os ao ódio dos nacionais."⁴⁹ Como eram ricos, foram acusados de só pensarem em suas fortunas. "(Nossos ricos) não ignoram o juízo que de nós fazem as correntes nacionais e estrangeiras, quando vêm que o nosso único objetivo é a matéria e o desejo de aumentar cada vêz mais as fortunas, negligenciando por completo o intellecto e o espírito."⁵⁰

Significativamente Duoun, jornalista, livreiro e um dos importantes intelectuais da colônia na década de quarenta, reclamou da apatia dos ricos frente aos ataques que a colônia

48 Alfredo Ellis Jr., *Populações Paulistas...*, p. 200.

49 Taufik Duoun, *A emigração sírio-libanesa...*, p. 114.

50 Taufik Duoun, *A emigração sírio-libanesa...*, p. 311.

sofreu, lembrando que "a classe afortunada não pode ficar alheia e separada das outras, mas forma parte do alvo, agradável ou desagradavelmente atingido." Mais adiante porém, sai em defesa dos ricos da colônia argumentando que já que "quase nenhum alcançou fortuna apreciável antes dos cinquenta, pode-se dizer que todos pagaram com a vida", (...) "que o operário goza mais da vida que o patrão (porque) este sempre se sente mais aborrecido e abatido, necessitando de muito mais repouso e divertimento em lugares saudáveis, nas praias e estações de água (...)", e que "o maior problema que se apresenta ao rico é poder conservar o equilíbrio entre o corpo e o espírito."⁵¹

No fundo, talvez Duoun tenha expressado o espanto de muitos em relação à vertiginosa rapidez com que alguns conseguiram amearhar fortunas apreciáveis. Como ninguém se insurge contra seus heróis, ele tratou apenas de aconselhá-los criticamente. Reclamou por exemplo do exagero e do luxo com que algumas senhoras sírias e libanesas viviam, afirmando que "gostaria muito mais de ver tais senhoras dando melhores exemplos às filhas, não lhes ocultando o seu passado espinhoso, visto que nenhuma delas, por mais rica que seja, pode garantir que sua filha esteja a salvo de imprevistos desagradáveis."⁵²

A esse respeito, o discurso apresentado por Duoun é quase uma auto-confissão, um 'mea culpa' em que o autor procura expiar os pecados de seus ricos. O tema lhe é tão caro que chega a dedicar um capítulo de seu livro a 'O emprego da fortuna', onde desfila provérbios árabes sobre o assunto, condena o sistema de heranças e lembra que as doações devem ser proporcionais à fortuna do doador, pois "muitos gastam milhões

51 Taufik Duoun, *A emigração sírio-libanesa...*, p. 132-3.

52 Taufik Duoun, *A emigração sírio-libanesa...*, p. 99.

com uma moradia terrestre e querem adquirir uma no céu por uma ninharia".⁵³ Como se vê, a fama de bons negociantes já chegara até aos céus nessa época.

53 Taufik Duoun, *A emigração sírio-libanesa...*, p.315.

3. A REINVENÇÃO DAS IDENTIDADES

"Pelos vias públicas, carregando, como bois, ao sol, suarentos e tardos, a canastra com bugigangas ou levando a tiracolo, como pratos de balança, as cestas com legumes ou com frutas, lá vão êles, os esforçados cooperadores do nosso progresso, decantando, na aspereza do idioma rude e desconexo, o seu reclame atraente.

Ou é de vê-los, - cabeça ogival, olhar penetrante e arguto, bigodes longos e negros, nas mãos e braços tatuagens maquiavélicas, - atrás do balcão da loja, tresandando cheiro de goma em fazenda nova, a insistir com o freguês, de metro em punho, nas "bachinchas", para ao cabo de duas horas vender por 1\$350 o metro de pano pelo qual pedira inicialmente 5\$000, e cujo abatimento fôra lento, em doses homeopáticas, com esgares, com chocarrice, com justificativas intermináveis. O lucro do negócio está, para êles, na proporção da paciência ou do bom humor do freguês."¹

Já nas primeiras décadas do século, aí estão os principais elementos que comporão a imagem mais comum, mais popular, a respeito dos sírios e libaneses: o aspecto e o idioma característicos, a identificação com o comércio ambulante e o modo peculiar de regatear para fazer negócios, o que nos primeiros tempos fez com que a rua 25 de março se tornasse conhecida como rua "21 por Cento"². Apreciações semelhantes a esta que Paulo Cursino de Moura registrou em seu "São Paulo de outrora (evocações da metrópole)", escrito em 1933, tornaram-se comuns século adentro³, fixando-lhes uma imagem de especialização ocupacional assim descrita por Ellis:

1 Paulo Cursino de Moura, *São Paulo de outrora: evocações da metrópole* (São Paulo: Livraria Martins Editora, 3.ed., 1954), p. 138.

2 Gabriel Marques, *Ruas e tradições...*, p. 87.

3 "Quinquilharias; sêdas de boa e de má qualidade, lenços, vestidos, meias - tudo! Tudo caro? Talvez, sim; talvez, não. Depende da... cara do freguês... O certo, certíssimo é que ali há sempre expostos os mais variados artigos e tudo ao alcance de tôdas as bôlsas. Só não compram, mesmo, os predispostos a uma resistência ferrenha aos bons argumentos dos exímios vendedores árabes. Só êsses se salvam, em lá aportando com bôlsa farta. E isso mesmo, com que dificuldade, meu Deus!" (Gabriel Marques, *Ruas e tradições...*, p. 82).

"Nas baixas camadas, o syrio prefere ser o mascate ambulante, vendendo meias, sabonetes, carretéis, etc. Jamais elle vestiria o 'over-all' do operário industrial ou empunharia a enxada do lavrador.

Nas cidades ainda, não os vemos trabalhar nesses misteres subsidiários das atividades urbanas. Elles não são motorneiros, ou conductores de vehiculos, não São carroceiros, nem chauffeurs, não são operarios municipaes, calceteiros, pedreiros, sapateiros, pintores, varredores de rua, carpinteiros, marceneiros, padeiros, leiteiros, serviçaes em restaurante ou em casas de familias, etc.

Tudo isso lhes repugna profundamente. Só ha um mister que elles aceitam, por mais árduo que elle seja, porque ahi ha um fundo commercial: é o do mascate."⁴

É até certo ponto compreensível portanto que ao se dedicarem em massa a uma atividade indelevelmente relacionada ao comércio de bens de consumo popular, os sírios e libaneses tivessem, por este motivo, recebido uma marca, uma apreciação que fixou deles uma imagem perante a sociedade. À imagem se sobrepos um designativo: turcos.

Como até o final da Primeira Guerra Mundial quase a totalidade dos imigrantes da colônia veio ao Brasil com passaportes turcos, eles foram identificados com o seu dominador, o que lhes causou imenso dissabor⁵. Esta primeira denominação se fixou. O assunto foi ponto obrigatório de quase todos os livros escritos pela colônia, motivo freqüente de reclamações. Sírios queriam ser chamados de sírios e libaneses de libaneses.

Veza ou outra, a expressão também foi usada em tons pejorativos, com o intuito de ferir e humilhar, fazendo com que os imigrantes se sentissem ofendidos e envergonhados ao serem confundidos com os turcos que os oprimiram a ponto de obrigá-los a abandonar o seu país. Ingenuamente, Taufik Duoun, na condição de intelectual, pretendeu fazer

4 Alfredo Ellis Jr., *Populações Paulistas...*, pp. 202-3.

5 O fenômeno não se restringe ao Brasil. Também na Argentina (e provavelmente em outros países da América Latina), sírios e libaneses foram e ainda são comumente chamados de turcos.

justiça aos turcos, alegando que eles não foram tão bárbaros assim quanto os nazistas estavam sendo na época em que escreveu seu livro.⁶

Ao 'turco' empregado pejorativamente associou-se também a capacidade de fazer qualquer negócio. Hajjar menciona que a expressão mais dolorosa para os árabes do Brasil era a famosa 'turco de prestação', encontrada no dicionário. Mais tarde, o aposto seria estendido aos judeus também mascates⁷. Outros elementos pejorativos irão na maior parte das vezes se correlacionar a esta marca, como por exemplo as referências ao rendoso assunto dos casos de trapaça em que se envolveram. Ao defenderem-se, lambuzavam-se, mostravam que de certa forma o assunto fazia sentido, compartilhando das acusações e, como sempre acontece nestes casos, fornecendo uma base real para o desenvolvimento de visões estereotipadas, do preconceito.

Duoun argumentou a respeito dos casos de trapaça que "as faltas, algumas imputadas e outras verdadeiras (foram) cometidas antigamente sob a pressão da necessidade que não conhece lei. Entre tais faltas figura a história de um ambulante que vendeu a um prêto um pedaço de pano quadrado, de um metro de lado, como quatro metros..."⁸. Foram também acusados de nunca terem pago impostos, o que até certo ponto é natural, pois o mascate antecedeu estes, exigindo uma adaptação por vezes incompreensível. Knowlton apurou ainda que algumas falências fraudulentas constituíram a base de algumas fortunas posteriores⁹. Reais ou construídas, o certo é que histórias deste tipo contribuíram para a fixação de uma imagem: "negociante congênito e por hereditariedade, ele ainda o era por educação. Desde os tempos de

6 Taufik Duoun, *A emigração sírio-libanesa...*, p. 58.

7 consultar Jeff H. Lesser, *Pawns of the Powerful: Jewish Immigration to Brazil (1904-1945)* (New York: New York University (PhD dissertation), 1989).

8 Taufik Duoun, *A emigração sírio-libanesa...*, pp. 112-3.

9 Clark Knowlton, *Sírios e Libaneses:...*, p. 142.

seus antepassados de Sidon e de Tyro, elle é capaz de mercadejar a própria vida, jurando não ganhar nada."¹⁰

Certamente uma imagem assim tão nitidamente definida contribuiu para que a denominação mais vulgar de "turco" os tenha até hoje acompanhado, utilizada sempre por alguém externo ao grupo para designá-los. Esta primeira nomeação do grupo tratará de contrapô-lo a outras etnias e à sociedade nativa. Para tais frações, os sírios e libaneses aqui chegados foram indistintamente chamados de turcos, embora a imigração turca propriamente dita ao Brasil tenha sido praticamente nula.

Entretanto, o restante da sociedade não dispunha de nenhum elemento para distingui-los. Nesse processo, sírios e libaneses foram agrupados numa categoria menos precisa e mais geral, fundidas suas identidades nessa coletividade maior, fruto da interação que o restante da sociedade mantinha com o grupo. Para os olhos de alguém postado externamente à colônia, fosse esse brasileiro ou pertencente a outro grupo étnico, as identidades das aldeias e províncias de origem, tão importantes para cada uma das coletividades de sírios e libaneses, desapareciam.

A apreciação era outra. Um número bastante expressivo de clubes, associações e outras instituições "dos turcos", fundadas quase sempre sobre uma base de origem geográfica (da terra natal), moldando fortemente a sociabilidade da colônia, era algo que de vez em quando despertava suspeitas. Ellis Jr. por exemplo queixou-se do fato de "andarem em nódulos. Aproximam-se dos paulistas, mas a timidez natural faz com que essa aproximação seja um pouco receiosa de modo que elles nunca andam sós."¹¹ Foram acusados por exemplo de não se misturarem, de monopolizarem as ruas

10 Alfredo Ellis Jr., *Populações Paulistas...*, pp. 197-8. Vide também Everardo Backheuser, "Comércio ambulante...", p. 14.

11 Alfredo Ellis Jr., *Populações Paulistas...*, p. 201.

Florêncio de Abreu e 25 de março. "Ahi, só se vêem tabuletas com caracteres em árabe, marcando os estabelecimentos syrios, ao lado de hotéis, estalagens, associações, etc."¹²

Também não se deixou passar o seu aspecto físico suspeito, numa tentativa de naturalizar o preconceito: "homens trigueiros, altos, de aspecto forte, abundantemente servidos de pellos, falando idioma muito guttural e incompreensível; (...) muitas mulheres, com cabellos negros e olhos grandes, ilhados na côr morena de uma pelle espessa; não poucos padres orthodoxos, muito barbados, mettidos em suas batinas pretas, com chapéus muito altos e de formato diferente e desusado; (...) seus costumes levantinos, o seu falar de impossível apprehensão (...) que os tornam diferentes de nós occidentaes"¹³ - tudo isso foi motivo freqüente de queixa, na mesma linha etnocêntrica de desagrado pelo não habitual.

Preocupado com o processo de assimilação das várias nacionalidades no contexto da política de imigração, Ellis Jr. em seu livro "Populações Paulistas", publicado em 1934, procura focalizar elementos que expliquem a maior ou menor facilidade de cada nacionalidade em se integrar ao meio paulista.¹⁴ Embora Ellis Jr. não pretenda derivar da raça (enquanto conjunto de caracteres antropométricos associados a indivíduos) características relativas ao processo de assimilação, este de natureza sociológica¹⁵, fica difícil ao autor não confundí-los, ao se estender na análise dos sírios em caracteres

12 Alfredo Ellis Jr., *Populações Paulistas...*, p. 198.

13 Alfredo Ellis Jr., *Populações Paulistas...*, pp. 198-9.

14 consultar também Oscar Egidio de Araujo, que argumentou sobre a necessidade de pesquisas científicas e bem controladas a respeito das "raças em caldeamento" no Brasil: "o governo federal precisa conhecer o comportamento das várias nacionalidades que têm procurado o território brasileiro no tocante a assimilação, para bem orientar a política imigratória, facilitando a permanência de elementos assimiláveis e dificultando ou, mesmo impedindo a entrada em nossos portos de elementos incapazes de figurar com proveito, em um cruzamento vantajoso." (Oscar Egidio de Araujo, "Enquistamentos Étnicos...", p.228).

15 O autor combate explicitamente as teorias de Gobineau a este respeito.

físicos como por exemplo a abundância de pelos, o falar gutural e a estatura elevada. Além do aspecto físico, a cada característica por assim dizer social atribuída pelo autor ao grupo (características em termos de não se misturarem socialmente, de carregarem consigo uma espécie de "vocação comercial", de casarem entre si, de se concentrarem para morar e negociar no mesmo bairro, etc.),   possível fazer corresponder uma estrutura de preconceitos associados a cada uma delas.

Por causa disso, o discurso ilustrado, pretensamente científico de Ellis Jr.   tão interessante. Ele revela com nitidez o que poderíamos chamar de uma aprecia o quatrocentona da entrada do contingente imigratório (por etnias) na estrutura social paulista. Trata-se de um ponto de vista bastante auto centrado de quem observa e escreve sobre o fenômeno migratório sem o menor constrangimento que possa relativizar aquilo que sua posi o social permite focar.

Sua análise do processo de assimila o por exemplo se fará toda calcada na afirma o da importância da popula o paulista pré-existente ao fluxo migratório.   o que denomina assimila o por infraposi o : " o paulista preexistente no planalto, formando uma camada espessa de homens associados, se viu invadir pacificamente por outras gentes exoticas que foram paulatinamente se deixando aglutinar, com a perda de todos os seus attributos sociaes."¹⁶ Mais adiante, ao tratar do casamento como elemento materializador do processo de assimila o, conclui: "do cruzamento do estrangeiro com o paulista resulta a homogeneiza o de duas mentalidades diferentes, ficando a exotica plasmada nos moldes da paulista que acaba prevalecendo.   o que se dá entre nós." E conclui: "  a força apaulistanisadora agindo no sentido vertical em profundidade."¹⁷

16 Alfredo Ellis Jr., *Popula es Paulistas...*, pp.18-9.

17 Alfredo Ellis Jr., *Popula es Paulistas...*, p. 85.

No caso de sírios e libaneses, fica difícil se enxergar tal determinante, sobretudo tendo-se em vista o padrão de casamento na colônia. Ao contrário dos italianos e de outras nacionalidades, a maior parte dos primeiros imigrantes veio sozinho para tentar a sorte. Por causa disso, foram vistos com desconfiança como aventureiros. Trabalhavam para depois voltarem a seus países onde depois compravam propriedades e se casavam, reiniciando a vida às custas do dinheiro angariado no Brasil, impossível de ser obtido em sua terra natal. Os que ficavam no Brasil com o tempo importavam outros parentes e esposas, num sinal de que uma certa estabilidade ou prosperidade nos negócios tinha que vir primeiro.

É impressionante o número de biografias em que o sujeito se desloca até o Líbano ou a Síria para se casar. Hajjar observou que somente na década de trinta diminuiu o costume de mandar os jovens para a terra natal, a fim de se casarem com parentes ou conhecidos.¹⁸ Mais uma vez, aí muito influíram os laços familiares e a teia de relações sociais da aldeia de origem ou da cidade natal, estimulando tal comportamento. Por outro lado aqui, a escassez de moças da colônia nos primórdios da imigração certamente também está na raiz do fenômeno, conforme podemos observar pelos dados do Recenseamento de 1920.

Quadro I - Composição por sexo dos grupos estrangeiros mais importantes no estado (dados em %)

	<i>sírios</i>	<i>italianos</i>	<i>portugueses</i>	<i>espanhóis</i>	<i>japoneses</i>
<i>homens</i>	67	54	61	54	58

¹⁸ Claude F. Hajjar, *Imigração Árabe:...*, p. 109.

mulheres 32 46 39 46 42

(apud Alfredo Ellis Jr., *Populações Paulistas...*, p.204)

Outros casavam-se, mas voltavam sós, deixando esposas e filhos aos cuidados dos pais. Em meio aos deslocamentos, é até certo ponto natural que os jogos duplos em matéria de matrimônios aumentassem. Utilizando o termo `poligamia extra-oficial'¹⁹, Safady afirmou em seu livro conhecer "muitas famílias que, ao chegarem ao Brasil, encontravam seus chefes ligados a outras mulheres, de quem já tinham filhos". Mais adiante, continua:

"Os casos de matrimônios irregulares eram tão numerosos que a todos os imigrantes, que queriam casar, voltando do Brasil ou de outros países de imigração, os eclesiásticos exigiam documentos oficiais, provando que não eram casados. Pois muitos, depois de definida a vida conjugal, procuravam, ao enriquecer, um segundo casamento, talvez mais consentâneo com as tradições familiares."²⁰

Ainda segundo Safady, os casamentos se estabilizaram quando a imigração aumentou no período anterior à Primeira Guerra Mundial, quando o deslocamento de famílias inteiras ao Brasil fez aumentar o número de moças.

Aí também estabeleceu-se uma marca, um estereótipo, reforçando a imagem de aventureiros, muitas vezes explorada de modo preconceituoso, não raro por concorrentes em atividades comerciais. "O sírio atual emigra só, vem mascatear sob as vistas protetoras do parente, pai, irmão ou tio, que chegou mais cedo e desbravou o caminho. Vem para a cidade do litoral sem eira nem beira. Todo o seu patrimônio é a audácia aventureira que o leva a mudar de pouso, mudando de terra, de localidade, de

¹⁹ É muito provável que o termo utilizado por Safady, um cristão, visasse a contraposição aos árabes muçulmanos, entre os quais a poligamia, embora aqui no Brasil muito pouco comum, era teoricamente admitida.

²⁰ Wadih Safady, *Cenas e cenários...*, p.220.

Estado, de município, com a mesma facilidade do cigano. Ele não tem casa, nem bens, nem família, nem tradição, nem sedentarismo, nem constituição de família, nem sentido de pátria. Sua terra é um rincão remoto da Palestina, onde, desde criança ele sentiu a influência do elemento estrangeiro dominador. Não tem passado, porque este se perde na legenda confusa dos povos que sofreram muita mescla e suportaram prolongados domínios, tiveram irrigação de muitos sangues. Vem sem raízes, fica igualmente sem raízes, na nova terra onde o espírito de aventura o levou."²¹

Essa imagem de aventureiros suspeitos, hoje já quase imperceptível, ao longo dos anos se desfez. Na década de trinta entretanto, ela sem dúvida se mostrava mais presente. Nesta época, alguns imigrantes muçulmanos que constituíram família no Brasil, regressaram à Síria e ao Líbano com suas esposas. Lá estas tiveram de enfrentar o verdadeiro estado de seus casamentos. Algumas concordaram com a vida dos maridos polígamos. Outras não. Então várias foram abandonadas pelos maridos muçulmanos libaneses em Beirute. "Uma campanha veio a ser divulgada pelos jornais, que irritou a opinião pública nacional."²² Um pouco antes, o famoso "crime da mala"²³, cometido por um "turco" (Michel Trad), já tornara o assunto candente²⁴. A solução veio dos que tinham que zelar pelo seu prestígio: industriais libaneses de São Paulo repatriaram as mulheres brasileiras abandonadas.²⁵

21 apud Mussa Kuraiem, "A Cultura Árabe no Brasil", In: Centro Brasileiro de Estudos Árabes / Organização Jamil Safady, *A cultura árabe no Brasil, Líbano e Síria* (São Paulo: Editora Comercial Safady Ltda., s/d), p. 53.

22 Wadih Safady, *Cenas e cenários...*, p.225.

23 que inspirou, entre outras coisas, ao todo treze filmes no cinema nacional.

24 na época, muitos mascates reclamaram que seus fregueses os viam com mais desconfiança, alguns temendo que estes fossem comedores de crianças.

25 Wadih Safady, *Cenas e cenários...*, p.225.

Apesar da desproporção entre os sexos ter sido bastante pronunciada, mesmo assim em relação a outras etnias os sírios e libaneses casaram-se sobretudo entre eles, a julgar pelos dados coligidos por Ellis Jr. no 'Anuario Demographico' de 1927.

Quadro II - Porcentagem de casamentos de várias nacionalidades

	<i>sírios</i>	<i>itals</i>	<i>ports</i>	<i>esps</i>	<i>japs</i>
<i>entre si</i>	50,5	20,2	29,5	35,0	63,3
<i>com paulistas</i>	42,2	69,3	60,4	54,7	27,4
<i>com outras nacionalidades</i>	7,3	10,5	10,1	10,3	5,3

"... o syrio é tido como elemento que com certa dificuldade se cruza com outras estirpes. As estatísticas porém não confirmam esse prejulgado e se os resultados apresentados pelo syrio, sob esse aspecto não são dos melhores, é preciso concordar-se que a temperatura de fusão delles não se mostra elevada."²⁶

Outro estudo mais completo realizado anos mais tarde focalizando os casamentos realizados no período 1940/46 aponta que na verdade as discrepâncias foram muito acentuadas conforme o gênero do cônjuge. Assim, no período casaram-se 652 noivos e 276 noivas sírias. Entre os primeiros, 27% casaram-se com sírias, 65% com brasileiras e 8% com outras estrangeiras. Já entre as noivas, a tendência se inverte: 63% casaram-se com sírios, 19% com brasileiros e 18% com outros estrangeiros. Ressalte-se que enquanto a proporção de 65% de sírios casando-se com brasileiras é maior que a média

²⁶ Alfredo Ellis Jr., *Populações Paulistas...*, p. 204. Vide também R. Paula Souza, "Contribuição à etnologia paulista", *Revista do Arquivo Municipal*, pp. 101-2.

geral observada em outras etnias (58%), a proporção de 19% de sírias casando com brasileiros é bem menor que a média geral (38%) entre as noivas de outras nacionalidades. Tais dados evidenciam que a desproporção entre os sexos condicionou enormemente o desenvolvimento do grupo, além de sugerirem que as barreiras no sentido da miscegenação foram superadas em primeiro lugar pelos homens.

De fato, culturalmente, os sírios e libaneses foram educados a casarem-se entre 'patrícios' numa longa tradição patriarcal em que os mais velhos sempre procuraram determinar o casamento de seus filhos²⁷. Esta longa tradição destilou um velho provérbio árabe: 'tudo vem por sorte, menos o casamento, que vem por arranjo'. "Os pais não só não admitiam a miscegenação, mas entendiam que seus filhos não poderiam achar melhor par senão entre os seus, pois acreditavam que, desta forma, as famílias se entenderiam melhor e viveriam em harmonia."²⁸

Casar na colônia era tão importante que muitas famílias pretenderam e muitas vezes decidiram se mudar para a capital à medida que seus filhos cresciam, num movimento que buscava ampliar as opções conjugais tão ardentemente desejadas. A preferência por casamentos entre patrícios, além de no início reforçar uma sociabilidade muito introvertida, acabou também consolidando a apreciação externa, muito comum entre outros segmentos da sociedade paulista, de que "turco só casa com turco".

Segundo Safady, nos primórdios da imigração, a dificuldade em distinguir masculino e feminino e em pronunciar os nomes (as letras p e v não existem no alfabeto árabe e o g é pronunciado como c: borta por porta, balavra por palavra, fitória por vitória, etc.) produziu complexo de inferioridade, fazendo com que muitos inclusive decidissem

²⁷ entre muçulmanos, o casamento era mais combinado ainda. Em muitos casos, a noiva poucos contatos mantinha com o noivo antes de se casar.

²⁸ Wadih Safady, *Cenas e cenários...*, p. 221.

traduzir seus nomes. Ellis Jr., obcecado pelo tema da aculturação, captou o fenômeno tratando-o como sinal inequívoco de uma boa assimilação. Conta Safady que um dentista, que morava em Goiás chamado Abdulmajid Dáu trocou seu nome para Hermenegildo Dáu da Luz. "Hermenegildo por ser parecido com Abdulmajid, e Dáu (que significa luz) recebeu nova versão" As dificuldades com a língua devem portanto ter atrapalhado, motivando chacotas. O próprio Safady admitiu que as várias letras do alfabeto árabe inexistentes na língua portuguesa ao serem pronunciadas emitem "uma fônica esquisita e grotesca para os que a ouvem, causa de riso e deboche. Arbatache (catorze, em árabe) veio a ser há uns trinta anos atrás o motivo duma peça teatral em São Paulo, debochando de nossa pronúncia..."²⁹

Por todos estes motivos, ao restante da sociedade fazia mais sentido identificá-los simplesmente como "turcos", ignoradas as identidades anteriores de cada fração do grupo, reclassificadas nesta categoria mais geral e vinculadas aos atributos da colônia mais visíveis: a mesma língua nativa característica, a dedicação ao comércio, o padrão de casamento, a sociabilidade introvertida, centrada na própria colônia e mesmo os pratos típicos tão logo incorporados à cozinha local. Para esta sociedade externa à colônia, foram estes os elementos comuns a esta logo associados, elementos estes, alguns vistos com certa suspeição, que para ela mais aproximavam do que distinguiam os "turcos" entre si, incapazes de fornecerem qualquer discernimento mais acurado³⁰.

Se por causa do acúmulo de tais fatores, os "turcos" foram irremediavelmente vistos como diferentes, como característicos, via de regra percebidos como portadores de uma diferença a mais mesmo em relação a outros grupos de imigrantes da Europa ocidental, a anulação ou rejeição pelo próprio grupo de uma identidade étnica tão marcante

²⁹ Wadih Safady, *Cenas e cenários...*, pp. 200-1.

³⁰ vide Manuel Diegues Jr., "Dois grupos étnico-culturais..."

tornou-se uma empreitada ao mesmo tempo complicada e arriscada. Sendo a percepção dos atributos étnicos difícil de ser relevada, a batalha da integração de uma identidade tão definida na sociedade receptora deslocou-se para outro campo, que envolvesse a aceitação da diferença, da etnicidade própria como categoria legítima diferenciadora, tentando transformá-la de fardo de conotações suspeitas e negativas em um conjunto de qualidades positivas.

É exatamente neste sentido que o mascate encarnou uma espécie de mito fundador da etnia. Celebrizado em prosa e verso pelos intelectuais da colônia³¹, de fato a figura do mascate constituiu a única base possível de identidade coletiva de uma colônia fragmentada entre diferentes religiões e regiões de origem. Mais que isso, qualidades tais como o trabalho duro, a frugalidade e a perseverança num futuro melhor foram insistentemente reafirmadas e defraldadas como exemplo de conduta. Sua perspicaz capacidade de adaptação na nova pátria impressionou ao ponto de gerar narrativas onde fábula e realidade se confundiram, como no episódio relatado por Tanus Jorge Bastani, em seu livro "Memórias de um mascate". Conta o autor o caso do libanês Kalil, que julgado morto por seu companheiro Miguel, foi por este encontrado doze anos depois feito cacique de uma tribo amazônica.³²

O espírito de aventura e o instinto comercial destes imigrantes surgem como construção adequada à exaltação de seus sacrifícios e proezas. O mito vira carne e osso na figura do mascate, invocado como autêntico bandeirante - pelo comércio, integrador e difusor das novidades da capital pelos sertões do Brasil afora. As apologias ao redor de sua figura enveredaram pelo terreno de um trabalho árduo, de um esforço contínuo e

31 entre outros consultar Jamil Safady, *O café e o mascate*; Assis Féres, *O mascate* (São Paulo: Laiazui, 1970), etc.

32 Tanus Jorge Bastani, *O Líbano e os libaneses...*

incessante na luta pela sobrevivência, sempre embaladas num tom de valorização de um passado de sacrifícios.

Sem pretender aqui descaracterizar este passado, é evidente entretanto que sua proclamação reiterada serve a todo instante como reafirmação da adequação da "raça" e também como contraposição a outros grupos sociais valorados negativamente, em particular negros e nativos, mantidos à distância. Neste sentido, os sírios e libaneses acompanharam a tendência geral de outros grupos de imigrantes que aprenderam rapidamente que a pior coisa que poderiam ser nesta Terra Prometida eram negros, tratando assim de se distanciarem o máximo possível deste grupo.³³ É claro que a invenção da identidade étnica também servia tal função: definir o grupo também em termos do que ele *não é*, ou *não tem afinidade*. Neste ponto os "outros" aparecem como uma dimensão importante do contexto porque as identidades São negociadas e fixadas como fruto da interação com outros grupos mais ou menos favorecidos que servem de modelo a ser copiado ou rejeitado, sobretudo em se tratando de uma sociedade tão estratificada.

A figura do mascate tratou portanto de galvanizar este conjunto de elementos apreciados, positivamente valorizados pela sociedade de adoção, reunidos sobretudo ao redor da ética do trabalho; ao mesmo tempo em que buscava dissipar dúvidas ou desconfianças em relação a traços culturais oblíquos remanescentes, comportamentos exóticos ou outros valores não coadunantes com o novo ambiente. Certamente originou-se muitas vezes daí a ênfase quase obsessiva em marcar distâncias em relação a conterrâneos de origem muçulmana e a tudo aquilo que vulgarmente a eles se associa:

³³ o que diga-se de passagem, não deve ter sido muito difícil, do ponto de vista cultural. Vários relatos de imigrantes de origem árabe (sobretudo de mulheres) que vieram ao Brasil e aos Estados Unidos nos contam que somente com a imigração estes vieram a travar contato com pessoas negras.

islamismo, fanatismo, poligamia, costumes exóticos, etc. Conforme teremos oportunidade de tratar com mais cuidado mais adiante, a importância de se mostrar cristão e sobretudo plenamente *ocidental* representou um requisito de importância tal a ponto de gerar profundas divisões no seio da própria colônia.

Mesmo assim, por mais que a imagem de mascate fosse assim construída, ela não conseguiu abafar sua outra face menos nobre, como se toda reprodução do original importasse para a cópia tanto suas virtudes quanto seus defeitos. Os ricos e intelectuais da colônia sempre se sentiram pouco à vontade com a imagem de que os mascates eram ignorantes, muitas vezes analfabetos. Com esta preocupação atormentando sua mente, Kurban escreveu:

"Não podemos encerrar este capítulo dedicado ao mascate sem dizer uma palavra a respeito da sua cultura pessoal. Muita gente tem julgado mal o mascate por apresentar elle todos os signaes exteriores do Analphabeto. O facto de não conhecer elle a lingua portugueza, sufficientemente para se expressar em materia social, tem sido uma pesada desvantagem. Muitos foram, e alguns ainda são, analphabetos, mas, nenhum delles é destituido de cultura. No Oriente mediterraneo, o analphabeto não é igual ao analphabeto dos paizes onde a escola é tudo. O analphabeto syrio ou libanez aprendeu muita cousa de ouvido; aprendeu a sua arithmetica pelo calculo mental; estudou historia escutando as narrações dos saraus concorridos das noites de inverno; adquiriu os seus conhecimentos sociaes decorando e expondo as dezenas, e em alguns casos centenas, de proverbios de um povo de tradições milenares. Cada proverbio é o resumo de um capítulo de sabedoria social e philosophica. Assim explicam-se a presteza no calculo, a forte retentiva e as adeantadas idéas que o "Analphabeto" syrio ou libanez possui, em contraste com o analphabeto de paizes reconhecidamente civilizados."³⁴

Na verdade, os argumentos de Kurban não são de todo desprovidos de sentido, se nos precavermos de procurar interpretar com os olhos de hoje as realidades passadas. É preciso ter-se em conta que no incipiente capitalismo mercantil de então era possível aquilo que hoje é impensável. As condições da acumulação, da formação de uma poupança inicial, de um pequeno negócio, dispensavam na época quaisquer intermediações mais formais de conhecimento. O sucesso no negócio da mascateação

34 Taufik Kurban, *Os Syrios e Libaneses...*, pp. 69-70.

dependia muito mais de um trabalho físico, pragmático, de percorrer a clientela, de uma percepção essencialmente adquirida de forma empírica.

Não obstante, a elaboração de todo o argumento por Kurban pretendendo diferenciar o analfabeto sírio ou libanês dos de outras nacionalidades mostra que o assunto incomodava, talvez porque as taxas de analfabetismo entre imigrantes eram de fato elevadas, cerca de 50%, no período entre 1908 e 1939³⁵. Poucos foram os expoentes que como Nami Jafet incorporaram o tema de forma serena. Em tom provocativo aos "nouveaux riches" da colônia, desejosos de apagar esta marca pouco enobrecedora, ele renderia gratidão aos primeiros imigrantes analfabetos: "eles aplainaram para os 'instruídos e elegantes' o caminho para continuarem a usar colarinho engomado"³⁶.

Expurgados ou nuançados em seus elementos negativos e enaltecidos os positivos, podemos assim afirmar que a identidade da colônia sírio-libanesa foi aos poucos sendo adaptada ao novo ambiente, reinventada simbolicamente ao redor da figura do mascate. O produto final, uma espécie de tradição "edulcorada", brotou não apenas como fruto da interação da colônia com o restante da sociedade, mas também como processo repleto de fraturas, impugnações, e disputas internas travadas entre líderes no próprio interior da colônia. Em parte, esta será a história a ser contada no próximo capítulo.

Mais tarde, quando esta primeira geração de líderes da colônia tiver de representá-la perante o restante da sociedade, será este passado de mascate instrumentado, esta valorização da ascensão sócio-econômica pelo trabalho, o principal cartão de visitas, a principal credencial a ser apresentada por aqueles maiores da colônia que reivindicarão um lugar ao sol entre as elites paulistas.

³⁵ 71,9% para espanhóis, 56,6% para portugueses, 40,4% para italianos, 27,2% para japoneses e 12,9% para alemães, no mesmo período.

³⁶ Nami Jafet, *Ensaios e Discursos* (São Paulo: São Paulo Editora, 1947), p. 50.

4. A COLÔNIA SE DIFERENCIA

Se aos olhos externos da sociedade paulista fazia sentido apreciar os sírios e libaneses como um conjunto uniforme, qualquer exame mais cuidadoso, interno ao grupo, seria capaz de revelá-lo estratificado, composto de frações em geral providas de recursos e habilidades desiguais, bem como de orientações divergentes. Uma complexa hierarquia de status e poder foi aos poucos se desenvolvendo no interior da colônia, não apenas como resultado de filiações religiosas, origens geográficas e acontecimentos políticos na terra de origem, mas sobretudo de performances econômicas diferenciadas entre as famílias na nova sociedade.

Neste último aspecto, é interessante observar que no geral o capital acumulado é função sobretudo da antigüidade da chegada ao Brasil. Assim, as grandes fortunas comerciais e industriais da colônia nas décadas de quarenta e cinquenta sairão justamente das famílias que mais anteriormente se puseram a trilhar a cadeia mascate-varejista-atacadista-industrial. Entre os libaneses, será o caso dos Jafet. Entre os sírios, o caso das famílias Abdalla, Salem, Camasmie e outras.

A diferenciação espacial entre os locais de moradia dos membros da colônia talvez constitua o primeiro indício mais claro de sua própria diferenciação. Na virada do século, praticamente todos habitavam nas imediações da rua 25 de março. Alguns anos mais tarde, referindo-se precisamente à situação das famílias mais prósperas, Knowlton escreveu:

"nesta altura, um certo número de famílias mais ricas alugaram, ou compraram prédios na rua Florêncio de Abreu e entraram no comércio atacadista de tecidos. A rua Florêncio de Abreu tomara-se então o centro do comércio atacadista de tecidos, virtualmente dominado pelos portugueses. Essas famílias sírias e libanesas tinham seus negócios no andar térreo e moravam no segundo e terceiro andares. Eram as famílias mais cotadas da colônia durante esse período e mais tarde foram as que se mudaram para a Avenida Paulista e para o Ipiranga."¹

Freqüentemente, à medida em que prosperaram, muitos trocaram o convívio de conterrâneos ou parentes por vizinhanças melhores e novos amigos de status mais consentâneo. Através da reconstituição elaborada por Benedito Toledo das edificações da Avenida Paulista entre os anos de 1917 e 1930, é possível se ter uma idéia precisa do avanço da elite da colônia na ocupação do então boulevard residencial mais chique da capital. Algumas fotos do álbum iconográfico também revelam a riqueza das mansões construídas pelos sírios e libaneses, o estilo da maior parte delas sem dúvida fazendo questão de proclamar a origem de seus proprietários.

"Enriquecidos, ainda que sempre muito ligados á 'patriciada', por uma solidariedade muito mais marcada do que em qualquer outra estirpe immigrada, logo que sentiram o peso de seus cabedades augmentar transferiram-se dos velhos pardieiros do bairro da rua 25 de Março para os palacetes da Avenida Paulista, considerada a via publica mais aristocrática de São Paulo. Ahi adquiriam as antigas moradas daquelles a quem a capillaridade economica havia obrigado a uma maior modestia social e pomposamente as reformavam com uma prolixidade de enfeites, que transformavam as sobrias residencias apalaçadas da antiga Avenida Paulista em 'bolos de casamento' com suas columnas em abundancia, seus arcos, seus arabescos, seus terraços, seus mirantes em forma de minaretes, etc."²

1 Clark Knowlton, *Sírios e Libaneses:...*, p. 117.

2 Alfredo Ellis Jr., *Populações Paulistas...*, p. 199.

Quadro I - Av. Paulista: sírios e libaneses proprietários de residências (1917-1930)*

1917 (6)	1920 (14)	1927 (22)	1930 (22)
Melhem Iazigi	M. Iazigi Taufik Camasmie	Elias Cutait Jamil Lotaif	Jamil Lotaif E. Cutait T. Camasmie
Fares Buchain Salim Racy	Jorge Rizkallah Mirehy Moherdoui Nassib Mattar José Bussab	J. Rizkallah M. Moherdoui N. Mattar Alexandre Salem Said Bussab Nahar Soubhia Assad Abdalla Kalil Dib	J. Rizkallah Jamil Jorge Jorge Mahfuz S. Bussab N. Soubhia Nahar Soubhia A. Abdalla K. Dib Nassib Mattar
Nassib Mattar	Salomão Daher Auad Issa	Nagib Salem S. Daher	S. Daher
Elias Calfat	E. Calfat	Abrahim Maluf E. Calfat Chukre Suriane Said Buchain Miguel Maluhi	A. Maluf E. Calfat Said Buchain
Salim Buchain	Miguel Calfat Salim Baracat Demetrio Calfat Chamma Abdalla	Afez Chohfi Julia Alasmar D. Calfat Rachid Coury Fares Buchain	A. Chohfi C. Suriane D. Calfat Abrão Dib João Sayeg F. Buchain

* Cada linha representa um imóvel (nomes na mesma linha foram proprietários do mesmo imóvel). Os números entre parênteses no cabeçalho somam o número de residências no ano. As linhas se sucedem (de cima para baixo) no sentido Norte (rua M. Gerais) - Sul (Pça Oswaldo Cruz) da avenida.

(fonte: Toledo, Benedito L. *Álbum Iconográfico da Avenida Paulista*. São Paulo: Ex Libris. 1987)

Os Jafet, que no início do século também haviam adquirido terrenos na avenida Paulista, acabaram optando por constituir feudo próprio, praticamente "fundando" o

bairro do Ipiranga com suas tecelagens e moradias. Em 1906, compraram 6 mil metros quadrados nas então baratíssimas terras deste bairro, entre as ruas Manifesto, Patriotas, Sorocabanos e Agostinho Gomes. Após sucessivas ampliações, somente a área edificada das fábricas passaria a mais de 16 mil metros quadrados e por volta de 1925, empregando mais de dois mil operários,

"usaram o expediente de construir o grande edifício de apartamentos da rua Manifesto com Patriotas, que o espírito irreverente do público apelidou de "Pombal". Pessoas credenciadas pelos Jafet percorriam as cidades do interior oferecendo empregos, salários mais altos que os da lavoura e aluguel mais barato. No caso de uma família inteira decidir-se pelas Indústrias Jafet o aluguel seria cobrado na razão inversa de pessoas empregadas, portanto, formava-se de início um vínculo direto entre empregador e assalariado, pois quanto maior fosse o número de pessoas, menor o preço do aluguel."³

Além das moradias para trabalhadores e de outras residências melhores que seriam sempre ocupadas por elementos vinculados às empresas, os Jafet construíram ainda quatro grandes mansões, uma para cada filho homem, numa tentativa própria de emprestar galhardia aos arredores, à maneira das mansões localizadas na Paulista.

"A Bom Pastor, nos dois quarteirões que ladeiam o Museu, será ocupada, ela sim, por uma recriação ostentatória da Avenida Paulista. Quiçá por atavismo, os sírios das poderosas tecelagens construíram palacetes encimados por falsos minaretes, onde se espera que a qualquer momento apareça um muezim de fancaria vociferando Alá aos quatro pontos cardeais. Outras mansões de estilo sempre alambicado, deixam claro o poderio e o país de onde vieram. Os quarteirões seguintes serão ocupados pelos subalternos dos primeiros, como chefes de escritório, mestres e operários especializados, chefes de produção, etc."⁴

Desse modo, os Jafet, ao contrário de representarem uma exceção, apenas deram um passo a mais no processo de diferenciação do grupo étnico. Tendo sido por muito tempo a família mais rica da colônia, constituíram um bairro próprio onde reinavam quase absolutos: de fato, o Ipiranga era reconhecido como território dos Jafet e de seus

3 Máximo Barro e Roney Bacelli, *Ipiranga*. História dos bairros de São Paulo, vol.14, (s/d), p. 111.

4 Máximo Barro e Roney Bacelli, *Ipiranga*, p. 65.

agregados, a ponto de um ônibus próprio se locomover diariamente entre o bairro e o Mackenzie, para transportar as crianças à escola.

Por outro lado, se o caso dos Jafet (onde os primeiros na família aqui chegaram como mascates) representou de certa forma o exemplo extremo de ascensão econômica na nova terra causando diferenciação no interior da colônia, também é verdade que em alguns casos a estratificação obedeceu a posicionamentos de classe da terra natal, anteriores portanto à experiência migratória. Tendo a imigração de origem síria e libanesa sido em parte provocada por uma situação de conflitos religiosos, esta em alguns casos compreendeu também a vinda de algumas famílias bem posicionadas econômica e culturalmente. Este ponto é interessante porque transplanta-se não apenas os mais humildes, os marginais, os excedentes, mas uma mini estrutura social à imagem e semelhança da sociedade de origem, incluindo-se aí muitas famílias que, se não vieram já com algum capital, pelo menos tinham experiência ou formação profissional definida. Mais adiante, teremos oportunidade de observar o número razoável de médicos sírios e libaneses recém-formados que imigraram. Basta também percorrer o livro já citado de Kurban, 'Ensaio e biografias', para se dar conta de que uma boa parte dos comerciantes e industriais bem sucedidos em São Paulo e no Rio de Janeiro provinham de famílias que já operavam no ramo de tecidos, armarinhos, comércio de sedas, etc. em seus países de origem, muitos deles apresentando mesmo um período prolongado de educação formal em colégios no Líbano.⁵

Estas condições específicas da imigração síria e libanesa provavelmente determinaram que alguns dentre seus membros já tenham partido de patamares ao mesmo tempo mais privilegiados e mais consoantes com as funções requeridas por uma sociedade em vias de se urbanizar. Esta circunstância peculiar, diferencial em relação a outras etnias,

5 Taufik Kurban, *Ensaio e Biografias...*

pode ter potencializado a ascensão de muitos de seus integrantes, aguçando a percepção de sucessos rápidos, de fortunas fáceis, num processo que também estimulou estranhezas por parte tanto das famílias tradicionais em relação aos 'nouveaux riches', quanto de elementos de outras etnias competidoras.

"Esses afortunados syrios, logo que se passaram para esse bairro alto da Paulicéa, trataram de se fazer acompanhar de um correspondente 'trem de vida'. Compraram automoveis caríssimos: Lincolns, Cadillacs e Packards, bem brunidas em suas carroseries de limousines de alto luxo; passeavam os proprietarios, bem enroupados em 'pose', pelos corsos que os ricos de S. Paulo (faziam ...). Esses syrios ricos entraram em massa para os clubes aristocráticos de S. Paulo, e as quadras de 'tennis' do Paulistano, ou os salões dessa velha associação de que outr'ora só faziam parte os membros das antiquissimas familias paulistas..."⁶

No início dos anos vinte, ao mesmo tempo em que os mais ricos da colônia mudavam-se para a Avenida Paulista, freqüentavam as quadras do Paulistano e passeavam de limousines, o final da Primeira Guerra Mundial voltava a aquecer o fluxo de patricios imigrantes que recomeçariam o percurso ocupacional típico da colônia, ora como mascates, ora como pequenos varejistas. Os pioneiros, muitos montados em verdadeiras fortunas, acenavam-lhes o caminho iniciado vinte, trinta anos antes, que os levou ao sucesso. O problema porém, para os recém chegados, era precisamente esta defasagem no tempo, manifestada em oportunidades decrescentes, em uma competição mais forte dentro da própria etnia e também fora dela⁷, na necessidade de se garimpar espaços ainda não ocupados para se estabelecer uma freguesia.

A grande maioria dos chegados nesta fase jamais sobrepujaria a condição de pequenos lojistas, pessoas para quem fazer a América e amealhar uma fortuna acabou não representando mais que um sonho. Para uns poucos, geralmente beneficiados por relações de parentesco ou conterraneidade com patricios já há mais tempo

⁶ Alfredo Ellis Jr., *Populações Paulistas...*, pp. 199-200.

⁷ em particular com os judeus. Vide adiante o capítulo 7.

estabelecidos, a prosperidade, cada vez mais fugidia, pode ainda ter sorrido. Mas muitos tiveram que tentar a sorte em lugares distantes, longe ou do centro, ou da capital, ou muitas vezes do próprio estado, construindo a popularidade dos "turcos" Brasil afora.

"Miguel Jorge estava de mãos na barriga quando desceu naquele porto de nome espichado, da boca do rio: Santa Maria de Belém do Grão Pará. Mas logo o escoraram: "Aqui já tem 'turco' demais"(...) Depois de mais de vinte dias, chegou noutra cidade, maiorzinha, Manaus. E outra vez vê que já havia patrícios de sobra, uns encostados noutros mais prósperos. Então deram-lhes algumas mercadorias, ensinaram os nomes e os preços e orientaram: "Vai por aí, rio acima. Sempre rio acima. Entra no primeiro paraná e daí para outro rio. Vai olhando para as margens. Vendo gente, se não estiver pelado, é freguês. Quando o sujeito não tiver dinheiro, faça trocas. Se for borracha, parta tudo em quatro, para não trazer pau dentro. Quando puder, volte para pagar o que levou."⁸

Além das defasagens no tempo da chegada, no nível de renda e da diferenciação espacial entre locais de moradia, tanto as associações de auxílio mútuo como as religiosas representariam outro sinal inequívoco de diferenciação interna da colônia. Os primeiros líderes da colônia não raramente conquistaram reconhecimento em suas comunidades através do estabelecimento e financiamento de instituições mutualistas ou religiosas. Ironicamente porém, à medida em que tais organizações se institucionalizavam, ao mesmo tempo noções de status e poder foram criando raízes entre os membros da comunidade. Suas figuras mais proeminentes passarão a competir na busca de prestígio interno à colônia através dessas associações, criando-as com fartura e de certa forma instrumentalizando-as.

Como os sírios e libaneses constituíram um grupo relativamente bem marcado por identidades na terra de origem de natureza tanto étnica, quanto religiosa, como regional, o critério e a justificativa utilizados para a criação dessas instituições normalmente incorporaram uma dessas dimensões. Do ponto de vista religioso por exemplo, além das

⁸ Emil Farhat, *Dinheiro na estrada...*, p. 54.

minorias muçulmanas e druzas, a preponderância de cristãos esfacelou-se entre maronitas, ortodoxos, melquitas e protestantes, todas ramificações competitivas entre si.

Às incongruências religiosas e étnicas, sobrepuseram-se as diferentes extrações regionais. Estes dois fatores de afirmação da identidade estarão presentes na maior parte das instituições fundadas pela colônia. Antonio Houaiss ponderou que "o espírito localista entre os árabes é muito grande, ele não só tem orgulho de ser sírio, como tem orgulho de ser da cidade tal; do mesmo modo o libanês, não só do Líbano mas especificamente da cidade."⁹ A opinião é amplamente compartilhada pelos mais diferentes segmentos: "A colônia árabe não é unida, não é unida porque é difícil você dizer "colônia árabe". Os povos falam a língua árabe, mas nela existem cisões profundas devido a problemas de religião. Então aqui inicialmente era colônia sírio-libanesa, depois, hoje ainda, tem as divisões de colônia síria, de colônia libanesa, mas no fim do individualismo dessas colônias, é que nós vamos ver que elas acabam se fechando por cidades."¹⁰ Ainda segundo o que Knowlton apurou, "os sírios e libaneses dedicam o máximo de sua devoção à sua aldeia ou cidade, e têm pouca consciência de unidades políticas maiores".¹¹

Jorge Yázigi, hoje octogenário, dono por mais de sessenta anos de uma importante livraria árabe em São Paulo, lamenta o sectarismo muito intenso que vigiu na colônia, diagnosticando um excessivo 'fanatismo', uma palavra considerada por muitos emblemática para o grupo. Um velho ditado árabe resume tal espírito: "eu contra meus irmãos; eu e meus irmãos contra meus primos; eu, meus irmãos e meus primos contra o mundo."¹²

9 citado por Cristiane Abdon Cury, "A participação social e política da colônia árabe em São Paulo", *Relatório de pesquisa (mimeo)*, 1984, p.16.

10 ibidem, p.36 em entrevista a Guilherme Afif Domingos.

11 Clark Knowlton, *Sírios e Libaneses...*, p. 171.

12 Ralph Patai, *The Arab Mind*, (s/d), p.45. Apud Cristiane Abdon Cury, "A participação social..."

Na verdade, grande parte das rivalidades foi estimulada a partir do momento em que a colônia se diferenciou, quando suas figuras proeminentes constituíram lideranças que passaram a competir entre si na busca de status e prestígio. A mudança em relação ao clima vigente entre os primeiros imigrantes vindos ao Brasil, numa época em que a colônia era menor, mais homogênea e provavelmente mais unida, foi sentida e lamentada por Duoun, que vinculou o fenômeno à vinda de intelectuais e sacerdotes, por ele chamados de emissários. Mesmo que longa, vale reproduzir aqui sua percepção do fenômeno.

"Os imigrantes, entregues à tarefa de negociar e fazer fortuna, (...) iam passando bem e viviam todos como irmãos, esquecendo-se completamente do passado obscuro em que não cintilava uma única estrela de felicidade ou esperança.

Aqui e acolá chegando, tanto intelectuais como espirituais procuravam de preferência os seus conterrâneos ou correligionários. Estes, habituados a apreciar e respeitar os dons intelectuais e espirituais, e sendo por índole hospitaleiros, recebiam aquêles emissários de braços abertos, hospedando-os e promovendo em sua honra banquetes e festas, às quais convidavam os naturais de outras regiões e credos no país de origem.

Os recém-chegados, convidados, abrilhantavam tais solenidades com discursos, nos quais faziam lembrar aos imigrantes o seu país de origem e os seus deveres perante êle, no sentido de torná-lo mais próspero e feliz.

Naturalmente os imigrantes se comoviam com tais discursos e começavam a pensar que a imagem da sua querida pátria deve permanecer viva na memória. E não podendo à ela voltar tão cedo, deviam rodear-se de tudo que a simbolizava. Isto era possível com a ajuda daquêles emissários bem-vindos.

Surgia, daí, a fome, que não podia ser satisfeita senão com o alimento espiritual, e a sede, apenas saciada com o néctar intelectual.

E foi desta forma que aquêles emissários conseguiram atrair os seus conterrâneos e correligionários. Afiguravam-se-lhes como portadores voluntários e abnegados de relíquias caras aos seus corações, que, na pressa que tiveram de embarcar, esqueceram no país de origem. Estas relíquias preciosas infelizmente não eram senão as dissensões, divergências e fanatismos, tanto regionais como partidárias e religiosas. Por êste meio eficaz, todos acordaram e acharam, num relance, que não eram iguais, e os antigos abismos voltaram a separá-los como a estrangeiros e inimigos.

Cada facção começou a pensar em confiar ao seu intelectual predileto a fundação de um jornal para orientá-lo em tudo, e os filhos de cada seita começaram a sonhar em assistir aos serviços religiosos conforme os rituais herdados, até chegar o dia feliz em que se construísse um templo próprio."¹³

Knowlton, escrevendo no início da década de cinqüenta, reconheceu muito superficialmente que "a colônia sírio-libanesa em geral está de tal forma dividida por

¹³ Taufik Duoun, *A emigração sírio-libanesa...*, pp. 120-1.

diferenças religiosas e econômicas, rivalidades de família e de região, e ciúmes pessoais, que não foi possível organizar uma sociedade que representasse a colônia toda".¹⁴ Entretanto, extraiu poucas consequências deste condicionante tão fundamental para a sociabilidade futura da colônia.

Esta condição específica dos contingentes de imigrantes de origem síria e libanesa desdobrou-se num importante condicionante de sua trajetória. Sendo a inserção étnica, religiosa e regional tão decisiva em sua terra natal, a vinda ao Brasil não poderia significar de uma hora para outra a anulação de tantas tensões pregressas. De certa forma, a competição entre lideranças predispostas a mobilizar referências tão marcantes e decisivas em termos de identidade acabaram condicionando a sociabilidade da colônia, forjando um padrão onde esta se voltou muito para si mesma, autocentrada em seus inúmeros credos, associações de benemerência, escolas, clubes, entidades filantrópicas e jornais que, ao competirem, se reproduziram com fartura um após o outro.

Trata-se de uma colônia que sem dúvida investiu pesadamente em instituições humanitárias, de benemerência, associações recreativas e obras espirituais. A julgar pelo seu número, é provável que grande parte da sociabilidade interna à etnia ocorresse nos quadros de tais instituições: Sociedade Maronita de Beneficência (1897), Sociedade Mocidade Homcie (1908), Sociedade Beneficente 'A Mão Branca'(1912), Sociedade Beneficente das Damas (1918), Sociedade Beneficente Beirutense (1920), associação Beneficente de Moças (1921), Sociedade Beneficente Antioquiana (1927), Sociedade Beneficente Muçulmana (1929), etc. Estas tendiam a se multiplicar à medida em que cada comunidade espiritual fundava a sua. Desta forma, segmentos da colônia de base maronita, ortodoxa, protestante, católica, muçulmana e melquita envolveram-se cada um em empreendimentos deste tipo. Junto com as associações vinham as obras

14 Clark Knowlton, *Sírios e Libaneses...*, p. 179.

institucionais na área educacional (Colégio Sírio Brasileiro (1917), Ginásio Oriental(1912), Colégio Moderno Sírio(1919) e Liceu São Miguel(1922), etc.), os clubes recreativos (Sport Club Syrio(1917), Clube Homs(1920), Zahle Club(1922), Clube Atlético Monte Líbano(1934), Rachaya Clube(1936), etc.) e outras instituições como o Asilo à Velhice (1935), o Sanatório Sírio (1944), etc.

Assim, aos poucos, à medida em que a colônia no Brasil se complexificou, estas instituições foram se multiplicando como cogumelos, competindo entre si, mais ou menos abrangentes na proporção do poder - na maior parte das vezes econômico - de arregimentação de seus líderes. Ao longo do tempo, a tendência geral das entidades foi buscar um nicho de associados definido cada vez mais pela classe e cada vez menos pela origem comum de certa cidade ou região. Mesmo assim, vários clubes de base geográfica persistem até hoje, muito embora, é claro que sem guardar critérios rígidos de filiação.

Não raro, disputas entre entidades provocaram cismas internos à colônia, em que diferenças na terra de origem foram retomadas, muitas vezes fomentadas por clérigos ou intelectuais recém chegados. Sem dúvida, o mais significativo deles, que se desdobrou por vários anos e envolveu toda a colônia, resultou na afirmação das diferenças entre os sírios e os libaneses. Historicamente, as bases objetivas desta diferenciação foram:

.características geográficas que contrapõem um relevo montanhoso e acidentado do Líbano às planícies e desertos da Síria.

.o fato de que sob o império otomano o assim chamado Monte Líbano era governado sob um sistema feudal único, desenvolvido ao longo de séculos, onde vários senhores feudais obedeciam ao "Lord of the Mountain".

.uma população maioritariamente cristã (sobretudo maronita) no Líbano em contraposição a uma população maioritariamente muçulmana na Síria. Enquanto que para os muçulmanos a revivescência do glorioso período da civilização árabe-islâmica (séculos X a XIII) e a própria unidade do Islã dependiam do rechaço das influências ocidentais iniciadas com as Cruzadas, para os cristãos o declínio da cultura árabe devia-se ao atraso do Islã e dos sucessivos governos turcos. Ao longo do século XIX, a política imperialista dos governos europeus apoiando diferentes seitas cristãs (França: católicos maronitas e melquitas, Rússia: ortodoxos orientais, Inglaterra anglicana: druzos e às vezes cristãos) apenas exacerbou a divisão entre muçulmanos e cristãos, os primeiros sentindo-se humilhados em relação aos últimos, sempre favorecidos.

.a influência de missões protestantes americanas (depois seguidas por francesas e outras) que fundaram colégios e universidades no Líbano cristão, conferindo aos libaneses letrados um sentimento de superioridade e de maior status em relação aos sírios.

Por sobre tais circunstâncias, as dissensões entre sírios e libaneses foram aqui no Brasil recriadas, sobretudo a partir do fim da Primeira Guerra Mundial, quando movimentos nacionalistas de emancipação ganharam fôlego. Nesta situação típica onde a etnicidade do grupo imigrante é mobilizada por acontecimentos políticos na terra de origem¹⁵, sírios e sobretudo libaneses trataram de reivindicar seus pontos de vista, marcando mais enfaticamente suas diferenças. Foi precisamente este catalisador externo uma das forças mais importantes na geração de vínculos mais estreitos que enfatizassem uma origem étnica comum, que emprestassem um caráter nacional à cada grupo, noções inexistentes ou pouco desenvolvidas anteriormente aos anos vinte nas mentes dos imigrantes, atentas somente a suas aldeias ou no máximo regiões de origem e a suas famílias inseridas numa determinada classe social.

15 Os judeus constituem em todo o mundo o exemplo clássico.

Os libaneses em geral, aproveitando-se da influência ocidental mais marcante em sua região, tendem a se julgar mais cultos, finos e educados do que os sírios. "O libanês cristão, em verdade, devia à catequização das igrejas européias o fato de ter freqüentado a escola antes do cidadão sírio ou do muçulmano do Líbano. No entanto, eles sempre colocavam esta diferença na origem e depreciavam aquele que não era 'civilizado' como eles."¹⁶

No Brasil é notável que a maior parte dos livros escritos por intelectuais de origem libanesa de repente comecem a exaltar a civilização fenícia (a criação do alfabeto, o instinto comercial e até a epopéia de navegadores descobridores da América antes de Colombo), numa tentativa de colocá-la em evidência, desbancando a civilização árabe-islâmica. Uma vez que para os muçulmanos o que há de relevante na história da região começa com o surgimento do profeta Maomé, os cristãos, e em particular os maronitas, num movimento iniciado entre as duas guerras no Líbano, passaram a louvar suas origens fenícias ainda anteriores a Maomé, negando assim sua filiação árabe. Entre os mais fanáticos, "o termo árabe foi identificado como muçulmano em virtude do surgimento do Islam como unidade de religião e de Império."¹⁷

Verdadeira ou não, o relevante é que o apelo à origem fenícia lhes é bastante conveniente em termos da construção e da manipulação da própria identidade da colônia: ela os distingue dos muçulmanos, lhes coloca no sangue as habilidades do comércio e o gosto pela aventura (os fenícios foram hábeis navegadores, estabelecendo rotas comerciais por todo o Mediterrâneo) e de quebra lhes dá sociedade numa das invenções mais importantes da civilização: o alfabeto.

16 Claude F. Hajjar, *Imigração Árabe...*, p. 38.

17 Manuel Diegues Jr., "Dois grupos étnico-culturais...".

Antum Saadê, um intelectual bastante polêmico que depois tornou-se deputado no Líbano e que no Brasil viveu durante alguns anos observou com escárnio e ironia o quanto era estúpido pensar que as fronteiras do Líbano atual, traçadas num escritório por um inglês e um francês, pudessem coincidir, retroativamente, com as de um país fenício tendo existido há cerca de 3000 anos.

Os sírios sempre reclamaram da arrogância e da presunção de superioridade dos libaneses, quando, na verdade para eles a Grande Síria sempre fora um único território que incluía o Monte Líbano em suas fronteiras. Para revidar à vaidade libanesa, lembraram-se que o Líbano, por ser montanhoso, ao longo de sua história sempre acolhera fugitivos e ladrões.

Os libaneses por sua vez sempre trataram de marcar mais enfaticamente suas distinções em relação aos sírios: julgam-se mais educados e cultos, políglotas, mais próximos às influências ocidentais e inferem daí que portanto são mais civilizados.¹⁸ Isto se estende até o presente. É curioso que à pergunta "o senhor crê que existe alguma diferença significativa entre a colônia síria e a libanesa em São Paulo?", os descendentes de sírios respondam que não, enquanto a maior parte dos descendentes de libaneses respondam que sim. Estes autodenominam-se mais industriais do que os sírios, um eufemismo sutil que os sugere mais empreendedores, mais vinculados às atividades industriais e financeiras enquanto associa os sírios mais ao comércio e portanto mais ao passado de mascates¹⁹. Além disso, uma atividade financeira

18 vide por exemplo Ghanem: "O Líbano tem, como vimos, 80% de alfabetizados. A Síria, 20%. No Líbano, onde predominam os cristãos, a civilização que lá teve o seu berço no tempo dos Fenícios, continua encontrando um campo propício à sua expansão. Na Síria, a maioria muçulmana é esmagadora (90%). Ninguém ignora que os muçulmanos são conservadores ao extremo." (Sadalla Amin Ghanem, *Impressões de viagem...*, p.103).

19 Algumas famílias libanesas evocaram suas origens aristocráticas, procurando se distanciar da associação com os mascates ignorantes. Entre as que vieram da capital, Beirute, este movimento parece tomar uma relevância ainda maior. A família Jafet por exemplo, de origem na cidade libanesa de Schueir, sempre teve sua saga contada a partir da vinda de Nami Jafet, filho

relativamente volumosa fez o Líbano ser conhecido como a "Suiça do Mediterrâneo", engalanando-lhes ainda mais suas raízes. Tais diferenças foram fixadas pelo dito popular de que o imigrante desta origem quando chega ao Brasil é turco, quando abre uma loja é sírio e quando fica rico vira libanês.²⁰

Os diversos atributos nominativos que gravitam ao redor de qualquer grupo étnico derivam sua relevância da capacidade de exprimirem um conjunto de distinções e afinidades em torno do qual são mobilizadas estratégias de instituição social do que foi, é ou será verdadeiro a respeito da etnia.

Daí a riqueza do sistema classificatório que sempre os acompanhou: ser de origem síria ou libanesa a partir de certo momento passou portanto a induzir avaliações socialmente distintas. Tais questões provocaram desentendimentos em relação a nomes de clubes e do próprio Hospital Sírio-Libanês. Houve quem se preocupasse em forjar termos designativos mais neutros, como Wadih Safady, que em seu livro adotou o termo *ben-arabs* (filhos de árabes) independentemente da região de origem ou religião.²¹ É claro que tanto este como outros termos com o mesmo intuito nunca "colaram".

primogênito e homem letrado, professor. Mas seus outros irmãos vieram antes. O que faziam? Esta parte anterior da história da família normalmente é omitida.

12 uma versão mais completa inclui: "...e quando vira intelectual é árabe"; o que não deixa de ter também seu significado. A designação "árabe" é bastante artificial, embora tanto cristãos quanto muçulmanos no geral orgulhem-se de suas raízes culturais árabes de um passado longínquo. É sensato duvidar que um número significativo de imigrantes tenha alguma vez discutido questões a respeito de quem é árabe e o que isso representa. Tais questões tornaram-se relevantes apenas em círculos intelectualizados, preocupados com o movimento de unificação árabe internacional. No contexto pós II Guerra, o termo árabe ganhou mais robustez em virtude da polarização com os judeus, tendo a criação do Estado de Israel em 1946 e posteriormente a humilhação da derrota na Guerra dos Seis Dias em 1967 contribuído para tal. Entretanto esta identificação no Brasil nem de longe chega a ter o mesmo significado que nos Estados Unidos. Lá a identidade árabe significa muito mais, provavelmente em razão da ostensiva política externa pró-Israel cumprida pelo governo americano.

21 Wadih Safady, *Cenas e cenários...*

O próprio hospital por exemplo, foi objeto de discórdia. Conta-nos Hajjar que "com o início da Segunda Grande Guerra criaram-se sérios problemas quanto à sua denominação, pois de início seu nome era Hospital Sírio; com o tempo surgiram as diferenças políticas separatistas entre sírios e libaneses que acabaram por se refletir na harmonia do trabalho da sociedade."²² À esta época, discutia-se o fim do regime de protetorado francês e por consequência, o modo como os territórios da região se organizariam como Estados independentes. Os sírios desejavam um único país que abrigasse o Líbano em suas fronteiras enquanto os libaneses sempre desejaram um estado independente.²³ Mais tarde, os ricos da colônia síria preferiram financiar o Hospital do Tórax, atual Hospital do Coração. O mesmo ocorreu com o Esporte Clube Sírio, fundado em 1917, que abrigava parte da coletividade síria e libanesa de São Paulo. Os libaneses tentaram judicialmente introduzir o nome libanês. Não tendo conseguido, fundaram em 1934 o Clube Atlético Monte Líbano.

Outro episódio em que a colônia se desentendeu foi em relação ao Centro Brasileiro de Cultura Árabe, fundado em 1944 com o objetivo de manter uma cadeira e um professor de árabe (Taufik Kurban) junto à Faculdade de Filosofia na USP. Um ano antes, Jamil Safady, por intermédio do Grêmio desta faculdade havia ministrado um curso de árabe que no início contou com um grande número de interessados. Entretanto, a iniciativa "não demorou muito para desmoronar, por ser exageradamente artificial.(...) A artificialidade consistia no exagero dos membros do 'Centro' em exhibir seus feitos heróicos. Constituído, na maioria, de comerciantes, tudo era calculado materialmente, e nada o era culturalmente. A luta desencadeou-se abertamente entre os mantenedores da cadeira, José Yázigi e Filipe Lutfalah: quem iria pagar o professor e até quando iria

²² Claude F. Hajjar, *Imigração Árabe...*, p. 135.

²³ é interessante notar que o próprio Saadê, fundador do Partido Nacionalista Sírio (pró-unificação) era de origem libanesa.

continuar esse pagamento...".²⁴ O professor Kurban demitiu-se, o que significou a interrupção por um longo tempo dos estudos árabes na USP.

Na imensa maioria destes episódios, o que estava em jogo era o prestígio, a hegemonia sobre a colônia ou por frações dela disputada por lideranças ou por articulações entre elas. Na medida em que as associações representavam as únicas instituições capazes de mobilizar segmentos razoavelmente amplos da comunidade étnica, elas não raro ficaram sujeitas às energias empreendedoras de líderes ambiciosos em busca de reconhecimento e status na comunidade.

Em parte por causa disso, e sobretudo à medida em que nos anos trinta os números da imigração foram diminuindo, parcelas ponderáveis dessas associações mais dedicadas a assistir o imigrante recém-chegado não tiveram maiores dificuldades em se reconverter em entidades com fins sociais e culturais, em clubes e grêmios que transcenderam os objetivos iniciais estritamente voltados à ajuda econômica, nuançando suas feições mutualistas e emprestando-lhes um definitivo caráter exclusivista, marcadamente de classe média ou alta. Na medida em que comerciantes ou profissionais liberais razoavelmente bem sucedidos foram cada vez mais tomando conta, uma gama diferente de atividades sociais e culturais foram sendo propostas, uma ênfase maior a competições esportivas, bailes de debutantes e saraus literários passaram a predominar.

Muitas associações também se transformaram em clubes recreativos por outros motivos, entre os quais talvez predomine a necessidade de incorporar ao convívio social as gerações mais jovens, já nascidas aqui no Brasil. Muitos clubes exploraram por exemplo a ligação entre o esporte e a identidade étnica a fim de tentar transmitir esta à segunda

²⁴ Wadih Safady, *Cenas e cenários...*, pp. 205-6.

geração, num esforço de se demonstrar que a origem étnica, elemento fundador da instituição, não era incompatível com a condição de brasileiros.

Para os muito ricos da colônia entretanto, a exclusividade no convívio social era apenas um prolongamento de outras exclusividades mais fundamentais. Se de modo geral as alianças matrimoniais na colônia em geral tenderam no início a ocorrer internamente a esta, entre as famílias melhor sucedidas economicamente este processo foi ainda mais marcante. Neste caso somou-se à predisposição endogâmica a preocupação com a manutenção do patrimônio acumulado. O resultado para a primeira geração de filhos de imigrantes nascida no Brasil foi um padrão de casamento muito marcado pelas alianças no interior da própria família ampliada.

Além disso, é provável que os casamentos no interior de algumas famílias significassem uma garantia contra alianças conjugais de consequências imprevisíveis, fora do controle do clã, tecidas sob uma lógica de manutenção da pureza do sangue, de constituição de uma nobiliarquia transmigrada, que pudesse manter os mais jovens protegidos dos perigos de uma sociedade em formação, prenhe de exóticos e nativos suspeitos, antes que algum aventureiro deles lançasse mão.

Os casos dos Jafet e dos Calfat são a este respeito exemplares. Na família Jafet, dos seis imigrantes (cinco homens e uma mulher) vindos do Líbano entre 1887 e 1893, apenas dois casaram-se no Brasil. Outros três vieram casados de lá e Basílio Jafet, o segundo deles a chegar ao Brasil em 1888, voltou para o Líbano em 1901 para se casar. Tomados em seu conjunto, estes seis irmãos tiveram trinta e sete filhos. Destes, seis permaneceram solteiros. Destes trinta e um primos em primeiro grau restantes, dez deles casaram-se entre si. Outros quatro casaram-se também com primos, mas não de primeiro grau.

É ainda bastante significativo que praticamente a totalidade daqueles que escaparam a esta regra tenham se casado com elementos de famílias da colônia proprietárias de negócios (comerciais ou industriais) do mesmo ramo que os Jafet, na maior parte dos casos complementares a este.

No caso da família Calfat, a proporção de casamentos entre primos em primeiro grau é ainda maior. Dos vinte e quatro filhos que tiveram os quatro irmãos imigrantes (seis cada um), é absolutamente notável que doze deles casaram-se entre si.

FAMÍLIA CALFAT

O->	O->	O->	O->
<hr/>	<hr/>	<hr/>	<hr/>
O-+(P1)	O->(P1)	O-+(P6)	O->(P6)
O-+(Pf)	O-+(P2)	O-+(Pf)	O->(P2)
O-+(C)	O-+(P3)	O->(P4)	O->(P3)
O-+	O->(P5)	O-+(C)	O-+(C)
O-+(P4)	O->(S)	O->(C)	O->
O-+(Pf)	O->(Pf)	O-+(P5)	O->

P1,P2,P3,P4,P5,P6: primos em primeiro grau casados entre si.

Pf: parentes (não primos em primeiro grau) casados entre si.

C: casamento na colônia.

S: solteiros.

FAMÍLIA JAFET

O->	O->	O->	O->	O->	O-+
O-+(P3)	O->(C)	O-+(T)	O->(C)	O-+(S)	O->(P5)
O-+(P1)	O->(P4)	O->(P3)	O->(P1)		O->
	O-+(T)	O->(P2)	O->(Pf,T)		O->(S)
	O-+(S)	O-+(T)	O->(T)		O-+(T)
		O-+(T)	O->(E)		O-+(T)
		O-+(P5)	O-+(P2)		O-+(C)
		O-+(P4)	O-+(Pf)		O-+(T)
		O->(C)	O-+(S)		
		O->(C)	O-+(S)		
		O->(E)	O-+		
		O-+(T)			
		O->(E)			
		O-+(S)			

P1,P2,P3,P4 e P5: primos em primeiro grau casados entre si.

Pf: parentes (não primos em primeiro grau) casados entre si.

T: casamento com famílias de comerciantes ou industriais da colônia do ramo de tecidos.

C: casamento na colônia.

E: casamento no exterior (país)

S: solteiros.

Neste contexto é bastante compreensível a franca preferência por filhos homens na colônia, sobretudo entre as famílias mais prósperas. Um dos entrevistados relatou que "o maior desgosto que um patrício pode ter é não conseguir um filho homem". Sendo assim, a maior pressão para um casamento no interior da própria família recaiu sobre as mulheres. Um sagaz provérbio da colônia diz tudo: "quando a filha casa fora, meia fortuna já foi embora".

Tal circunstância favoreceu sistematicamente os herdeiros masculinos por ocasião das partilhas de bens. Embora a lei brasileira preveja uma distribuição equânime destes entre todos os herdeiros independentemente do gênero, os filhos homens eram previamente cotejados como sócios das companhias fundadas pelos patriarcas da família, enquanto as filhas eram excluídas. Assim, este mecanismo simples acarretava um espólio a ser dividido constituído por apenas uma fração do patrimônio original. É claro que o fato dos filhos homens trabalharem junto com o pai salpicava uma pitada de legitimidade a tais situações um tanto delicadas.

Para a geração seguinte, a dos netos dos pioneiros bem sucedidos, os clubes chiques da colônia constituíram o espaço por excelência de conformação das alianças conjugais, embora o casamento no interior da própria família ampliada também não fosse coisa incomum. Hoje casar com patrícios não é obrigatório, mas "quando casa na colônia a gente faz gosto", disse-me uma entrevistada.

A seqüência "voltar para casar / casar entre primos / casar no clube" associada às sucessivas gerações indica que para os ricos a mistura com nativos ou com outras etnias de imigrantes se processou mais lentamente do que para o restante da colônia. Para esta última, o casamento fora da colônia aconteceu antes, muito provavelmente porque aí estiveram menos presentes as preocupações e pressões de uma vida social

mais intensa. No dizer simplório de um entrevistado: "pobre não tem muito este negócio de convivência social com a colônia".

Por outro lado, esta sociabilidade endógena não significou um isolamento no seio da sociedade paulista. Fosse assim e os sírios e libaneses não teriam sido tão bem sucedidos em atividades comerciais. De modo geral, é possível mesmo se afirmar que os preconceitos de que foram vítimas são até certo ponto compreensíveis e pouco os atrapalharam. Manifestações de preconceito tendem a desenvolver-se como consequência do contato intermitente ou contínuo de pessoas ou grupos de pessoas pertencentes a etnias diferentes, sempre que condições de desigualdade econômica e social contrastam marcas raciais com discrepâncias notórias quanto às ocupações, às riquezas, ao nível de vida e à educação. Em São Paulo em particular, o estado que recebeu mais imigrantes no Brasil, é provável que a formação de estereótipos tenha operado por intermédio de avaliações etnocêntricas, desencadeadas, graduadas e conduzidas como efeitos do processo de ajuste inter-étnico. Por causa disso, o preconceito étnico é passível de ser tratado como um processo social: a etnia apenas fornece os atributos a serem selecionados e imputados socialmente aos sujeitos em determinadas condições. As causas e os modos como se elaboram os preconceitos estão portanto na sociedade, não na etnia.²⁵

Se o preconceito em relação a sírios e libaneses abrangeu de fato todo um conjunto de imputações estereotipadas, variáveis ao longo de suas trajetórias, fica difícil por outro lado imaginar que ele assumiu uma consistência capaz de interpor barreiras ao sucesso econômico dos membros da colônia. Conforme já argumentamos, a acumulação primeira deu-se praticamente de forma autônoma, independente de outras classes e

²⁵ consultar Otto Klineberg, *Psicologia Social* (Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959) e, para o caso de preconceitos contra negros em São Paulo, Roger Bastide e Florestan Fernandes, *Branços e negros em São Paulo* (São Paulo: Cia. Editora Nacional / EDUSP, 1971).

fundamentalmente dependente apenas do trabalho. O trabalho de mascateação oferecia assim uma enorme vantagem em relação a outros tipos de inserção ocupacional mais diretamente submetidas às camadas proprietárias, como o colonato ou a proletarização na cidade. À medida em que o comércio se fortaleceu, estabeleceu-se uma corrente de imigrantes vindos por laços de parentesco ou de origem comum que a cada leva refazia o ciclo, abrindo seu próprio espaço numa cidade que à época se urbanizava velozmente. Desta forma, mesmo que inicialmente às custas de muito trabalho e pouco usufruto, as vias da ascensão econômica sempre permaneceram razoavelmente desobstruídas para muitos.

O sucesso econômico obviamente facilitava o engajamento dos mais graúdos na alta sociedade. A plena aceitação viria nas gerações seguintes, já escolarizadas em colégios onde o crivo era mais a classe e menos a filiação étnica. Independentemente do fato de até hoje serem preservados espaços significativos de sociabilidade próprios à colônia, o aspecto dinâmico das transformações em direção a uma maior integração na ordem social fez com que no geral o preconceito também evoluísse, diluindo-se em seu aspecto quase folclórico, alimentando temas para piadas. Significativamente, a maior parte delas recuperará os atributos relacionados ao pendor para o comércio e para o sectarismo das brigas religiosas e étnicas. Ambos os traços se vinculam ao próprio fenômeno social²⁶ da formação do preconceito, na medida em que a seleção e objetivação cultural dos atributos e sua imputação aos sírios e libaneses se processaram em estreita vinculação com suas condições e experiências de vida.

²⁶ Também regulada socialmente, a exteriorização do preconceito também variou obedecendo a flutuações da conduta dos diversos grupos da sociedade em relação aos sírios e libaneses. Tais variações se explicam pela complexidade e pluralidade das situações de contato capazes de desenvolver códigos éticos formais e informais que sinalizaram limites de comportamento.

Mesmo assim, não há dúvida que a plena aceitação social mostrou-se mais complicada em relação ao sucesso econômico preliminar. Certamente contribuiu para tal o fato de que a sociabilidade teve que se desenvolver em primeiro lugar de modo muito acentuado no próprio interior da colônia, emprestando-lhe um caráter acentuadamente endógeno. Graças à importância, à densidade absorvente da rede de relações entre patricios em diferentes domínios do social, do econômico, e mais tarde do político, esta instância - a colônia - logrou praticamente manter e até mesmo recriar sua importância, mesmo à medida em que seus membros se destacavam em campos específicos.

Tal situação convencionou que o posicionamento nas escalas de reconhecimento social fossem fornecidas e avaliadas em primeiro lugar pelo próprio grupo, e somente então pelo restante da sociedade. Para se legitimar, e também como o caminho mais natural, o prestígio social teve de ser galgado internamente, através das funções e atividades valorizadas pela própria colônia, numa estratégia, num jogo competitivo continuamente alimentado pela compreensão comum de que a eleição de seus maiores vultos, em geral os melhor sucedidos economicamente, abria as portas do reconhecimento do valor da colônia ou, nos termos dos de fora, do reconhecimento da 'raça' pelo restante da sociedade.

Assim ocorreu em 1928, quando seus maiores expoentes inauguraram no Parque D. Pedro um monumento oferecido pela colônia, em comemoração ao primeiro centenário da independência. Presentes representantes de altas autoridades civis e militares, federais, estaduais e municipais, o próprio presidente da República fez-se representar por Basílio Jafet. Outro Jafet (Nagib), em nome da comissão promotora da construção do monumento, enalteceu as origens fenícias do povo sírio e o acolhimento fraternal do Brasil e de seus habitantes.²⁷

27 Taufik Duoun, *A emigração sírio-libanesa...*, p. 150.

O evento assim montado era uma espécie de confirmação de que a colônia se diferenciara e de que seus membros melhor sucedidos haviam sido aceitos na terra de adoção e deveriam servir de representantes, de porta-vozes de toda a comunidade. Mais tarde, após ter capitalizado um sem número de empreendimentos sociais e humanitários, a colônia homenagearia Jafet proclamando-o Chefe Supremo.²⁸

Veja ou outros eventos deste tipo ocorriam, numa espécie de demonstração da compatibilidade da cultura da colônia com os ideais nacionais, num processo simbolicamente rico que de certa forma renegocia a especificidade do grupo, a forma como este é apresentado aos "outros". Neste processo, ao mesmo tempo em que discursos, símbolos e rituais são revisados de modo a melhor se conformarem ao novo ambiente, busca-se ao mesmo tempo proteger os valores centrais da etnocultura. Tal tensão, sempre presente, já havia sido admiravelmente exposta antes por Nami Jafet, que procurou explicá-la da seguinte maneira a seus compatriotas:

"É verdade que devemos conservar nossos bons costumes orientais no que diz respeito à família, às convicções da consciência, à reserva e decência pública, e conservar o nosso amor pátrio para podermos ajudar a Síria que geme debaixo do jugo turco. Mas, é verdade também que devemos entender-nos bem com os nacionais e nos aproximarmos deles nos modos do seu viver. Devemos associar-nos a eles nos acontecimentos nacionais, sejam eles de dor ou de alegria. É nossa sagrada obrigação apoiá-los no cumprimento dos seus deveres nacionais, os deveres da boa administração interna e do esforço geral para o engrandecimento do país."²⁹

Cabe ainda ressaltar que o processo de adensamento e diferenciação da colônia não apenas estratificou seus membros melhor ou pior sucedidos economicamente. Seus próprios líderes mantiveram relações diferenciadas, mais ou menos estreitas com o restante desta, dependendo do grau em que necessitavam se manter próximos a fim de sustentar seu status mais elevado. Como já observamos, alguns negócios dependiam mais de uma relação mais próxima da colônia que outros. Por causa disso, ao crescer a

28 Taufik Kurban, *Ensaio e biografias...*, p. 9.

29 Nami Jafet, *Ensaio e discursos...*, p. 46.

distância social entre indivíduos na colônia, aqueles que se moviam para posições mais privilegiadas via de regra não simplesmente abandonavam seus conterrâneos, mas alimentavam e usufruíam dos vínculos mantidos com seus compatriotas. Em geral, foram estes os maiores exortadores de um trabalho duro e do valor da identidade étnica, o primeiro elemento interpretado como a causa básica de seus sucessos e o segundo como condição necessária para que se firmassem como líderes na colônia.

Até o ano de sua morte em 1923, foi sem dúvida Nami Jafet quem encarnou com maior propriedade este papel. Homem culto e ambicioso³⁰, foi o último dentre seus irmãos a imigrar para o Brasil, abandonando seu cargo de diretor de colégio no Líbano. Segundo um depoimento seu posterior, afirma ter fugido da ignorância imposta pelos turcos: "o ambiente moral da cidade em que ensinava era um pântano de ignorância, um charco de flacidez e submissão."³¹ Aqui chegando em 1893, reuniu seus outros três irmãos antes dispersos e fundou a organização "Nami Jafet & Irmãos", comercializadora de armarinhos comprados por atacado no Rio de Janeiro e gérmen do futuro poderoso grupo Jafet. Sob sua batuta, a firma dos Jafet experimentaria expressivo sucesso: em 1897, ela passaria a importar tecidos finos da Europa, em 1902, se instalaria em prédio próprio à rua Florêncio de Abreu e em 1907, começaria o funcionamento da fábrica construída no Ipiranga.

Contudo, Nami Jafet firmou-se como líder da colônia não apenas em decorrência do sucesso de suas atividades econômicas. Sua posição proeminente deriva também de sua insistência em sobrepassar diferenças religiosas e regionais muito presentes no interior da colônia, articulando um discurso que, sem deixar de apresentar uma

30 Apreciava repetir a resposta dada a um amigo, que lhe perguntara, ainda no Líbano, o que iria fazer na América. "Vou para ser o Rotschild dos sírios!" (Nami Jafet, *Ensaios e discursos...*, p. 36).

31 Nami Jafet, *Ensaios e discursos...*, p.34.

especificidade étnica ao procurar interpretar a experiência e as necessidades dos imigrantes sírios e libaneses no Brasil, ao mesmo tempo pudesse ser digerido por toda a colônia, independentemente do divisionismo nela reinante.

Defendendo a generalização do ensino leigo, costumava afirmar que "enquanto existir religião e partidatismo religioso, a Síria não irá para frente e nem se erguerá."³² "O verdadeiro saber" - pregava êle - "elimina as barreiras entre as seitas; e, uma vez eliminadas, o povo saberá que o lugar das religiões será restrito às mesquitas e igrejas. A filosofia e a 'religião' atuais são incompatíveis. Mas, entre a ciência e a verdadeira religião não há conflito algum. Derrubai essas religiões, porque elas impedem vossa união. Tomai a essência e rejeitai as cascas."³³ A ousadia e a insistência de Nami em celebrar a identidade étnica da colônia como um todo, por sobre o seu facciosismo, procurando abrandar regionalismos e conflitos religiosos presentes no seio da comunidade, obviamente ampliava ao máximo sua condição de líder, jamais igualada por nenhum outro na colônia.

Líderes religiosos e políticos tinham em geral necessidade de cultivar laços mais estreitos com a comunidade do que alguns empresários que haviam decolado e descolado desta. Assim é que clérigos, professores, escritores e poetas de origem sírio-libanesa, auto-rotulados "intelectuais da colônia", também apresentaram suas versões a respeito da saga imigrantista. A maior parte de seus livros abriga basicamente dois tipos de conteúdo. Em primeiro lugar, promove-se um enaltecimento das origens, onde são proclamadas as virtudes de uma civilização repleta de feitos, numa espécie de auto-

32 Nami Jafet, *Ensaio e discursos...*, p.57.

33 Nami Jafet, *Ensaio e discursos...*, p.33.

celebração da raça.³⁴ Diversamente das memórias³⁵, cravadas sobre a experiência vivida por seus autores, já aqui o discurso torna-se mais idealizado.

Kurban confirma tal preocupação, ao frisar por exemplo, em seguida a uma série de lembranças a respeito da influência árabe em diversas culturas, que:

"O fim das referências acima é unicamente fazer constar que o Libanez e o Syrio que aqui aportaram são rebentos de uma civilização milenar; de uma civilização prodigiosa na sua contribuição ao Patrimônio do Saber Universal".³⁶

Em seguida, tais livros via de regra incorporam um conjunto de pequenas biografias de elementos que se destacaram no interior da colônia. Neste outro tipo de celebração, não mais agora da raça, mas da colônia personificada nas figuras de seus maiores vultos, em geral o critério de inserção é o poder econômico, salpicado aqui e ali por referências a autoridades religiosas. O desfile é basicamente de industriais, grandes comerciantes ou profissionais liberais notáveis; por vezes famílias inteiras são saudadas articulando-se uma história laudatória em torno das origens da família, de quando se deu a imigração e de como se fizeram no Brasil.

34 vide por exemplo o trabalho de Jorge S. Safady (*A imigração árabe no Brasil*, FFLCH-USP (tese de doutorado), 1972), na verdade um catálogo desconexo de informações sem nenhum fio analítico compiladas por seu irmão Jamil, falecido prematuramente. Este tencionava estudar sistematicamente a situação dos sírios, libaneses e seus descendentes nas várias regiões do Brasil. Consultar a esse respeito a palestra de Florestan Fernandes transcrita pela revista *Etapas* pronunciada na cerimônia de instalação do Centro Brasileiro de Estudos Árabes em março de 1967.

35 O livro de memórias mais importante escrito entre os sírios e libaneses que imigraram ao Brasil é o de Wadih Safady, *Cenas e cenários dos caminhos de minha vida*. Infelizmente foi publicado apenas o primeiro tomo. Médico formado pela Universidade Americana de Beirute, Safady veio juntar-se a seu irmão já aqui residente, em 1922. Através de suas memórias, fica patente que a face mais valorizada da experiência imigratória, do ponto de vista de quem a viveu, sempre terá de ser interpretada como uma história onde sofrimentos e esperanças se mesclaram com resultados muitas vezes surpreendentes, dependentes do acaso, recheada de dramas pessoais, rupturas e reencontros com a família ou, mais raramente, com a fortuna. Por causa disso, as autobiografias tenderam a ser construídas como repositórios de histórias comoventes envolvendo angústias, incertezas, golpes da sorte ou do azar - em geral escritas num tom moderadamente ufanista alimentado pela convicção de quem, olhando para trás, avaliou ter superado as dificuldades da vida.

36 Taufik Kurban, *Os syrios e libaneses...*, p. 55.

O outro livro de Kurban, "Ensaio e biografias", talvez constitua o exemplo mais nítido deste tipo de produção. Kurban abre seu livro rendendo uma extensa homenagem ao patriarca da família Jafet, Chedid Nami Jafet e sua esposa, que, diga-se de passagem, nem imigrantes foram. Devemos a eles, afirma, "a elevação dos ideais e firmeza do carácter dos seus filhos"³⁷, estes sim imigrantes. A partir daí, acumulam-se pequenas biografias de membros desta e de outras famílias, estendidas com informações até sobre elementos das mais tenras gerações.

Em seu outro livro, "Os sírios e libaneses no Brasil", o texto raramente se refere às inúmeras fotografias intercaladas de industriais e comerciantes importantes, denunciando que a própria edição deste teve que provavelmente depender da incorporação das fotos. É evidente tratar-se de uma fase de transição para estes autores, premidos entre a garantia de um mínimo de expressão intelectual e a adoção das fórmulas posteriormente mais comumente encontradas nos consagrados "Who's who".

Taufik Duoun sem dúvida foi mais explícito na edição de seu "A emigração sírio-libanesa às terras de promessa". Conseguiu convencer os líderes da colônia de que uma obra sobre o tema seria útil, pondo-se a vender cotas de 10, 20 e 50 exemplares antecipadamente, tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro. Afirma no prefácio que, apesar disso, fez questão de garantir "liberdade ampla de tudo dizer e registrar, sem o menor constrangimento".³⁸ Em retribuição, criou a inabitual figura dos co-autores materiais, identificados ao final do livro (vide o anexo II).

37 Taufik Kurban, *Ensaio e biografias...*, p. 7.

38 Taufik Duoun, *A emigração sírio-libanesa...*, p. 8.

O conjunto de tais circunstâncias denota a debilidade, a posição incômoda de tais intelectuais que, embora fossem considerados letrados em seus países de origem, não conseguiram se reproduzir como tais na nova pátria. Em outros termos, provavelmente foram aqueles intelectuais que não conseguiram transladar a valorização de seus capitais culturais para a nova sociedade. Por causa disso, chamo-os de "intelectuais da colônia" no sentido estrito do termo, isto é, não detinham nenhuma expressão rendosa fora dela e acabaram dependendo de favores, empregos e financiamentos dos compatriotas bem sucedidos economicamente.

O curioso é que em geral os ricos da colônia nada tinham de intelectuais. Em geral eram homens rudes enriquecidos entre as asperezas de muita labuta. Em função disso, mantinham relações ambíguas com os intelectuais, apreciando poder se dar ao luxo de ter praticamente a seu serviço um homem letrado (que muitas vezes o defendia em brigas na colônia), mas ao mesmo tempo desprezando-o por causa desta dependência. Daí a tensão na relação entre os ricos e os intelectuais, as chacotas e pejas ora de ignorante, ora de fracassado, disparadas de um lado ao outro.³⁹

Exercendo uma atividade de nenhum reconhecimento externo à colônia e dependendo da boa vontade de incentivadores de seu trabalho, os intelectuais tenderam a se ocupar ora como jornalistas de frágeis periódicos, ora com funções ligadas à educação em colégios fundados para o atendimento da primeira geração de filhos de imigrantes. Entretanto, em ambos os casos, a maior parte dos jornais e colégios teve duração efêmera, ou pelo menos tenderam com o tempo a perder importância na mesma medida em que insistiram em servir como instituições guardiãs de uma cultura longínqua definida etnicamente, não se universalizando.

39 O próprio Professor Kurban, formado com grande distinção pela Universidade Americana de Beirute e homem de uma cultura vastíssima, foi em inúmeras ocasiões pivô de muitas brigas na colônia.

Talvez por causa disso, a fama injusta de pouco intelectualizados permaneceu para a colônia como um todo. Tendo se afirmado como comerciantes e industriais os elementos de maior prestígio na colônia, e sendo a riqueza a medida deste prestígio, "o interesse pela literatura, poesia e pelas artes, tão característico de tantos grupos árabes no Oriente Médio, não faz parte da cultura da colônia sírio-libanesa de São Paulo", afirmou Knowlton já na década de cinquenta.⁴⁰

Os próprios 'intelectuais' da colônia lamentaram o pouco interesse de seus conterrâneos por atividades culturais. Foram desprezados e debochados porque não enriqueceram e provavelmente marginalizados à medida que os anos se passavam e o campo das necessidades de afirmação cultural, como os empreendimentos escolares, se estreitava. Duoun notou que muitos desses elementos educados, alguns munidos mesmo de diplomas, fracassaram completamente. "A razão primordial do fracasso resultava na condição de dependência em que viviam, representando o papel de parasitas. Baseados nestes exemplos de flagrante realidade, os antigos imigrantes chegaram à conclusão de que era melhor ser ignorante. Porque, apesar da ignorância, conseguiam enriquecer-se, enquanto os letrados, não podendo ganhar independentemente sequer o pão, não venciam".⁴¹ Daí muito provavelmente o desdém com que passaram a ser encarados.

Os exemplos de tais experiências de desclassificação social podem ter significado o afastamento da primeira geração aqui nascida de profissões menos orientadas e valorizadas pelo mercado. Seus integrantes preferiram investir em diplomas que os habilitassem aos negócios ou às profissões liberais de médico ou advogado bastante

40 Clark Knowlton, *Sírios e Libaneses!...*, p. 180.

41 Taufik Duoun, *A emigração sírio-libanesa...*, p. 118.

prestigiadas no Brasil. Houve pouco interesse por cursos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, segundo o que Knowlton apurou.⁴²

Contrasta com a debilidade específica da condição de intelectuais os horizontes abertos às carreiras de profissões liberais, sobretudo no caso de médicos e advogados.⁴³ Além da legitimidade externa de tais profissões, a própria colônia neste caso constituiu uma espécie de mercado cativo para tais profissionais, conforme oportunamente trataremos no próximo capítulo.

Como jornalistas de periódicos da colônia, eles também não poderiam ter ido muito longe. As revistas e jornais vinculados à colônia sofreram uma evolução interessante. No início eram totalmente publicados em árabe e muitos deles foram fundados com o propósito de promover a causa da independência política da Síria e do Líbano. Eram quase que periódicos militantes que procuravam acompanhar e se posicionar em relação ao processo político na terra de origem.

Eles também foram alimentados pela literatura do Mahjar (da emigração), o Brasil surpreendentemente tendo abrigado um contingente expressivo de poetas árabes, segundo nos afirma Zeghidour. Para cá convergiram intelectuais filiados a diferentes correntes de idéias que viram na imigração o único escape à dominação turca, a única saída para "homens e mulheres animados por um projeto de libertação nacional e renascimento cultural".⁴⁴ Foram intelectuais formados pela Universidade Americana de Beirute que fundaram os primeiros jornais árabes do Rio de Janeiro (1896) e de São

42 Clark Knowlton, *Sírios e Libaneses:...*, pp. 161-2.

43 É significativo que aqueles que conseguiram alguma expressão intelectual fora da colônia tenham anteriormente se formado em profissões liberais. O caso mais notável é o de Jamil Almansur Haddad, talvez o maior poeta que a colônia forneceu a São Paulo, autor de uma extensa obra, formado pela Faculdade de Medicina em 1938.

44 Slimane Zeghidour, *A Poesia árabe moderna e o Brasil* (São Paulo: Brasiliense, 1982), p. 9.

Paulo (1898). Em 1900 na capital paulista aparece um grupo literário denominado RUWAQ AL MA'ARI, fundado por Naum Labaki (que mais tarde voltará ao Líbano para exercer as funções de parlamentar até sua morte) e dirigido sucessivamente por Said Abu Jamra e Fadlo Haidar, médicos importantes na colônia.

"O movimento da imprensa iria estender-se a todo o território brasileiro, constituindo um dos períodos mais férteis e mais ricos de toda a história da imprensa árabe.(...) Ao todo, surgirão, de 1890 a 1940, cerca de 394 jornais, revistas e periódicos árabes no Brasil.(...) A imprensa árabe no Brasil era, à exceção de certos boletins "paroquiais", laica e fortemente comprometida com a libertação dos países de origem", informa-nos entusiasmado Zeghidour.⁴⁵

O maior grupo literário da colônia era a Liga Andaluza de Letras Árabes que surgiu influenciado pelo movimento modernista em São Paulo e reunia mais de trinta poetas e escritores. Com sua sede localizada no segundo andar do Edifício Martinelli, a Liga editou até 1953 uma revista de mesmo nome que era distribuída por toda a América, além de manter um certo número de assinantes no mundo árabe.

Em 1918, os periódicos então existentes acompanharam cheios de esperança a expulsão dos turcos, apostando na consolidação de um Reino árabe. Muitos imigrantes pretendiam então retornar ao Líbano e a Síria. Entretanto, traídos pela França e Inglaterra que em tratado secreto repartiram o domínio da região instaurando regimes de protetorado, a decepção foi enorme, com os periódicos mobilizados em denunciar a "perfídia ocidental".

⁴⁵ Slimane Zeghidour, *A Poesia árabe moderna...*, p. 56.

Com o tempo, as revistas foram se transformando. Aos poucos, passaram a incorporar uma maior variedade de temas, sobretudo a respeito da colônia aqui no Brasil, dando notícia de coletividades sírias e libanesas de outras cidades, ao mesmo tempo em que se tornaram bilingues.

A própria poesia árabe da imigração foi arrefecendo, corroída pela velhice de suas principais figuras, por uma certa desilusão, pela nova geração dos filhos enraizados na nova pátria, e também pela atitude de desconfiança dos governos árabes em relação a esta cultura impura, ocidentalizada, subversiva. "Vários destes poetas fizeram, em determinados momentos, urgentes pedidos para que se concedessem subvenções a fim de que escolas ensinando o árabe pudessem continuar: em vão. Outros solicitaram que fosse criada uma biblioteca especializada que reuniria as obras produzidas no Brasil: também em vão.(...) Por isso é que mesmo a poesia árabe moderna continua relativamente pouco conhecida nos países árabes, fora dos círculos dos estudantes e dos intelectuais, enquanto a poesia antiga faz parte do cotidiano," concluiu Zeghidour.⁴⁶

Na década de cinquenta, a maior parte dos periódicos tinha se despolitizado completamente, cobrindo apenas a título de curiosidade os acontecimentos políticos do mundo árabe. Transformaram-se em uma espécie de coluna social ampliada. Passaram a monopolizar as revistas os registros de casamento, os banquetes, as homenagens, as comemorações, as inaugurações e as tournées pela Europa e Oriente, ao lado de contos, poesias e generalidades relativas à cultura árabe. Em época de eleições, elas pediam o voto aos candidatos da colônia. Tudo temperado com pouco texto e muitas fotos: as senhoras de cabelo armado exibindo o seu último modelo e os homens em terno, com duas tiras de bigodes em escovinha cuidadosamente aparados.

46 Slimane Zeghidour, *A Poesia árabe moderna...*, p. 89.

Mais uma vez, a evolução geral sofrida pelas revistas confirma as transformações da prática intelectual. De um conjunto inicialmente mais sintonizado com pretensões culturais ou mesmo de um certo ativismo relacionado ao acompanhamento dos processos políticos na terra de origem, elas se converteram em periódicos dedicados sobretudo à cobertura da vida social e das iniciativas dos ricos e poderosos da colônia, onde vicejaram profissionais da bajulação, habitués semi-oficiais de quaisquer recepções, figuras fáceis de festas e enterros, que exercitaram suas penas em colunas sociais e necrológicos.

Além de aniversários, casamentos e velórios, muitos destes jornalistas viveram da cobertura das atividades filantrópicas da colônia. Estas sempre estiveram muito presentes ao longo da história da colônia em São Paulo, mantendo hospitais, asilos, orfanatos, escolas e até sanatórios; constituindo portanto uma rede eficiente de auto-proteção da colônia.

Paralelamente, as atividades filantrópicas também representaram um sinal de prestígio e riqueza bastante concorrido. Ao que tudo indica, o padrão de construção e afirmação da respeitabilidade das famílias necessariamente teve que incluir financiamentos a obras de benemerência. O hospital, os orfanatos, os asilos, as ligas de senhoras promotoras de campanhas e mesmo os clubes, todos eles foram alvos da "abnegação" e da "generosidade" dos mais ricos.

Parece que ao se sentir em condições de disputar o mercado da honorabilidade, a família logo providenciava uma doação que imediatamente se converteria em uma placa na parede da instituição beneficiada. O padrão não é peculiar à colônia; bastando além do Hospital Sírio e Libanês, observar-se o antigo Hospital Matarazzo ou ainda o Hospital Albert Einstein. Os motes eram variados mas a maior parte das doações aproveitava a

ocasião de saudar parentes recém-falecidos, a família acertando com a instituição beneficiada o batismo com seus nomes do pavilhão, do prédio, da sala ou até do equipamento doado. Assim exaltavam-se os vivos celebrando-se os mortos, nesta peculiar fórmula de exercício altruísta. Esta espécie de auto-celebração sempre reclamava uma cerimônia, no mínimo um descerramento da placa, que normalmente era notícia nos periódicos da colônia.

Deste modo, além de suprir objetivamente às necessidades de auxílio e proteção da colônia, a filantropia mais tarde representou uma espécie de passo obrigatório na conquista de uma posição de destaque. Do ponto de vista sociológico, ela se constituiu numa das entradas mais privilegiadas para a apreensão da dinâmica competitiva entre diferentes lideranças, denotando a complexa rede de interesses em disputa vigente entre as elites da colônia. Ao longo do tempo, a filantropia se constituiu numa empresa indiretamente rendosa capaz de alavancar contatos e relações, sobretudo lançando o indivíduo benemérito a uma posição de maior visibilidade que lhe permitirá manipular demandas e favores bastante variados. Em parte por essa razão, muitas trajetórias de projeção na colônia, iniciadas pela filantropia, irão ao longo do tempo amadurecer na política. Antes porém da política, ocupemo-nos de outra via muito importante de mobilidade sócio-econômica trilhada pelos filhos de imigrantes.

5. DOUTORES

Paralelamente à expansão de seus interesses em atividades comerciais e industriais, a penetração de imigrantes e descendentes de sírios e libaneses nas chamadas profissões liberais (advocacia, medicina e engenharia), constituiu a outra alternativa de ascensão sócio-econômica trilhada com bastante êxito por significativas parcelas da colônia. O levantamento dos descendentes de origem estrangeira nas três faculdades em São Paulo formadoras da elite das profissões liberais (Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina e Escola Politécnica) entre 1880 e 1950¹, levantamentos parciais e outras indicações coletadas junto ao Mackenzie e à Escola de Comércio Álvares Penteado não deixam dúvidas quanto ao notável avanço da etnia na conquista de posições neste mercado.

Talvez a formação escolar de seus filhos tenha se constituído na mais importante via de ascensão social para uma parcela melhor posicionada de famílias de imigrantes que se implantaram na cidade de São Paulo. É certo porém que as etnias utilizaram-se deste recurso de maneira extremamente diferenciada. Assim é que embora italianos, portugueses e espanhóis tenham representado os contingentes migratórios mais volumosos, os dados coligidos indicam que os italianos e seus descendentes

1 o levantamento referido procura avaliar a presença de estrangeiros e filhos de estrangeiros formados por estas três escolas em São Paulo. Ele integra a base de dados geral da pesquisa "História social da imigração", levada a cabo pelo IDESP. Sua extrema relevância deriva do fato de que estas escolas constituíram o núcleo básico da formação da elite dos profissionais liberais em São Paulo. Através dele, tornou-se possível uma aproximação objetiva das redes de profissionais liberais de prestígio no interior de cada etnia.

destacaram-se em muito em relação aos ibéricos na conquista de posições no interior das escolas de elite até aqui analisadas. Da mesma forma, outras etnias com contingentes numericamente menos representativos como os sírios, libaneses e judeus investiram com vigor na educação de seus filhos. Analisar as especificidades das inserções das etnias em cada uma destas escolas de elite é importante sobretudo porque elas revelam a rede de relacionamentos muitas vezes definidores de carreiras futuras, seja relacionamentos internos ao próprio grupo, seja com colegas de famílias bem posicionadas externas à etnia, seja com professores ou ainda com profissionais já bem estabelecidos no ramo.

Embora não provenientes de um contingente muito numeroso em termos absolutos, os sírios e libaneses aparecem com destaque no confronto com outras etnias. Ainda que de uma forma aproximativa, é possível estabelecer este confronto levando-se em conta o contingente como um todo de sírios e libaneses e sua fração relativa de formados em escolas de elite para efeito de comparação com outro grupo étnico. O grupo que de longe melhor se presta a este tipo de comparação são os judeus, por pelo menos dois motivos. Em primeiro lugar, porque trata-se também de um grupo de inserção majoritariamente urbana, com características semelhantes aos sírios e libaneses. Se comparássemos com italianos, por exemplo, a fração rural (ou mesmo do operariado urbano) significativa, com poucas possibilidades de entrada nas escolas de elite, fatalmente jogaria o percentual de formados para baixo. Em segundo lugar, os judeus são reconhecidamente muito bem sucedidos nas profissões liberais de modo que seria muito interessante obtermos uma posição relativa dos sírios e libaneses frente a este grupo.

Não obstante, uma comparação com os judeus não é simples, sobretudo em função dos dados censitários disponíveis. Fixemo-nos no período 1930-50, pois as entradas (de

imigrantes ou filhos de imigrantes) anteriores a 1930 nestas três escolas são muito raras. Tomando como base 1940, ano central do período, o censo registrou a população de 20379 israelitas (das mais diversas procedências) habitando o estado, enquanto que a população de sírios e libaneses e descendentes pode ser apenas *estimada* em cerca de 67000 pessoas². Em termos da população no estado de São Paulo como um todo, temos portanto nesta data uma razão de 3,3 sírio-libaneses (ou descendentes) para cada judeu. Entretanto, conforme já observamos anteriormente, uma assimetria muito significativa distingue estes dois contingentes: enquanto que a população de origem sírio-libanesa é razoavelmente bem distribuída entre uma série de municípios em todo o estado, a população judia encontra-se altamente concentrada na capital. Como é de se supor que a variável "formados em escolas de elite" seja dependente da localização geográfica dos contingentes³, seria necessário restringir o escopo da comparação apenas ao município da capital ou pelo menos aos municípios de maior população de origem sírio-libanesa ou judia. Calculamos então as novas razões para estes dois novos universos comparativos. Os resultados são: 1,3 sírio-libanês para cada judeu se o escopo da comparação se restringir à capital e 1,6 sírio-libanês para cada judeu se o universo comparativo se restringir aos municípios que abrigam uma população de origem sírio-libanesa ou judia significativa⁴.

² Como a população de israelitas entra no censo como classificação religiosa, ela inclui não apenas os imigrantes, mas também seus descendentes. Assim sendo, para fins comparativos, foi necessário estimar o contingente de sírios e libaneses e *descendentes* na mesma data. Agradeço à Prof. Dra. Bárbara Brandão de Almeida Prado pela estimativa, realizada com base nas informações do censo de 1940 (número de estrangeiros e de filhos de estrangeiros na categoria sírios, libaneses, palestinos, iraquianos e sauditas) e nas características demográficas da população de origem sírio-libanesa referidas por Knowlton em seu trabalho.

³ ou seja, a probabilidade de uma família de imigrantes que habite a capital de colocar seus filhos nas três escolas mencionadas é certamente maior que esta mesma probabilidade para famílias que residam em cidades interioranas.

⁴ Definimos (arbitrariamente) um município com população de origem sírio-libanesa ou judia *significativa* se ele abrigar um contingente maior que 1% do total da população sírio-libanesa ou judia (respectivamente) do estado. Para o caso dos judeus, em 1940, apenas mais dois municípios (Santos e Santo André), além da capital, compõem este universo; enquanto que no caso do censo de 1934, há seis municípios com população de origem sírio-libanesa ou judia maior que 1% do total do estado (tomando-se como base de dados o censo de 1934 e projetando-se esta base para 1940).

Ora, a razão entre a incidência apurada de formados destas duas etnias no período 1930-50 situa-se em torno de 1,2 sírio-libaneses para cada judeu⁵. Podemos assim avaliar melhor o posicionamento numérico relativo dos formados de origem sírio-libanesa frente aos formados de origem judia, nas três escolas e no período mencionados. Em termos absolutos, existem mais descendentes de sírios e libaneses (163) do que de judeus (140). Em termos relativos (isto é, levando-se em conta o tamanho de cada um dos contingentes étnicos) entretanto, a incidência de sírio-libaneses é bastante próxima a dos judeus se o universo comparativo for a capital⁶, 25% inferior se o universo comparativo se constituir das cidades com população significativa para ambas as etnias⁷ e bastante inferior (cerca de 64%) se compararmos os contingentes totais para o estado como um todo.

Vários autores, sobretudo os do interior da etnia, ressaltaram a compreensão que os sírios e libaneses sempre tiveram da importância de uma educação formal de seus filhos em escolas de melhor nível. Apontou-se freqüentemente a influência ocidental de instituições de ensino fundadas por missões estrangeiras, sobretudo no Líbano, como responsáveis pela difusão da educação profissional como um valor a ser perseguido.

Não há dúvida de que tudo isso é verdade, mas um outro fator essencial é avaliar que condições tornaram o ingresso de filhos de sírios e libaneses nas faculdades bastante volumoso em comparação a outras etnias. É neste ponto, creio eu, que intervém a rápida ascensão econômica propiciada pela cadeia mascate - pequeno comércio-comércio por atacado - indústria, explorada anteriormente.

⁵ agradeço às pessoas pertencentes à colônia judia que me auxiliaram na identificação dos membros da colônia constantes das listagens de formados nas três escolas no período.

⁶ supondo-se que para os dois contingentes, todos os formados se originaram da capital.

⁷ supondo-se que para os dois contingentes, todos os formados se originaram das cidades com população significativa.

Os Quadros A, B e C, reunidos no Anexo III, entre outras informações apresentam os dados referentes à profissão do pai dos formados nas três escolas de elite em São Paulo até 1950. Eles cobrem mais de noventa por cento do total de formados nestas escolas, saídos de famílias da colônia. É notável o grau de incidência de futuros doutores cujos pais começaram como mascates⁸. A pujança em termos de alavancagem sócio-econômica ao longo de um número relativamente pequeno de anos que este mecanismo engendrou, rapidamente credenciou parcelas expressivas do contingente sírio e libanês a sonharem com seus filhos portando diplomas, a imaginá-los como "doutores".

Sad Neme foi apenas um exemplo entre outros tantos aqui chegados que compartilharam de tais aspirações. Vindo do Líbano e tendo se juntado a seus irmãos já aqui residentes, começou como mascate pelo interior de São Paulo e com o tempo estabeleceu um armazém de secos e molhados. No início em Pederneiras, depois em Piratininga e por fim em São Paulo, já um próspero comerciante. De seus nove filhos que vingaram, Sad teve quatro homens. Dois continuaram no comércio, dando continuidade ao negócio do pai. Os outros dois formaram-se médicos: Feres em 1935 e Bussamara em 1940. Quando o primeiro deles se formou em Medicina, Sad fazia questão de que o chamassem de Abu Feres (pai do Feres) e em 1940, quando seu outro filho tornou-se doutor, era para ele uma enorme honra ser chamado de Abu El-Dakatar (pai dos médicos).

Assim, graças às condições relativamente favoráveis da inserção comercial dos sírios e libaneses, aos poucos, sobretudo a partir de 1930, começou a se configurar como um cenário possível a entrada de seus filhos no mercado (diga-se de passagem, então em

⁸ é ainda muito provável que muitos dentre aqueles que declararam como comerciante a ocupação inicial do pai, tenham omitido o início como mascates.

plena formação) das profissões liberais. Seria inadequado afirmar que esta opção apresentou-se de modo irrestrito à colônia como um todo - é claro que houve dentro dela estratos que melhor se valeram da oportunidade - mas o que importa afinal de contas é frisar as condições excepcionais que a colônia reuniu relativamente, isto é, no confronto com outras etnias.

Vislumbrada uma possibilidade alternativa para o futuro da nova geração, é claro que imediatamente estabeleceram-se tensões envolvendo a decisão a respeito do encaminhamento dos filhos. Neste ponto, não se pode nunca perder de vista as circunstâncias habituais de aproveitamento da mão de obra familiar, já apontadas anteriormente, que sempre envolveram o negócio dos imigrantes.

Alexandre Kalil Yazbek nasceu em São Paulo em 1894, e integrou a primeira turma de formandos da Faculdade de Medicina em 1919. Seu pai chegou muito cedo ao Brasil, antes ainda da abolição da escravatura e com o tempo, tornou-se proprietário de uma pequena fábrica de calçados na rua 25 de março, onde também residia. Ao longo de seu curso de Medicina seu pai, enfrentando dificuldades financeiras, requisitou-o para dedicar-se ao comércio. Arnaldo Vieira de Carvalho em pessoa foi à loja de seu pai convencê-lo a deixar o filho prosseguir no curso. Yazbek tornou-se um dos maiores médicos da colônia síria e libanesa em São Paulo.

Não há uma regra observável segundo a qual o filho primogênito devesse necessariamente dar continuidade ao negócio original da família. Antonio Chahin por exemplo, depois de ter migrado ao México e ter voltado a Homs - sua cidade natal na Síria - para se casar, estabeleceu-se definitivamente no Brasil. Aqui criou seus sete filhos às custas de uma loja de armarinhos, três dos quais eram homens. O primogênito deles, Constantino, já pelos idos de 1939, resolveu prestar o vestibular de Engenharia

na Escola Politécnica. Foi bem sucedido, mas a família se reuniu e decidiu que ele deveria trabalhar com o pai, ponderando que os cinco anos gastos na faculdade daria para a formação de um bom patrimônio para si próprio. Constantino obedeceu. Seis meses depois de tomada esta decisão, seu pai reavaliou e mudou de idéia, ordenando que seu filho prestasse um novo vestibular. Formou-se em 1945.

Outro caso interessante é o de Chaim Simão Mathias, um imigrante que chegando ao Brasil em 1888, começou como mascate percorrendo Goiás e Mato Grosso. No começo do século, Mathias já havia se tornado um grande atacadista de tecidos em São Paulo. O segundo andar de sua loja à Rua Florêncio de Abreu era uma espécie de hotel que recebia compradores de todo o país. Com a crise de 1929, Mathias perdeu tudo. Entretanto, todos os seus quatro filhos homens estudaram. Cesário formou-se médico em 1929, sobre Alfredo falaremos mais tarde e Jorge cursou a Escola de Comércio Álvares Penteado tentando restabelecer os negócios do pai.

Curiosa porém, foi a trajetória de Simão, o caçula. Ele havia entrado em 1929 na Escola Politécnica. Disse-me que desde menino sempre gostou de matemática. Seu primeiro ano porém na Poli coincidiu com a ruína de seu pai como comerciante. Depois de ter cursado seis meses, Simão teve que abandonar a Poli para trabalhar numa perfumaria de um português, ajudando assim a recompor o orçamento de sua família. À noite, entrou num curso de dentista, habilitando-se à profissão dois anos depois. Trabalhou como dentista, "para ganhar algum dinheiro", de 1932 a 1938. Antes disso porém, em 1934, no ano da criação da USP, Simão prestou novo vestibular. Queria matemática, "mas naquela época os pais é que escolhiam a profissão". Sua mãe ponderou-lhe que matemática não levava a nada e que química era a profissão do futuro. Formou-se em 1937 e hoje, octogenário, do alto de uma carreira bastante respeitável construída ao

longo dos seus cinquenta e sete anos de Universidade de São Paulo, Simão Mathias orgulha-se de deter o diploma número 1 de doutor da universidade.

Na verdade, é provável que a decisão a respeito de continuar o negócio do pai ou estudar para uma carreira liberal, envolvesse alguma avaliação a respeito das perspectivas para o futuro da atividade original. Muitos imigrantes que haviam passado pela mascateação e que conseguiram se estabelecer como lojistas, não queriam para seus filhos os sofrimentos de uma atividade que no início lhes fora muito dura. Ver o filho como doutor soou-lhes como uma compensação a suas próprias vidas sacrificadas. Por outro lado, negócios muito prósperos, já bem patrimoniados, tinham que necessariamente contar com no mínimo um herdeiro masculino que não podia se dar ao luxo de estudar.⁹ Ele deveria isto sim é estar presente, aprender com o pai no dia a dia enquanto este estivesse ainda ativo, a fim de assimilar as maneiras apropriadas de condução da firma. O drama era minorado, ou muitas vezes nem se estabelecia, em função do elevado número de filhos que os imigrantes costumavam ter.

Taufik Demetrio Camasmie, outro que veio de Homs, começou como mascate pelo interior do estado. Foi um dos pioneiros, tendo chegado ao Brasil por volta de 1894. Depois de algum tempo, conseguiu estabelecer uma loja de armarinhos no Brás. Seu negócio cresceu rápido, logo ele tornou-se um próspero comerciante e construiu um enorme sobrado na rua 25 de março para sua loja de tecidos e residência. Seu filho nos revela que ele foi um dos poucos da colônia a passar ileso pela crise de 1929, consolidando sua fortuna. "Houve um calote geral, muitos comerciantes faliram, mas como meu pai só trabalhava à vista, nada sentiu". Taufik tornou-se um dos ricos da

⁹ ou pelo menos, deveriam fazer cursos que os instrumentassem diretamente para tocar os negócios do pai. Neste ponto, assume uma enorme importância a Escola Técnica de Comércio Álvares Penteado, situada no Largo São Francisco, ao lado da Faculdade de Direito, formadora de sucessivas levas de filhos da colônia em cursos de comércio profissionalizantes.

colônia e teve nove filhos, cinco dos quais homens. Os dois mais velhos fizeram cursos rápidos de contabilidade, para trabalharem no negócio do pai. Com os outros três, Taufik diversificou seus investimentos: Paulo formou-se em 1934 pela Escola Politécnica, Brasília em 1935 pela Faculdade de Direito e Pedro em 1938 pela Faculdade de Medicina.

O caso de Camasmie ilustra uma estratégia bem sucedida de composição de uma verdadeira carteira de investimentos familiares capaz de minimizar riscos e de evitar o congestionamento na ocasião da sucessão do negócio. A prosperidade de sua atividade comercial exigia continuadores que levassem adiante seu empreendimento, mas não ao ponto de comprometer o futuro de todos os seus filhos.

Há muitos outros casos notáveis cuja reprodução aqui é sempre tentadora. Limito-me ao relato de apenas mais um, o de Jorge Salim Aidar. Ele casou-se com Maria da Purificação Bravo Aidar, uma espanhola e teve seis filhos homens. Jorge começou como mascate e depois de alguns anos estabeleceu-se como comerciante em Olímpia. Mais tarde, já próspero, tornou-se fazendeiro, envolvendo-se com o comércio de café. Um de seus filhos faz questão de frisar no entanto que a família era essencialmente comerciante de armarinhos e que mesmo depois de proprietários de fazendas, não abandonaram este tipo de comércio. Sua esposa, determinada em formar seus filhos doutores, fez com que todos estudassem, mesmo tendo a família que sofrer privações. Outros parentes, cientes de tais circunstâncias, mostraram ao casal a insensatez da situação: alguns filhos podiam estudar enquanto outros trabalhariam, ajudando a composição do orçamento doméstico. Mas os argumentos esbarravam em Dona Pura. Manteve-se inflexível: seus filhos Salim e Orlando formaram-se na Faculdade de Medicina em 1933 e 1938; Sylvestre, Anis e Newton na Faculdade de Direito na década de quarenta; e Tuffy na Escola Politécnica em 1944.

É absolutamente notável o fato de que logo na primeira geração, a entrada na elite das profissões liberais tenha sido tão farta, sobretudo se se tem em conta que no geral a colônia escassamente se beneficiou de alianças conjugais com famílias mais tradicionais ou melhor posicionadas economicamente. De fato, é interessante contrastar o insignificante número de imigrantes propriamente ditos (apenas 14) com os 167 filhos de imigrantes sírios e libaneses formados nas três faculdades até 1950. Tal circunstância mostra que muito rapidamente, ao cabo de apenas uma geração (o pico da imigração sírio-libanesa ocorreu antes da Primeira Guerra Mundial), o salto foi grande, substantivamente maior que em outras etnias.

Quadro I - Sírios e libaneses formados na Faculdade de Direito(FD), Faculdade de Medicina(FM) e Escola Politécnica(PO) até 1950.

<i>nome</i>	<i>diploma</i>	<i>ano de formatura</i>
Alberto Chapchap	FM	1939
Assad Bechara	FD	1920
Bechir G.	FD	1949
Camilo Ansarah	FD	1931
Elias Richa Romano	FD	1945
Faris Nicolau Ansarah	FD	1917
Fuad El Assal	EP	1942
Jamil Miguel Namy	FD	-
João Augusto Mattar	FD	1920
João Sebe Hajar	FD	1948
Jorge Khouri	FD	1949
José Marum Atalla	EP	1942
José Rezkalla	FD	-
Nicolau Salim Assaly	FM	1943

Os dados também nos mostram que o padrão de absorção de imigrantes ou filhos de imigrantes no geral foi bastante modesto pelo menos até 1930. Assim é que na antiga

Faculdade de Direito, entre 1880 e 1910 os alunos estrangeiros ou descendentes de primeira geração praticamente inexistem; a partir de 1910 eles começam a aparecer em contingentes muito modestos e será somente em plena década de 30 que encontraremos um número significativo de filhos de imigrantes formados. Encontraremos aproximadamente este mesmo padrão nas outras escolas. Para os sírios e libaneses (imigrantes e filhos), os dados são apresentados pelo quadro abaixo.

Quadro II - Sírios e libaneses formados pela Faculdade de Direito (FD), Faculdade de Medicina (FM) e Escola Politécnica (PO) entre 1880 e 1950

	1880 - 1930		1931 - 1940		1941 - 1950		total
	i	f	i	f	i	f	
FD	3	4	1	24	4	51	87
FM	0	1	1	24	2	29	57
PO	0	1	0	11	2	21	35
total	3	6	2	59	8	101	179

i - imigrantes sírios e libaneses formados.
f - filhos de imigrantes sírios e libaneses formados.

Não é muita novidade reafirmar o monopólio da carreira jurídica pelas famílias tradicionais paulistas. Se a República trouxe alguma mudança nesta área, ela certamente não diferenciou os postulantes ao anel de bacharel, de modo a incluir imigrantes e seus filhos. No máximo ela redefiniu os destinos dos filhos da classe que há muito já freqüentava os bancos da Faculdade de Direito. No dizer de Oliveira Viana: "no Império, (...) político + doutor = fazendeiro; na República, esta equação se altera e

passa a ser formulada assim: político + doutor = burocrata". Tudo indica portanto (e os dados para a colônia sírio-libanesa o confirmam) que caso tenham ocorrido incorporações mais significativas de imigrantes nesta área, elas somente irão aparecer em plena década de trinta.

Também é notável que quase não constem do levantamento descendentes de imigrantes sírios e libaneses do sexo feminino. As profissões de modo geral, incluindo-se aí as carreiras liberais, eram na colônia territórios privados masculinos. Uma única advogada, nenhuma engenheira e apenas três médicas formadas em 1940 e 1941 constam da primeira geração de descendentes de imigrantes.

Uma delas sabemos não ter exercido a profissão. Seu pai, um dos expoentes da colônia, já riquíssimo nos anos trinta, deixou-a estudar, mas não permitiu que exercesse a profissão. Ao longo de seu curso, lembra uma de suas colegas, dispunha de um carro com chofer para se locomover entre os vários locais na cidade onde tinham lugar as aulas do curso de medicina. Além disso, ela casou-se com outra grande fortuna da colônia, praticamente selando a sua não profissionalização, para o pesar dos que dela se recordam como aluna brilhante. Em 1950, registraram-se duas irmãs formadas em engenharia pelo Mackenzie, as pioneiras nesta área, ao que tudo indica.

Seria bastante incorreto entretanto caracterizar as mulheres da colônia como incultas. Ao contrário, as entrevistas indicam que, ao menos dos estratos médios para cima, todas foram incentivadas a estudar. A barreira residiu na profissionalização. O objetivo de estudar para as mulheres nunca foi o exercício de uma profissão, mas tão somente tornarem-se educadas. A autonomia profissional e financeira que uma carreira liberal encerra provavelmente pouco se ajustou ao padrão patriarcal vigente na colônia. Sendo assim, tornaram-se no geral uma espécie de "donas de casa" bem preparadas.

Entre as famílias mais abastadas, quase todas nos níveis primário e médio freqüentaram o Colégio Sion ou o Des Oiseaux, enquanto os homens em geral se orientaram mais para o São Luiz e o Mackenzie. Note-se o pragmatismo das opções na educação dos filhos, na escolha dos melhores colégios, independentemente de ministrarem um ensino confessional.¹⁰ Desde a mais tenra idade, as trajetórias e sobretudo as expectativas a respeito das trajetórias masculina e feminina na família estiveram sempre razoavelmente bem estabelecidas. No dizer de um dos Jafet entrevistados, "as mulheres da época eram educadas não para a vida, mas para o lar".

Acrescente-se ainda que às mais incorformadas, a aquelas incapazes de se fazer caber no papel, restou uma saída: tornaram-se militantes da filantropia, atividade esta abraçada por muitas e - o mais importante - uma atividade que todos compreendiam como complementar, incapaz de fazer sombra à autoridade do chefe da família e, por isso mesmo, enobrecedora de virtudes femininas. E talvez seja mesmo por esta razão que a filantropia cativou tantas almas femininas transbordantes de bondade na colônia: ela plasmou-se como um *hobby* de madames altruístas, na verdade a única saída possível para fora do lar entre senhoras bem casadas, bem educadas, mas auto-compelidas a não se profissionalizarem.

Dentre as profissões liberais seguidas pelos descendentes da colônia, não há dúvida de que a medicina foi a mais importante. Em termos relativos ela bate todas as outras de longe. Quem hoje procura se informar com os mais idosos no Hospital Sírio e Libanês a respeito de alguma explicação causal para o fenômeno, via de regra encontrará como resposta a afirmação de um pendor vocacional acompanhando tal opção profissional. "A

¹⁰ pouco exploradas aqui, seria interessante investigar as dificuldades de adaptação dos filhos abastados da colônia nestes colégios de elite. O depoimento de uma senhora ex-aluna do Des Oiseaux, cuja aneddotica no colégio era "o turoco" e que pedia para sua mãe colocar pão de padaria ao invés de pão sírio no lanche do colégio a fim de evitar chacotas, sugere pistas relevantes nesta área.

colônia produziu tantos médicos porque isso está no sangue", explicou-nos uma senhora diretora, o que evidencia que para ela o fenômeno é tão banal que já foi naturalizado como vocação.

Pode-se argumentar que a criação do Hospital Sírio e Libanês induziu um grande número de elementos da colônia a seguirem a carreira. A iniciativa de sua criação coube a Adma Jafet, esposa de Basilio Jafet, que promoveu ainda em 1921 uma reunião entre senhoras sírias e libanesas destinada a subscrever uma determinada quantia para o início do angariamento de fundos. Os sobrenomes das senhoras presentes à reunião não poderia ser mais significativo - Jafet, Calfat, Abdalla, Maluf, Buchain, Salem, Alasmar, Carone, Yazeji, Yazbek, Nahas, Aun, Racy, Bussab, Mattar e Gebara - entre outras prósperas famílias da colônia.¹¹ Alguns dentre tais sobrenomes constarão mais tarde como alunos da Faculdade de Medicina.

Entretanto, o projeto tardou a concretizar-se. Muitos anos foram decorridos levantando-se fundos e na própria construção do prédio. Além disso, as brigas em torno da denominação do hospital entre as colônias sírias e libanesas bloquearam seu funcionamento. Em 1940, com o hospital praticamente pronto, mas com a colônia ainda brigando entre si, o governo Adhemar de Barros, seguindo orientações nacionalistas do Estado Novo, desapropriou o prédio, instalando nele uma Escola de Cadetes. Somente em 1958 o prédio foi reincorporado ao patrimônio da Sociedade Beneficente de Senhoras, sendo reformado por mais dois anos e finalmente inaugurado como hospital em 1960.

Os trinta e nove anos decorridos entre sua idealização e o seu funcionamento desafiam qualquer cálculo vocacional, mas testemunham o vigor da identidade étnica que, ao

11 Taufik Duoun, *A emigração sírio-libanesa...*, p. 197.

longo de gerações sustentou, mesmo em conflitos internos, o projeto. Na verdade, os mesmos sobrenomes que idealizaram o hospital, inauguraram-no em 1960 e no ano passado concluíram a construção do novo luxuoso edifício, ao lado do original, sob a presidência de Violeta Jafet, filha de Adma Jafet. Ao longo de trinta anos, o hospital tornou-se um dos estabelecimentos de referência no país, sempre teve como diretor clínico alguém ligado à colônia e hoje, dos mais de quinhentos médicos pertencentes ao seu corpo clínico, cerca de um quinto dela descendem.

Mas nosso tema agora é a grande afluência de médicos no interior da colônia. A esse respeito, outra circunstância veio favorecer a inserção de sírios e libaneses na carreira médica. Alguns dados levantados entre biografias de médicos desta etnia evidenciam que alguns deles já chegaram ao Brasil formados como médicos. A maior parte destes médicos chegaria no início da década de vinte e salta aos olhos o fato de que quase todos estudaram na Universidade Americana de Beirute e fizeram estágios na Europa ou nos Estados Unidos.¹²

Na Síria e no Líbano, as possibilidades de estudo sempre se restringiram ao ensino religioso. Várias missões estrangeiras, que desempenharam um papel importante no renascimento cultural árabe, expandiram-se por todo o país, fundando escolas de diferentes níveis, anexas ou separadas das respectivas igrejas. Entre tais missões, as americanas se destacaram e, em segundo plano, as francesas (Universidade São José, dirigida por jesuítas franceses), inglesas, russas e italianas.

Conhecida como Colégio Protestante Sírio (nome que conservou até a Primeira Guerra Mundial), a Universidade Americana de Beirute começou a funcionar em 1866, fundada

12 o próprio diploma da Universidade Americana de Beirute era reconhecido pelo Estado de Nova York.

por uma missão evangélica. Ela admitia alunos que em algumas escolas de grau médio obtivessem média superior a sete. Ao longo do tempo, este empreendimento educacional transformou-se no "centro de cultura de mais alto nível do Líbano e de todos os países árabes"¹³. Ela foi se constituindo como instituição bastante respeitada por todos os grupos, fonte de cultura e sabedoria, porta natural de difusão das novidades científicas do Ocidente. Ancorada na tradição de seus departamentos mais antigos de Medicina e de Ciências e Letras, a universidade exerceu enorme influência como formadora de profissionais altamente preparados, muitos deles depois migrantes ao Novo Mundo. Para tal concorreu o fato de que seus alunos tinham contato com um ensino mais universal, seus cursos eram ministrados em inglês desde 1882, ao passo que na Universidade de Damasco, eles o eram em árabe. Segundo Safady, além da língua oficial inglesa, os alunos da U.A.B. aprendiam ainda o francês, o árabe e o turco. Além disso, a universidade de fato constituía um oásis civilizado em meio a uma cidade sempre muito embrenhada em suas questões étnicas e religiosas tão conflituosas. "Aquele portão era a barreira natural e o limite entre a vida externa de Beirute e a vida interna na Universidade: no momento em que se transpunha o 'main gate', tudo mudava. Costumes americanos, a língua inglesa, os professores, a maioria americanos, e os hábitos próprios da Universidade representavam um mundo à parte na Cidade".¹⁴

No Brasil, de tão significativa esta escola para os que aqui chegaram, foi fundada em 1922 uma Associação de Ex-Alunos da Universidade Americana de Beirute. O número de sócios em São Paulo foi estimado em cerca de setenta dentre os aproximadamente cem residentes em todo o país. Nami Jafet e Said Abu Jamra foram respectivamente seus dois primeiros presidentes.¹⁵

13 Wadih Safady, *Cenas e cenários...*, p. 37.

14 Wadih Safady, *Cenas e cenários...*, p. 41.

15 Carlos S. Lacaz, *Médicos sírios e libaneses do passado - trajetória em busca de uma nova pátria* (São Paulo: Almed, 1982).

Muitos formados pela Universidade Americana de Beirute em diversas áreas decidiram na época fazer a América, inaugurando um processo que mais tarde, sobretudo nos anos cinquenta, seria batizado entre os países árabes como "brain drain"¹⁶. A maior parte deles teve por destino os Estados Unidos e não é à toa que nos dias de hoje, quando a Universidade Americana de Beirute comemora 125 anos, as maiores comemorações tenham ocorrido em Nova York, patrocinadas pela Associação de Ex-Alunos lá sediada.

QUADRO III - Médicos formados no Líbano ou na Síria radicados em São Paulo e parentes que seguiram a profissão.

Chucri Z Aidan (1891-1980)	UAB	Jorge (sobrinho)
Elias K Hair (1888-1968)	UAB	
Fadlo H Aidar (1895-1976)	UAB	Salim Aidar (sobrinho) Orlando Aidar (sobrinho)
Michel G Ebara (1901-1967)	UD	
Nagib F. Michalany (1884-1946)	UAB	Jorge (filho)
Négib K. Scaff (1887-1955)	USJ	Feres (sobrinho)
Raddad S. Gazal (1884-1946)	EUA	Pedro (filho)
Said Abu Jamra (1871-1954)	UAB	Michel (filho)
Suleiman I. Freihah (1888-1969)	USJ	
Wadli Safady (1898-1965)	UAB	Clodette (filha)

UAB - Universidade Americana de Beirute

UD - Universidade de Damasco

USJ - Universidade São José

¹⁶ - 1953 - Helene C. Fishel, "Migration Patterns of the Graduates of the American University of Beirut". In: The Committee on the International Migration of Talent, *Migration of High-level Manpower* (New York: Praeger, 1970), pp. 269-98.

Nas primeiras décadas do século, mesmo detendo diplomas de nível superior, as oportunidades de carreira já encontravam-se estranguladas pelas pequenas dimensões do mercado de trabalho libanês e sobretudo pela falta de perspectivas de desenvolvimento da região sob o atrasado regime político otomano.

Este transplante de profissionais já formados no Líbano para o Brasil com toda certeza constituiu um atrativo suplementar às vocações médicas da colônia. Patrícios médicos já estabelecidos certamente facilitaram as inserções profissionais dos mais jovens, repassaram clientela cativas, etc., num processo de energização da carreira no interior da colônia.

Nunca se pode perder de vista que todos estes mecanismos operaram com grande vigor numa comunidade como a dos sírios e libaneses, onde a própria colônia representou uma referência bastante forte para a vida de seus membros, seja através das opções de casamento, nos espaços de sociabilidade, nos próprios locais concentradores ora de seus negócios, ora de suas moradias. Este mundo interno à colônia bastante presente e atuante é básico à compreensão dos esquemas de reprodução dos profissionais liberais, e diga-se de passagem, de qualquer opção profissional no interior da etnia.

Tudo se passa como se o sistema "colônia" operasse numa temperatura elevada, incentivando suas moléculas membros a ativarem-se umas às outras, aumentando suas interações, energizando-se mutuamente. Neste modelo de reprodução, as interações ocorrem segundo as influências capazes de serem mobilizadas em dois níveis, como se cada indivíduo pudesse ser compreendido no núcleo de duas esferas concêntricas. Num primeiro nível, atua a família ampliada; ao seu redor, o conjunto de influências que esta é capaz de mobilizar valendo-se da condição de conterrâneos, os assim chamados patrícios.

Do pequeno comércio às profissões liberais, a reprodução do grosso das carreiras passou necessariamente por um destes dois níveis. Os Quadros A, B e C do Anexo III, montados a partir do levantamento nas faculdades, procuram dar conta da parte mais tangível deste processo, precisamente das influências no interior da família celular, às vezes da ampliada. Eles ilustram o desabrochar de muitas vocações adubadas pela conveniência de dar continuidade a carreiras já iniciadas, usufruindo de clientelas, relacionamentos e segredos do ofício já mobilizados ao redor de um nome.

Os dados apresentados, muito provavelmente subestimados em função das dificuldades inerentes à sua obtenção, põem a nu a própria estrutura do que poderíamos denominar sistema de reprodução ampliada das profissões liberais. Este mecanismo social de importância fundamental encaminhou ao longo dos anos analisados sucessivas levas de 'doutores' médicos, advogados e engenheiros inserindo-os assim que formados num degrau da estrutura social imediatamente compatível com o de seus familiares de geração anterior, reafirmadas as vocações profissionais através do sangue novo somado ao métier antigo, numa infinidade de esquemas impulsionadores da carreira na família capazes de exponenciar o rendimento profissional do investimento educacional.

Filhos iniciando a carreira no consultório ou escritório do pai é apenas o fenômeno mais banal a se constatar, recorrente na maior parte dos casos. Mas ao lado das sempre presentes estratégias de iniciação e de continuidade, é comum a ocorrência nas entrevistas de um sem número de outras estratégias de especialização, de adaptação, de reavaliação e de complementariedade profissional¹⁷ traçadas com cuidado, invariavelmente consagradoras dos talentos vocacionais familiares, cuja menção aqui caso por caso seria pouco razoável. Elas acontecem no interior de uma compreensão quase que natural de encaminhamento profissional dos filhos, ao ponto de alguns

17 vide por exemplo o caso Zaidan abaixo referido.

entrevistados se sentirem incomodados ao se darem conta da influência na 'opção' profissional destes. O caso de Feres Secaf é típico. Hoje septuagenário, este respeitado médico, proprietário de uma das maiores clínicas radiológicas de São Paulo, ele próprio sobrinho de Négib Scaff, pioneiro da radiologia em São Paulo¹⁸, afirma peremptoriamente não ter exercido influência alguma no encaminhamento profissional de seus filhos: "eles é que escolheram". O doutor Feres tem dois filhos médicos, os dois são radiologistas e trabalham com o pai.

Para além da família ampliada, o círculo de relações que a etnia configurou sempre se mostrou muito presente. Na lógica da manutenção preferencial de relações entre patrícios, não foram poucos os profissionais liberais de peso que praticamente dispuseram da colônia como clientela cativa. Entre os médicos, são notáveis as figuras de Said Abu Jamra, Fadlo Haidar, Alexandre Yazbek, Nagib Michalany e Chucri Zaidan.

Said Abu Jamra talvez tenha sido o primeiro médico de origem árabe a clinicar no Brasil. Chegou com 28 anos a São Paulo ainda em 1899, já formado. Estabeleceu consultório à rua Florêncio de Abreu e com certeza seus clientes foram os primeiros imigrantes sírios e libaneses aqui radicados. Na condição de pioneiro instruído, tornou-se uma espécie de conselheiro entre seus conterrâneos. Envolveu-se com o movimento nacionalista sírio, o que o levou à fundação do jornal *Al-Afkar*, publicação que manteve como proprietário e redator ao longo de quarenta anos (1903 -1943). Em função de tal atividade, manteve contato freqüente com intelectuais na terra de origem e, apesar de residir em São Paulo, em 1926 foi eleito membro da Academia de Letras de Damasco, provavelmente em reconhecimento à sua militância. Foi bastante conhecido na colônia não tanto como médico, mas sobretudo como jornalista e intelectual, tendo sido presidente da Associação dos Ex-Alunos da UAB.

¹⁸ vide o Quadro III.

Haidar e Yazbek pertencem a uma geração posterior, mas estes sim tornaram-se muito conhecidos como 'médicos da colônia'. Haidar aqui chegou já formado, por volta de 1920, depois de um estágio como cirurgião em Paris. Ao longo de sua carreira, estabeleceu uma das maiores clínicas de São Paulo e, a exemplo do anterior, também passou pela presidência da AAUAB. Yazbek integrou a primeira turma de formados da Faculdade de Medicina de São Paulo. Um ano antes de se formar, por ocasião do surto de gripe espanhola em São Paulo, Yazbek já trabalhava no Pronto Socorro Sírio. Manteve por muitos anos consultório à rua Florêncio de Abreu.

Chucrí Zaidan acabara de se formar na UAB quando foi incorporado ao Exército Turco como oficial médico, ao eclodir a Primeira Guerra. Prisioneiro dos ingleses, passou a exercer a medicina junto ao exército britânico lotado no Egito até 1920, quando retornou a Damasco, sua cidade natal. Em 1925, fixou residência em São Paulo, onde já se encontravam seus irmãos. Convenceu um deles a fazer com que seu sobrinho mais velho estudasse medicina e se profissionalizasse como cirurgião (Jorge Zaidan, formado em 1935), complementando suas atividades de clínico geral. Além de uma significativa clientela na colônia, conta seu sobrinho que seu consultório notabilizava-se pelo atendimento de minorias étnicas. As colônias armênia e russa, por exemplo, tinham no Dr. Chucrí um médico de sua preferência pela circunstância dele compreender seus idiomas; ele falava correntemente treze línguas, uma boa parte delas aprendida ao longo de sua experiência de médico durante a guerra.

Além destes, muitos outros capitalizaram a condição de conterrâneos para atuarem profissionalmente. Safady por exemplo, além de seu consultório particular onde recebia muita gente da colônia, era ainda responsável pelo ambulatório médico das indústrias do grupo Jafet, no Ipiranga, além de prestar assistência médica ao Orfanato Sírio.

Entre os engenheiros, destacou-se Alfredo Mathias, o primeiro dos filhos de sírios e libaneses a se formar na Escola Politécnica, ainda em 1929. Já nos referimos anteriormente à sua família. Seu pai, Chaim Simão Mathias, apesar de ter perdido muito dinheiro com a crise de 1929, fez um bom nome, o que devia representar um trunfo importante para o início das atividades dos filhos de imigrantes de modo geral como profissionais liberais. Seu filho Alfredo prosperou muito e com o tempo construiu um dos maiores escritórios de engenharia de São Paulo, estabelecendo-se inclusive como pioneiro ao inaugurar empreendimentos arrojados à sua época como condomínios fechados, centros empresariais e o primeiro shopping center do Brasil.

Paulo Camasmie, outro filho de imigrante formado em 1934, talvez tenha se tornado o "engenheiro da colônia" por excelência, também porque seu pai era muito próspero e respeitado no interior desta. Ele foi o responsável pelo projeto da Catedral Ortodoxa no Paraíso, projetou e construiu as catedrais ortodoxas de Curitiba e de Brasília, a Mesquita Muçulmana localizada na Avenida do Estado, a Escola Muçulmana de São Paulo, o Sanatório Sírio, vários clubes da colônia e muitos outros templos espalhados pelo interior do estado. Trabalhando também para os Jafet, construiu as instalações da Mineração Geral do Brasil em Mogi das Cruzes.

Mathias e Camasmie formaram-se na Poli, mas o Mackenzie foi a escola que mais formou os filhos da colônia como engenheiros.¹⁹ Muitos deles já estudavam no Mackenzie desde meninos e ficaram também para o curso superior. A exemplo da Universidade Americana de Beirute, o Mackenzie, fundado também por uma missão presbiteriana, evocava familiaridade. Além disso, a Escola mantinha um curso superior

¹⁹ registre-se ainda a opção de enviar o filho para o exterior, como nos casos de Michel Kayrala e Emil Said Gebara. O pai de Gebara chegou ao Brasil em 1906, trouxe oito irmãos para o Brasil e na década de vinte era um dos mais prósperos comerciantes e industriais da colônia. Morava numa casa com 45 cômodos. Seu filho tornou-se em engenharia mecânica na Inglaterra em 1930, no mesmo ano em que perderia quase toda a sua fortuna.

de comércio com uma certa tradição, que desde o começo do século "visava preparar profissionais adestrados para altos cargos do comércio cafeeiro de Santos e São Paulo, notadamente das casas comissárias. Deveria também atender os escritórios das fábricas de tecidos, metalúrgicas, cerâmicas e curtumes"²⁰, evidenciando os vínculos que desde então a instituição interessava-se em manter com a nascente indústria paulista. Muitos filhos de comerciantes da colônia freqüentariam este curso e o da Escola de Comércio Álvares Penteado (ao lado da Faculdade de Direito), onde aprendiam técnicas contábeis e acabavam assim potencializando com algum tempero de conhecimento formal sua condição de herdeiros.²¹ Mais tarde, este curso no Mackenzie seria absorvido pelo de engenharia.

**Quadro IV - Sírios e libaneses (imigrantes e filhos) formados pela Escola
Politécnica e Mackenzie de 1900 a 1950.**

	1900 - 1930	1931 - 1940	1941 - 1950	total
POLI	1	11	23	35
MACKENZIE	8	9	36	53

Existem indícios de que a formação desenvolvida no curso de engenharia do Mackenzie tenha incentivado sobretudo engenheiros aptos a se lançarem nas áreas de 'entrepreneurship', enquanto que os politécnicos inicialmente tenderam a ocupar postos técnicos das burocracias públicas²². Os professores mais eminentes da Poli nas

²⁰ consultar Benedito N. Garcez, *O Mackenzie* (São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1970).

²¹ Salim Rizkallah Jorge, por exemplo, filho do fundador da Casa da Bóia, formou-se em 1922 no Curso Superior de Comércio do Mackenzie.

²² Além disso, os engenheiros do Mackenzie marcaram suas diferenças com os da Poli julgando estes muito teóricos, "engenheiros de prancheta", em contraposição a engenheiros mais práticos,

primeiras décadas do século sempre acumularam a docência com o exercício de funções públicas. À época, a engenharia civil caracterizava-se pelo desenvolvimento de trabalhos nas áreas de engenharia ferroviária, obras de saneamento e serviços técnicos de administração pública. Relações de alunos premiados com estágios de aprendizagem nos então chamados 'lugares de praticagem' apontam a Companhia Paulista, a Mogiana e a Companhia Docas de Santos como as instituições mais freqüentes. De modo geral portanto, imigrantes e descendentes tiveram dificuldade em penetrar numa profissão muito vinculada à época à ocupação de cargos públicos, sendo portanto compreensível que os filhos da colônia tenham se encaminhado em maior volume para o Mackenzie.

Entre tantas trajetórias, seria inevitável que os descendentes de sírios e libaneses tivessem de enfrentar discriminações ao se meterem a disputar posições com filhos de famílias tradicionais. Neste ponto, é revelador que a resposta obtida depende do emprego ou não da palavra preconceito na formulação da pergunta. Os entrevistados tendem a afirmar que não havia preconceito. Preferem o uso do termo discriminação ou, melhor ainda, reconhecem a existência de certo favoritismo no sentido dos filhos de famílias tradicionais. Após várias entrevistas, ficou clara a armadilha embutida no termo: preconceito era entendido como uma noção intrinsecamente associada à raça e, obviamente à raça negra. A fim de marcar a distinção, no geral os entrevistados compartilham de uma predisposição coletiva que os faz preferir não utilizar este termo.

De qualquer forma, uma coisa é dispor da colônia como mercado cativo, outra bem diferente é brigar por posições fora dela. Neste ponto, talvez os maiores obstáculos tenham sido enfrentados pelos advogados. É muito provável que pelo menos ao longo

"de campo". Os politécnicos por sua vez julgam-se mais preparados, dotados de uma formação científica mais abrangente.

da primeira metade deste século, a carreira jurídica tenha permanecido largamente infensa à penetração de estrangeiros e descendentes. As alternativas que a carreira ofereceu permaneceram em grande parte disputadas por famílias de implantação mais antiga na sociedade paulista, algumas delas se constituindo em verdadeiras linhagens que desde o século passado enviaram ao Largo São Francisco seus filhos ao longo de sucessivas gerações. Constituíram-se assim bancas de advogados, cartórios e tabelionatos bastante tradicionais, de ofício herdado de pai para filho.

Outras possibilidades seriam carreiras na polícia ou na magistratura, mas também o acesso a estas muito provavelmente permaneceu controlado pela corporação longamente constituída. Neste ponto, não há nada de específico em relação a descendentes de sírios ou libaneses. Numa relação de todos os 41 ministros e desembargadores que exerceram a presidência dos Tribunais de Relação e de Justiça entre 1874 e 1949, não se consegue anotar nenhum sobrenome que mereça ser investigado como potencialmente filho de estrangeiro²³. O mesmo se aplica em relação aos intermináveis mandatos do cargo de secretário dos Tribunais de Relação e de Justiça exercidos por Luiz Augusto Pereira de Araujo entre 1889 e 1922, por Clovis Cotrim da Cunha Canto entre 1922 e 1943 e por Ulpiano da Costa Manso de 1943 até pelo menos 1958, data da publicação da minha fonte. Quanto aos 171 ministros e desembargadores propriamente ditos integrantes destes mesmos tribunais entre 1874 e 1958, é notável que, à exceção de dois sobrenomes (Ferrari e Passalacqua), todos os restantes pareçam pertencer a famílias de implantação antiga em São Paulo.²⁴

O primeiro da colônia a entrar na Faculdade de Direito foi Faris Nicolau Ansarah, um libanês formado ainda em 1917. Trata-se de um caso quase único; a maior parte deles

23 em 1950 surge um Ferrari.

24 Maria José Freire Costa, *A Magistratura de São Paulo - Tribunais da Relação e Justiça (1874-1958)* (São Paulo: Duplicadora Massao Ohno Editora, 1959).

já eram filhos de imigrantes quando começaram a adentrar em maior número, em plena década de trinta. Ansarah trabalhava em uma loja de um patrício na Rua 25 de Março e à noite estudava na Escola de Comércio, ao lado da Faculdade de Direito. Ele também inaugurou esta forma de entrar para as Arcadas que depois se tornaria razoavelmente comum na etnia: via Escola de Comércio, no dizer de seu irmão mais novo, ainda vivo, "por osmose", dada a proximidade entre as duas escolas.²⁵ Ansarah trabalhou ao longo de toda sua carreira em seu escritório particular, segundo seu irmão, devorando livros sobre os mais diversos assuntos. É difícil saber quem foram seus clientes no início; não teve filhos e nem se casou.

Na magistratura paulista, Edmond Acar orgulha-se de ter sido o primeiro filho da colônia a furar o bloqueio. Seu pai começou com um armazém de secos e molhados e depois tornou-se um atacadista de cereais em Araraquara. Entre seus quatro outros irmãos, foi o único a formar-se, em 1939, tomando-se juiz em 1942. Antes disso, queixa-se que prestou vários concursos, era muito bem classificado, mas não era nomeado. Num concurso à promotoria pública, chegou a tirar segundo lugar, mas não obteve nenhuma vaga. Ao longo de sua carreira bem sucedida (Acar foi também o primeiro desembargador na colônia), tudo indica que assimilou tais revezes encarando-os como azares de iniciante. Hoje faz questão de frisar que não foi vítima de preconceitos, mas da circunstância bastante natural e compreensível dos titulares dos postos defenderem os mais próximos, os mais conhecidos.

Na Polícia, Alfredo Issa Assaly, formado em 1931, filho único de um próspero comerciante libanês de tecidos instalado à Ladeira Porto Geral, ganhou certa notoriedade ao ocupar, em 1944, o cargo de Secretário de Segurança Pública em São

²⁵ Elias Alasmar, formado em 1930, faria o mesmo.

Paulo. Seu falecimento prematuro interrompeu entretanto a carreira deste que foi sem dúvida um dos pioneiros da colônia a se meter em atividades políticas.

É bem verdade que alguns descendentes de italianos já haviam rompido com o monopólio em diversas instituições. Como professor da Faculdade de Direito, Buzaid foi um dos primeiros filhos de imigrante, embora precedido por Vicente Rao e Miguel Reale. Seu pai chegou ao Brasil em 1907, trabalhou um período como mascate e em seguida estabeleceu-se como comerciante em Jaboticabal. Conseguiu colocar seus dois filhos na Faculdade de Direito: Alfredo, formado em 1935 e Azi, em 1940 (um ano depois, este morreria). Entrevistado, Buzaid relembra, sem entrar em detalhes, que o difícil não foi entrar para a Faculdade de Direito como aluno, mas sim como professor (1946) e mais ainda como catedrático (1958), o que lhe dava assento permanente na Congregação.

Na década de cinquenta, outros postos importantes ocupados, pouco tempo antes incongruentes com a condição de patricios, causaram enorme *frisson* na colônia. Em 1951, Ricardo Jafet fora escolhido por Getúlio Vargas presidente do poderoso Banco do Brasil; em 1956, Eduardo Saigh ganhara a eleição para a presidência da Associação Comercial.

A exemplo da Faculdade de Direito, na Faculdade de Medicina, as circunstâncias não foram muito diferentes. Ela havia sido criada em 1912 sob a iniciativa do governo Rodrigues Alves, que incumbiu Arnaldo Vieira de Carvalho de organizar o primeiro curso de medicina no estado. Este havia se formado em 1888 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e, tendo sido diretor do Instituto Vacinogênico de 1892 a 1912, acumularia com a direção da Faculdade de Medicina as funções de Diretor Clínico da Santa Casa (1892-1920) até o seu falecimento em 1920. Até 1947 esta última sediou o ensino clínico e cirúrgico da faculdade. A Escola Politécnica e a Escola de Comércio

Álvares Penteado emprestaram inicialmente parte de seus edifícios para o funcionamento das cadeiras básicas. Ao longo da década de vinte foram iniciadas as construções de seus edifícios em sua atual localização, mas seu edifício central, financiado pela fundação Rockefeller, seria inaugurado somente em 1931.

A Faculdade de Medicina desde o seu início contou com um número significativo de professores estrangeiros. Em seus primórdios vieram da França o fisiólogo Lambert Mayer e o parasitologista E. Brumpt; da Itália o anatomista Alfonso Bovero e o patologista Alessandro Donati; da Suíça, Carini entre outros. Muito embora houvesse entre seus professores desde o início um certo número de sobrenomes de origem estrangeira - Bourroul, Lindenberg, Pupo, Fávero, Montenegro e Locchi (todos ex-diretores), além de Milward, Haberfeld, Darling, Klotz, Lordy, Briquet, Puech, Barnsley Pessoa, Gualberto, Tolosa e Décourt (todos professores titulares) - na verdade tais sobrenomes em geral não se correlacionam com a imigração ocorrida a partir do último quartel do século XIX.

Antonio de Almeida Prado, que aí iniciou sua carreira no magistério médico, referiu-se à Faculdade de Medicina em 1915 como uma modesta 'escolinha' de pouca projeção no âmbito nacional. Mais adiante, este autor retempera sua afirmação: "Era uma escolinha modesta, sim, mas solidamente assentada em suas diretrizes básicas. O diminuto número de alunos permitia estreita convivência entre discentes e docentes. Esse mútuo conhecimento mantinha um clima de relativa intimidade entre eles, entretendo ares aburguesados de pensão familiar. Tudo simples e caseiro. Tudo, menos os alunos, que eram graúdos e socialmente graduados. Um terço deles, pelo menos, provinha de homens já lançados no magistério secundário ou das profissões liberais - engenheiros, farmacêuticos e bacharéis"²⁶.

²⁶ Antonio de Almeida Prado, *Escolas de ontem e de hoje*. São Paulo: Anhembi, 1961, p. 147-8.

Ainda que em geral os entrevistados apontem o clima de cordialidade vigente, muitos se lembram de episódios conflituosos envolvendo discriminações, em geral contra as colônias síria, libanesa e judia. Safady, por exemplo, embora formado no Líbano, trabalhou muitos anos na Santa Casa, convivendo com professores da Faculdade de Medicina. Em seu livro, o entusiasmo com que se recorda de seus mestres na Universidade Americana talvez traia sua verdadeira vocação para a docência. Desistiu dela depois de ouvir que com o seu sobrenome, suas tentativas seriam inúteis.

Talvez a questão mais marcante tenha sido a que envolveu Scharif Kurban e seu professor de Higiene, Geraldo Paula Souza. A fundação Rockefeller oferecia um prêmio ao aluno que conseguisse obter a melhor nota da turma em todas as disciplinas ao longo do ano. Scharif, provavelmente mirando-se no exemplo de seu pai Taufik Kurban, considerado um intelectual de grande erudição na colônia, se dispôs a obter a medalha de ouro. Conseguiu a proeza em todas as disciplinas, com exceção da Cadeira de Higiene, onde Paula Souza, pertencente a uma tradicional família paulista e detentor de uma já conhecida aversão a "turcos", deu-lhe nota sete, apesar de sua prova brilhante, inviabilizando-lhe o feito. O caso causou consternação, os alunos revoltados fizeram uma greve em protesto à atitude do professor. O mesmo costumava depreciar a qualidade de ensino na Escola Paulista de Medicina em função do fato desta contar com muitos filhos de imigrantes em seus bancos.

Na Faculdade de Medicina, o primeiro da colônia a tornar-se professor titular foi Bussamara Neme, somente em 1972. Ele reclama que, atingida a titulação anterior, teve que esperar dezenove anos pela abertura de concurso, tolerando comentários do tipo: "não abre para o turco não entrar" ou "esse turquinho está querendo demais". No ano seguinte, outros da colônia que viram suas aspirações retardadas até pela sumária extinção de Cadeiras, também tornaram-se professores titulares. Entre estes, Emilio

Mattar, que também se recorda da arguição pouco habitual a que foi submetido por um catedrático da Faculdade hostil à sua colônia, em seu concurso para professor adjunto.

Tomados isoladamente, tais casos tem pouca importância, são narrados em tons muito precavidos e às vezes deliberadamente imprecisos e podem assim encobrir outras questões. Mas o que importa é que em seu conjunto eles recompõem uma parte das adversidades que a colônia teve de enfrentar na conquista de espaços mais privilegiados na sociedade paulista.

Também neste campo, a colônia foi muito bem sucedida. Embora pitoresca, não deixa de ser extremamente significativa a composição do restrito Conselho Deliberativo do Hospital das Clínicas há dois anos atrás. Entre seus cinco membros titulares, nada menos do que quatro eram descendentes da colônia: Jatene, Zogaib, Arap e Scaff.

Os sírios e libaneses foram portanto em geral muito bem sucedidos no comércio e nas profissões liberais, em particular na medicina. A história social da colônia evidencia a conquista de um setor comercial importante na São Paulo das primeiras décadas do século e como isso possibilitou a entrada maciça de seus filhos no mercado das profissões liberais, constituindo esta um mecanismo fundamental de mobilidade sócio-econômica para a primeira e segunda gerações nascidas em São Paulo.

Nesta entrada vigorosa de descendentes de sírios e libaneses no mercado de profissões liberais, seja conquistando posições pré-existentes, seja criando novos espaços legítimos de inserção, valorizados socialmente, como no caso do Hospital Sirio-Libanês, a colônia, antes conhecida somente por suas habilidades comerciais, passou a abrigar também um número crescente de "doutores", oriundos seja da medicina, do direito ou da engenharia. Sociologicamente falando, a extrema relevância desta passagem reside

precisamente no fato de que os filhos da colônia que abraçarão as profissões liberais "limparão o sangue" da etnia, justamente porque passarão a exercer profissões de valor intrínseco mais universal, de saber mais legítimo, do que o comércio. O comércio pode trazer muito dinheiro, mas o título de doutor traz um reconhecimento da sociedade como um todo dificilmente atribuível ao primeiro. É este o ponto mais importante acerca das profissões liberais, e será por este motivo que se justificarão todos os esforços, todos os investimentos na conquista de posições e na constituição de um mercado cativo da etnia, que por sua vez contribuirão para a redefinição do próprio campo das profissões liberais, antes territórios interditados a frações de imigrantes e somente reservados a estirpes da elite paulista. Sem este passo prévio, conforme exporemos a seguir, a colônia jamais poderia, a partir de fins da década de 40, colher parte dos dividendos deste investimento educacional no campo da política.

6. PATRÍCIOS NA POLÍTICA

Desde o primeiro momento, os esforços iniciais para a mobilização e suporte político entre sírios e libaneses partiram de suas camadas mais privilegiadas. Ao contrário de frações de outros grupos étnicos com significativa atuação em movimentos anarquistas no início do século, política sempre foi assunto para elites dentro da colônia¹. Somente depois que a colônia se diferenciou, tornando-se mais complexa, é que poderemos observar os primeiros sinais de interesse por atividades políticas entre sírios e libaneses.

No início, nenhuma questão atraiu mais a atenção e o suporte desta fração mais privilegiada da colônia do que as questões políticas relativas à terra natal. Estratos significativos de classe média haviam imigrado, sobretudo do Líbano, desesperançados com as perspectivas econômicas cada vez mais adversas e com o obscurantismo do império otomano em decadência. Muitos dos que cruzaram o Atlântico carregavam consigo lembranças e experiências amargas, via de regra associadas a problemas políticos envolvendo os turcos.² Uma vez no Brasil, nutriam certo interesse em acompanhar os desdobramentos políticos da terra de origem, sobretudo quando vislumbrada a perspectiva de soberania, com a derrota dos turcos na Primeira Guerra Mundial. Além disso, muitos parentes e amigos haviam permanecido na terra natal, o que também contribuía para reforçar a atenção e o suporte da comunidade com relação aos problemas de lá.

1 entendendo aqui por colônia os imigrantes e seus descendentes.

2 vide Wadih Safady, *Cenas e cenários...*

Na época em que a Síria e o Líbano se achavam sob o jugo turco, os acontecimentos políticos na terra natal via de regra atuavam como elemento de coesão da colônia, de superação de suas diferenças internas. De certa forma, os turcos representavam um inimigo comum, amainando temporariamente as divisões entre grupos. Porém, já sob o regime de protetorado francês instaurado no pós-guerra, as circunstâncias da vida política do Oriente tenderam a suscitar interpretações divergentes na colônia entre frações de credo religioso e de origem regional distintas. Imigrantes originários do Líbano, em sua maior parte maronitas, viam com bons olhos a política francesa de favorecimento e proteção do grupo, enquanto outras parcelas se empenhavam em condenar o colonialismo francês na região. Ressuscitadas periodicamente por líderes internos, que se faziam de representantes, de tradutores das tensões políticas na terra de origem, tais questões quase sempre provocaram adesões e discussões entusiasmadas em certas parcelas melhor posicionadas na colônia, mobilizados os diferentes pontos de vista sobretudo pela imprensa étnica, bastante atuante, conforme já observamos anteriormente.

Mesmo assim, até pelo menos os anos quarenta, para a imensa maioria dos imigrantes de origem síria ou libanesa no Brasil, a atividade política soava como algo muito distante. A preocupação com o cotidiano, com as estratégias familiares de sobrevivência, sempre se mostrou infinitamente mais importante e neste aspecto há pouca diferença entre sírios e libaneses e outros grupos de imigrantes.

Além disso, na mesma medida em que a apreciação a respeito dos acontecimentos políticos na terra de origem se tornava mais complexa e menos unânime, o próprio peso destes no cotidiano da vida da colônia tendeu a diminuir. Como era de se esperar, sobretudo depois que o Líbano e a Síria tornaram-se independentes³, a colônia passou

3 e a despeito das tensões no Oriente Médio ocorridas no pós-guerra.

a acompanhar e a se interessar menos pelos desdobramentos da política de uma terra já distante na mente dos imigrantes, grande parte deles chegados ao Brasil há mais de três décadas. O que acontecia no Oriente Médio passou a ser assunto para alguns poucos que ainda mantinham algum tipo de relação de negócios com a terra de origem. Para parcelas da elite da colônia, cada vez mais numerosas e definitivamente enraizadas na terra de adoção, mais importantes e interessantes passaram a ser as possibilidades políticas que se abriam aqui mesmo em São Paulo.

Até do ponto de vista cronológico, essa reorientação passou a fazer mais sentido. O Líbano e a Síria conquistaram definitivamente suas soberanias em 1943 e 1946, respectivamente. No Brasil, a conjuntura de redemocratização aberta com o fim do Estado Novo acenava com possibilidades nunca antes oferecidas à primeira e segunda gerações de filhos de imigrantes. No caso de sírios e libaneses, a maior parte daqueles que nos anos subseqüentes se lançariam em carreiras políticas procediam de famílias cujos pais haviam começado como mascates, há apenas uma geração atrás. Seus filhos - muitos deles formados como vimos anteriormente em escolas de prestígio - ao postularem cargos políticos, de certa forma buscavam dar continuidade a trajetórias inseridas num processo vigoroso de ascensão social.

Para tal, é claro que o voto da colônia, sobretudo no início, era bastante importante. Comentando o tema, um antigo deputado se recorda: "muitos votavam e ainda votam porque são práticos: vão votar em quem não conhece? É melhor votar em patrício porque já fica estabelecida uma ponte, um acesso." Sobre este alicerce inicial, sobre esta base primeira de arregimentação eleitoral, é que foi construída a maior parte das carreiras políticas bem sucedidas, com o tempo ampliadas em sua sustentação, à medida em que os mandatos se sucediam. Por ora, basta qualificar o voto da colônia

como significativo; mais tarde, teremos a oportunidade de retornar a essa discussão para definir com maior precisão sua relevância.

Na primeira eleição seguinte à ditadura Vargas visando a escolha de deputados à Constituinte de 1946, um único político de ascendência sírio-libanesa foi eleito por São Paulo. O início de sua carreira política prenunciará um padrão de recrutamento de políticos da colônia que se mostrará efetivo somente muitos anos mais tarde. A estréia, no entanto, seria pouco exemplar. O ingresso na atividade política deste pioneiro, que anos mais tarde seria apontado como um dos maiores estelionatários de seu tempo, havia já se iniciado há mais de dez anos, ainda no início dos trinta.

José João Abdalla nasceu em Aparecida do Norte em 1903. Após realizar seus primeiros estudos em Guaratinguetá, prosseguiu-os em Lorena e em 1927 formou-se médico pela Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro. Casou-se com uma das filhas, também formada em medicina, de Assad Abdalla, imigrante pioneiro que se tomara rico, a quem já nos referimos anteriormente. Estabelecendo consultório no interior de São Paulo, mais precisamente em Birigui, granjeou certa reputação nesta pequena cidade, o que em 1934 ocasionou sua eleição como vereador local e presidente da Câmara Municipal. Ao longo de todo o Estado Novo, exerceu o cargo de prefeito da cidade, nomeado pelo então interventor Adhemar de Barros, seu colega na Faculdade de Medicina na capital federal.

Em 1945, Abdalla despontava como um dos fundadores do PSD em São Paulo. Eleito deputado federal, adquiriu no ano seguinte "a Companhia de Cimento Portland Perus, através de manobra qualificada pelos jornais de fraudulenta, lesando o antigo proprietário, um grupo canadense. A partir daí, expandiu seus negócios, desenvolvendo

um amplo leque de empresas industriais, financeiras e agro-pecuárias."⁴ Exerceu seu mandato até 1948, quando foi novamente nomeado pelo então governador Adhemar de Barros Secretário do Trabalho, Indústria e Comércio de São Paulo, cargo que ocupou até 1951. Um ano antes, no único pleito eleitoral frustrado de sua carreira, tentara se reeleger deputado federal, obtendo apenas uma suplência. Abdalla reelegeu-se entretanto sucessivamente, sempre pelo PSD, deputado federal em 1954, 1958 e 1962.

Ao longo de sua vida, travou inúmeras lutas com a justiça, impetrando cerca de 12 *habeas corpus* e respondendo a mais de quinhentos processos. Segundo declarou inúmeras vezes à imprensa, não pagava imposto por questão de princípio. Pessoas entrevistadas na colônia aconselharam-me a ignorá-lo durante a pesquisa, provavelmente avaliando o aspecto negativo de sua inclusão. Uma delas foi enfática: "O Abdalla não pode ser considerado político: ele apenas tinha que se eleger para obter imunidade parlamentar, a fim de poder dar cobertura a sua quadrilha de estelionatários".⁵

De fato, uma vez tendo seus direitos políticos cassados em 1964, Abdalla teve de enfrentar inúmeras intervenções em suas empresas e confiscos de bens pelo Estado para saldar suas dívidas com o erário público. Em duas ocasiões, em 1969 e em 1973, foi processado e preso. Na primeira delas, ficou constatado que, através da *holding* Cibrape, suas 32 empresas não pagavam quaisquer impostos. Também granjeou a fama de mau patrão, enfrentando greves intermináveis deflagradas porque não pagava salários aos operários de sua fábrica de cimento. Faleceu em 1988.

4 Beloch, Israel e Abreu. Aízira Alves de. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro (1930-1983)*. (Rio de Janeiro: Forense Universitária, FGV/Cpdoc, Finep, 1984), p. 1.

5 consultar por exemplo *O Estado de São Paulo*, 8 e 9 de junho de 1961.

Entre Abdalla e os eleitos no pleito seguinte, em 1947, há um traço comum: os primeiros da colônia a ingressar na política no pós-45, em geral também valeram-se da condição de diplomados por escolas de elite. Os bancos da Faculdade de Direito constituirão o celeiro preferencial de arregimentação de lideranças políticas em São Paulo. Aqueles da colônia que os freqüentaram logo se mostraram como os indivíduos do interior desta mais familiarizados com o meio político, que maior afinidade apresentavam com tais círculos. Por causa disso, quase que automaticamente se credenciavam ao exercício das atividades de intermediação entre a colônia e as elites paulistas. Ao longo pelo menos dos três primeiros quinquênios de normalidade político-institucional pós - Estado Novo, este tipo de arregimentação, passando pela Academia do Largo São Francisco, se constituirá como padrão. Tanto a vivência com "as coisas da política" quanto o prestígio conferidos por esta Faculdade foram neste primeiro momento cruciais, seja no sentido de neutralizar impugnações externas ao grupo, em geral manifestadas sob o pretexto de proteção contra arrivistas, seja no sentido de sinalizar no interior da colônia que elementos despontavam e acumulavam maiores possibilidades de uma carreira de representação política.

De 1947 a 1956, se observarmos os pertencentes à colônia que se elegeram a cargos de deputado federal e estadual (nas eleições de 1947⁶, 1950 e 1954) e vereador na capital (1947, 1952 e 1956), de um total de 26 mandatos exercidos por 13 patricios, 18 destes foram exercidos por 8 bacharéis formados na prestigiosa faculdade do Largo São Francisco.

Por outro lado, se é certo que a passagem pela Faculdade de Direito constituiu para estes uma credencial importante à postulação de cargos de representação política, ela esteve longe de garantir o sucesso eleitoral. Para os membros eleitos da colônia, tanto o

⁶ a rigor, eleições complementares à Câmara dos Deputados em 1947.

voto étnico, ofertado por patrícios, quanto o grau de bacharel jamais se mostraram como condições suficientes, devendo necessariamente a eles ser aditado algum elemento capaz de extrair todas as possibilidades de efetivamente concretizar aquilo que antes ficara restrito ao terreno apenas das potencialidades eleitorais. A análise das eleições ocorridas em 1947, onde um deputado federal, três deputados estaduais e três vereadores na capital foram eleitos na colônia paulista, fornecem-nos exemplos ilustrativos do que então se passava.

Emílio Carlos Kyrillos, mais conhecido apenas por Emílio Carlos, nasceu em Catanduva no ano de 1917, filho de imigrantes libaneses chegados ao Brasil cinco anos antes, em 1912. Estudou em colégios da região, em Jaboticabal e Araraquara, e em 1936 empregou-se como redator de assuntos internacionais do jornal O Estado de São Paulo. Em 1941 formou-se advogado pela Faculdade de Direito. Iniciada a Segunda Guerra Mundial, tornou-se correspondente e locutor da BBC de Londres, datando daí, como radialista, a imensa popularidade que desfrutaria depois, ao entrar na política em 1946, quando se desligou do jornal.

Militando no PTB, ao regressar da Inglaterra, integrou o "staff" getulista que sucedeu a queda da ditadura. Eleito deputado federal em janeiro de 1947 numa campanha memorável em que obteve mais votos (184.118) do que todos os outros candidatos a deputado federal de seu partido somados, dois meses depois abandonaria o PTB para ingressar no PTN, agremiação partidária dissidente do PTB que ele próprio dirigiria por muitos anos. Tribuno inflamado, orador famoso, polemista notável, foi um exemplo típico, um dos mais legítimos representantes do populismo paulista. Reeleito sucessivamente em 1950, 1954, 1958 e 1962 com votações sempre muito expressivas⁷,

⁷ em 1962 obteria novamente a maior votação em todo o estado.

foi no entanto derrotado duas vezes como candidato a prefeito de São Paulo, a primeira delas em 1955, quando Lino de Matos se elegeu.

"Desde 1953, quando Jânio Quadros surgiu no panorama político paulista, foi um dos homens que sempre apoiou o ex-presidente, não sem que às vezes, deixasse o campo populista para engrossar a fileira da liberal-democracia. Assim fez, em 1958, quando apoiou a candidatura do prof. Carvalho Pinto ao governo de São Paulo. Mas já em 1961, formou contra as forças liberais que apoiavam Prestes Maia à Prefeitura, sendo derrotado apesar da simpatia do presidente Jânio Quadros."⁸ Emílio Carlos tentara neste pleito cobrar o apoio oferecido a Carvalho Pinto em 1958, mas o governador preferiu apoiar Prestes Maia, de quem já fora assessor jurídico na gestão 1938-1945. Mais tarde, a revista "O Cruzeiro" comentaria o episódio, acusando Carvalho Pinto nos seguintes termos: "ele não admite que um turco sente na cadeira quatrocentona".⁹ Emílio Carlos ficara em segundo lugar, na verdade prejudicado por Jânio, que apesar de apoiá-lo, decretara nos dias decisivos da campanha a impopular Instrução 204, responsável por um violento aumento de preços em bens e serviços de consumo popular. "Jânio, o monstro, baixara a portaria para degolar o amigo e companheiro político. Emílio crescera demais. Precisava ser decapitado. O machado do carrasco foi a 204."¹⁰ No intrincado jogo político do populismo paulista da época, Emílio Carlos no entanto abria o PTN à candidatura Jânio em 1962, nas decisivas eleições para governador do Estado, contra Adhemar de Barros e José Bonifácio Coutinho Nogueira, sendo de novo derrotado.

Faleceu em janeiro de 1963, sem chegar portanto a iniciar seu quinto mandato como deputado federal. No dia seguinte à notícia de sua morte, o mesmo jornal que antes o

8 *O Estado de São Paulo*, 20 de janeiro de 1973.

9 *O Cruzeiro*, 16 de fevereiro de 1963.

10 *O Cruzeiro*, 9 de fevereiro de 1963.

empregara e que o havia combatido ao longo de quase toda sua carreira política, concedia: "Possuía, incontestavelmente, o dom de falar às massas, sabendo como atraí-las(...) Na verdade, o parlamentar "petenista" foi um dos mais populares oradores políticos, fazendo acorrer às praças públicas onde discursava numerosos admiradores, do mesmo modo que as suas intervenções no rádio e na televisão eram acompanhadas por grande número de pessoas."¹¹

A exemplo de Emílio Carlos, cuja popularidade é originalmente tributária do tempo em que atuava como radialista, vários outros eleitos em 1947 pertencentes à colônia também possuíam algum trunfo que os destacava como "bons de voto", além das credenciais de advogado formado pela faculdade. O exemplo mais semelhante, muito embora filiado a outro campo da política partidária paulista, talvez tenha sido o de Nicolau Tuma, eleito em 1947 vereador em São Paulo pela sigla udenista.

Tuma, cujo pai libanês fora mascate, nasceu em Jundiáí em 1911 e após seus estudos na capital, foi um dos primeiros descendentes de libaneses a formar-se pela Faculdade de Direito, ainda em 1931. Nesta, já havia presidido o Partido Acadêmico, ao mesmo tempo em que iniciava, em 1928, sua carreira jornalística como tradutor de telegramas e copidesque da última página do Diário Nacional, órgão do Partido Democrático (PD) de São Paulo. Num concurso para locutor, empregou-se na Rádio Record e alguns meses depois foi chamado para ler no rádio a primeira nota oficial da Revolução Constitucionalista, anunciando a deflagração do movimento na noite anterior. Ao lado dos radialistas César Ladeira e Renato Macedo, formou a tríade que transmitia notícias sobre o movimento, derrotado em outubro de 1932. Também pioneiro das transmissões

¹¹ *O Estado de São Paulo*, 24 de janeiro de 1963.

esportivas pelo rádio¹², ocupou vários cargos importantes no meio radiofônico em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Eleito vereador da capital no pleito de 1947, Tuma seria ainda reeleito para o mesmo cargo em 1952 e 1956. Em 1955, foi candidato derrotado à vice-prefeitura da capital e no ano seguinte, eleito vereador, foi designado pelo então governador Jânio Quadros diretor do Serviço de Trânsito em São Paulo, cargo que ocupou até 1958, quando obteve seu primeiro mandato como deputado federal. Udenista fiel, obteve a primeira suplência nas eleições de 1962, mas logo no início da legislatura, em fevereiro de 1963, assumiu uma cadeira na Câmara Federal. Com o movimento de 64, filiou-se à ARENA, obtendo outra suplência no pleito de 1966. A partir de fevereiro de 1967, assumiu novamente uma cadeira na Câmara, até outubro de 1968, quando a deixou definitivamente. No ano seguinte, tornou-se conselheiro do Tribunal de Contas de São Paulo.¹³ O rádio, as transmissões esportivas e os cargos de diretor de trânsito alicerçaram em última análise a popularidade de Tuma ao longo de sua carreira política.

Outro da colônia, cuja longa carreira política iniciou-se pela vereança na capital em 1947, foi Camilo Ashcar, também formado pela Faculdade de Direito. Ashcar, nascido em 1920 na capital, era filho de um casal de libaneses que em São Paulo fundou a primeira escola para filhos de imigrantes dessa origem. Ashcar, diferentemente de Emílio Carlos ou de Tuma, não derivou originalmente sua popularidade de cargos ligados ao rádio, mas já na faculdade, conseguiu se firmar como promissor líder evangélico. Segundo seu depoimento, sua entrada para a política deu-se da seguinte forma:

¹² entrevistado, o ex-vereador orgulha-se de ter realizado a primeira narração radiofônica ao vivo de uma partida de futebol.

¹³ Beloch, Israel e Abreu, Alzira Alves de. *Dicionário Histórico-Biográfico...*

"Eu havia terminado a Faculdade de Direito de São Paulo como primeiro aluno da turma e havia recebido todos os prêmios que à minha turma foram conferidos, conforme consta do meu curriculum vitae. Os jornais noticiaram e houve uma publicidade ampla. Eu também já era à esta época um líder em formação da coletividade evangélica de São Paulo. Dirigia cursos, pregações, acampamentos, sociedades, da coletividade presbiteriana no Brasil. Então eu tinha a projeção como estudante recém-formado e laureado, alguma projeção como um líder em formação da juventude evangélica e também nas atividades que eu estava exercendo naquela oportunidade. O Brasil voltou àquela época ao regime democrático, foi depois da queda do governo Getúlio Vargas, em 1947 estavam procurando moços para integrarem a vida política do país e eu fui escolhido pela UDN para ser um de seus vereadores, e fui eleito no primeiro escrutínio. Depois fui eleito sucessivamente cinco vezes deputado estadual e terminei minha carreira política como ministro no Tribunal de Contas do Estado de São Paulo."¹⁴

Foi também através do pleito de 1947 que Alfredo Farhat obteve o primeiro de seus cinco mandatos sucessivos de deputado estadual. Nascido na capital em 1909, formou-se no Largo São Francisco em 1942, e logo tornou-se uma espécie de representante na Assembléia dos interesses dos proprietários de cartórios de todo o estado de São Paulo.

Além de Emílio Carlos, Tuma, Ashcar e Farhat, mais dois filhos de sirio-libaneses que haviam freqüentado os bancos da Faculdade de Direito foram eleitos em 1947. O primeiro deles, eleito vereador na capital pelo PTB, foi Anis Aidar, formado em 1940, a cuja família já nos referimos em capítulo anterior. Com uma carreira política pouco expressiva¹⁵, entrevistado, Aidar nos conta que se elegeu basicamente porque era advogado trabalhista do Sindicato das Indústrias Químicas e Farmacêuticas.

O último deputado federal da colônia a ser eleito foi Juvenal Sayon. Ideologicamente, Ashcar e Tuma representaram dois dos três esteios mais sólidos do udenismo paulista na colônia. O terceiro foi Sayon, também formado pela Faculdade de Direito, eleito por duas vezes deputado estadual, em 1947 e em 1950. Anti-ademarista ferrenho¹⁶, Sayon

¹⁴ entrevista a Cristiane Abdon Cury, gentilmente cedida por esta.

¹⁵ Aidar encerrou sua carreira política em 1952, quando não conseguiu se reeleger vereador.

¹⁶ sobretudo em seu segundo mandato, Sayon sofreria sucessivas tentativas de cassação impetradas por políticos ademaristas que alegavam ter o deputado forjado documentos de naturalização (ao que parece, ele teria nascido na Síria e não em Ibitinga, conforme constava de seu registro de nascimento) para se candidatar ao cargo.

havia antes se notabilizado como advogado pelo levantamento da rede de espionagem nazista no Brasil e pela repressão da mesma, no processo Niels Cristinsen¹⁷, provavelmente derivando daí sua base eleitoral.

O único não formado pela politicamente fértil academia do Largo São Francisco era Salomão Jorge, médico, poeta e um dos fundadores do PSP em São Paulo. Em 1935, nas páginas do Diário de São Paulo, Salomão Jorge travara uma polêmica azeda contra Herbert Levy, defendendo a colônia sírio-libanesa das insinuações de que os imigrantes desta origem seriam prejudiciais à nação.¹⁸

Quatro aspectos são importantes na análise dos candidatos da colônia sufragados por este revelador pleito de 1947. Em primeiro lugar, é notável que dos sete da colônia eleitos, seis deles tenham cursado a Faculdade de Direito, o que confirma a importância desta instituição como credenciadora de aspirações políticas não apenas para descendentes de famílias da elite paulista, mas para filhos de famílias imigrantes em trajetórias ascensionais, recém-estreados no campo político.

É também digno de nota que todos eles, formados, embora certamente tenham recebido uma quantidade significativa de votos da colônia, detinham sobretudo postos eleitoralmente rentáveis também fora dela, seja como radialista, militante religioso, advogado trabalhista ou de outra espécie. É bastante significativo observar portanto que não serão nem o voto étnico, nem o título de bacharel condição suficiente para o ingresso na arena política.

¹⁷ consultar *Quem é quem no Brasil - biografias contemporâneas*. (São Paulo: Sociedade Brasileira de Expansão Comercial Ltda., 1948), p. 205.

¹⁸ consultar Salomão Jorge, *Álbun da Colônia Sírio-Libanesa no Brasil* (São Paulo: Sociedade Imprensa Brasileira, 1948), pp. 493-519.

Em terceiro lugar, é também notável que os eleitos tenham obtido seus mandatos junto a agremiações partidárias relativamente diversificadas, ligadas a máquinas políticas distintas e que cobriam praticamente todo o espectro ideológico da política paulista da época. Se entre os eleitos de 1947 o ademarismo não pôde dispor de nenhum bacharel da colônia, nas eleições seguintes à Câmara Municipal em 1952, elegeu-se pelo PSP William Salem, advogado também formado pela Faculdade de Direito em 1946 e que em 1948 ocupara o cargo de chefe de gabinete de Paulo Lauro, prefeito da capital nomeado pelo então governador Adhemar de Barros no ano anterior. Salem seria eleito pelo PSP à Câmara Municipal de São Paulo em três mandatos consecutivos (1952, 1956 e 1960), ocuparia por três vezes a presidência da casa, chegando a exercer interinamente o cargo de prefeito da capital paulista. Elemento de confiança de Adhemar, foi no entanto preterido por seu partido como candidato à prefeitura paulistana em 1961, que indicou Cantídio Sampaio para a disputa. Por causa disso, ingressou no PTB e elegeu-se no ano seguinte deputado federal, tendo seu mandato cassado em 1964, a pedido do próprio Adhemar. Dezoito anos depois deste episódio, em 1982, Salem tentou reeleger-se novamente vereador, em dobradinha com Adhemar Filho, sem sucesso.¹⁹

Por fim, a entrada imediata na política de um número significativo de descendentes de sírios e libaneses, elegendo-se em partidos de significativa representação, parece desafiar a noção mais comum de que tais legendas eram monopolizadas pelo *establishment* político paulista. Ao contrário, podemos afirmar que justamente pelo fato de em São Paulo os partidos de expressão nacional (como a UDN, o PSD e o PTB) terem que disputar espaços na arena política com agremiações partidárias (como o PSP, o PTN e o PDC) chefiadas por próceres populistas de expressão, o campo político tornou-se mais permeável a filhos de imigrantes sem tradição na política local. De certa

¹⁹ *O Estado de São Paulo*, 19 de agosto de 1982.

forma, o populismo, ao embaralhar o jogo político e ao fazer com que o estado muitas vezes apresentasse uma pauta política própria, distante da pauta dominante nacional, facilitou a oxigenação, favoreceu o ingresso de novatos no campo.

À exceção de Aidar e de Salomão Jorge²⁰, a redemocratização da segunda metade dos anos 40 abriu caminho para carreiras políticas relativamente longas, cujos titulares, conquistando ao longo do tempo sucessivos mandatos, fixaram-se como elementos da colônia atuantes no campo político, pelo menos ao longo das próximas duas décadas. Ashcar até 1970, Tuma até 1969, Farhat até 1965, Salem até 1964, Sayon até 1954 e Emilio Carlos até 1963 - o último apenas em razão de seu falecimento prematuro - esta primeira leva de "políticos patricios bacharéis" praticamente monopolizaria os cargos de vereador da capital, deputado estadual e federal preenchidos com nomes da colônia até pelo menos 1958. Nas eleições deste ano, a esses nomes conhecidos somaram-se outros, diluindo-se um padrão de recrutamento político tão nitidamente definido. O pleito de 1958 será aquele em que o velho e o novo se apresentarão ombro a ombro, da forma mais equilibrada. Na eleição seguinte porém, em 1962, um novo padrão de recrutamento já se imporá como mais importante para o sucesso daqueles que, pertencentes à colônia, tentaram uma carreira política.

Antes porém de avançarmos para o final dos anos cinquenta, ocupemo-nos brevemente da passagem de Ricardo Jafet pela presidência do Banco do Brasil neste politicamente tumultuado início de década. Nascido em 1907, filho do pioneiro Nami Jafet, Ricardo havia realizado seus estudos primários e secundários no Mackenzie College; logo após, transferiu-se para a Capital Federal, onde diplomou-se pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro em 1930. Nos anos 40, Ricardo Jafet, que se casara

²⁰ Salomão Jorge encerrou sua carreira política em 1950, quando, ao concorrer à reeleição de deputado estadual pelo PTN, obteve apenas uma suplência.

com uma das filhas de Salim Farah Maluf, já era apontado como dono de uma das maiores fortunas do Brasil. Além do patrimônio herdado de sua próspera família, ele havia ainda feito sucesso nos negócios de algodão, havia fundado a primeira empresa de transporte rodoviário de carga entre o Rio de Janeiro e São Paulo e, em 1936, uma empresa destinada a operar no setor de mineração, a Mineração Geral do Brasil.²¹

Em 1950, Ricardo apoiara a candidatura Getúlio Vargas à Presidência da República²² e a de Adhemar de Barros ao governo de São Paulo. Vitoriosos os candidatos, às vésperas do anúncio do ministério Vargas, Jafet era tido pela imprensa paulista como o nome a ser indicado para a pasta da Fazenda²³. O nome escolhido por Vargas no entanto foi o de Horácio Lafer, "por pressão política da colônia judia, que não poderia suportar o filho de um libanês em cargo tão importante", dizem, muito provavelmente com algum exagero, alguns entrevistados mais exaltados da colônia. Na verdade, o ministério Vargas apenas refletia a ampla composição política das forças que o apoiaram durante a campanha. A Jafet coube ocupar a presidência do Banco do Brasil nos anos de 1951 e 1952, indicado por Adhemar.

Sua gestão foi muito controvertida e fortemente combatida pela oposição, muitas vezes sob o incentivo do próprio Lafer, o que indiretamente acirrou antagonismos entre as duas colônias em São Paulo. No caso por exemplo da operação de compra de toda a safra de algodão de 1951-1952 a preços comerciais pelo Banco do Brasil, Horácio Lafer publicamente criticou a operação em si mesma, taxando-a de desvantajosa para o banco. Ao assumir o cargo, Jafet procurou ativar programas de crédito fácil no Banco do

21 *Jornal do Comércio*, 19 de março de 1968.

22 O verbete *Vargas, Getúlio* do Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro aponta Ricardo Jafet como "o maior contribuinte da campanha eleitoral de Getúlio" (p. 3488).

23 consultar *O Estado de São Paulo*, 25 de janeiro de 1951.

Brasil, enfrentando, no entanto, o cerrado antagonismo de Lafer, empenhado em limitar a expansão de crédito, a fim de controlar o surfo inflacionário.²⁴

Além disso, foi acusado sistematicamente de conceder empréstimos sob condições excepcionais a grupos ligados a Vargas, à sua própria usina siderúrgica e, o mais ruidosamente explorado pela oposição, ao jornal Última Hora, de orientação pró-varguista. O desgaste ocasionado pelo empréstimo a Wainer e a incompatibilidade com Horácio Lafer levaram Jafet a deixar a presidência do Banco do Brasil em 1953. A partir de então, passou a se dedicar a seus interesses privados. Com a inversão política ocasionada pelo movimento de 64, desamparado politicamente com a cassação de Adhemar de Barros, e operando majoritariamente num setor fortemente vinculado ao Estado, o grupo Jafet foi lentamente "estrangulado" pelos mentores da nova política econômica.²⁵ "Foram eles os nossos algozes", relembra o irmão de Ricardo hoje, no comando do que restou de um dos mais poderosos grupos econômicos nacionais.

Analisada em seu conjunto, a trajetória política mal sucedida de Ricardo Jafet denota as dificuldades na transferência de trunfos econômicos para a esfera da política. O único cargo que ocupou, a presidência do Banco do Brasil (embora muito importante à sua época), em uma passagem relativamente curta e polêmica, deveu-se mais à sua expressão econômica como empresário e sobretudo refletiu o reconhecimento de Vargas pelo suporte financeiro à sua campanha presidencial.

Retornemos portanto aos pleitos para deputados estadual e federal. O ano é 1958. Entre os três eleitos da colônia à Câmara Federal por São Paulo, nada de anormal: lá

²⁴ Beloch, Israel e Abreu, Alzira Alves de. *Dicionário Histórico-Biográfico...*, p.3495.

²⁵ em 1967, o grupo Jafet abriria concordata.

estavam J. J. Abdalla, Emílio Carlos e Nicolau Tuma²⁶, representando as correntes pessedista, trabalhista e udenista, respectivamente. Já entre os eleitos à Assembléia Legislativa, ao lado dos veteranos Ashcar e Farhat, novos figurantes patrícios faziam sua estréia, uma estréia não como políticos, mas apenas como deputados. Seus nomes - Bady Bassit, Semi Jorge Resegue, Nagib Chaib, Miguel Jorge Nicolau e Anibal Hamam - todos muito pouco conhecidos na capital paulista. Entre eles, um traço distintivo em comum: todos haviam ocupado cargos políticos em suas cidades de origem, e agora convertiam a popularidade acumulada em suas bases interioranas em trunfos eleitorais.

Bady Bassit já havia sido eleito em 1954 deputado estadual pelo PSP e iniciava seu segundo mandato. Nascido em 1916 em São José do Rio Preto, região onde a colônia sempre foi numericamente muito expressiva e próspera, formara-se médico e iniciara sua carreira política como vereador. Já a base eleitoral de Semi Jorge Resegue era a região de Bariri, onde sua família possuía uma indústria de óleos vegetais. Eleito deputado estadual por três legislaturas consecutivas, em 1958 pelo PSP, em 1962 pelo PDC e em 1966 pela ARENA, Semi fazia dobradinha com seu irmão José Jorge Resegue, médico formado no Rio de Janeiro, que em 1962 fora prefeito de Bariri e que neste mesmo ano obteria uma cadeira na Câmara Federal, onde permaneceu até 1971. No caso de Nagib Chaib, também eleito à Assembléia Legislativa por três legislaturas consecutivas (1958 e 1962 pelo PDC, 1966 pela ARENA), a região de Mogi Mirim constituía seu reduto político. Nesta cidade, ele se elegera vereador em 1947, e fora candidato derrotado à prefeitura em 1951. Em 1956 porém, seu irmão Adib obteve seu primeiro mandato como prefeito de Mogi Mirim. Dois anos depois Nagib seria eleito deputado. Por fim, tanto Miguel Jorge Nicolau quanto Anibal Hamam haviam sido

26 Em 1955, Tuma havia obtido o segundo lugar nas eleições à vice-prefeitura da capital. Para não ficar sem mandato, em 1956 reelegeu-se vereador, mas em seguida, valendo-se da popularidade da campanha para vice-prefeito, em 1958 obteve seu primeiro mandato na Câmara Federal.

prefeitos de São João da Boa Vista e de Pirajuí, respectivamente, antes de se elegerem deputados estaduais em 1958.

Em 1962, será a origem interiorana o padrão de recrutamento político dominante para descendentes de sírios e libaneses eleitos, um padrão que em 1958, ainda nascente, só fora capaz de atingir a Assembléia Legislativa do Estado. Em 1962, este padrão já dominante não apenas persistiria nesta última casa, onde a bancada de descendentes da colônia seria ampliada de oito deputados estaduais em 1958 para onze em 1962, como também seria responsável pela formidável ampliação do número de patrícios eleitos por São Paulo na Câmara Federal: de três eleitos em 1958, nada menos do que dez seriam eleitos em 1962.

Entre os estreantes na Assembléia Legislativa: José Jorge Cury (PSD/PSP), advogado, vereador por oito anos em São José do Rio Preto, ex-presidente desta Câmara Municipal, presidente da Associação Industrial, Comercial e Agrícola e do Clube Monte Líbano locais, vice-presidente do Hospital das Clínicas da cidade; Jamil Assuf Dualibi (PRT), advogado de base eleitoral em Tupã, onde havia sido eleito prefeito em 1956; Nadir Kenan (Coligação Janista/PTN/MTR), advogado formado pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, radialista e ex-vereador da cidade de Barretos; Jamil Gadia (Coligação Janista/PTN/MTR), vereador por oito anos em Campinas e ex-presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Bebidas local; Nabi Abi Chedid (PRP) de Bragança Paulista; e Jayme Daige (PST), eleito em 1960 prefeito do Guarujá. Além disso, o mais notável é a continuidade do padrão: desses seis deputados estaduais, nenhum deles perdeu a chance de se reeleger para o mesmo cargo em 1966²⁷.

²⁷ Cury, Dualibi e Chedid pela ARENA; Kenan, Gadia e Daige pelo MDB.

No plano federal, a história se repete. Entre os estreantes teremos: Tufy Nassif (Coligação Janista/PTN/MTR), contador e funcionário público federal que havia sido por oito anos vereador em Franca; Pedro Marão (Coligação Janista/PTN/MTR), dentista e farmacêutico formado em Araraquara e advogado formado em Niterói, vereador em Araraquara onde ocupou a presidência da Câmara local²⁸; Aniz Badra (PDC/PRT/UDN), ex-deputado classista em 34, advogado, ex-vereador da cidade de Marília, por dez anos consecutivos presidente da Câmara local (1948-1958) e também por dez anos presidente da Associação Paulista de Municípios (1953-1963)²⁹; e Paulo Jorge Mansur (PTB/PSB), radialista e proprietário da Rádio Difusora Paulista, em São Vicente³⁰.

Da década de sessenta até os dias de hoje, será este o padrão dominante, responsável pela elevada representação de descendentes de sírios e libaneses no campo político. Uma das chaves desta sobre-representação da colônia, desproporcional à expressão de seu contingente numérico, reside na combinação peculiar de dois fatores. Em primeiro lugar, o padrão geográfico de dispersão da colônia, originalmente tributário da atividade de mascates, ou em última análise da crença de que qualquer lugarejo constituía um mercado em potencial para o mascate se fixar como comerciante. Isto acarretou o fato de "que hoje existam patrícios em qualquer buraco do país", na expressão de um entrevistado. Este primeiro fator, acoplado a uma mobilidade ascensional forte, possibilitada pelo investimento educacional na segunda geração, muito rapidamente agiu como elemento que impulsionou a emergência de lideranças locais.

28 Marão seria reeleito deputado federal pelo MDB em 1966.

29 Badra, pai da atual colunista social de Brasília Consuelo Badra, seria reeleito deputado federal em 1966 e em 1970 pela ARENA.

30 Mansur, eleito pelo PTB, teve seu mandato cassado em 1964. Ele fora eleito graças à popularidade de seu programa de rádio dedicado aos nordestinos da Baixada Santista. Num *mix*, para dizer o mínimo, curioso, Mansur também incentivava programas de música árabe em sua rádio. Nos dias de hoje, seu filho Beto Mansur continua na política, derivando seus votos também da condição de locutor de rádio.

Nas palavras do ex-deputado Camilo Ashcar:

"O árabe é o que mais se integra, em qualquer cidade. É o que mais sente e toma para si os problemas da comunidade. Você pode procurar em qualquer município do Brasil: sempre tem alguém da colônia que entrou na política por causa disso, de se entregar de corpo e alma à sociedade e com isso virar mais brasileiro do que os outros. Ou é algum médico que tem muita clientela, ou um comerciante conhecido, ou desportista, etc.; todos com sua base, muito integrados nas suas comunidades."

Indagado a respeito de como é que os descendentes de sírios e libaneses entraram na política, Ashcar continua:

"A sua pergunta me obriga a dar uma resposta um pouquinho mais ampla sobre a evolução da coletividade libanesa no Brasil. Há várias fases dessa evolução. A primeira foi a dos bandeirantes do comércio, dos libaneses que adentraram os sertões de São Paulo, Minas, Mato Grosso, sobretudo, levando nos seus ombros uma mala com mercadorias para fazer trocas ou vender utilidades de primeira mão e foi esta fase a dos pioneiros libaneses no Brasil. À esta fase pioneira ou heróica veio uma segunda fase sucessiva de integração social. Os libaneses passaram a conviver em pequenas vilas e povoados, formando uma lojinha, ao lado da igreja, ao lado da escola, ao lado da farmácia, e começando a viver aquela forma incipiente dos futuros municípios. Foram se integrando aos costumes das famílias locais e ganhando a simpatia e a colaboração dos brasileiros, sobretudo pela sua boa vontade em servir. Depois, veio uma terceira fase, da consolidação do comércio. Passaram a ter um pouco mais de recursos, abriram-se as primeiras lojas, as primeiras fábricas, os primeiros teares, as primeiras indústrias incipientes, e foram crescendo até se tornarem capitães da indústria e do comércio. Depois dessa fase sucedeu-se a fase da cultura. Já com a posição econômica definida, os sírios e libaneses quiseram que seus filhos tivessem uma formação cultural mais aperfeiçoada, talvez por influência da cultura libanesa que é uma tradição. Então, enquanto os pais se sacrificavam na atividade econômico-financeira ou em coisas paralelas, os filhos eram enviados para as escolas, para se prepararem para profissões liberais e se formaram em todos os ramos da atividade, exercendo hoje até cátedras universitárias com muito brilhantismo. Depois dessas fases, dessa integração toda, e por projeção da sua cultura, do seu valor pessoal e da sua participação na vida histórico-cultural do país, é que surgiu a fase política. Então destacando-se pela qualidade de sua vida familiar, pela correção do caráter, pela dedicação ao trabalho, pela cultura, talvez até por alguns recursos econômicos, e pela qualidade de liderança que o libanês tem naturalmente - que é um diplomata por natureza - os descendentes de libaneses foram sendo convocados para os primeiros cargos públicos: vereadores, prefeitos, deputados e foram ascendendo até governadores de estado, até ministros de estado, como agora ocorre."³¹

Excluídos os elementos auto-glorificantes da fala de Ashcar, o que se destaca realmente são os dois fatores já apontados acima: por um lado, o padrão de distribuição geográfica

31 entrevista de Camilo Ashcar a Cristiane Abdon Cury.

combinado com uma inserção urbana; por outro, a mobilidade da segunda geração via educação. Assim sendo, é preciso relativizar a influência do voto da colônia, diminuindo-lhe o peso explicativo. Mais correto seria atribuir a entrada significativa no campo político ao profundo senso de enraizamento social da colônia, que sem perder sua identidade, soube se fixar de forma irreversível no tecido social.

Ashcar prossegue, agora numa perspectiva comparada com outras etnias:

"É exatamente isso que eu acho, que a nossa coletividade tem características diferentes porque os libaneses no Brasil não constituíram um grupo fechado, nem racial e nem religioso. Eles vieram ao Brasil e já foram se adaptando aos costumes do Brasil e não formaram um grupo fechado, isolado da sociedade. Pelo contrário, começaram logo a ativamente participar da convivência social. Então passaram a ser um grupo aberto, não um grupo fechado, não um grupo isolado, não um grupo restrito. Muitas outras colônias são fechadas, a japonesa e outros grupos europeus minoritários."

Talvez nenhum outro exemplo revele com maior eloquência tal fenômeno do que o caso dos políticos de origem sírio-libanesa eleitos pelos clubes de futebol. O pioneiro e mais notável deles: Athiê Jorge Coury. Nascido em 1906 na cidade de Itu, onde realizou seus primeiros estudos, já em 1927 Athiê, agora instalado em Santos, possuía um modesto escritório comercial. Neste mesmo ano começou a treinar no Santos Futebol Clube e em 1930, tornara-se goleiro titular não só do time, mas também da seleção paulista³². Paralelamente a suas atividades esportivas, Athiê fora nomeado corretor oficial de café com autorização para operar na praça de Santos; mais tarde ele presidiria a Bolsa de Café de Santos. Com a redemocratização de 1945, Athiê já fundara e presidia o diretório do PSP santista; eleito vereador em 1947, doou seus proventos à Santa Casa de Misericórdia de Santos, instituição na qual ocupou o cargo de tesoureiro ao longo de dez mandatos. Em 1950, obteve o primeiro de seus três mandatos como deputado estadual (1950, 1954 e 1958) e em 1962 o primeiro de seus cinco mandatos (1962,

³² como esportista, Athiê havia iniciado sua carreira como goleiro do Clube Sírio, em São Paulo.

1966, 1970, 1974 e 1978) como deputado federal. Ao longo de todos esses anos, a certeza de ser eleito proveio no entanto do fato de ter sido presidente do Santos Futebol Clube por 26 anos, num período que coincidiu com a ascensão de Pelé e do próprio clube³³.

Em 1960, uma revista da colônia o apresentava do seguinte modo: "Athiê Jorge Coury é um dos grandes valores humanos da coletividade. Independentemente de seus afazeres particulares, divide o seu tempo entre a Assembléia Legislativa - é deputado estadual - a Santa Casa de Santos, da qual é um dos grandes, senão o maior benemérito, e a presidência do Santos Futebol Clube, cujo prestígio nacional e internacional dispensa quaisquer comentários. Naturalmente, é também filho dedicado, excelente pai, excelente esposo." Ao lado da reportagem, duas fotografias: uma da mãe e outra sua, "na chefia da delegação do Santos Futebol Clube quando, na última excursão à Europa, visitou o cemitério de Pistóia, onde achavam-se os pracinhas brasileiros"³⁴.

Aquilo que impressiona é o fato de Athiê, um filho de imigrante, conseguir acumular um portfólio tão diversificado de capitais sociais: no campo profissional, como dirigente de clubes, como político, como membro da colônia, como benemérito de instituições de caridade, etc. Muitos outros exemplos de políticos de descendência sírio-libanesa que fizeram carreira política a partir de suas bases eleitorais em outras cidades paulistas revelam-nos padrões semelhantes, sugerindo que na verdade Athiê esteve muito longe de ser o único.

Ainda segundo Ashcar, "os descendentes de libaneses foram ganhando posições de liderança nos municípios e nos estados, foram se projetando nas atividades liberais,

33 Athiê Jorge Coury foi também presidente do São Vicente Praia Clube por alguns anos.

34 *Etapas*, dezembro de 1960, ano V n.60.

foram se projetando na carreira judiciária, sobretudo nas universidades, foram ganhando liderança no mundo econômico-financeiro, e estas projeções foram colocando essas novas gerações de libaneses em posição de destaque. Daí vem a convocação para a participação. Se antigamente havia o preconceito, hoje os partidos políticos fazem questão de ter nas suas chapas descendentes de libaneses ou de árabes em geral, porque sabem que eles trarão para as suas legendas, para os seus partidos, uma grande contribuição de votos... Quando chegava a época das eleições eles afloravam assim à nata da massa social, sendo escolhidos com facilidade." É claro que o fator diferencial não está no fato de ser descendente de árabe, mas no de acumular capitais sociais (no discurso de Ashcar, "liderança" e "projeções") essenciais ao pleito de representante político.

O caso de Athiê, cujos pais - é bom frisar - eram imigrantes, constitui um dos maiores exemplos do profundo grau de enraizamento social alcançado por alguns descendentes que se tornaram políticos. Sua popularidade como "homem do esporte" inspirou outros como o já referido Nabi Abi Chedid em Bragança Paulista, Jamil Gadia em Campinas e antes deles Wadih Helou, presidente do Corinthians entre 1961 e 1971³⁵. Atualmente cumprindo nada mais nada menos que seu sétimo mandato de deputado estadual, Helou entrevistado nos dá a sua versão sobre o peso do voto da colônia:

"Não existe esse negócio de voto da colônia. Não dá prá contar. Deixa eu explicar melhor. Não quer dizer que a colônia não vota em patrício, ela quase sempre vota. Mas o problema é que tem sempre muito candidato da colônia para dividir. Então ninguém se elege só com voto da colônia. Vou dar um exemplo. Pega o Monte Líbano: numa eleição prá vereador ou deputado tem 5, 6 ou 10 candidatos sócios do clube. Então ninguém pode dizer que foi eleito pelo clube, sempre tem muita gente. Com o Sírio é a mesma coisa. O negócio funciona mais por bolsões. Eu vou explicar. Veja o meu caso, eu quase sempre me elejo com um pouco mais da metade dos votos no interior e quase a metade dos votos na capital. Eu sei que uma parte vem porque eu fui presidente do Corinthians,

35 É significativo que tanto nas eleições de 1956 quanto na de 1960, Helou não conseguiu se eleger como vereador da capital. O sucesso de sua carreira política se inicia portanto após ter conquistado a presidência do Corinthians. Afastado da presidência do clube em 1971, dois anos depois tornou-se presidente da Federação Paulista de Automobilismo.

outra porque fui advogado, escrevente no cartório e tinha força no Fórum, outra da minha cidade, da minha região, onde minha família já era de políticos e ainda outra da população que eu atendi e atendo todos esses anos aqui no meu gabinete, toda tarde. É claro que muitos patrícios votam em mim, mas o que vale mais são esses bolsões. E assim é prá todo mundo."

Relativizar a importância do voto étnico não significa, por outro lado, descaracterizá-lo como fenômeno. O que em geral ocorre é que ele por si só não basta, não elege ninguém. Indagados se os descendentes de árabes votam em descendentes de árabes, a resposta é invariavelmente a mesma. "Em grande parte votam. Não quer dizer que seja uma regra geral. Se nós fôssemos uma coletividade fechada, poderíamos dizer que japonês vota em japonês e que russo vota em russo. Pelo que eu tenho apreendido, os descendentes de libaneses, em regra geral, votam em brasileiros que são filhos de libaneses. Mas também votam em brasileiros que são amigos da coletividade libanesa (...) Tem que haver uma ligação sócio-familiar, cultural, econômica. Eleitor vota em quem conhece, com quem convive ou em quem acha digno de seu voto"³⁶.

O Quadro I apresenta de forma mais sintética os dados relativos aos perfis dos candidatos de sobrenome sírio-libanês eleitos para os cargos de deputado estadual, federal ou vereador da capital entre os anos de 1945 e 1966. Muitas das informações nele contidas já foram comentadas anteriormente. É importante contudo que dois aspectos sejam ressaltados. Em primeiro lugar, o elevado número de profissionais liberais, quase todos filhos de imigrantes (cujos pais portanto muito provavelmente iniciaram suas trajetórias como mascates), que depois se tornaram políticos. De um universo de 88 mandatos de deputados federais, estaduais (eleitos por São Paulo) ou de vereadores da capital, exercidos por 41 políticos distintos de origem sírio-libanesa,

³⁶ entrevista de Camilo Ashcar a Cristiane Abdon Cury.

cerca de dois terços destes eram profissionais liberais de nível superior, sobretudo advogados e médicos.³⁷

Quadro I - Patrícios na Política Paulista (deputados federais, estaduais e vereadores da capital eleitos entre 1945 e 1966)

Ano	Cargo/leg.	Nome	Curso Superior/Profissão	Base eleit.orig.	Cargo político anterior
1945	D.Fed./PSD	J. J. Abdalla	Fac. Medicina R.J.(1927)	Birigui	Ver(34-37), Pref(37-45)
1947	D.Fed./PTB	Emílio Carlos	Fac. Dir. S.Paulo (1941)	radialista	-
1947	D.Est./UDN	Juvenal Sayon	Fac. Dir. S.Paulo (*)	causa jur. pop.	-
1947	D.Est./PDC	Alfredo Farhat	Fac. Dir. S.Paulo (1942)	classe cartorial	-
1947	D.Est./PSP	Salomão Jorge	Fac. Medicina R.J.(*)	intelectual	Candid. a D.Fed.(1945)
1947	Vereador/UDN	Camilo Ashcar	Fac. Dir. S.Paulo (1946)	pregador evang.	-
1947	Vereador/UDN	Nicolau Tuma	Fac. Dir. S.Paulo (1931)	radialista	-
1947	Vereador/PTB	Anis Aidar	Fac. Dir. S.Paulo (1940)	advog. sindical	-
1950	D.Fed./PTN	Emílio Carlos	Fac. Dir. S.Paulo (1941)	radialista	Deputado Federal(47-50)
1950	D.Est./UDN	Juvenal Sayon	Fac. Dir. S.Paulo (*)	causa jur. pop.	Deput. Estadual (47-50)
1950	D.Est./PSD	Alfredo Farhat	Fac. Dir. S.Paulo (1942)	classe cartorial	Deput. Estadual (47-50)
1950	D.Est./UDN	Camilo Ashcar	Fac. Dir. S.Paulo (1946)	pregador evang.	Vereador S.Paulo(47-50)
1950	D.Est./PSP	Athié J. Coury	corretor de café (Santos)	Santos	Pres. Santos Fut. Clube
1952	Vereador/UDN	Nicolau Tuma	Fac. Dir. S.Paulo (1931)	radialista	Vereador S.Paulo(47-52)
1952	Vereador/PSP	Elias Shammas	professor	Santos	-
1952	Vereador/PSP	William Salem	Fac. Dir. S.Paulo (1946)	-	Chefe gabin.pref.(48-9)
1954	D.Fed./PTN	Emílio Carlos	Fac. Dir. S.Paulo (1941)	radialista	Deputado Federal(47-54)
1954	D.Fed./PSD	J. J. Abdalla	Fac. Medicina R.J.(1927)	Birigui	Pref(37-45)D.Fed(47-50)
1954	D.Est./UDN	Camilo Ashcar	Fac. Dir. S.Paulo (1946)	pregador evang.	Ver.(47-50)D.Est(50-54)
1954	D.Est./PR	Alfredo Farhat	Fac. Dir. S.Paulo (1942)	classe cartorial	Deput. Estadual (47-54)
1954	D.Est./PSP	Athié J. Coury	corretor de café (Santos)	Pres. Santos FC	Deput. Estadual (50-54)
1954	D.Est./PSB	Wilson C.Rahal	Fac. Dir. S.Paulo (*)	-	Candid. a Ver.SP (1947)
1954	D.Est./PSP	Bady Bassit	médico	S.J. Rio Preto	-
1956	Vereador/PSP	William Salem	Fac. Dir. S.Paulo (1946)	-	Vereador S.Paulo(52-56)
1956	Vereador/PSP	Elias Shammas	professor	Santos	Vereador S.Paulo(52-56)
1956	Vereador/UDN	Nicolau Tuma	Fac. Dir. S.Paulo (1931)	radialista	Vereador S.Paulo(47-56)

37 a estimativa é conservadora, visto que não conseguimos apurar a profissão original de 5 dos 41 políticos listados.

Quadro I - (cont.)

Ano	Cargo/leg.	Nome	Curso Superior/Profissão	Base eleit.orig.	Cargo político anterior
1958	D.Fed./PTN	Emílio Carlos	Fac. Dir. S.Paulo (1941)	radialista	Deputado Federal(47-58)
1958	D.Fed./PSD	J. J. Abdalla	Fac. Medicina R.J.(1927)	Birigui	Dep. Fed. (47-50,54-58)
1958	D.Fed./UDN	Nicolau Tuma	Fac. Dir. S.Paulo (1931)	radialista	Vereador S.Paulo(47-58)
1958	D.Est./UDN	Camilo Ashcar	Fac. Dir. S.Paulo (1946)	pregador evang.	Ver.(47-50)D.Est(50-58)
1958	D.Est./PTN	Alfredo Farhat	Fac. Dir. S.Paulo (1942)	classe cartorial	Deput. Estadual (47-58)
1958	D.Est./PDC	Athié J. Coury	corretor de café (Santos)	Pres. Santos FC	Deput. Estadual (50-58)
1958	D.Est./PSP	Bady Bassit	médico	S.J. Rio Preto	Deput. Estadual (54-58)
1958	D.Est./PSP	Semi J.Resegue	(*)	Bariri	
1958	D.Est./PDC	Nagib Chaib	comerciante	Mogi Mirim	Vereador M.Mirim(47-51)
1958	D.Est./PTB	Miguel Nicolau	(*)	S.J. Boa Vista	Pref. S.J B Vista(56-58)
1958	D.Est./PTB	Anibal Hamam	advogado	Pirajul	Pref. Pirajul
1960	Vereador/PSD	Nazir Miguel	Fac. Medicina R.J.	-	Sec.União Metrop.Estud.
1960	Vereador/PSP	William Salem	Fac. Dir. S.Paulo (1946)	-	Vereador S.Paulo(52-60)
1962	D.Fed./PTN	Emílio Carlos	Fac. Dir. S.Paulo (1941)	radialista	Deputado Federal(47-62)
1962	D.Fed./PSD	J. J. Abdalla	Fac. Medicina R.J.(1927)	Birigui	Dep. Fed. (47-50,54-62)
1962	D.Fed./PDC	Athié J. Coury	corretor de café (Santos)	Pres. Santos FC	Deput. Estadual (50-62)
1962	D.Fed./PTB	William Salem	Fac. Dir. S.Paulo (1946)	-	Vereador S.Paulo(52-62)
1962	D.Fed./PTB	José J.Resegue	Fac. Medicina R.J. (*)	Bariri	Prefeito de Bariri
1962	D.Fed./PTB	Paulo J.Mansur	pptário. de emiss. rádio	radial.S.Vicente	(*)
1962	D.Fed./PDC	Aniz Badra	Fac. Direito R.J. (1945)	Marília	D.Fed(34-7),Ver.(47-58)
1962	D.Fed./PSD	Ant. A.Chammas	empresár.(MoinhoS.Jorge)	Santo André	(*)
1962	D.Fed./CJ	Tufy Nassif	técn.contábil/func.públ.	Franca	Vereador Franca (54-62)
1962	D.Fed./CJ	Pedro Marão	Fac.Odont(46)Dir.Nit.(51)	Araraquara	Vereador Araraquara
1962	D.Est./UDN	Camilo Ashcar	Fac. Dir. S.Paulo (1946)	pregador evang.	Ver.(47-50)D.Est(50-62)
1962	D.Est./PSD	Alfredo Farhat	Fac. Dir. S.Paulo (1942)	classe cartorial	Deput. Estadual (47-62)
1962	D.Est./PDC	Nagib Chaib	comerciante	Mogi Mirim	Ver.(47-51)D.Est(58-62)
1962	D.Est./PSP	Semi J.Resegue	(*)	Bariri	Deput. Estadual (58-62)
1962	D.Est./PSP	José J. Cury	Fac. Direito Bauru(1957)	S.J. Rio Preto	Ver. S.J R.Preto (52-60)
1962	D.Est./PRT	Jamil Dualibi	Fac. Direito Bauru (*)	Tupã	Prefeito Tupã (54-57)
1962	D.Est./CJ	Nadir Kenan	Fac.Dir.R.J./radialista	Barretos	Ver. Barretos (55-62)
1962	D.Est./CJ	Jamil Gadia	pres.sind. Campinas	pres.Guarani FC	Ver.Campinas(56-62)
1962	D.Est./PRP	Nabi A. Chedid	(*)	Brag.Paulista	pres. Bragantino FC
1962	D.Est./PST	Jayme Daige	pequeno industrial	Guarujá	Pref. Guarujá (60-62)
1964	Ver./PL	Ricardo Izar	Fac. Direito PUC (*)	-	(*)
1964	Ver./PSD	Nazir Miguel	Fac. Medicina R.J.	-	Vereador S.Paulo(60-64)
1964	Ver./PST	Alex Freua N.	(*)	Cambuci/futebol	Candid.ver.SP (56 e 60)

Quadro I - (cont.)

Ano	Cargo/leg.	Nome	Curso Superior/Profissão	Base eleit.orig.	Cargo político anterior
1966	D.Fed./UDN	Nicolau Tuma	Fac. Dir. S.Paulo (1931)	radialista	Ver(47-58)D.Fed.(59-66)
1966	D.Fed./MDB	Athié J. Coury	corretor de café (Santos)	Pres. Santos FC	D.Est(50-62)D.Fed(62-6)
1966	D.Fed./MDB	Pedro Maranhão	Fac.Odont(46)Dir.Nit.(51)	Araraquara	Ver.Araraq. D.Fed(62-6)
1966	D.Fed./ARENA	José J.Resegue	Fac. Medicina R.J. (*)	Bariri	Pref.Bariri D.Fed(62-6)
1966	D.Fed./ARENA	Aniz Badra	Fac. Direito R.J. (1945)	Marília	D.Fed(62-6), Ver.(47-58)
1966	D.Fed./ARENA	Tufy Nassif	téc.n.contábil/func.públ.	Franca	Ver(54-62),D.Fed.(62-6)
1966	D.Fed./ARENA	Nazir Miguel	Fac. Medicina R.J.	-	Vereador S.Paulo(60-66)
1966	D.Est./ARENA	Camilo Ashcar	Fac. Dir. S.Paulo (1946)	pregador evang.	Ver.(47-50)D.Est(50-66)
1966	D.Est./ARENA	Nagib Chaib	comerciante	Mogi Mirim	Ver.(47-51)D.Est(58-66)
1966	D.Est./ARENA	Semi J.Resegue	(*)	Bariri	Deput. Estadual (58-66)
1966	D.Est./ARENA	José J. Cury	Fac. Direito Bauru(1957)	S.J. Rio Preto	Ver.(52-60)D.Est(62-66)
1966	D.Est./ARENA	Jamil Dualibi	Fac. Direito Bauru (*)	Tupã	Pref.(54-7)D.Est(62-66)
1966	D.Est./MDB	Nadir Kenan	Fac.Dir.R.J./radialista	Barretos	Ver.(55-62)D.Est(62-66)
1966	D.Est./MDB	Jamil Gadia	pres.sind. Campinas	pres.Guarani FC	Ver.(56-62)D.Est(62-66)
1966	D.Est./ARENA	Nabi A. Chedid	(*)	Brag.Paulista	pres.BFC D.Est.(62-66)
1966	D.Est./MDB	Jayme Daige	pequeno industrial	Guarujá	Pref.(60-62)D.Est(62-6)
1966	D.Est./MDB	Fauze Carlos	Esc.Paul. Medicina(1946)	-	Secret.Saúde SP (58-65)
1966	D.Est./MDB	Alex Freua N.	(*)	Cambuci/futebol	Vereador S.Paulo(64-66)
1966	D.Est./MDB	J. Maluly Neto	Fac. Medicina R.J.(1956)	Mirandópolis	Pref. Mirandóp. (60-64)
1966	D.Est./MDB	Salim Sedeh	advogado (*)	-	Secret.Jurid.Prefeitura
1966	D.Est./ARENA	Ant.S. Curiati	Esc.Paul. Medicina(1953)	Avaré	(*)
1966	D.Est./ARENA	Wadih Helou	Fac. Dir. S.Paulo (*)	Corinth.(61-71)	Vereador S.Paulo(61-63)
1966	D.Est./ARENA	José Calil	E.S.Agr.Luiz Queiróz(39)	agrônomos	pres.Soc.Paul.Agronomia
1966	D.Est./ARENA	Nesraïla Rubes	(*)	-	(*)
1966	D.Est./ARENA	Roberto Gebara	Fac. Dir. S.Paulo (1957)	-	Secr.Trab.Ind.Com.(63)
1966	D.Est./ARENA	Salim A. Thome	comerciante	Barretos	Ver. Barretos (56-66)

(*) dado não apurado

Em segundo lugar, salta aos olhos a presença maciça de personagens que entraram na política estadual e federal, a partir de carreiras iniciadas em cidades interioranas. É preciso se ter em conta que os dados apresentados pelo quadro apontam apenas os candidatos eleitos a cargos de vereador da capital, deputado estadual e federal entre os anos de 1945 e 1966. Um número muito maior de descendentes de sírios e libaneses foram apenas candidatos que não tiveram êxito ou ainda que restringiram sua atuação política ao âmbito local, seja como vereadores ou como prefeitos de cidades do interior.

Registre-se aqui, apenas a título ilustrativo, um único exemplo dentre tantos outros, este mais significativo em função do porte da cidade. Trata-se do caso de Miguel Vicente Cury, filho de imigrantes, que em 1920 instalara-se em Campinas com uma pequena oficina de reforma e fabrico de chapéus à mão. Cury prosperou muito rapidamente: em 1928 sua pequena empresa já empregava 65 operários e sete anos depois, a Fábrica de Chapéus Cury era conhecida em todo o estado e empregava mais de quatrocentos trabalhadores. À sua época, Cury tomou-se uma das figuras políticas mais populares da cidade, elegendo-se prefeito de Campinas em 1947, vereador em 1952 e novamente prefeito em 1960. A exemplo de Cury, quantos outros não se aventuraram com sucesso na vida política em outras cidades do interior paulista?

Do ponto de vista da interação entre representantes e representados, duas determinações aparecem como mais relevantes. Por um lado, dificilmente se pode negar a ampla autonomia que tiveram os eleitos em relação à sua base étnica. Em geral emancipados em relação à colônia em função de não dependerem exclusivamente dela, já a partir da década de quarenta seria bastante temerário classificá-los como eleitos *da* colônia ou *pela* colônia.

Por outro lado, do ponto de vista desta, ser de origem sírio-libanesa era importante. Ter patrícios na política muitas vezes significou a evidência maior de que a "raça" tinha valor, a aceitação definitiva desta entre os maiores da sociedade. Além disso, para uma colônia de vida associativa tão fértil como a sírio-libanesa, seus eleitos estruturalmente encarnavam pontos de apoio, mais ou menos influentes, sustentadores da rede de entre-favorecimento comum na colônia. Neste sentido, para a colônia seus políticos não faziam mais do que dar conteúdo prático aos valores caros à maior parte das famílias de imigrantes, aprendidos desde longa data: reciprocidade e assistência mútua. Foram

portanto muitas vezes encarados como uma espécie de extensão da família ampliada, uma instância à qual se podia recorrer em caso de necessidade.

Esta dupla determinação embasa a observação mais comum de que uma das características singulares da colônia árabe brasileira consiste no fato de que seus "políticos ou líderes surgem como indivíduos isolados e não como pertencentes a um grupo étnico. No entanto, quando consolidam uma posição, o caráter "guetual" se revela, pois os cargos de confiança serão atribuídos aos pares. Não foi à toa que durante o governo de Paulo Salim Maluf corria ironicamente a frase de que o Palácio do Governo havia se tornado um califado..."¹

Na verdade, talvez mais do que em qualquer outro grupo étnico, a chave para a compreensão da representação política entre sírios e libaneses, tanto do lado de representantes quanto do lado de representados, reside no caráter profundamente pragmático de definição e cumprimento de uma agenda política própria, defensora dos interesses específicos de cada político patricio e de cada fração interna à própria comunidade, muito pouco influenciada ou sujeita aos ditames de quaisquer instituições ou ideologias particulares. Tal espírito "desencantado" pode ser observado na admirável formulação, impregnada de ceticismo e de realidade, de um ex-político da colônia: "Eu diria que de modo geral somos comerciantes, a colônia nunca se mobilizou muito por política. Ela vota em patricios - antes votava mais - porque sempre tem um candidato conhecido à mão. Eu diria porém que de modo geral, para a colônia, a política é menos importante do que torcer para um time de futebol".

¹ Cristiane Abdon Cury. *A participação política e social da colônia sírio-libanesa em São Paulo*, (mimeo) projeto de pesquisa submetido à Fundação Ford, 1983. De fato em 1979, apenas no primeiro escalão, dentre os 22 secretários de Estado, 5 eram patricios.

De modo geral, pode se afirmar que esse pragmatismo nas opções políticas redundou na disseminação de patricios ao longo de todo o espectro ideológico, como se para cada um a oportunidade fizesse a sua hora, independentemente de outras considerações programáticas. Habitados ao sucesso empresarial e comercial, estranho seria se também não ousassem e soubessem estender essa condição à esfera das atividades políticas, emprestando não raras vezes a esta, caráter mercantil.

Neste sentido, é interessante notar que é forte o contraste com os políticos descendentes da outra etnia comercial importante, de origem judaica. Neste caso, conforme nos informa Grun², a luta internacional contra o anti-semitismo forjou ao longo do tempo (em diversos países, inclusive no Brasil) uma *intelligentsia* na colônia com voz forte, portadora de valores universalistas. Empenhada em afastar o estereótipo de avarentos comumente atribuído à colônia e em preservar a imagem dos judeus na arena pública, ela exerce um controle muito mais efetivo sobre seus eleitos, deslegitimando e impugnando tentativas de mercantilizar o campo político na colônia, e efetivamente corrigindo as trajetórias pouco recomendáveis de suas figuras públicas, muito mais dependentes do voto étnico.

Entre sírios e libaneses, a colônia jamais foi capaz de exercer qualquer enquadramento semelhante. A escala de prestígio e reconhecimento efetivamente vigente na colônia, comumente expressa por comentários do tipo "-e no bolso, quanto tem?", sempre foi a do poder econômico *tout court*, independente de outras mediações, conforme aliás demonstra fartamente - desde o primeiro minuto do jogo democrático do pós-45 - a trajetória de J. J. Abdalla. À parte poucas exceções (Emílio Carlos, Ashcar e Wilson Rahal, por exemplo), muito mais comum foi a colônia e seus políticos encararem o

² Roberto Grun, *Einstein ou Goldenstein?: os judeus na esfera política e a representação pública da comunidade*, (mimeo). São Paulo: 1992.

interesse por atividades políticas como estratégias inscritas e subordinadas à acumulação de capitais no campo propriamente econômico.

Por outro lado, ideologicamente, seria injusto caracterizar a sobre-representação da colônia no campo político como um subproduto do movimento de 64. Historicamente a inserção de políticos de origem sírio-libanesa já encontrava solo fértil no ademarismo e no populismo janista.³ No primeiro, porque a máquina política montada pelo ademarismo no interior do estado era receptiva e tendia a acolher lideranças locais emergentes. Além disso, a representação das "coisas da política" simplesmente como uma esfera a mais do mundo dos negócios, em certo sentido o seu abastardamento, muitas vezes encontrou eco favorável no estilo ademarista, adaptando-se perfeitamente a este, como nos casos de Abdalla, Salem e outros.

Já na vertente janista, não há dúvida de que muitos patrícios vislumbraram na rápida ascensão de Jânio, sustentada por uma grande empolgação popular, uma oportunidade para a entrada no campo político. É provável também que o meritocratismo demagógico de Jânio de certa forma favorecesse o arrebanhamento de profissionais liberais que desejassem se lançar a cargos políticos. Também é verdade que Emílio Carlos, um de seus mais diletos aliados políticos, por ser patrício era encarado como uma espécie de representante de Jânio junto à colônia, o que também favoreceu algumas inserções. Seu irmão por exemplo, o atual deputado Fauze Carlos, médico formado pela Escola Paulista de Medicina em 1946, iniciou sua carreira política como secretário de Estado para os Negócios da Saúde no governo de Jânio, em 1958. Mantido no posto por Carvalho Pinto, Fauze aí permaneceu até 1965, quando passou a ocupar o cargo de secretário de Higiene e Saúde da Prefeitura, sob a gestão Faria Lima. Em 1966 enfim

³ Já observamos que no udenismo paulista, Ashcar, Tuma e Sayon praticamente estabilizaram e monopolizaram a representação política da colônia nesta sigla.

concorreu pela primeira vez a um cargo eletivo, obtendo neste pleito a maior votação entre todos os candidatos a deputado estadual. O próprio Fauze, por sua vez, foi o responsável pelo lançamento de Roberto Gebara na política. Gebara havia sido seu chefe de gabinete no início de sua gestão como secretário da Saúde; em 1962 e 1966 Gebara seria eleito deputado estadual e em 1970, federal.

Tanto em 1962 quanto em 1966, o número de cadeiras ocupadas por patrícios de São Paulo, tanto na Câmara Federal (59 cadeiras disponíveis) quanto na Assembléia Legislativa do Estado (115 cadeiras disponíveis) já era francamente desproporcional à expressão numérica dos sírios e libaneses e de seus descendentes na população do estado. Em 1962, foram eleitos 10 deputados federais e 11 estaduais pertencentes à colônia (17% e 10% das vagas disponíveis respectivamente); em 1966, 7 federais e 19 estaduais (12% e 17% das vagas). A partir de então, esta sobre-representação da colônia no campo político parece que fixou-se como tendência, não apenas em São Paulo, mas também em outros estados da Federação. Em 1987, uma publicação destinada a apresentar e a servir de referência para a comunidade libanesa do Brasil (que não incluía portanto os descendentes de sírios), com indisfarçável orgulho podia se gabar da expressão numérica do assim chamado grupo parlamentar Brasil-Líbano: 33 deputados federais, 7 senadores e 2 governadores de estado.⁴

Mais uma vez é nítido o contraste com o caso judeu. Se fôssemos construir um quadro análogo ao apresentado para descendentes de sírios e libaneses, de políticos judeus eleitos no mesmo período (entre a redemocratização de 1945 e as eleições de 1966), contaríamos apenas com 5 nomes para compô-lo, onde apenas o de Horácio Lafer (deputado federal e duas vezes ministro entre 1946 e 1963) apareceria com algum destaque. Os outros quatro nomes iniciaram suas carreiras políticas a partir de eleições

4 Hekmat Khodr, *O Libanês no Brasil*, vol.3, 1987.

para o cargo de vereador na capital: Jacob Salvador Zveibil (eleito vereador em 1956 e deputado estadual em 1958, 1962 e 1966), Hélio Dejtiar (vereador em 1964 e deputado estadual em 1966), Marcos Kertzmann (vereador em 1964 e deputado federal em 1966) e David Lerer (também vereador em 1964 e deputado federal em 1966). A ausência de nomes provenientes do interior paulista e o início da carreira política como vereadores na capital comum a todos referenda a forte dependência de tais políticos do voto de suas respectivas bases étnicas, os distritos eleitorais centrais da cidade, onde se concentrava a maioria da população judaica na capital.⁵ É muito provável portanto que tal organicidade entre a colônia e seus políticos, em flagrante contraste com o caso de sírios e de libaneses, seja responsável pela baixa representação eleitoral entre os judeus no período analisado.

Por outro lado, agora de um ponto de vista mais estrutural, cabe ainda mencionar que este enraizamento social frequentemente alcançado por indivíduos na colônia, responsável em ampla medida pela entrada de contingentes significativos na política, somente foi possível dadas as características do "meio receptor": uma sociedade heterogênea e relativamente aberta, em processo de relativa expansão econômica e mudança, formada por diferentes estratos sociais pouco consolidados, e que colocava lado a lado brasileiros de várias gerações, imigrantes de variadas origens, filhos de imigrantes, descendentes da população negra e mestiça, etc. No próximo capítulo deste trabalho, será possível visualizar com maior nitidez dentro de uma perspectiva comparada, todas as "facilidades" que a própria sociedade paulista, por suas características, ofereceu.

Em 4 de junho de 1978, uma parcela ponderável dos políticos situacionistas que eram descendentes de sírios e libaneses pôde apreciar e contribuir para o fortalecimento de

⁵ Roberto Grun, *Einstein ou Goldenstein?...*, p. 10.

uma liderança política importante saída da colônia, na convenção da Arena paulista convocada para indicar o candidato a governador de São Paulo. Embora seu pai tivesse falecido quando contava com onze anos de idade, sua mãe conseguira administrar e desenvolver ainda mais um patrimônio já bem formado, nucleado ao redor de uma das maiores serrarias do estado e de uma gama variada de empreendimentos imobiliários, até que seus dois filhos homens pudessem assumir os negócios da família. Ele pertencia portanto a uma das famílias ricas da colônia e havia se formado engenheiro civil pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo em 1954. Casou-se com uma das filhas de Fuad Lutfalla, que havia sido um dos grandes da colônia no setor têxtil, e por treze anos ocupou-se, ao lado de seu irmão primogênito e de sua mãe, do amplo leque de negócios controlados por sua família.

Em 1967, a convite do ministro da Fazenda Antônio Delfim Netto, entrou para a vida pública ocupando a presidência da Caixa Econômica Federal em São Paulo. No ano seguinte assumiu a vice-presidência da Associação Comercial de São Paulo⁶ e em abril de 1969, favorecido por Costa e Silva, foi nomeado prefeito da capital paulista em substituição a Faria Lima. Em 1971, deixou a prefeitura e passou a assumir, até 1975, a Secretaria de Transportes do Estado, a convite de Laudo Natel. Em 1976, como candidato da situação, elegeu-se agora presidente da Associação Comercial de São Paulo até fixar-se definitivamente no panorama político nacional ao derrotar o mesmo Natel na convenção da Arena paulista em 1978, que indicaria o candidato do regime ao cargo de governador.

A partir de então - e é isso o que nos interessa mais de perto - o malufismo pôde tomar força e desenvolver-se com grande vigor. Obviamente seria descabido aqui tentarmos explicar a trajetória bem sucedida de seu líder meramente a partir de suas relações com

⁶ Eduardo Saigh, sogro de seu irmão, havia sido presidente desta associação anteriormente.

a colônia. Entretanto, neste ponto particular parecem importantes três considerações. Embora Maluf mantenha relações ambíguas com a colônia, sendo ao mesmo tempo amado e odiado por setores expressivos dela, pela primeira vez temos uma figura politicamente bem sucedida na colônia, cuja família anteriormente já dispunha de trunfos econômicos bastante expressivos, e ainda disposta a reinvestir os dividendos da atividade política na própria política. De fato, entre as maiores expressões políticas da colônia, Abdalla sempre subordinou suas atividades à formação de seu patrimônio. Emílio Carlos não detinha nenhum capital econômico expressivo, mas acumulou ao longo de sua carreira uma expressão política significativa, muito embora subordinada ao janismo. Com Ricardo Jafet sucedeu o contrário: era muito rico mas foi pouco feliz na tentativa de transladar capitais econômicos para trunfos políticos.⁷ De certa forma portanto, este aspecto pioneiro ajuda a compreender em parte o vigor do malufismo.

Em segundo lugar, e provavelmente em decorrência mesmo desta primeira consideração, cumpre chamar a atenção para o fato de que Maluf, ao longo de sua carreira política, efetivamente organizou um espaço especificamente político para a expressão de parcelas significativas da colônia, não perdendo a oportunidade de em grande parte das vezes mobilizar políticos patricios antes dispersos em setores diversos do espectro político. De fato, hoje um dos aspectos mais notáveis do malufismo é a sua capacidade de de certa forma reintroduzir uma base étnica no domínio da política, atraindo e condensando uma rede de políticos patricios canalizados de antigas hostes, sejam elas ademaristas, janistas, ou que exigissem reconversões mais delicadas⁸. Os

7 outro caso semelhante ao de Jafet é o do empresário Antonio Adib Chammas, na década de sessenta proprietário do maior moinho de trigo da América Latina, o Moinho São Jorge. Chammas candidatou-se e elegeu-se deputado estadual em 1962 pelo PSD. Ligado a Adhemar de Barros, e acusado anteriormente num escândalo envolvendo a armazenagem de trigo, Chammas teve seu mandato cassado após o movimento de 64.

8 Vide por exemplo, entre tantas outras, as trajetórias de Athiê Jorge Coury, eleito deputado federal por quatro vezes pelo MDB e em 1980, convertido ao malufismo; Fauze Carlos, janista histórico, também várias vezes eleito pelo MDB e convertido ao malufismo, elemento de ligação

reiterados investimentos na formação de uma rede política abrangente, traduzidos em apoios a bases regionais muitas vezes capitaneadas pessoalmente por patrícios ou por elementos a estes ligados, com certeza explicam parte considerável do vigor do malufismo nos dias atuais.

Mesmo assim, seria distorcido atribuir uma excessiva importância apenas ao aspecto étnico da base de arregimentação malufista. Exclusivamente através dela, não se pode compreender sua trajetória política bem sucedida, que ao longo dos anos e de suas reiteradas campanhas foi capaz de definitivamente neutralizar os limites étnicos de sua candidatura. Neste aspecto, conforme já ressaltai de forma genérica no capítulo anterior, o diploma de engenheiro formado pela Escola Politécnica potencializa em muito sua performance eleitoral. Maluf hoje é capaz de encarnar para parcelas significativas da população paulista (e provavelmente nacional), muito maiores que a expressão numérica de sua colônia, a imagem de um político dinâmico e moderno. Ao mesmo tempo em que contou e conta, entre seus colaboradores e aliados "históricos", com uma parcela não desprezível de patrícios, ele efetivamente logrou estabelecer pontes a setores muito mais amplos do espectro político em que atua.

O resultado é que, à parte considerações de ordem ideológica, Maluf tomou-se definitivamente uma figura de primeira grandeza do campo político nacional. Nada mais comprobatório desta condição, de sua aceitação irrevogável pelo *establishment* político em São Paulo, do que observar a diferença de tratamento dispensada pelo jornal "O Estado de São Paulo" ao Maluf de alguns anos atrás e ao Maluf de hoje.

importante entre Jânio e Maluf; Alex Freua Neto, que sempre utilizou o nome de Jânio para se eleger, ao mesmo tempo em que apoiava Maluf para prefeito em 1988; e assim por diante.

Por último, creio ainda não ser descabido notar que hoje, mais do que nunca, o malufismo reatualiza os conteúdos e revigora a essência de um estilo de se fazer política que herda muito da figura do mascate: ousado, empreendedor, pragmático e mercantil, inapelavelmente portanto entranhado das características da ascensão sócio-econômica do grupo étnico que o encarnou.

7. PAÍS DESENVOLVIDO, TRAJETÓRIA NEM TANTO: SÍRIOS E LIBANESES NOS ESTADOS UNIDOS - UM ENFOQUE COMPARATIVO.

Por mais completa e minuciosa, qualquer apreciação da experiência migratória de qualquer etnia que tenha por foco um único país receptor, necessariamente deixará de captar elementos importantes, muitas vezes *definidores* do tipo de inserção econômico-social experimentada pelo grupo. Análises comparativas são então fundamentais por uma série de motivos. Em primeiro lugar e mais abstratamente, elas propiciam o esclarecimento de aspectos particulares de situações específicas. Cada caso individual acaba servindo como uma espécie de contraponto, de comentário sobre o outro¹. Ou ainda, como Bendix colocou, "análises comparativas aumentam a visibilidade de uma estrutura ao contrastá-la com outra."² Mais especificamente, é bastante conveniente a utilização do método comparativo no campo da história social da imigração. Conforme notou Fausto, a própria natureza do objeto convida a "audácias oceânicas"³. Em um trabalho comparativo publicado em 1983, Baily sugeriu um esquema conceitual a ser aplicado ao processo de ajustamento⁴ de imigrantes em áreas urbanas. Segundo esse autor, o número considerável de variáveis inter-relacionadas que normalmente explicam a experiência migratória "poderia ser agrupado em três categorias: variáveis

1 Clifford Geertz, *Islam Observed*. Chicago: University of Chicago Press, 1981, p.4.

2 Reinhard Bendix. *National-Building and Citizenship*. University of California Press, 1977, pp. 16-7. Para uma discussão mais detalhada dos usos do método comparativo em História Social, vide Theda Skocpol, *Vision and Method in Historical Sociology*. Cambridge University Press, 1984.

3 Boris Fausto. *Historiografia da imigração para São Paulo*. São Paulo: Ed. Sumaré, 1991, p. 52.

4 "ajustamento" sendo compreendido como a fase inicial do processo de assimilação.

relacionadas às características dos grupos imigrantes quando estes imigraram, aquelas relacionadas ao tipo de sociedade que encontraram, e as derivadas de mudanças ocorridas com o passar do tempo na própria comunidade imigrante."⁵ Green, após sugerir que "a imigração é em si mesma uma situação de comparação"⁶ estabeleceu três tipos de modelos apropriados à história da imigração: *linear*, onde um foco talvez mais minucioso de investigação⁷ procurará levar em conta a história do grupo antes e depois da experiência migratória; *convergente*, onde a ênfase recai sobre padrões de mobilidade econômica e social entre diferentes grupos étnicos que se dirigiram a um mesmo país; *divergente*, onde se procura avaliar as diferentes trajetórias seguidas por um mesmo grupo étnico em países distintos.

Em nosso caso, focalizando-se destinações diferentes para uma mesma origem comum, somos convidados a indagações a respeito dos efeitos que diferentes estruturas sociais exerceram sobre o grupo, uma pergunta obviamente importante demais para ser negligenciada em qualquer trabalho, comparativo ou não, mas cujo grau de precisão da resposta dependerá decisivamente da adoção de uma perspectiva comparativa. Assim, certas características determinantes da inserção econômica ou social no país receptor que normalmente seriam assumidas como "naturais" para certo grupo étnico⁸ podem efetivamente ser postas à prova neste enfoque. Portanto, as vantagens associadas ao

5 Samuel Baily, "The Adjustment of Italian Immigrants in Buenos Aires and New York". *American History Review*, 88(2), 1983, p. 295.

6 Nancy L. Green, "L'Histoire Comparative et le Champ des Études Migratoires". *Annales ESC*, novembre-décembre 1990, n.6, p.1335. A autora cita o depoimento de Mary Antin, uma imigrante russa de origem judaica que se tornou escritora nos Estados Unidos: "eu comparava constantemente meu mundo novo ao antigo e o antigo ao novo, para que um e outro ficassem mais claros. Tomei-me estudante e filósofa pela força das circunstâncias."(p.1335)

7 é nítido em trabalhos deste tipo um tratamento mais rigoroso de variáveis que procurem controlar antes e depois da migração o modo como as famílias se estruturam e se reproduzem: número de filhos, idade para o casamento, sazonalidade do casamento, duração do período de fertilidade, etc. Para um bom modelo, vide o trabalho de Gjerde sobre noruegueses no Meio-Oeste americano (Jon Gjerde, *From Peasants to Farmers: the Migration from Balestrand, Norway, to Upper Middle West*. Cambridge: Cambridge University Press. 1989).

8 isto é, como decorrentes de características inerentemente atribuídas ao grupo antes da migração se realizar.

método comparativo vinculam-se a uma posição epistemológica de melhor equilíbrio entre tradições "culturalistas" - onde a ênfase recai sobre valores, costumes ou qualificações trazidas consigo pelos imigrantes para a nova sociedade - e "estruturalistas" - onde os condicionantes da sociedade de adoção constituem o aspecto privilegiado de análise. Por último, ao se tomar por foco cenários alternativos de inserção, inevitavelmente surge a questão da visibilidade, da percepção de tais opções para os diferentes segmentos que emigraram a partir da mesma região, uma indagação cuja resposta poderá esclarecer rotas preferenciais de migração para parcelas distintamente inseridas na sociedade original.

Contudo, trabalhos que adotem uma perspectiva comparada no terreno da historiografia da imigração para o Brasil tem sido raros. Em parte porque são trabalhosos ao requererem na maior parte dos casos (ao menos idealmente) uma disponibilidade e estruturação de dados dificilmente similares e compatíveis entre os dois países analisados; em parte também pelo motivo talvez menos científico, embora não menos decisivo, de que tais estudos envolvem freqüentemente deslocamentos internacionais de pesquisadores. As notáveis exceções ficam por conta de Baily(1969 e 1978), Trento(1984), Alvim(1986), Luebke(1987) e Klein(1989), um grupo já restrito onde apenas Alvim figura como autor nacional. Em seu trabalho pioneiro, Baily procura averiguar por que tanto na Argentina quanto no Brasil os imigrantes italianos cumpriram um papel fundamental na organização e desenvolvimento de sindicatos e federações, enquanto que nos Estados Unidos tais imigrantes foram quase completamente excluídos de tais organizações.⁹ Alguns anos depois, um outro artigo deste mesmo autor examinaria as funções e a influência dos dois periódicos mais importantes ligados

9 Samuel Baily, "The Italians and the Development of Organized Labor in Argentina, Brazil and the United States, 1880-1914". *Journal of Social History*, 3, 1969, pp.123-34.

às comunidades italianas de São Paulo e Buenos Aires.¹⁰ Por outro lado, tanto Trento como Alvim buscaram focalizar contingentes de italianos vindos ao Brasil, procurando acompanhar suas trajetórias antes e depois da imigração.¹¹ Por sua vez, Luebke enfatizou as maiores dificuldades de adaptação a um ambiente cultural menos familiar enfrentadas pelos alemães que se dirigiram ao Brasil, em relação aos alemães chegados aos Estados Unidos. Segundo este autor, tal circunstância aliada a um tamanho menor do grupo resultou em sua maior concentração e isolamento em estados do Sul do Brasil, num padrão totalmente distinto do observável nos Estados Unidos.¹² Por sua vez, o artigo de Klein comparando italianos nos Estados Unidos, Argentina e Brasil procura realçar os determinantes que diferentes estruturas do mercado de trabalho impuseram à mobilidade da segunda geração de imigrantes nestes países.¹³

De qualquer forma, é importante enfatizar que o recorte comparativo comum a tais interpretações abre novas possibilidades ao campo, na medida em que contribui substantivamente para uma compreensão mais refinada dos processos migratórios, nesse campo onde muito se tem escrito sobre imigrantes em suas novas comunidades, como se a história destes tivesse se iniciado quando estes colocaram o pé para fora do vapor ou como se para estes sempre tivesse existido somente um vapor rumando para um mesmo local. Assim sendo, estudos comparativos no campo da história da imigração deveriam ser mais estimulados porque resguardam-nos, ou pelo menos atenuam, os perigos do provincianismo, forçando-nos a constantemente rever o conjunto de

10 Samuel Baily, "The Role of the Press and the Assimilation of Italians in Buenos Aires and São Paulo, 1893-1913". *International Migration Review*, 12, 1978, pp. 321-40.

11 Angelo Trento, *Là Dov'è la Raccolta del Caffè*. Padova: Antenore, 1984; Zuleika Alvim. *Brava Gente! Os Italianos em São Paulo, 1870-1920*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

12 Frederik S. Luebke, *Germans in Brazil: A Comparative History of Cultural Conflict During World War I*. Baton Rouge and London: Louisiana State University Press, 1987.

13 Herbert S. Klein, "A Integração dos Imigrantes Italianos no Brasil, na Argentina e Estados Unidos". *Novos Estudos Cebrap*. n.25 outubro 1989, pp. 95-117.

suposições implícitas com as quais lidamos no dia a dia ao nos dedicarmos a uma única sociedade ou cultura.

Sírios e libaneses nos Estados Unidos: um conjunto de semelhanças.

Em sua chegada a Nova York no ano de 1903, Mohammed Asa Abu-Howah, então um jovem imigrante de 17 anos, foi indagado por um funcionário do serviço de imigração a respeito do local dos Estados Unidos onde pretendia morar. Sem a menor idéia de onde ir, perguntou ao funcionário: "Onde mora o seu rei?" Informado de que na América não havia reis, mas um presidente, que morava em Washington, nosso espirituoso imigrante emendou: "Então eu vou para Washington. Se lá é bom o bastante para o seu presidente, será também bom o bastante para mim."¹⁴ E assim iniciou-se na América a espetacular história de A. Joseph Howar, um homem de negócios bastante conhecido nos meios empresariais em Washington que fez fortuna como construtor. No entanto, para a maior parte dos imigrantes de origem árabe que veio aos Estados Unidos, a fortuna não sorriu como para Howar, e talvez por causa disso mesmo sua história tenha sido tantas vezes repetida, projetada como uma espécie de mito para a colônia.

Knowlton mencionou, sem muita convicção, que os primeiros sírios e libaneses que emigraram para o Brasil talvez o tenham feito porque não conseguiram desembarcar nos Estados Unidos, seja por problemas legais ou de saúde. Embarcados de volta ao país de origem, muitos preferiram no meio do caminho ficar em países da América do Sul, sobretudo no Brasil e na Argentina.¹⁵ É também provável que muitos emigrantes,

14 Beverlee Turner Mehdi, *The Arabs in America...*, p.9.

15 Clark Knowlton, *Sírios e Libaneses...*, p.34.

receosos de não poderem preencher as condições mais rigorosas de entrada nos Estados Unidos, tivessem optado para outros países como o Brasil, onde praticamente inexistiam barreiras. A vontade de emigrar, de fazer a América, onde quer que esta fosse, precedia a determinação por um destino específico. Existem fortes indícios de que a América significava não somente os Estados Unidos. Outro relatório cita que "há homens, meninos, mulheres e crianças de Zahle em todas as grandes cidades do Novo Mundo, na Austrália, e nas ilhas de todos os mares. A crônica de suas experiências formará um estranho capítulo na história da Síria moderna. Atravessaram os Estados Unidos de norte a sul, viajaram por terra do Rio de Janeiro a Montreal e Quebec (sic), transpuseram o Pacífico de ilha em ilha em pequenos barcos, e não poucos circunavegaram o mundo e voltaram para casa via Jerusalém."¹⁶

Uma imagem tosca e idealizada da América simplificava sua geografia, encurtando distâncias entre cidades, regiões e até países. Em sua autobiografia intitulada "Uma Infância no Líbano", Mikhail Naimy relembra-se: "quase todos perguntavam a meu pai sobre notícias de algum parente na América. Uma mãe indagava a respeito de seu filho no Equador, uma esposa sobre seu marido na Argentina, um irmão sobre seu irmão nas Filipinas - inconscientes da distância entre estes lugares e a Califórnia, onde meu pai havia estado. Com exceção de poucos, toda essa boa gente não fazia nenhuma distinção entre uma parte das Américas e outra - tudo era apenas uma "Merica". Alguns poucos referiam-se à Nova York, significando os Estados Unidos como um todo e ao Brasil, designando toda a América do Sul. Daí inferiam que alguém em Nova York deveria ter conhecimento de todos os seus conterrâneos nos Estados Unidos, e alguém no Brasil deveria ter contato com todos aqueles rumados para a América do Sul e para a América Central."¹⁷

¹⁶ *Fifty-fifth Annual Report of the Board of Foreign Missions of the Presbyterian Church in the United States*, New York: Mission House, 1892; apud Clark Knowlton, *Sírios e Libaneses...* p.30.

¹⁷ Michael Naimy, *A New Year...*, p.1.

Por outro lado, também as circunstâncias em que a emigração ocorreu tenderam a fazer com que no início, a questão do destino não se apresentasse de modo muito relevante para o emigrante. A imigração não era subsidiada, aqueles que haviam tomado a decisão de emigrar, o faziam por conta própria, em geral às escondidas das autoridades turcas. Ficavam assim muito sujeitos a ação de intermediários que exerciam o tráfico de embarques clandestinos. Duoun afirmou que "não era raro embarcarem alguns em navios que demandavam portos diferentes do combinado."¹⁸ A emigração era ainda realizada por etapas: estas poderiam incluir o Egito, a Itália ou a França. Os imigrantes chegados a Alexandria, Gênova ou Marselha aguardavam então, às vezes por semanas, os navios que os levariam à América. Aí, nos portos de embarque, ficavam sujeitos a toda sorte de embustes. Eram explorados pelos donos das pensões onde dormiam e se alimentavam e pelos comerciantes de roupas que os convenciam de que não poderiam ir para a América portando trajes orientais¹⁹. Em seu diário de viagem, Ghanem não deixou de notar em Alexandria "a rapacidade dos vendedores. Infeliz do estrangeiro que se deixa pegar. Agrupados em grande número sobre o caes, esperam, com impaciência a vítima."²⁰ Por sobre estes, atuavam ainda os agentes das companhias de navegação que tentavam convencê-los de que este ou aquele destino seria mais adequado que outro. Knowlton apurou que "um emigrante destinado aos Estados Unidos poderia, em Alexandria, Nápoles ou Marselha, ser persuadido a embarcar para o Brasil ou a Argentina", seja por agentes das companhias de navegação, seja por imigrantes que estavam retornando.²¹

É claro que quando o efeito corrente se estabeleceu, a questão do destino, de se encontrar ou não parentes ou conterrâneos já estabelecidos no Novo Mundo, passou a

18 Taufik Duoun, *A emigração sírio-libanesa...*, p.90.

19 Taufik Duoun, *A emigração sírio-libanesa...* p.91.

20 Sadalla Amin Ghanem, *Impressões de viagem...*, p.27.

21 Clark Knowlton, *Sírios e Libaneses...*, pp.34-5.

assumir uma enorme importância. Entretanto, durante as fases iniciais da imigração, fazer a América para os pioneiros podia significar tanto os Estados Unidos quanto o Brasil, premidos por circunstâncias adversas que lhes reduziam a opção ou embaralhavam a convicção sobre um determinado destino. Seja como for, e sobretudo comparando-se às condições de vida muito mais precárias enfrentadas em sua terra natal, os que tomaram a decisão de emigrar foram convencidos, seja por cartas, pelos que retornaram, ou ainda pelas remessas de dinheiro, de que em geral, os países da América ofereciam grandes oportunidades aos que desejassem tentar uma nova vida.

Qualquer observador interessado em levantar a história da colônia síria e libanesa nos Estados Unidos, irá se deparar, em suas etapas iniciais, com praticamente todos os elementos já descritos anteriormente e aplicáveis ao Brasil. Basicamente por causa disso, não é possível se estabelecer nenhuma distinção entre grupos específicos que se dirigiram preferencialmente a um país ou a outro. Sendo a Síria um território de proporções relativamente pequenas, os estímulos para a emigração influenciaram de forma bastante homogênea a região como um todo. Além disso, do ponto de vista da estratificação social, o imigrante médio chegado no Brasil a partir de 1890 tem as mesmas características daquele que alcançou os Estados Unidos.

De fato, também neste país cerca de 90% da imigração síria e libanesa entre 1890 e 1930 foi constituída de cristãos²², em sua maioria habitantes de pequenas aldeias²³, que procuraram a América convencidos de que uma imigração temporária²⁴, que durasse apenas alguns anos, lhes facilitaria posteriormente a vida na terra natal. Pelos mesmos motivos que no Brasil, o padrão inicial de ocupação da colônia foi a

22 Philip M. Kayal, "Religion and Assimilation: Catholic "Syrians" in America". *International Migration Review*, vol.7 (4) (Winter 1973), p. 409; Deborah Miller, "Middle Easterners...", p. 513.

23 Afif I. Tannous, "Emigration, a Force of Social Change...", p. 266.

24 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.13.

mascateação²⁵ e o destino preferencialmente urbano: ao final dos anos 20, quase 90% deles habitavam cidades com mais de 25 mil habitantes, metade no extremo norte-oriental do país, entre os estados de Maine e Pennsylvania²⁶. Tannous observou que "praticamente todos os homens e mulheres do grupo pioneiro (aqueles que vieram entre 1890 e 1914) começaram como mascates.²⁷" E de fato, premidos pela necessidade de sobrevivência em um país onde tinham que aprender uma nova língua, é fácil concordar com Naff que a mascateação constituiu "o fator mais fundamental na assimilação dos sírios na América.²⁸"

Do ponto de vista cultural, as semelhanças permanecem. Além da religião, aldeia de origem e família também forjaram a base da identidade entre sírios e libaneses nos Estados Unidos. Como no Brasil, via de regra um destes três elementos estiveram na origem de conflitos mais ou menos constantes no interior da colônia, alimentando um facciosismo já por nós conhecido. Kayal por exemplo observou que "a coletividade síria americana já nasceu dividida"²⁹, Naff referiu-se a ela como "fragmentada"³⁰ e Miller não deixou de notar que o fator religioso foi um elemento ao mesmo tempo de união (entre correligionários) e de divisão (entre fiéis de diferentes grupos)³¹.

Também muitos que haviam imigrado solteiros voltaram após alguns anos à terra de origem para se casar³²; ao passo que a segunda geração já se casou nos Estados Unidos, embora preferencialmente no interior da colônia³³. Se em geral as mulheres dominaram o cotidiano familiar, a autoridade patriarcal predominava em assuntos

25 Deborah Miller, "Middle Easterners...", p. 514.

26 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.273.

27 Afif I. Tannous, "Emigration, a Force of Social Change...", p. 266.

28 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.128.

29 Philip M. Kayal, "Religion and Assimilation...", p.411.

30 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.7.

31 Deborah Miller, "Middle Easterners...." p.517.

32 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.228.

33 Afif I. Tannous, "Emigration, a Force of Social Change...", p.268.

decisivos para a família. Não obstante, - e aí temos uma diferença em relação tanto ao caso brasileiro como também em relação à conduta anterior na terra de origem - foi significativo o número de mulheres que mascatearam nos Estados Unidos. Naff a elas atribuiu a inclusão de muitos itens de consumo doméstico como roupas de cama e de mesa, roupas íntimas, etc. que ampliaram a oferta de artigos disponíveis para a venda entre mascates³⁴. No Brasil, provavelmente uma cultura mais patriarcal e menos pragmática que a americana em termos de se ganhar a vida contribuiu para que as mulheres persistissem na esfera do lar ou do trabalho anexo à casa.

Assim como no Brasil, a mascateação era encarada como uma atividade temporária, como um emprego não permanente. O caminho natural foi depois de alguns anos a abertura de uma loja no ramo de tecidos e armarinhos. À medida que o negócio se tornava maior, parentes e conterrâneos alimentavam o fluxo, fixando, como no Brasil, um padrão conhecido como "chain immigration". Em 1907, uma pesquisa realizada pelo Departamento de imigração americano indicou que dos 9188 imigrantes sírios admitidos no país, cerca de 94% (8725) declararam ter vindo para se juntar a parentes ou amigos³⁵.

Nos anos 90, a colônia síria de Nova York era a mais numerosa e importante do país. Estabelecida nas imediações da Washington Street num local conhecido como "Little Syria", ela abrigava entre seus elementos mais prósperos alguns atacadistas. Outros, em outras cidades, procuraram recriar o modelo novaiorquino. Naff descreve assim a formação de redes e sub-redes de fornecedores de mercadorias, ressaltando a importante função destes na distribuição e fixação de mascates em outras regiões do território americano³⁶. De certa forma, fornecedores e mascates, veteranos e novatos,

34 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.177.

35 Beverlee Turner Mehdi, *The Arabs...*, p.11.

36 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.139 e seguintes.

foram assim estabelecendo o padrão interno de estratificação da colônia até aproximadamente o início da Primeira Guerra Mundial.

A partir de então, relata-nos Naff, "a mascateação entrou em um prolongado declínio. Mais mulheres imigraram, aspirações de longo prazo substituíram metas temporárias e a maleta do mascate itinerante, símbolo de seus laços com a terra natal, cedeu lugar à loja de varejo, o símbolo da confiança na nova terra.³⁷" Além disso, e mais rapidamente que no Brasil, os padrões de um mercado consumidor de massa já se encontravam razoavelmente bem implantados nos Estados Unidos à esta época. Não apenas a implantação pelo correio americano de um sistema de remessas postais minou a base da mascateação, como também um número crescente de donas de casa passaram a acreditar que ofertas melhores estavam disponíveis nas novas redes de lojas de departamentos, cada vez mais presentes nas cidades³⁸.

No começo dos anos 20, já era perceptível que muitos sírios e libaneses haviam deixado o ramo de tecidos e armarinhos, seja como mascates, seja como lojistas. Alguns passaram a comercializar tapetes, mas a maior parte reorientou suas atividades para o ramo de mercearias e quitandas, uma tendência que com o tempo se tornaria cada vez mais nítida. Para tomarem-se proprietários destes pequenos negócios, muitas vezes o caminho trilhado incluiu algumas variantes.

Em Detroit por exemplo, por volta de 1915, uma população crescente de sírios vindos de outras regiões trabalhava na Ford, atraída pelo salário de cinco dólares diários. Entretanto, apenas uma fração deles (em geral muçulmanos) permaneceu como operários: "pais e filhos economizavam seus salários até que pudessem abrir uma loja

37 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.12.

38 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.200.

da família.³⁹ Assim como na mascateação, investia-se durante um período delimitado, ao final do qual o sonho do negócio familiar pudesse se realizar. Na Detroit de 1926, apurou Naff em uma de suas entrevistas, "havia uma pequena mercearia pertencente a sírios em praticamente toda esquina."⁴⁰ Tal qual no Brasil, este padrão portanto de se procurar ganhar a vida através de pequenos negócios familiares, vendendo diretamente ao público, seja em lojas de tecidos e armarinhos ou em mercearias e quitandas, em geral prevaleceu. Quase sempre utilizando extensivamente a mão de obra disponível na família em longas jornadas de trabalho, fixando moradia ao lado de lojas, provendo serviços de entrega e crédito bastante flexíveis, aos poucos mas seguramente a colônia síria e libanesa foi transitando para as camadas inferiores da classe média nos Estados Unidos: a par de negócios estabelecidos, casas próprias foram adquiridas e filhos encaminhados. Seja como for, ao menos em relação à situação econômica, Naff apurou ser consenso entre sírios e libaneses a apreciação de que "tivemos aqui o que jamais teríamos tido lá. Que Deus continue a construir este país."⁴¹

Razoavelmente estabelecida a colônia, nos anos vinte, a fundação de clubes e sociedades também aumentou, numa tentativa, segundo Naff, de socializar a primeira geração nascida na América num ambiente valorizador da cultura e dos costumes da terra de origem, propiciando ocasiões para encontros, comemorações e casamentos⁴². No entanto, em geral tendo por base a cidade de origem, a maior parte deles tomou caráter sectário e exclusivista, fadados a uma duração efêmera. Além disso, sentindo-se americanos na plena acepção do termo, fortemente atraídos pelo novo, compartilhando cada vez mais a identidade e os valores da nova sociedade - para eles, da nova pátria - os jovens, sobretudo nas grandes cidades, sentiam-se pouco motivados em valorizar

39 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.271.

40 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.272. Em 1975 havia apenas em Detroit 66 mercearias pertencentes a famílias sírias (p.273).

41 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.261.

42 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.308.

experiências vividas anteriormente por seus pais. Ao contrário, muitos deles tendiam a uma avaliação envergonhada de pais semi-analfabetos que tiveram de dar duro para conseguir coisas mínimas no novo país. Aparentemente de forma mais aguda do que no Brasil, talvez porque o apelo do novo nos Estados Unidos foi mais forte, o conflito intergeracional apanhou em cheio, quase que de forma inevitável, jovens divididos pelo sentimento de culpa de abandonar ou relativizar valores caros à família síria: honra, obediência e respeito pelos pais.

Tamanhos relativos diferenciados

Sírios e libaneses que se destinaram ao Brasil constituíram uma parcela relativamente importante do total da emigração saída da Síria entre o final do século passado e os anos 30. Já observamos que independentemente do país receptor, os dados relativos à imigração de sírios e libaneses são em geral imprecisos. Mesmo assim, comparações são sempre interessantes ao oferecerem uma noção relativa do volume de imigrantes chegados a cada país. Estados Unidos, Brasil e Argentina, nesta ordem, foram os países que receberam os contingentes mais expressivos de imigrantes sírios e libaneses ao longo das quatro décadas compreendidas entre 1890 e 1930, grosso modo a época de ouro da imigração de sírios e libaneses anterior à Segunda Guerra Mundial⁴³. Ressalte-se ainda que em termos absolutos, estes três países receberam volumes relativamente próximos, não muito discrepantes em suas cifras, indicando que boa parte da imigração que se destinou às Américas foi distribuída entre tais países.

43 Elie Safa, *L'émigration Libanaise*. Beirute: Université Saint-Joseph, 1960, p.16.

Nos Estados Unidos por exemplo, as cifras anteriores a 1899 são inexistentes, embora Hitti sugira (provavelmente com um certo exagero) que mais de 40 mil tenham entrado até esta data⁴⁴. Já entre 1899 e 1914, cerca de 86 mil chegaram, constituindo este o período mais volumoso. Após uma brusca diminuição do fluxo durante a Guerra, o movimento imigratório foi retomado entre 1920 e 1924 (mais de 12000 entradas) para daí em diante colocar-se em níveis bastante modestos, contido pelas leis restricionistas adotadas pelo país.

No Brasil, as entradas anteriores a 1895 são difíceis de serem estimadas, mas tem-se como certo que somente a partir desta data elas se tornaram mais significativas. Também aqui a Primeira Guerra Mundial interrompeu o fluxo migratório: 57020 entre 1895 e 1914, apenas 2693 entre 1915 e 1919 e 42210 entre 1920 e 1930. Na vizinha Argentina, Alsina nos informa que até 1914 cerca de 64369 sírios e libaneses adentraram o país⁴⁵. Já no Canadá, as cifras colocam-se em níveis bem inferiores. Abu-Laban estima que entre 1891 e 1901 apenas 150 imigrantes de origem árabe entraram anualmente no país, totalizando em 1901 uma população de cerca de apenas 2000 indivíduos. Entre este ano e 1911, esta população teria aumentado para 7000 indivíduos. A partir de então, a imigração de origem árabe ao Canadá virtualmente cessou devido a medidas restritivas adotadas contra imigrantes asiáticos e interpretadas como válidas para imigrantes sírios e libaneses⁴⁶.

Entretanto, para compreendermos a inserção de sírios e libaneses nos Estados Unidos, Brasil e Argentina, devemos nos precaver sobre o significado de tais cifras. Neste caso, tomados absolutamente, os números podem se revelar ilusórios. Muito mais importante

44 Philip K. Hitti, *The Syrians in America...*, p.62.

45 Juan A. Alsina, *La inmigración en el primer siglo de la independencia*. Buenos Aires: Felipe S. Alsina(ed.), 1910.

46 Baha Abu-Laban, *An Olive Branch on the Family Tree: the Arabs in Canada*. Toronto: The Canadian Publishers, 1980, pp.54-5.

para nossos propósitos é avaliarmos o que tais números significaram relativamente no cômputo geral de todos os fluxos imigratórios dirigidos a cada um destes países.

Assim é que, por exemplo, embora os Estados Unidos tenham recebido em termos absolutos o maior número de imigrantes desta etnia, este contingente é muito pouco significativo comparado ao volume total de imigrantes entrados no país. De fato, Hitti já na década de vinte observava com certa humildade que os sírios e libaneses ocupavam o vigésimo-quinto lugar entre as 39 nacionalidades até 1910 reconhecidas pelo Bureau of Immigration⁴⁷. Naff, referindo-se à imigração anterior à Segunda Guerra Mundial, afirma que os sírios representaram um dos grupos étnicos menores e menos estudados nos Estados Unidos.⁴⁸ Mesmo se tomarmos por base o período compreendido entre 1899 e 1924, diga-se de passagem o período mais significativo da imigração de sírios e libaneses, o movimento imigratório líquido da etnia totalizou 77330 pessoas (0.67%) frente aos quase doze milhões estimados para todas as origens. Na grade classificatória do Bureau, nada mais nada menos que judeus, italianos do Sul, alemães, poloneses, ingleses, escandinavos, irlandeses, escoceses, mexicanos, franceses, italianos do Norte, gregos, croatas/eslovenos, eslovacos/rutenos, lituanos, húngaros, japoneses, finlandeses, flamencos, russos, portugueses, tchecos, africanos e finalmente espanhóis precederam-lhes em termos de volume⁴⁹.

Já no Brasil e na Argentina, uma situação completamente distinta se apresenta. Muito embora sírios e libaneses não tenham integrado o primeiro time de etnias mais volumosas, as cifras relacionadas ao movimento imigratório da etnia estão longe de se diluírem frente ao volume e diversidade de outros grupos étnicos, como nos Estados

47 Philip K. Hitti, *The Syrians in America...*, p.65.

48 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.4.

49 Price, Charles. "Methods of estimating the size of groups". In *Harvard Encyclopedia of American Ethnic Groups*. Appendix I, 1980, p.1036.

Unidos. No Brasil, enquanto italianos, portugueses e espanhóis dominaram o movimento imigratório entre 1884 e 1943, os "turco-árabes"⁵⁰ encontram-se em sétimo lugar entre as etnias. Especificamente em São Paulo entre 1908 e 1941, apenas as três etnias majoritárias acima mencionadas e mais japoneses e alemães precederam os sírios e libaneses em termos de volume.

Analisemos o caso argentino. Sabemos que aí italianos e espanhóis somaram aproximadamente dois terços do total de imigrantes⁵¹. Em seu livro publicado em 1910, Alsina, ao deter-se sobre a imigração no ano de 1909, não deixou de observar que "tem aumentado a entrada de russos(provavelmente judeus) e sírios, que chegam a ocupar o terceiro e quarto lugares, precedendo a franceses, austriacos, alemães, ingleses, portugueses e outras nacionalidades européias que foram sempre o principal núcleo contribuinte da população argentina"⁵². Notou ainda o autor que em relação ao total da população estrangeira no país em 1909, os sírios constituíam o quinto contingente, atrás apenas de italianos, espanhóis, franceses e russos.

Tais dados são importantes porque revelam um elemento de distinção essencial para nossos fins comparativos. Enquanto nos Estados Unidos os sírios e libaneses constituíram um grupo numericamente pouco significativo em face de outros contingentes de imigrantes, no Brasil e na Argentina o grupo não "sumiu", não se diluiu no interior do impressionante mosaico de etnias de outras origens que se dirigiram aos Estados Unidos. Ao contrário, conforme notaremos mais adiante, nestes dois países o grupo até tendeu a aparecer mais do que deveria (proporcionalmente ao seu volume), precisamente em função do pioneirismo associado tanto à orientação urbana quanto à

50 denominação utilizada pelo censo.

51 vide Roger Daniels, *Coming to America*. New York: Harper Collins, 1990, p.24.

52 Juan A. Alsina, *La inmigración en el primer siglo...*, p.81. Neste ano específico, as principais nacionalidades constituintes do fluxo imigratório ao país foram: italianos-93528, espanhóis-86798, russos (provavelmente judeus)-16475 e sírios-11765 (p.83).

dedicação a atividades comerciais. Mas ainda é cedo para nos dedicarmos a este assunto. Por ora devemos analisar os condicionantes ideológicos atuantes no momento específico de chegada dos sírios e libaneses aos Estados Unidos.

Final do século: turbulências étnicas na sociedade americana

Ao final da década de setenta, ainda no século XVIII, um imigrante francês, bem estabelecido como proprietário de terras no Meio Oeste americano, levantou uma questão que ecoaria ao longo de toda a história dos Estados Unidos, fascinando gerações e gerações. "O que é então o americano, este novo homem?", perguntou Hector St. John de Crèvecoeur ao escrever uma pungente reflexão sobre seu país de adoção. "Aqui indivíduos de todas as nações se fundem (*"are melted"*) numa nova raça de homens". A resposta de Crèvecoeur reafirmava um apelo já lançado por outro recém emigrado da Europa, Tom Paine. O famoso panfleto revolucionário de autoria deste, *Common Sense* (1776), foi o primeiro brado separatista contra a Inglaterra. Este declarava (e Crèvecoeur com certeza enfaticamente endossava) que os americanos não eram ingleses transplantados, mas sim uma mistura de muitos povos, uma nação de imigrantes.

Todos os americanos (provavelmente com exceção dos índios) foram em algum lugar do passado imigrantes: com certeza esta idéia foi por muitas vezes tanto reafirmada como contestada ao longo da história dos Estados Unidos. Porém, não obstante o inegável e persistente vigor com que esta noção se apresenta até os dias de hoje como representação da sociedade americana, importa aqui para nossos propósitos matizá-la, apreender o sentido de distinção que se estabeleceu por detrás desta idéia-força, a fim

de depois procuramos contextualizar a imigração de sírios e libaneses para os Estados Unidos⁵³.

Ao fim do século XIX, a noção liberal⁵⁴ até então prevalecente de que a sociedade americana operava segundo um *melting pot* - capaz de assimilar recém-chegados independentemente de suas origens num tipo de homem afinado com os ideais americanos - começava a dar sinais de esgotamento. A própria Guerra Civil havia estimulado tal noção ao colocar imigrantes lutando lado a lado com nacionais, retemperando a confiança na capacidade de absorção dos anglo-saxões. Entretanto, o fato é que já ao final da década de oitenta um número crescente de vozes influentes começou a suspeitar da eficácia do cadinho americano.

Contribuiu para tal a percepção de que um volume muito grande de imigrantes estava entrando no país, com grande rapidez. Além disso, estes pareciam bastante diferentes do tipo médio nacional e por isso mesmo, mais difíceis de serem assimilados. Se até então a esmagadora maioria dos imigrantes chegados aos Estados Unidos originava-se de regiões do Norte e Oeste da Europa, a partir dos anos noventa, os "novos imigrantes", um termo que logo adquiriu conotações discriminatórias, passaram a constituir maioria.

"Muitos nacionais os viam como portadores de hábitos peculiares forjados em culturas estranhas. Muitos começaram a acreditar que eslavos, judeus, húngaros, sicilianos e outros incluídos no grupo eram intrinsecamente inferiores e racialmente

53 Philip Higham, *Strangers in the Land: Patterns of American Nativism 1860-1925*. New Brunswick and London: Rutgers University Press, 1988, pp.91-2.

54 liberal embora assimilacionista, ao prever a conformação de todos os imigrantes a um tipo pré-determinado.

inassimiláveis."⁵⁵ Mais ainda, além de pouco familiares em sua linguagem e cultura, a associação das novas levas de imigrantes provenientes do Sul e Leste da Europa com greves, desordens sociais e outros problemas tipicamente urbanos tais como uma criminalidade crescente e a formação de cortiços aguçava o sentimento nativista americano.

Esta reorientação no modo da sociedade americana encarar a imigração, vigente sobretudo a partir do final do século XIX, apanhou em cheio o grosso da imigração de origem síria e libanesa aos Estados Unidos. Do ponto de vista ideológico, tal mudança teve que forjar novos modos articuladores da relação entre etnicidade e identidade americana, substitutivos da antiga noção de *melting pot*. Do ponto de vista político, tal reorientação se traduziu em sucessivas medidas de caráter regulatório no que se refere à imigração, depois coroadas pelas leis restricionistas dos anos vinte. São estes portanto os desdobramentos a serem aqui analisados.

O que significava tomar-se ou ser americano constituiu a questão central levantada pelo movimento conhecido por *Americanization*. O movimento, bastante operante entre fins do século passado e os anos vinte, abrigou basicamente duas correntes. Uma mais liberal, que em certa medida corroborava o ideal cosmopolita presente no *melting pot*, empenhando-se numa vontade positiva de facilitar e assistir os imigrantes na tarefa de se ajustarem às condições estranhas e por vezes severas encontradas nos Estados Unidos. Outros interpretaram o Americanismo em termos mais estreitos, encarando-o como uma forma de proteger o caráter nacional dos perigos colocados pelos imensos contingentes de imigrantes.

55 William S. Bernard, "Immigration: History of U.S. Policy". In *Harvard Encyclopedia of American Ethnic Groups*, 1980, p.491. Note-se a semelhança com o discurso de Ellis Jr.

A partir da virada do século, esta última forma prevaleceu, conferindo ao movimento um nítido tom repressivo e nativista, que depois recrudescerou ainda mais com o advento da Primeira Guerra Mundial, quando uma formidável campanha anti-"hifenação" tomou corpo. O hífen indicando nacionalidades como *German-Americans* passou a ser encarado como símbolo de lealdades divididas e logo a bandeira de "100 percent Americans" tomou-se extensiva a outros grupos étnicos. Terminada a Guerra, o movimento tomou novo ímpeto, de cunho alarmista, redirecionando seus objetivos no sentido de combater tímidas ameaças de revolução social. Com a participação crescente de homens de negócios, *Americanization* passou a significar anti-radicalismo. Já nos anos vinte, às vésperas da edição das leis restricionistas, a apropriação do termo *Americanism* por grupos como a Ku Klux Klan apenas reforçou suas conotações negativas.

Paralelamente ao movimento de Americanização, outra variante ideológica conhecida como Anglo-Saxonismo ganhava corpo, oferecendo uma nova maneira de pensar a articulação entre grupos étnicos e a nacionalidade americana. Suas primeiras manifestações denotavam um tipo de orgulho étnico, logo porém convertidas em "uma forma muito mais severa de racismo, compreendida como uma doutrina científica ligando o status qualitativo de diferentes povos (isto é, seu posicionamento superior ou inferior numa escala absoluta de civilização) a fatores determinados biologicamente e transmitidos geneticamente de uma geração a outra."⁵⁶ Originalmente derivado da Inglaterra, com raízes longínquas estabelecidas no movimento de oposição ao absolutismo real durante a Guerra Civil Inglesa (meados do século XVII), o Anglo-Saxonismo foi inicialmente identificado como amor à liberdade, ao auto-governo, dedicação ao republicanismo e compromisso com a lei. Já porém no meio do século

56 Philip Gleason, "American Identity and Americanization". In *Harvard Encyclopedia of American Ethnic Groups*, 1980, p.41.

XIX, o movimento na Inglaterra havia degenerado em uma versão racista de nacionalismo, exaltador das virtudes saxãs ao contrastá-las com as deficiências de outras raças, em particular com os Celtas irlandeses.

Transplantada ao solo americano, a doutrina logo se associou à missão americana de estender as benesses das instituições livres a outros povos, alimentando as convicções imperialistas do final do século. Mais ainda, o movimento assumiu preferências de caráter religioso, ao propagar de forma geral a tese de que o Protestantismo era a expressão religiosa natural do amor à liberdade e do pensamento independente característico dos anglo-saxões, enquanto o Catolicismo se prestava melhor a povos mais servís que viviam sob formas latinas de despotismo.

Até o final do século XIX, uma versão romântica e otimista do Anglo-Saxonismo confiava que qualquer mistura de sangue jamais empobreceria ou enfraqueceria o estoque saxão original; ao contrário, esta apenas lhe infundiria nova vida e energia. A partir do século XX no entanto, uma série de desenvolvimentos em diferentes campos do conhecimento científico (darwinismo social em Spencer, a popularização da genética em Mendel e uma coleção de trabalhos de classificação de raças levada a cabo por antropólogos) prepararam o terreno para uma reavaliação de atitudes, para a convicção de que uma mistura indiscriminada de raças ocasionaria provavelmente um empobrecimento ao invés de um refinamento cultural. Foi assim que a auto-preservação da raça e dos valores intrinsecamente relacionados a ela passaram claramente a demandar uma contenção do movimento imigratório. De fato, em 1921, na introdução da quarta edição de "The Passing of the Great Race" (originalmente publicado em 1916), Madison Grant, um dentre os inúmeros apóstolos do restricionismo, podia se gabar com indisfarçável satisfação de que "uma das mais importantes consequências das doutrinas enunciadas neste volume e das discussões que se seguiram à sua publicação foi a decisão (...) de

se adotar medidas discriminatórias e restritivas contra a imigração de povos e raças indesejáveis."⁵⁷

Acompanhando portanto de perto as mudanças na percepção da sociedade americana em relação à imigração, podemos retratar, agora no plano das medidas do governo, o abandono gradual mas seguro das diretrizes liberais de livre entrada e a adoção de políticas crescentemente restritivas. O prenúncio de tais medidas ocorreria ainda nos anos oitenta, quando o Congresso aprovou uma série de dispositivos legais que retiravam a até então indiscutível autonomia dos estados nesta matéria, trazendo a imigração para o controle direto do governo federal.

O precedente foi aberto em função do governo da Califórnia requisitar medidas federais mais amplas visando impedir a entrada de imigrantes chineses, chegados aos milhares a partir da década de sessenta, sobretudo atraídos pela corrida do ouro e pelos empregos na construção da ferrovia. Em 1882 o governo federal editou o *Chinese Exclusion Act*, suspendendo a entrada destes em território americano pelo período de dez anos. A medida pouco repercutiu no fluxo de outros grupos provenientes da Europa, mas estabeleceu sólido terreno para futuras prerrogativas federais que pudessem restringir a entrada de grupos específicos.

Outras medidas de caráter regulatório se seguiram ao longo das duas décadas seguintes, como a proibição de recrutar e fornecer passagem a mão de obra desqualificada (1885), a exclusão de polígamos ou de pessoas sofrendo de doenças contagiosas (1891) e a exclusão de anarquistas, sabotadores, epiléticos e mendigos profissionais (1903). Também uma série de tentativas frustradas foram feitas no sentido de se exigir níveis mínimos de alfabetização dos imigrantes. Uma vez que cerca de três

⁵⁷ Philip Gleason, "American Identity...", p.42.

quartos deles entravam pelo porto de Nova York, o governo investiu em instalações e funcionários treinados que iriam selecioná-los em Ellis Island. Quem hoje visita o museu do imigrante lá instalado pode perceber que se a ilha representou esperança e oportunidade para milhões de recém chegados, para muitos também significou rejeição e desespero. Mesmo assim, ainda por um bom tempo, as medidas mais enérgicas se relacionariam à exclusão de imigrantes asiáticos.

Em 1917, acolhendo as sugestões de uma comissão formada para estudar o volume alarmante de entradas, o Congresso finalmente resolveu adotar, a despeito do veto presidencial sobre a matéria, um teste de alfabetização para imigrantes, inaugurando uma nova era de medidas restricionistas. Contudo, passadas as incertezas provocadas pela I Guerra, a vinda de mais de 800 mil imigrantes em 1921 logo deixaria clara a ineficácia do teste. O próximo passo, o *Quota Act of 1921*, limitava o número anual de entradas de cada nacionalidade (aplicável a países da Europa, Oriente Próximo, África, Austrália e Nova Zelândia) em 3% dos estrangeiros destas nacionalidades registrados pelo censo de 1910. Também a medida favorecia a entrada de esposas, pais, irmãos, irmãs e crianças menores de idade de cidadãos norte-americanos, numa tentativa de recompor famílias desagregadas (computadas porém tais entradas no limite da quota).

Três anos mais tarde, outra medida mais rigorosa ainda seria adotada. O *Immigration Act of 1924* estipulava um número total de 165 mil entradas anuais (menos de um quinto do nível anterior à Guerra) e uma quota anual por nação fixada em 2% dos estrangeiros de cada nacionalidade registrados no censo de 1890. A escolha deste censo para servir como base revelava uma intenção inequívoca: a de restringir ainda mais contingentes provenientes do Sul e Leste europeus, pouco numerosos até 1890. A partir de 1924, imigrantes em potencial deveriam procurar obter um visto de entrada junto à embaixada

americana em seus países de origem, uma forma de pré-selecionar e julgar os mais apropriados à nova terra.

Finalmente, um intrincado sistema de admissão por nacionalidades vigente entre 1927 e 1965 operacionalizou o ideal de manutenção da composição étnica da sociedade americana. O balanço final é revelador: imigrantes do Norte e Oeste europeus (Grã-Bretanha inclusive) preenchiem 82% da quota anual, 16% eram destinados a europeus do Sul e do Leste e apenas 2% a todas as outras nacionalidades.

Cumpria-se assim, no plano político, o ideário restricionista, admiravelmente expresso na verve inflamada de um senador norte-americano. "Os Estados Unidos são nossa terra. Se não foram a terra de nossos pais, no mínimo podem ser, e devem ser, a terra de nossos filhos. Pretendemos mantê-la assim. O dia da irrestrita acolhida a todos os povos, o dia da aceitação indiscriminada de todas as raças definitivamente chegou ao fim"⁵⁸.

*

Tendo presente tais determinações, tanto no campo das medidas de governo concernentes à política imigratória, quanto no terreno propriamente ideológico, podemos concordar com Higham que a partir de 1890, a sociedade americana como um todo pela primeira vez tomou consciência do problema da assimilação através de "uma grande crise nas relações étnicas"⁵⁹. Se no período anterior um regime de "segmentação" étnica pôde se sustentar em função sobretudo do localismo das comunidades⁶⁰ e do predomínio ideológico da noção que haveria lugar para todos, de

58 apud William S. Bernard, "Immigration: History of...", p.493.

59 Philip Higham, *Strangers in the Land...*, p.7.

60 fraca integração e forte autonomia entre as comunidades étnicas predominantes em diferentes regiões.

que a América, no brado otimista de Crevecoeur, "oferecia a oportunidade de um novo início para a humanidade" - tais condições passaram a não mais prevalecer a partir de 1890. Uma maior interdependência entre as diferentes regiões territoriais, o próprio processo de industrialização e de integração de mercados, a imposição de um número crescente de controles burocráticos governamentais e a urgência de definições sobre questões relacionadas à educação, cidadania, caráter nacional e religião, acabaram minando a paz aparente, a indiferença, a compartimentalização e, por que não, a hipocrisia presentes no momento anterior. Ficou assim comprometida, no dizer de Higham, "a combinação bastante peculiar à cultura americana da época entre um localismo ciumento e a crença abstrata em valores universais"⁶¹, ocasionando ao final a rejeição do compromisso vitoriano vigente no campo étnico ao longo de todo o século XIX.

Conforme já acompanhamos, tal crise nas relações étnicas desabrochou na sociedade americana a partir dos anos noventa e amadureceu ao longo das duas primeiras décadas do século para vingar seus frutos nas medidas restricionistas dos anos vinte. A partir daí, uma nova *pax* estabeleceu-se, agora sob novas bases, mais excludentes; uma *pax* que, convém observar, não pôde ser plenamente posta à prova, já que a crise econômica dos anos trinta logo revelou-se mais eficaz do que qualquer medida restricionista.

É difícil avaliar com precisão a que ponto tal conjuntura desfavoreceu especificamente um determinado grupo étnico. Afinal de contas, trata-se de um movimento mais amplo, de uma reorientação de percepções, atitudes e medidas que não visará um grupo em particular, mas toda uma leva de grupos cujo traço comum será o momento histórico da imigração e a origem geográfica distinta dos contingentes anteriores. Naff relata-nos que

61 Philip Higham, *Strangers in the Land...*, p.12.

nos Estados Unidos, "quando a imigração atingiu seu pico entre 1905 e 1914, os sírios integravam tais contingentes, numerosos, com cifras quase dobrando a cada ano e com a pele morena, os olhos negros, bigodes fartos e roupas surradas denunciando sua origem não nórdica. Eles se encaixavam bem na imagem estereotipada segundo a qual teorias biológicas pseudocientíficas da época os classificavam como inferiores - tipos que diluiriam a pureza racial e enfraqueceriam a fibra moral da nação."⁶² Mesmo assim, julga este autor, sírios e libaneses não foram mais atingidos que outros grupos em maior evidência como chineses, judeus e italianos.

Resta pouca dúvida no entanto que sírios e libaneses tiveram de enfrentar uma conjuntura ideologicamente adversa. É provável ainda que, se o grupo foi menos atingido que outros, isso deveu-se mais ao fato de não aparecer muito na sociedade americana. Analise-se por exemplo a avaliação que Edward A. Ross, um Ph.D professor de sociologia, fez a respeito do grupo. Em seu livro "The Old World in the New (the significance of past and present immigration to the American people)", publicado em 1914, Ross, um influente propagador do nativismo anglo-saxão, gasta algumas poucas linhas apreciando positivamente algumas virtudes encontradas nos "levantinos": "pouco dados ao álcool e à violência, dão pouco trabalho à polícia; são econômicos e solidários entre si; suas mulheres são contidas e virtuosas; São em geral inteligentes, respeitam e apreciam oportunidades educacionais para seus filhos". Entretanto, isto parece constituir quase que um preâmbulo formal para o que vem depois. Vale a pena conferirmos.

"Por outro lado, eles tendem a se aglomerar, seus padrões de limpeza são baixos e são grandemente afligidos pelo tracoma, uma doença nos olhos que os exclui. Neles, a estreita gama de interesses realça negativamente a avidez pelo lucro, especialmente o lucro sem suor. Suas atitudes em relação às mulheres evidencia uma grande diferença entre os sexos no tocante à alfabetização e no compromisso de meninas jovens casarem-se com homens maduros muitas vezes delas próprias desconhecidos. Esse povo ama o comércio, particularmente a barganha individual, o que alguns chamam amigavelmente de "duelo de sagacidades", mas que na verdade nada mais é que o

62 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.247.

golpe de vivaldinos sobre desavisados. Nesta época em que nosso comércio varejista felizmente adotou o sistema de preço único, estes mascates espertalhões do Levante reavivam o odioso comércio de regateios com seus engodos e velhacarias.

"Que a tais imigrantes falta coragem moral e física, seus próprios amigos concordam. Eles não resolvem suas querelas face a face, mas vingam-se deslealmente pelas costas quando uma oportunidade segura aparece. O sentimento de que a verdade é um luxo pouco conveniente ao cotidiano lhes dá no comércio grande vantagem sobre a retidão anglo-saxã. Não é preciso mais que meio olho para se concluir que a "habilidade nos negócios" atribuída a tais comerciantes prósperos nada mais é que o exercício de artimanhas orientais sobre honestos. Tal qual os romanos os encontraram no extremo Mediterrâneo, assim também com eles hoje nos deparamos, bem aparentados, maleáveis, astutos, às vezes brilhantes; mas volúveis e desejosos em caráter.

"Quando dois povos divergem em seus padrões como óleo e água, eles não tem interesse em se associar. Naturalmente então, os imigrantes orientais tendem a amontoar-se em colônias nas quais podem viver a seu próprio modo, manter seu orgulho e privar-se das dificuldades do ajustamento aos ideais americanos. não apenas tais colônias colocam em cheque o processo de assimilação justamente entre os que mais dele necessitam, mas tornam-se focos congestionados de doenças e depravações, ao lado de ninhos de propagação de falsos ideais de liberdade social e política."⁶³

É fácil reparar que o discurso alinha, ao lado de apreciações preconceituosas já por nós conhecidas, derivadas do exercício de atividades comerciais, um elemento a mais correlacionado à presumível superioridade racial dos anglo-saxões. No clima reinante ao longo das primeiras décadas do novo século, Ross esteve longe de se constituir em voz isolada. Casos em que se negava a cidadania a sírios eram freqüentes, sobretudo em estados do Sul e do Meio-Oeste americanos, muito embora a maior parte dos imigrantes acabassem conseguindo-a por meios ilícitos, utilizando favores de políticos locais desejosos de votos e com poder suficiente para torná-los cidadãos instantaneamente.

Em janeiro de 1909, a comunidade síria novaiorquina, maior e mais organizada, resolveu contestar a negação de cidadania a um cristão proveniente do Líbano. A decisão do juiz baseara-se no fato de que o pleiteante, na qualidade de asiático súdito do Sultão Otomano, não era uma "pessoa branca". Ao final deste mesmo ano, sírios foram declarados pessoas brancas, mas casos de rejeição semelhantes não pararam de

63 Edward A. Ross, *The Old World in the New: the Significance of Past and Present Immigration to the American People*. New York: The Century, 1914, p.192-4.

aparecer nos anos seguintes. Talvez o caso mais famoso tenha ocorrido na cidade de Charleston, na Carolina do Sul em 1914. O juiz da cidade, notando que a pele do pleiteante era mais escura do que a de uma pessoa branca comum de descendência européia, desqualificou o pedido. A comunidade síria da cidade fora humilhada, interpretando o significado da decisão do juiz em termos de que os sírios pertenciam à "raça amarela", inferiores portanto aos olhos da América.⁶⁴ Um ano depois, um recurso à Corte de Apelações reconsiderou a decisão, estabelecendo que os sírios pertenciam à raça caucasiana.⁶⁵ O caso manteve-se vivo na memória da colônia, retransmitido e popularizado para gerações seguintes em versões bizarras como a de que o pretendente à cidadania teria argumentado que "se os sírios fossem chineses, então Jesus, que nasceu na Síria, seria chinês."⁶⁶

Interpretações enquadrando sírios como pertencentes à raça asiática talvez tenham constituído a expressão mais formal, mais oficial registrada pela colônia, do sentimento nativista americano. Mesmo assim, tais interpretações mais pairaram como uma ameaça, às vezes como um mal entendido provocado pela má vontade de um ou outro juiz. Seja como for, o importante é registrar a conjuntura desfavorável, o clima que acolheu a dúvida sobre uma questão tão básica como a da cidadania. No cotidiano das primeiras décadas do século, a maior carga que sírios e libaneses tiveram de enfrentar na sociedade americana foi sobretudo esse modo distinto de olhá-los como inferiores ao padrão norte-europeu protestante, em última análise uma reação de grupos há mais tempo estabelecidos nos Estados Unidos contra a ameaça de rompimento da unidade nacional ocasionada pela emergência da questão étnica.

64 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.256.

65 Beverlee Turner Mehdi, *The Arabs in America...*, p.11.

66 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.259.

Um percurso já trilhado

À parte as diferenças relacionadas ao arcabouço ideológico vigente no momento particular em que as sociedades americana e brasileira receberam a maior parte dos contingentes sírios e libaneses, o *timing* específico de entrada nos dois países acarretou ainda outra diferença, esta talvez ainda mais fundamental que a anterior. Refiro-me às consequências do ponto de vista da inserção num *mix* específico de etnias melhor ou pior posicionadas, tanto em áreas rurais quanto em áreas urbanas.

No Brasil, observemos desde logo, o grosso da imigração síria e libanesa chegada a partir da última década do século XIX não se encontrava muito atrasado em relação ao tempo de chegada das outras etnias. É bem verdade que a imigração italiana, a maior e a pioneira das que se destinaram a São Paulo, antecedeu alguns anos a dos sírios e libaneses. Mas a diferença não chega a ser significativa e torna-se francamente irrisória se atentarmos para outro aspecto fundamental: os sírios e libaneses constituíram o primeiro grupo volumoso de destinação especificamente urbana na sociedade paulista do final do século, enquanto outras etnias significativamente volumosas - italianos, portugueses e espanhóis - que possam tê-los antecedido, enviaram a maior parte de seus contingentes ao trabalho rural nas lavouras de café⁶⁷. Tal pioneirismo relacionado ao grupo se traduziu em uma série de trunfos favoráveis, com todas as consequências do ponto de vista da inserção econômica e social já analisadas anteriormente.

Nos Estados Unidos, já observamos, outro cenário se delineou. A imigração síria e libanesa que para lá se destinou, embora coincidente cronologicamente com a do Brasil, foi também acompanhada de outros grupos étnicos originários do Sul e Leste da

67 o que não significa que parcelas específicas destas etnias não tenham se dirigido ora diretamente ora posteriormente ao meio urbano.

Europa. Entretanto, no seu conjunto esta segunda leva de imigrantes possuía uma significativa defasagem em relação a outros grupos pioneiros, originários sobretudo do Norte e Oeste europeus. Inevitavelmente, esta defasagem teria que cobrar o seu preço do ponto de vista das possibilidades de inserção social do grupo, sobretudo se se tem em conta a sociedade receptora, uma nação essencialmente constituída por imigrantes, onde na maior parte das vezes o sucesso relativo de cada etnia mantém nítida correspondência com a anterioridade da chegada. Tal fator de correspondência entre antigüidade da imigração e grupos étnicos melhor ou pior posicionados atuará de forma decisiva na definição da inserção social dos sírios e libaneses na sociedade americana porque aí, neste campo específico, fixaram-se boa parte dos trunfos acumulados por cada contingente e que serão depois exibidos na batalha da competição inter-étnica.

Será portanto o *mix* específico de etnias do país receptor um aspecto essencial do processo, determinante tanto das possibilidades iniciais de inserção dos sírios e libaneses na nova pátria, quanto de boa parte dos limites estruturalmente impostos do ponto de vista da mobilidade social e econômica futura. No que diz respeito ao primeiro aspecto, o das possibilidades iniciais de inserção, já observamos que o trabalho de mascateação representava tanto a opção disponível para um grupo com pouca qualificação, quanto a opção coerente com as aspirações de um contingente constituído por imigrantes ávidos por acumularem rapidamente algum capital para poderem regressar à terra de origem. Já em relação ao segundo aspecto, o dos limites particularmente impostos aos sírios e libaneses pela conjunção de etnias já estabelecidas nos Estados Unidos - para derivarmos todas as consequências deste determinante específico, necessariamente teremos que nos reportar à inserção de outro grupo étnico na sociedade americana: o dos judeus.

** Interlúdio: os judeus na sociedade americana.*

A historiografia americana dedicada ao tema da imigração de origem judaica aos Estados Unidos costuma caracterizá-la como contínua e diversa. Contínua porque desde a chegada do primeiro grupo ainda em 1654 ela praticamente não se interrompeu - muito embora fluxos e refluxos em termos de seu volume fossem comuns - e diversa, porque as sucessivas levas de imigrantes provieram de regiões com diferentes culturas e sistemas políticos, condições econômicas e sociais variadas e tradições étnicas e políticas heterogêneas concernentes às minorias judaicas. No que se refere ao fluxo imigratório anterior às leis restricionistas americanas dos anos 20, normalmente distingue-se três etapas mais marcantes: a imigração de sefarditas, banidos ao longo dos séculos XV e XVI da Espanha e de Portugal e que tendo migrado interinamente para centros comerciais em ascensão como Holanda e Inglaterra, depois reemigrariam para as diversas colônias destes países; a imigração de judeus de língua alemã⁶⁸ provenientes de áreas da Europa Central e Polônia de origem asquenazita e finalmente um último contingente de judeus originários de regiões da Lituânia, Ucrânia, Polônia, Galícia, Hungria e Romênia, também este de origem asquenazita. Cada um destes três grupos diferiram em volume e predominaram em períodos distintos do fluxo imigratório judaico às terras americanas. Os primeiros, pouco numerosos, vieram sobretudo entre o período colonial e o início do século XVIII. Os judeus alemães por sua vez chegaram aos Estados Unidos principalmente a partir do segundo quartil do século passado e predominaram até o advento da grande imigração originária do Leste Europeu inaugurada na década de oitenta. "De um contingente de 2000 em 1790, a população judia estimada cresceu para 6000 em 1830, para 150000 em 1860 e para 250000 em 1880. A partir daí os números dispararam. Iniciando em 1882 e persistindo ao longo dos

68 que serão daqui por diante simplifcadamente denominados judeus alemães.

próximos 42 anos, cerca de 2,3 milhões de judeus entraram no país. Por volta de 1924 a população judia se elevava a 4,2 milhões."⁶⁹

Para nossos fins, importa analisar sobretudo o segundo grupo, o de judeus alemães, e também complementarmente o grupo proveniente da Europa Oriental. Os sefarditas, além de pouco numerosos, já haviam sido praticamente absorvidos pelos judeus alemães em fins do século passado, quando a imigração de origem síria e libanesa tornava-se mais significativa.

A maior parte dos judeus alemães chegou aos Estados Unidos proveniente de regiões da Bavária, Baden, Württemberg e Posen, pressionada pela deterioração das condições de vida no meio rural e por uma legislação repressiva que como comerciantes os onerava com impostos elevados, impingindo-lhes ainda severas limitações ao direito de casarem-se, arrumarem emprego e estabelecerem domicílio. Em sua maioria vieram jovens e solteiros para, à medida que prosperassem na nova terra, irem trazendo o restante da família. A urbanização acelerada das cidades do Leste, sobretudo nos portos de entrada, fornecia aos judeus oportunidades relevantes para pequenos comerciantes estabelecidos como alfaiates, produtores de calçados, comerciantes de roupas usadas e de tecidos, ocupações todas já exercidas no Velho Mundo. Na Nova York de 1859, um catálogo de referência para comerciantes listava 141 firmas atacadistas cujos proprietários tinham sobrenome judeu, todas relacionadas à indústria de vestuário.⁷⁰

⁶⁹ Arthur A. Goren, "Jews". In *Harvard Encyclopedia of American Ethnic Groups*, 1980, p.571.
⁷⁰ vide Arthur A. Goren, "Jews"...,p.576.

Seria como mascates entretanto, que os judeus alemães encontrariam seu principal meio de vida. Em "Encounters with emancipation: the German Jews in the United States (1830-1914)", Naomi Cohen assim os descreveu:

"O imigrante judeu médio chegou aos Estados Unidos com uma pequena quantidade de capital. Por conta própria, ou com um pouco de assistência de amigos ou parentes, ele levantava fundos suficientes para poder se iniciar no primeiro degrau de sua ascensão econômica. Ele tornava-se mascate. As vantagens que ele via na mascateação de longe compensavam a imagem de uma atividade pouco valorizada. O mais importante é que ele a encarava como uma atividade temporária: (...) a mascateação propiciava-lhe a oportunidade para a acumulação de capital que por sua vez o levaria a estabelecer-se como varejista ou atacadista."⁷¹

No início do século XIX, a atividade de mascateação era dominada por mascates ianques de New England, que comercializavam painéis, artigos de estanho, relógios e outras bugigangas. Por volta de 1830, quando os judeus alemães começaram a chegar em grande número, a instalação de fábricas em New England abria novas oportunidades para a juventude ianque, que foi desistindo da atividade de mascateação. Os judeus alemães, aproveitando a lacuna, inseriram-se no negócio viajando em direção ao Oeste para vender tecidos, artigos domésticos, roupas, bijouterias e outras quinquilharias sem muito valor⁷².

A partir das primeiras décadas do século XIX, aproveitando o deslocamento contínuo da fronteira americana em direção ao Oeste em uma época de grande expansão econômica, os judeus mascates cumpriram um papel importante na distribuição de mercadorias, na maior parte das vezes antes da chegada da ferrovia. Normalmente com alguma experiência no comércio já trazida da Europa, muitos viram nesta atividade de

71 Naomi Cohen, *Encounter with Emancipation: the German Jews in the United States - 1830-1914*. Philadelphia: The Jewish Publication Society of America, 1984, p.19.

72 Morris U. Schappes, *The Jews in the United States*. New York: The Citadel Press, 1958, p.68.

trazer produtos das cidades para as áreas pioneiras a oportunidade de ganharem a vida no novo país.⁷³

Em pouco tempo, mascates judeus que antes percorriam clientelas a pé evoluíram para a carroça, e daí para o estabelecimento de uma loja. "As ligações entre o mascate, o fornecedor-credor, o varejista de roupas e tecidos, o atacadista, o fabricante de roupas e o importador evoluíram rapidamente, com os judeus alemães ocupando uma posição central. Sendo o crédito um elemento crucial ao sistema, laços de família assumiram uma importância fundamental. Parentes em Nova York ou Cincinnati enviavam mercadorias ao Sul ou ao extremo Oeste que dificilmente seriam confiadas a estranhos. A rede de distribuição em expansão requeria também advogados, guarda-livros e outros elementos mais ou menos qualificados também recrutados entre parentes ou conterrâneos."⁷⁴

Em função de tal atividade, comunidades de judeus alemães espalharam-se por todo o território americano. "O crescimento do sistema de distribuição definiu o mapa da fixação dos judeus. As principais vias de acesso ao Oeste tornaram-se os locais preferenciais para o estabelecimento de agrupamentos ao longo das décadas de 30 e 40. Os primeiros grupos de mascates se estabeleceram em cidades como Albany (início dos 30), Rochester (início dos 40), Cleveland (1839), Chicago (1845), Milwaukee (1844) e St.Louis (1837). Em três ou quatro anos, as primeiras lojas de varejo ou depósitos de fornecimento para mascates também se instalavam, parentes e outros conterrâneos eram chamados, e uma congregação se estabelecia. Nos anos 50, tais centros já contavam com comunidades satélites."⁷⁵ Mais tarde, núcleos de judeus se espalhariam

73 vide Deborah Pessin, *History of the Jews in America*. New York and London: Abelard-Schuman, 1957, p.99 e Naomi Cohen, *Encounter with Emancipation...*, pp.20-1.

74 Arthur A. Goren, "Jews"..., p.576.

75 Arthur A. Goren, "Jews"..., p.576.

por praticamente todo o território continental americano, mesmo em regiões do Sul (onde atuavam como fornecedores de mercadorias e como comissários de algodão nos grandes latifúndios rurais) ou do extremo Oeste (onde a descoberta de ouro na região de San Francisco, Califórnia, também os atraiu).

Algumas regiões eram mais procuradas e acumularam uma maior densidade de elementos da etnia. Cincinnati, na condição de porto fluvial mais importante localizado na bacia do rio Ohio e localizada num entroncamento viário para viajantes com destino ao oeste, atraiu judeus a ponto de tomar-se conhecida como "Jerusalém do Oeste"⁷⁶. O apelo aí foi duplamente étnico: além de judeus, a região delimitada pelo triângulo Cincinnati - Milwaukee - St. Louis aglutinou também boa parte da imigração alemã. Os judeus aí portanto usufruíam da conveniência de uma mesma língua e origem⁷⁷. Na primeira destas cidades, já em 1824 estabeleceu-se uma congregação e em 1836 os judeus procuravam arrecadar fundos para a construção de uma sinagoga⁷⁸. Por volta de 1850, os mascates que a fundaram já haviam se estabelecido como comerciantes e fabricantes de roupas, tornando a cidade um centro manufatureiro do ramo. Em 1855, a cidade com cinco sinagogas abrigava ainda um hospital de judeus e uma sociedade beneficente. Dois periódicos de circulação semanal, um em inglês e outro em alemão, eram distribuídos para assinantes em toda a região. Dois dos mais proeminentes rabinos do país, Mayer Wise (1819-1900) e Max Lienthal (1815-1882) serviram na cidade. Cincinnati era o centro religioso de pequenas comunidades espalhadas por Indiana, Illinois, Tennessee, Kentucky e Missouri. Quando comerciantes judeus tornavam-se prósperos, muitos vendiam seus negócios para irmãos mais novos ou parentes e mudavam-se para Cincinnati.⁷⁹

76 Marshall Sklare, *America's Jews*. New York: Random House, 1971, p.7.

77 Naomi Cohen, *Encounter with Emancipation...*, p.21.

78 Deborah Pessin, *History of the Jews...*, p.105.

79 Arthur A. Goren, "Jews"..., p.577.

À medida em que prosperavam, judeus alemães se estabeleceram como comerciantes em pequenas cidades espalhadas por todo o país. Schappes estimou que "entre os 10669 mascates arrolados pelo Censo de 1850, muitos eram judeus e que dentre os 16594 mascates do Censo de 1860, mais da metade eram judeus. A maior parte destes", continua o autor, "mais cedo ou mais tarde tornaram-se donos de lojas, atacadistas e mesmo proprietários de redes de lojas de departamento. Assim se formou, sobretudo nas cidades do interior distantes da costa leste, o núcleo das camadas comerciais judias de classe média."⁸⁰

Para muitos judeus alemães, a mascateação e o pequeno comércio propiciaram a entrada em outros campos de atividade econômica mais promissores. Alguns firmaram-se como atacadistas, outros como proprietários de lucrativas lojas de departamento. Entre estes últimos fizeram-se alguns príncipes do varejo como os Straus (Macy's, Abraham & Straus), Filene, Gimbel, Rosenwald (Sears, Roebuck) e os Rich - todos muito prósperos e iniciados no ramo por intermédio do circuito mascateação-pequenas lojas. Nos Estados Unidos, a mascateação e o varejo exercidos por judeus alemães surpreendentemente serviram para alguns deles firmarem-se ainda em atividades bancárias e financeiras, como os Seligman, Lehman e Marcus Goldman (Goldman, Sachs). Para todos estes, na maior parte estabelecidos com casas financeiras de investimento e empréstimo em Nova York, a Guerra Civil trouxe prosperidade e ao final do século suas fortunas eram comparáveis aos dos homens mais ricos do país⁸¹. Segundo Cohen, entre os círculos da comunidade judia, na mesma medida em que havia uma diferença hierárquica determinada pela anterioridade com que se deixava a mascateação e se abria uma loja, a atividade bancária era considerada um "chamado superior", mesmo em relação a bem sucedidas lojas de departamento⁸². Para nossos

80 Morris U. Schappes, *The Jews in the United States...*, p. 68.

81 vide Arthur A. Goren, "Jews"..., p.579.

82 Naomi Cohen, *Encounter with Emancipation...*, p.24.

propósitos entretanto, o fundamental é observar ainda uma terceira possibilidade de mobilidade trilhada pelos antigos mascates judeus de origem alemã, esta abraçada com maior vigor ainda do que as anteriores.

"A mascateação e o varejo ainda deram como rebento outra especialidade econômica que desde o início foi identificada como dominada pelos judeus: a produção e a distribuição de roupas prontas."⁸³ A indústria tomaria impulso em pleno século XIX com o aparecimento da máquina de costura em 1846. Já nesta época (1847), uma publicação voltada para o setor, *The New York Drygoods Reporter*, indicava que clientes judeus eram responsáveis por mais de um quarto de todas as vendas efetuadas por atacadistas do ramo e que nos feriados judaicos muitos destes preferiam suspender suas atividades e não negociar sem este elemento de influência crescente no setor.⁸⁴

Um pouco mais tarde, um novo período de expansão do setor seria aberto com a demanda de uniformes para o Exército na Guerra Civil americana. Em Milwaukee, uma única firma de judeus foi contratada para produzir 12 mil uniformes, em Cleveland uma outra para confeccionar 500 uniformes de oficiais em um único mês, mas mais impressionante e provavelmente imbatível foi o contrato de 1 milhão de dólares firmado entre os Seligman e o governo americano para a produção de uniformes⁸⁵.

A própria invenção⁸⁶ e o domínio da indústria de vestuário (roupas prontas) pelos judeus alemães resultou de uma configuração de trajetórias distintas que se

83 Naomi Cohen, *Encounter with Emancipation...*, p.27.

84 vide Bernard B. Weinryb, "Jewish Immigration and accommodation to America". In: *The Jews: Social Patterns an American Group*. Sklare, Marshall (ed.). New York: FreePress, 1958, p.74.

85 ao final da Guerra Civil, os Seligman (8 irmãos) reorientaram seus negócios de comércio e indústria de roupas e tecidos para atividades bancárias internacionais estabelecendo filiais em Londres, Paris, Frankfurt, San Francisco e New Orleans, cada casa comandada por um irmão (Arthur A. Goren, "Jews"..., p.579).

86 Os de maiores posses sempre confeccionaram roupas sob medida em alfaiates e costureiras, a maior parte da população costurava suas próprias roupas e os mais miseráveis utilizavam

fortaleceram mutuamente em mãos da etnia. Como mascates ou pequenos varejistas, eles crescentemente passaram a incluir roupas prontas em seus estoques de mercadorias; a demanda necessariamente se fez sentir junto a atacadistas, estimulando também a manufatura. O sucesso de muitos reorientou a atividade de comerciantes em geral no sentido de uma especialização mais definida no ramo de vestuário. Outros que também se fizeram no setor provieram do comércio de roupas usadas, uma especialidade judia já na Europa e que em boa medida se reproduziu na América.

Em 1880, às vésperas portanto da grande imigração judia proveniente do Leste europeu, qualquer estatística referente ao comércio e indústria de vestuário mostra que os judeus já dominavam amplamente o setor. Neste ano, uma tabulação das firmas em mãos dos judeus mostrou que metade deles haviam se engajado no ramo e que 80% de todas as lojas de varejo e 90% das de atacado do setor de vestuário em Nova York estavam nas mãos de judeus. "Um balanço publicado em 1888 proclamava que 234 dos 241 produtores de roupas na cidade eram judeus, movimentando um volume anual de negócios da ordem de \$55 milhões. Lideradas por firmas como Hart Schaffner & Marx em Chicago, 75% das companhias operando no setor de vestuário fora de Nova York também eram de propriedade de judeus. Cidades menores exibiam percentuais igualmente impressionantes. Em Columbus, Ohio, em 1872 todas as firmas operando no varejo de roupas pertenciam a judeus. Observadores de fora da etnia referiram-se ao fenômeno como um monopólio na mão dos judeus."⁸⁷

Nesta altura, a cerca de duas décadas do final do século, começa a se avolumar a maciça imigração de judeus provenientes da Europa Oriental: entre 1879 e 1924 cerca

roupas descartadas pelos anteriores. Learsi afirma que mesmo já em 1880, apenas cerca de 40% das roupas usadas por homens eram compradas prontas e uma proporção bem menor das usadas por mulheres (Rufus Learsi, *The Jews in America: a History*. New York: Ktav Publishing House, Inc., 1972, p.153).

⁸⁷ Naomi Cohen, *Encounter with Emancipation...*, p.29.

de 2 milhões entrariam em território americano, mais da metade entre 1904 e 1914⁸⁸. Seria um "detour" por demais oneroso ao leitor se retomássemos aqui a extensa bibliografia produzida sobre a imigração de judeus do Leste europeu aos Estados Unidos. Do ponto de vista do argumento, é suficiente o estabelecimento dos pontos a seguir.

Ao contrário do padrão de dispersão territorial observado entre judeus alemães, a nova imigração judia concentrou-se em guetos formados sobretudo nas grandes cidades americanas; a região leste inferior de Nova York⁸⁹, parte do oeste de Chicago, a área norte de Boston e o centro-sul de Philadelphia constando entre os maiores e mais conhecidos.

Em termos de padrão ocupacional, um número relevante entre eles também começou como mascates⁹⁰, mas não resta dúvida que a maior parte empregou-se como operário nas indústrias ligadas ao setor de vestuário. Goren informa-nos que dos operários com alguma qualificação que deixaram as zonas demarcadas para judeus em território russo, cerca de 60% já lá trabalhavam com o comércio ou manufatura de roupas, boa parte deles tendo continuado o ofício aqui. Learsi relata-nos que na década de oitenta, quando já a maior parte dos proprietários no ramo eram judeus alemães, os judeus recém chegados empregaram-se maciçamente no setor, "não apenas porque cerca de

88 Charles Bezalel Sherman, *The Jew within American Society: a Study in Ethnic Individuality*. Detroit: Wayne State University Press, 1961, p.86.

89 A cidade de Nova York sempre abrigou a maior concentração de judeus nos Estados Unidos. Em 1920, sob o pleno efeito deste último movimento migratório de judeus, a população desta origem representava 26% dos habitantes da cidade. (Cleveland e Newark 13%; Philadelphia 11%; Boston, Baltimore e Pittsburgh 10%; Chicago 9%; St.Louis 8% e Detroit 6%). Consultar Arthur A. Goren, "Jews"..., p.581.

90 vide Charles Bezalel Sherman, *The Jew within American Society...*, p.88 e Rufus Lears, *The Jews in America...*, p.152.

metade deles já havia empunhado a agulha no Velho Mundo, mas porque contavam com a ajuda e compreensão de seus correligionários"⁹¹.

O mesmo argumento é enfatizado por Sklare. "Tendo chegado mais tarde que os judeus alemães, uma porcentagem menor de judeus provenientes do Leste europeu tornou-se mascate. Aqueles que o fizeram tenderam a se confinar no interior de uma cidade, uma vez que as oportunidades na zona rural já começavam a declinar. A contrapartida da mascateação para os judeus do Leste da Europa foi o emprego de operador de máquina de costura na indústria de vestuário. (...) Eles escolhiam esta ocupação porque o local de trabalho era próximo, porque esta requeria mais destreza do que força muscular e porque podia se arranjar com maior facilidade um trabalho num setor dominado por judeus. Houve um tempo em que a indústria de roupas feitas nos Estados Unidos era uma indústria na qual os judeus do Leste da Europa eram os operários e os judeus alemães os patrões".⁹²

Entretanto, a condição de proletários inaugurada pela primeira vez entre judeus em território americano durou pouco. Ao cabo de uma geração, a maioria deles já havia conseguido se mover para ocupações de classe média ou superior, uma boa parte deles

⁹¹ o que é preciso ser relativizado porque conta apenas uma parte da história. Vários autores como Marcus apuraram por exemplo, que "a velha geração de judeus nativos e alemães sentindo-se ameaçada com as volumosas levas de novos imigrantes e muitas vezes temendo pelo seu próprio status, fez todos os esforços para dispersar os "russos" pelo interior." (Jacob R. Marcus, *Studies in American Jewish History*. Cincinnati: Hebrew Union College Press, 1969, p.198). Weinryb apurou que: "...o grupo dominante - os que chegaram cedo - forma o topo da etnia. Eles se consideram superiores e distintos dos grupos minoritários de imigração tardia e procuram manter certa distância social destes, ou moldá-los segundo um certo padrão... Os de baixo buscam ser assimilados pelo grupo superior, procurando prestígio, sobretudo via casamento." (Bernard B. Weinryb, "Jewish Immigration and...", p. 5). Provavelmente portanto, a solidariedade existente jamais significou, em termos gerais, algo que pudesse contrariar interesses econômicos ou relacionados ao prestígio social.

⁹² Marshall Sklare, *America's Jews...*, p.61. Vide também E. J. James, *The immigrant Jew in America*. National Liberal Immigration League, para ocupações de judeus russos em Nova York, Chicago e Philadelphia.

tendo aberto o seu próprio negócio neste mesmo ramo tão propício a subcontratações e subdivisões de empresas que se iniciam às custas do trabalho familiar.

Muitas oportunidades foram abertas no próprio setor, que experimentou um novo período de expansão ao final do século, com o Garment Center de Manhattan em Nova York tomando-se o principal centro produtor. Em 1880, quase a totalidade dos cerca de 1000 produtores de roupas mais importantes desta cidade eram judeus alemães: eles empregavam 64669 pessoas. Já na Nova York de 1913, a maior parte das 16552 fábricas estavam nas mãos de judeus russos que empregavam 312245 operários, três quartos dos quais também eram judeus russos⁹³.

Em função de seu volume, esta terceira leva de imigrantes proveniente do Leste Europeu marcou profundamente em vários sentidos a fisionomia dos judeus na América e, se o padrão de mobilidade por eles experimentado não foi tão glamoroso quanto o de alguns de seus correligionários alemães, por outro lado ele não foi menos espetacular. A primeira geração nascida na América entrou maciçamente em profissões de nível superior, marcando definitivamente um tema freqüente na sociologia americana: o da mobilidade sócio-econômica via investimento escolar dos judeus. "O desejo ardente do imigrante era ver seu filho seguir uma profissão menos penosa que a sua e assim alcançar uma melhor posição na escala social. Tendo em alta conta o valor da educação, sua maior ambição era ver seus filhos como profissionais liberais bem sucedidos."⁹⁴

Sklare arrola dados que mostram que muito poucos filhos de operários herdaram a ocupação do pai⁹⁵. Goren, comparando dados de inserção ocupacional referentes a

⁹³ Arthur A. Goren, *Jews!*..., p.362.

⁹⁴ Rufus Lears, *The Jews in America*..., p.164.

⁹⁵ Marshall Sklare, *America's Jews*..., p.63.

1900 e 1930 (estes últimos tendo por base um levantamento em pequenas cidades e outro em Philadelphia), mostra que a proporção de judeus empregados como operários caiu de 60% em 1900 para 16,7% nas cidades menores e 24,2% em Philadelphia em 1930; a proporção de judeus donos de estabelecimentos comerciais ou industriais subiu de 25% para 57% e 63% e a de profissionais liberais de 3% para 13% e 17% entre 1900 e 1930⁹⁶. Sherman cita dados referentes aos anos de 1935 e 1947 para o país como um todo, mostrando que enquanto a comunidade judia constituía cerca de 3% da população americana, estudantes de origem judia nas universidades somavam 9% do total de matriculas⁹⁷. Mas como sempre em se tratando de judeus, o dado mais impressionante vem de Nova York: em 1937, constituindo um quarto da população da cidade, os judeus perfaziam 65% de seus advogados e juizes, 64% de seus dentistas e 55% de seus médicos⁹⁸.

Em traços bastante gerais, foram estas as linhas mestras de inserção dos judeus na sociedade americana. Ainda que inevitavelmente superficiais, sobretudo tendo-se em vista a enorme produção a respeito do tema, tal síntese apresenta-se imprescindível a nosso trabalho comparativo.

Homologias estruturais

Estamos agora em posição de compreender com maior precisão as razões pelas quais o negócio da mascateação e as lojas de armarinhos nas mãos dos sírios e libaneses não evoluíram para uma indústria de vestuário e de tecidos dominada em boa parte pela

96 Arthur A. Goren, "Jews"..., p.588.

97 Charles Bezalel Sherman, *The Jew within American Society*..., pp.110-1.

98 Arthur A. Goren, "Jews"..., p.589.

etnia como no Brasil. Em primeiro lugar, ao final do século XIX, o processo de expansão da fronteira americana já havia praticamente se esgotado e o processo de integração territorial, levado adiante sobretudo através da ferrovia, encontrava-se já bastante adiantado. Por causa disso, a função de mascateação, embora atraente do ponto de vista dos mínimos recursos necessários para o recém-chegado, encontrava-se já numa fase de oportunidades declinantes nos Estados Unidos. Ao contrário do que ocorreu no Brasil, os sírios e libaneses apanharam a economia americana numa fase mais madura.

Em segundo lugar, o desenvolvimento formidável da cidade de São Paulo na virada do século oferecia em diferentes níveis um conjunto de oportunidades excepcionais para recém-chegados que procurassem se inserir no meio urbano. À época, a sociedade paulista não contava com nenhum estrato significativo de classe média: ex-escravos e imigrantes rurais predominavam esmagadoramente. Por outro lado, a classe dominante de fazendeiros era por demais abonada, apegada às lides rurais e ocupada em fazer política para se meter em qualquer outra atividade comercial não relacionada ao café.

Ao contrário, os sírios e libaneses nos Estados Unidos depararam-se com uma população muito maior e mais variada vivendo em áreas urbanas. Uma vez que estes chegaram tardiamente em relação a outras etnias que também procuravam um meio de vida na nova terra, eles tiveram de enfrentar a concorrência de outros grupos já anteriormente estabelecidos, resultando um padrão de mobilidade para a colônia mais lento e mais difícil. "Nós aprendemos a mascatear nesse país com os judeus", alguns imigrantes pioneiros admitiram.⁹⁹ Se a alternativa inicial de uma inserção via mascateação e pequenas lojas sempre constituiu uma opção viável - e de fato nela se engajou a maior parte do grupo - as posições mais maduras, mais sólidas do ponto de vista econômico, relacionadas ao atacado e sobretudo à indústria - estas já se

⁹⁹ Alixa Naff, *Becoming American...*, p.130.

encontravam ocupadas. Deste modo, os sírios e libaneses nos Estados Unidos viram-se diante de um caminho já trilhado, caminho este aberto e acessível em seus trechos iniciais e menos interessantes - a mascateação e o pequeno varejo - mas bloqueado à medida em que seu leito se tomava mais caudaloso, justamente a partir do grande comércio por atacado e do estabelecimento industrial.

Tais circunstâncias em boa parte dão conta das razões pelas quais não encontraremos nos Estados Unidos um setor industrial no qual os sírios e libaneses e seus descendentes tenham se concentrado e dominado. Diferentemente do Brasil, os melhor sucedidos dentro da etnia não conseguiram abrir espaço num setor original, não explorado da economia americana, de modo a carrear o fluxo contínuo de conterrâneos capazes de dar vigor e consistência ao domínio de um setor à medida em que estes avançassem nos degraus da mobilidade econômica. De certo modo, isto também explica por que, em determinada etapa de suas trajetórias, os sírios e libaneses de modo geral procuraram reorientar suas atividades para outros ramos comerciais, entre os quais o negócio de quitandas foi o mais notável.

Como vimos, por volta da virada do século, as grandes firmas atacadistas e os principais estabelecimentos industriais nos ramos têxtil e do vestuário, ramos estes que constituem a desembocadura clássica, natural para o varejo de armarinhos e roupas, já formavam um setor consolidado dentro da economia americana e plenamente dominado por judeus. Os judeus provenientes de países de língua alemã, que começaram a chegar aos Estados Unidos em maior número a partir do segundo quartil do século XIX, já haviam percorrido esta trajetória que se inicia com a mascateação de forma abrangente, espalhados por todo o território americano. Tendo chegado ao "lugar certo" na "época certa", trilharam com relativa rapidez o percurso mascates / varejistas / atacadistas /

industriais, posicionando-se e ao mesmo tempo consolidando um setor que experimentaria sucessivas expansões.

Também a partir do final do século XIX, outras levas de judeus, estas muito mais numerosas, começaram a chegar aos Estados Unidos provenientes do Leste europeu. Muitos deles começaram a vida como mascates, na mesma época em que os sírios e libaneses chegavam, mas a maior parte empregou-se como operários nas fábricas de propriedade dos judeus alemães, reforçando num primeiro momento a presença da etnia no setor. Entretanto, ao cabo de apenas uma geração, os judeus "russos", impulsionados por seu volume e aproveitando as facilidades inerentes ao setor para a criação de novas empresas¹⁰⁰, já dominavam posições importantes no ramo, consolidando definitivamente o domínio da etnia sobre o setor.

Por outro lado, não seria demais insistir no conjunto de semelhanças concernentes à inserção de sírios e libaneses no Brasil e de judeus nos Estados Unidos. Além dos dois grupos terem se estabelecido no meio urbano, ambos iniciaram suas trajetórias como mascates e, ao percorrerem extensamente largas porções do território, acabaram cumprindo importantes funções de integração, muitas vezes entre populações do meio rural, numa época em que a rede ferroviária ainda não havia se desenvolvido plenamente. São comuns as apreciações, como a do economista John Commons, de que "o judeu gosta de ser seu próprio chefe". Referindo-se aos judeus alemães, Cohen comentou que "pouco importava a insignificância do seu negócio, o mascate trabalhava para si próprio e este seu negócio privado o capacitava a engajar toda a família"¹⁰¹, ao que ainda podemos acrescentar a circunstância de residir no mesmo local onde se

100 algumas máquinas de costura e o trabalho familiar constituíam o capital inicial básico para a abertura de uma firma, conferindo ao setor alta rotatividade (altas taxas de nascimento e de mortalidade de firmas). Muitas novas firmas eram assim formadas, muitas vezes subcontratadas como fornecedoras de firmas maiores.

101 Naomi Cohen, *Encounter with Emancipation...*, p.20.

trabalha, uma vez estabelecido o negócio. Também do ponto de vista das trajetórias de ascensão econômica trilhadas - mascates / varejistas / atacadistas / industriais - as semelhanças são salientes e coincidentes em termos dos setores econômicos (vestuário e indústria têxtil), talvez apenas com a ressalva de que algumas outras opções, como as redes de lojas de departamentos e as atividades financeiras, foram paralelamente desenvolvidas pelos judeus nos Estados Unidos. Por fim, é necessário ainda lembrar os efeitos similares do ponto de vista da mobilidade econômica e social para a segunda geração de ambos os grupos, em particular no que diz respeito à maciça entrada no mercado de profissões liberais, já referida anteriormente sobretudo no caso dos judeus "russos".

Assim sendo, a qualquer observador das trajetórias percorridas pelos dois grupos, a eloquência dos dados comparados fala por si mesma e autorizam, creio eu, uma derradeira inferência. Guardadas as devidas proporções e as inúmeras especificidades de cada caso, precavendo-se dos paralelismos sedutores e na maior parte das vezes inebriantes - numa palavra, apontando-se portanto todas as ressalvas pertinentes que sem nenhuma dúvida fazem do processo histórico uma interação única entre agentes e estruturas, irredutíveis os casos em sua singularidade - mesmo assim, é preciso se convir que os elementos à mão talvez componham uma destas ironias reservadas pela História. Em determinados momentos particulares (e diferentes) da história destes dois países, e do ponto de vista tão somente da inserção no interior da estrutura social, os sírios e libaneses e os judeus ocuparam posições estruturalmente homólogas no desenvolvimento do Brasil e dos Estados Unidos respectivamente.

Brasil e Estados Unidos: dois cenários extremos

A pergunta que inevitavelmente decorre de tal análise é: e os judeus no Brasil? Por que não exerceram o mesmo papel pioneiro que nos Estados Unidos? Em primeiro lugar em termos absolutos, já a partir da terceira década do século XIX, um movimento significativo de imigrantes já se dirigia aos Estados Unidos (e os judeus alemães constituíram parte deste fluxo), ao passo que em São Paulo¹⁰², a experiência da imigração em massa tomou impulso sobretudo a partir da abolição - antes disso ela praticamente inexistiu.

Porém, mais relevante ainda é o fato de que até o final da Primeira Guerra Mundial, o Brasil não constituía um destino preferencial de imigração para a grande leva de judeus originários do Leste europeu. De fato, embora dados oficiais relativos à imigração judia ao Brasil tenham sido compilados somente a partir do Estado Novo, estatísticas razoavelmente confiáveis apuradas por organizações de auxílio mútuo da etnia nos informam que a população de origem judia no Brasil em 1920 contava apenas entre 6 e 8 mil almas, "uma indicação da impopularidade do país. (...) Poucos judeus (por volta de 1000) entraram no país entre 1890 e 1899, enquanto mais de 30000 o fizeram entre 1920 e 1929."¹⁰³

Estamos portanto diante de um grupo que chegou ao Brasil com algum atraso. Em termos relativos, o grosso da imigração judaica chegou entre 1924 e 1936, na prática uma geração defasada em relação ao pico da imigração de origem síria e libanesa chegada ao Brasil. Por causa disso, Lesser apurou ainda que "na mesma época em que

¹⁰² em outras áreas do sul do país a imigração alemã foi anterior, mas as condições para um mercado capitalista integrado estavam menos desenvolvidas que em São Paulo.

¹⁰³ Jeff H. Lesser, *From Peddler to Proprietor: Lebanese, Syrian, and Jewish Immigrants in Brazil*, (mimeo), 1989, p.5.

sírios e libaneses encontravam-se em posição de adquirir lojas e fábricas nos principais centros industriais do país, os judeus começavam a chegar em grande número. Os judeus portanto ocuparam os espaços econômicos abertos pelos mascates árabes de outrora. A imensa maioria de judeus chegados anteriormente a 1933 vieram da Polônia e já habitavam o meio urbano. Uma vez que pelo menos 35% do total proveniente do Leste europeu chegou "sem profissão", restavam-lhes poucas alternativas além de se tornarem mascates. Frequentemente eles compravam mercadorias de ex-mascates sírios e libaneses que haviam se tornado atacadistas. Tendo muitos já passado por alguma experiência no ramo de tecidos na terra natal, na maior parte das vezes como alfaiates, eles acabaram gravitando em torno do setor no Brasil, frequentemente comprando a crédito de sírios e libaneses."¹⁰⁴

Por outro lado, é verdade que tal defasagem no caso brasileiro não impediu que poucos anos depois, os judeus começassem também a exercer um papel proeminente no comércio e na indústria, sobretudo nos ramos têxtil e de confecções. É provável que as oportunidades de uma inserção tardia exitosa tenham sido maiores no Brasil para os judeus do que nos Estados Unidos para sírios e libaneses porque aqui o estágio de maturação das relações capitalistas era menos desenvolvido e a matriz de empreendedores industriais, ainda em formação, mais permeável. Não se pode perder de vista a esse respeito que em plena década de quarenta o processo de substituição de importações abrirá flagrantes oportunidades empresariais que recomporão o tecido industrial paulista.

Fica patente portanto que em nosso caso, as homologias flagrantes que tiveram sírios e libaneses no Brasil e judeus nos Estados Unidos em termos de início de inserção nos novos países - homologias em termos de terem se fixado no meio urbano, de optarem

¹⁰⁴ Jeff H. Lesser, *From Peddler to Proprietor...*, p.11.

por atividades comerciais via de regra iniciadas com a mascateação, etc. - acabaram fazendo com que a variável anterioridade da chegada ao país receptor assumisse contornos muita vezes decisivos ao futuro de cada um dos grupos, sobretudo no caso americano. Na verdade, olhando-se de uma perspectiva mais abrangente, ambos os grupos procuraram aproveitar na nova terra as oportunidades abertas por economias capitalistas em expansão que solicitavam, principalmente no início, funções de integração territorial, sobretudo via expansão de mercados.

Ambos já carregavam consigo em germen, na época em que realizaram a imigração, atributos culturais derivados de suas experiências anteriores que potencialmente os habilitavam a suprir tais funções. Os judeus - tanto os de língua alemã quanto os do Leste europeu - porque acumulavam um passado que os especializou em funções comerciais¹⁰⁵; os sírios e libaneses porque, embora primordialmente agricultores na terra de origem, provieram de famílias que viram-se "compelidas a se engajar no comércio ou em outros ofícios para suplementar suas rendas. (...) Conseqüentemente," conforme Naff colocou, "as diferenças entre agricultores, artesãos e comerciantes tenderam a se diluir."¹⁰⁶ Tal herança cultural, comum aos dois grupos, será o traço específico a ser desenvolvido nas Américas, definidor da maciça inserção inicial como mascates. Tendo partido deste denominador comum, sírios e libaneses de um lado e judeus de outro assumirão posições mais ou menos salientes na nova sociedade em função em grande parte do momento em que chegaram a cada um dos países.

No fundo, a investigação do modo como sírios e libaneses de um lado, e judeus de outro, se inseriram na história recente de países como Estados Unidos e Brasil em grande parte constitui também a chave para a compreensão da inserção destes grupos

105 Arthur A. Goren, "Jews"..., p.576 e Rufus Lears, *The Jews in America*..., p.153.

106 Alixa Naff, *Becoming American*..., p.53.

em outros países receptores importantes, como a Argentina. Aí sírio-libaneses e judeus foram freqüentemente confundidos entre si porque além de inclinarem-se para atividades comerciais, os dois grupos chegaram ao mesmo tempo ao país.¹⁰⁷ No caso do Brasil e dos Estados Unidos, sendo o padrão de imigração judia tão contrastante em termos da época de chegada e mesmo em termos de volume, estes dois países provavelmente balizarão as duas possibilidades extremas de inserção, ao passo que a Argentina, tendo recebido judeus e sírios e libaneses aproximadamente na mesma época (a partir do final do século XIX), propiciou um tipo de inserção urbana mais competitiva e equilibrada para estes dois grupos.

Conclusão

A esta altura, é quase desnecessário reafirmar as conveniências associadas ao estudo de fenômenos migratórios a partir de uma perspectiva comparada. Sob a ótica de um modelo convergente (várias etnias que se destinaram a uma única sociedade receptora), aspectos herdados da terra de origem e sobretudo processos de interação inter-étnica (competição, inter-avaliação, etc.) constituem o foco privilegiado de análise. Por outro lado, consequências decorrentes de características estruturais presentes em diferentes sociedades de destino que normalmente não apareceriam, ou pelo menos não se explicitariam, podem, através da utilização de um modelo divergente (uma mesma etnia focalizada em países distintos), se tornar mais evidentes. Tais elementos sugerem que a combinação dos dois enfoques constitui uma ferramenta particularmente poderosa de

107 Vide como exemplo Paul Wallie, *L'Argentine Tel Qu'Elle Est*. Paris: E. Guilmoto, Éd., 1913, p.85; Pierre Berne, *L'Immigration Européenne en Argentine*. Paris: Jouve & Cie. Éd. Faculté de Droit de L'Université de Paris, 1915. (thèse pour le doctorat), pp.138-42 e Carl Solberg, *The Prairies and the Pampas: Agrarian Policy in Canada and Argentina, 1880-1930*. Stanford: Stanford University Press, 1987, p.78.

análise de fenômenos migratórios. É nesse sentido que este capítulo complementa os precedentes, ao procurar enxergar a partir de uma perspectiva mais ampla, os condicionantes da inserção de sírios e libaneses em São Paulo.

Em nosso caso, não há indicações de que grupos distintos migraram preferencialmente a um país ou a outro. Ao contrário, um conjunto bastante semelhante de características culturais nos leva a concluir que o mesmo tipo de imigrante, dotado do mesmo perfil, atingiu Brasil e Estados Unidos. Vale a pena notar ainda que os fluxos, em termos absolutos, São bastante comparáveis e razoavelmente simultâneos, talvez apenas levemente desiguais ao longo da segunda metade dos anos vinte, quando o volume de imigrados aos Estados Unidos virtualmente cessou, enquanto que no Brasil este se prolongaria por mais alguns anos, até a crise dos 30.

Tal homogeneidade entre os dois contingentes iniciais deixa limpo o terreno para se avaliar o peso que fatores estruturais da sociedade de adoção exerceram sobre o grupo. Para fins analíticos, resolvi agrupar tais fatores sob três ordens, mas ao leitor logo torna-se óbvio que todas elas se apresentam intimamente relacionadas entre si e determinadas pelas conjunturas específicas da história dos dois países. Em primeiro lugar, procurei realçar a conjuntura ideologicamente mais desfavorável que sírios e libaneses, ao lado de outros grupos constituintes da "nova imigração", tiveram de enfrentar ao chegar à sociedade americana em um momento de plena crise de relações étnicas, de metamorfose da própria identidade nacional. Tannous, escrevendo em 1942 a respeito das dificuldades de integração que tiveram sírios e libaneses, não deixou de enfatizar que "provavelmente o fator mais importante tenha sido as barreiras sociais que os brancos nativos (classes média e alta) estabeleceram entre eles e os imigrantes."¹⁰⁸ O próprio termo em voga à época, WASP (White-Anglo-Saxon-Protestant), designativo

108 Afif I. Tannous, "Acculturation of an Arab-Syrian Community...", p.271.

do americano desejável, de boa cepa, denota uma definição mais estreita, uma adjetivação adicional do "ser branco" bastante exigente na sociedade americana, da qual é difícil acreditar que saíram ilesos os imigrantes sírios e libaneses e seus descendentes, muito embora estes certamente não fossem um alvo específico.

No Brasil, muito embora sírios e libaneses tivessem que enfrentar preconceitos sobretudo relacionados à inequívoca afinidade com atividades comerciais, dificilmente tal circunstância representou barreiras à sua mobilidade econômica. Ao contrário dos Estados Unidos, provavelmente eles se viram favorecidos pelo modo mais positivo com que os imigrantes eram em geral encarados em países da América Latina.¹⁰⁹ Comparados aos negros ou aos trabalhadores nativos indolentes e atrasados (os *caipiras* em São Paulo), os imigrantes em geral eram percebidos como mais qualificados, habilidosos, dedicados e frugais, como elementos capazes de racialmente aos poucos "embranquecer" a população; às vezes, como Solberg notou em relação aos italianos na Argentina, como "portadores de uma tradição cultural ilustre".¹¹⁰ Talvez o sintoma mais nítido das agudas diferenças na relação imigrantes - trabalhadores nacionais entre Brasil e Estados Unidos esteja precisamente no contraste de significados entre "tornar-se brasileiro" e "tornar-se americano" observável entre imigrantes nos dois países. Enquanto nos Estados Unidos "to become American" constituiu para a maioria dos grupos étnicos um desejo ardente, um esforço muitas vezes precoce e deliberado de manipulação de identidade capaz de adiantar a aceitação na nova terra, no Brasil, em decorrência mesmo de os imigrantes em geral apresentarem uma inserção econômica e social melhor que ex-escravos e trabalhadores

109 vide Carl Solberg, "Mass migrations in Argentina". In: *Human Migration: Patterns and Policies*. McNeill, W. and Adams, R. (eds.) Bloomington: Indiana University Press, 1978, p.148 e Mark D. Szuchman, *Mobility and Integration in Urban Argentina: Córdoba in the Liberal Era*. Austin: University of Texas Press. 1980, pp.35-6 para um padrão similar na Argentina, respectivamente concernente a descendentes de *mestizos* e *creolos* nativos.

110 Carl Solberg, *The Prairies and the Pampas...*, p.78.

nativos, "tomar-se brasileiro" acabou constituindo uma aspiração pouco almejada para qualquer um que estivesse buscando uma posição melhor na sociedade.

É difícil se especular se o fluxo de imigrantes sírios e libaneses aos Estados Unidos poderia ter sido maior caso houvesse uma conjuntura mais favorável para a entrada de imigrantes no país a partir da década de 90. De qualquer forma, a interrupção do movimento migratório durante a Primeira Guerra Mundial e o regime de quotas adotado a partir de 1924 fixaram no mínimo para os próximos 25 anos o tamanho relativo da comunidade síria e libanesa no país. Este constitui o segundo aspecto a se ressaltar: os sírios e libaneses enquanto grupo foram muito pouco notados frente à maciça entrada de outros grupos étnicos muito mais volumosos na sociedade americana. Em nenhum momento, conforme observou Naff, "a população síria representou uma força social, política ou religiosa capaz de atrair a atenção nacional."¹¹¹ Ao contrário, seu pequeno volume e relativa dispersão determinaram que fossem pouco notados, acarretando mais um padrão de diluição do grupo no território americano frente a outras etnias, sobretudo a partir da segunda geração.

Ao mesmo tempo, nos locais em que a comunidade constituiu-se mais numerosa, ela tendeu tanto a ser segregada quanto a se auto-segregar, em relação à sociedade inclusiva. Diferentemente do Brasil, onde como vimos, para as elites da colônia, a endogamia significava manutenção de prestígio social e econômico, nos Estados Unidos a endogamia quase sempre traduzia o encapsulamento, a segregação e o isolamento do grupo.

Por fim, e de certa forma em decorrência mesmo da presença mais relevante de outras etnias, a trajetória típica trilhada pelo imigrante sírio ou libanês nos Estados Unidos

111 Alixa Naff, *Becoming American...*, p.248.

tampouco foi original. Aqui em particular importa ressaltar o papel de outro grupo, os judeus, que no seu conjunto ("alemães" e "russos") já havia cumprido e explorado os dividendos de uma trajetória que se inicia com a mascateação, desenvolve-se com o comércio varejista, para culminar no atacado ou na atividade industrial em setores relacionados à indústria do vestuário. Neste sentido, a utilização, tanto no caso brasileiro quanto no caso americano, de um grupo de controle com características de inserção semelhante, como tiveram os judeus, realça a importância do momento certo da chegada ao país receptor.

Desta forma, apesar de sírios e libaneses terem chegado aos dois países aproximadamente na mesma época, podemos afirmar que o papel saliente que tiveram no Brasil, especificamente em São Paulo, em grande medida se deveu ao pioneirismo de suas atividades comerciais, de sua inserção nitidamente urbana e desconcentrada ao longo de inúmeras cidades do interior. Tal circunstância, aliada a uma presença relativamente maior entre outros grupos étnicos, acarretou que em São Paulo a colônia foi capaz de se diferenciar, de se tornar mais complexa, de em última análise gerar estratos que, ao longo de apenas duas gerações fincaram raízes do primeiro ao último degrau da sociedade paulista.

8. CONCLUSÃO: RUMO A UMA HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO URBANA EM SÃO PAULO

À guisa de conclusão, ao se tentar perfilar um balanço conciso dos principais resultados a que este trabalho sobre os sírios e libaneses conduziu, é quase inevitável que procuremos identificar e sugerir algumas de suas implicações mais importantes do ponto de vista de futuras pesquisas no campo. Embora este estudo se circunscreva à análise de uma determinada etnia, é provável que uma série de procedimentos e de *partis pris* metodológicos possam ser derivados a partir deste caso específico e aproveitados com relevância para investimentos posteriores nesta área, sobretudo em se tratando da análise de grupos de imigrantes com trajetórias urbanas.

Acredito em primeiro lugar que o ponto de partida lógico para uma história social da imigração deve reconhecer, ainda na terra de origem, antes portanto desta acontecer, a dimensão propriamente social do fenômeno. Conforme procurei demonstrar em parte do capítulo primeiro, a experiência dos sírios e libaneses nos mostra que a emigração não constituiu um processo que resultou da somatória de vontades individuais, mas de decisões tomadas por famílias que, desejando manter seu status, sua posição social e econômica relativa na terra de origem, optaram por enviar alguns de seus membros temporariamente para a América. Trata-se de um processo eminentemente social e seletivo por origem (algumas regiões ou cidades enviando mais imigrantes que outras), por idade (é óbvio que existe uma faixa de idade mais adequada para se emigrar) e por outras características do imigrante (religião, ocupação, etc.), cuja lógica é necessário

desvendar. É provável que a emigração, na maior parte dos casos em que ocorreu, não tenha decorrido portanto de decisões individuais, mas como fenômeno social que faz com que determinados grupos, articulados em verdadeiras redes, ajam por vínculos comuns.

Ora, se isso é verdade, é preciso extrair todas as consequências do ponto de vista de como se dará a inserção dos imigrantes na nova terra. É muito provável - e o caso dos sírios e libaneses constitui uma demonstração vigorosa disto - que se existiram redes de envio de imigrantes, existiram certamente redes de recepção destes mesmos imigrantes, articuladas sobretudo segundo origens regionais, vínculos de parentesco e afinidades religiosas. Esta constatação, generalizável a qualquer grupo étnico, é porém tanto mais verdadeira quanto mais forte for a destinação urbana do grupo estudado, resguardado este das condições desagregadoras e de menor mobilidade impostas pela distância e normalmente vigentes entre imigrantes rurais.

Da interação entre estas redes de envio e de recepção, novas redes surgiram, que duraram muito além da mera travessia do Atlântico, fixando em muitos casos destinos para toda uma vida, constituindo bases tanto para a solidariedade e o auxílio mútuo, quanto para a diferença e o conflito. Desta forma, grupos antes sem afinidades tiveram oportunidade de adquirir novas identidades ao longo de algum tempo de interação com outros grupos no país de destino.

Deste ponto de vista, fica mais adequado entender a imigração e o modo como os imigrantes enfrentaram as dificuldades na nova terra como um processo mais coletivo do que o de indivíduos meramente injetados na sociedade de adoção e que aos poucos foram sendo um a um absorvidos, sob o efeito de alguma força inelutável (em Ellis por exemplo, a força apaulistanizadora) que fatalmente os plasmará em novos moldes.

Trata-se na verdade de um processo contínuo de transformação mais coletiva, envolvendo a utilização de redes articuladas e categorias sociais antigas que constituirão a matéria prima para novas redes e novas identidades.

Já há algum tempo a historiografia americana de estudos sobre imigração corrigiu a perspectiva outrora dominante de uma assimilação rápida e fácil, de uma inevitável "americanização". Trabalhos recentes enfatizaram modos bastante diversos de se lidar com a questão étnica, enfatizando muitas vezes estratégias de resistência variadas ao processo de assimilação, ao mesmo tempo em que as culturas "tradicionais" de origem não se mantiveram inalteradas. Os estudiosos do tema nutrem um interesse crescente nos "processos de mudança social e cultural pelos quais os imigrantes deixaram de ser "europeus" sem se tomarem "cem por cento americanos"¹ Além disso, é nítida uma maior ênfase em se ressaltar processos mais coletivos de enfrentamento das dificuldades na nova terra. A mudança de perspectiva ecoou na semântica dos títulos da produção intelectual: ao clássico da historiografia sobre imigrantes do início dos anos cinquenta, "The Uprooted", escrito por Oscar Handlin², contrapôs-se outro clássico, "The Transplanted", de John Bodnar³, na década de oitenta.

O caso dos sírios e libaneses evidencia que estes imigrantes, uma vez em São Paulo, tiveram suas novas identidades reafirmadas na esfera familiar e reelaboradas em primeiro lugar pelo trabalho. Redes de emprego, indicações, subcontratações e negócios preferenciais entre conterrâneos e parentes acabaram por constituir verdadeiros feudos étnico-ocupacionais. À medida em que o tempo passou, inevitavelmente, muitos sírios e libaneses viram-se alçados da condição de mascates e

1 Kathleen N. Conzen et alii. "The invention of ethnicity: una lettura americana", *Altreitalia - rassegna internazionale di studi sulle popolazioni di origine italiana nel mondo*. vol.3 (aprile 1990), Fondazione Giovanni Agnelli, pp. 4-5.

2 Oscar Handlin. *The Uprooted - The Epic Story of the Great Migrations that Made American People*, New York: Grosset & Dunlap, 1951.

3 John Bodnar, *The Transplanted...*

pequenos comerciantes para proprietários de indústrias e de redes de distribuição por atacado. Mas por maior que tenha sido o salto, suas origens como empreendedores ainda devem ser em última análise referidas à teia de oportunidades anteriores, propiciada pela cooperação familiar nos negócios, pelas relações de parentesco e conterraneidade oferecidas pela colônia e mobilizadas em favor de sucessos individuais.

Deste ponto de vista, torna-se necessário portanto repensar a noção de que em São Paulo, a competição de indivíduos isolados num mercado de trabalho em franca expansão constitui a explicação primordial para o sucesso ou o fracasso relativo de diferentes grupos étnicos. As redes de sociabilidade e de influência, erigidas em verdadeiros "aparelhos" informais, em trabalho permanente de reconstrução pelos sírios e libaneses, perduraram na verdade muito além da primeira geração de imigrantes. O trabalho argumenta que estas se mostraram operantes não somente para o primeiro passo nos negócios, mas também para a sua consolidação, para a entrada maciça da segunda geração no mercado de profissões liberais e ainda, em um certo grau, para o ingresso bem sucedido na política.

Diagnosticar a existência e a profunda influência destas redes, de processos mais coletivos no interior dos quais os imigrantes operavam, não significa por outro lado embarcar numa versão coesa, muitas vezes apresentada como a história "oficial", de um determinado grupo étnico. O caso dos sírios e libaneses fornece-nos um expressivo exemplo de como os grupos étnicos estiveram distantes de se apresentarem coesos. A história social dos imigrantes em São Paulo nunca poderá ser escrita à altura de sua importância se for interpretada como uma experiência indistintamente compartilhada pela totalidade dos imigrantes de uma determinada etnia. Seria mais real apreendermos as comunidades de imigrantes como arenas disputadas onde conviveram lado a lado

pioneiros e recém-chegados, bem-sucedidos, desafortunados e remediados, proprietários e trabalhadores, tradicionalistas e modernizadores, profetas e seguidores.

Neste trabalho, o terceiro e o quarto capítulos em alguma medida procuraram demonstrar que, passada a fase pioneira, rapidamente a colônia sírio-libanesa se diferenciou. Uma gama de líderes emergiu a partir de diversos setores de classe média ou alta, de negociantes em ascensão a clérigos e intelectuais da colônia, todos competindo e articulando diferentes agendas - moderna ou tradicional, política ou econômica, secular ou religiosa - todas a serem endossadas ou desdenhadas em maior ou menor grau por setores diferenciados dentro da colônia.

É verdade que numa determinada perspectiva, no caso dos sírios e libaneses, por mais distintos que tais apelos fossem entre si, se referidos a um aspecto básico, todas as diferenças se esmaeceram ante a adesão resoluta que todos professaram frente aos valores da ordem capitalista cada vez mais desenvolvida em São Paulo. De fato, de forma muito mais homogênea do que em outros grupos de imigrantes, em decorrência mesmo do tipo de inserção seminal pequeno-burguesa, não encontraremos⁴ sírios e libaneses se articulando sob nenhuma bandeira que contestasse radicalmente os valores da nova sociedade. Neste sentido, tradições de caráter étnico, regional ou religioso tiveram seu campo livre de pregação, à condição de suas ideologias não excluïrem, não se chocarem com os ideais liberais do esforço e do trabalho individuais e da livre iniciativa no campo econômico.

Para se apreender a diversidade de apelos e de alternativas trilhadas pelos imigrantes, não é possível se trabalhar com uma perspectiva assimilacionista que nos conta uma história unidimensional, desenrolada entre os pólos de um passado de tradições

⁴ a menos de opções absolutamente individuais.

deixadas e de um futuro de integração na nova pátria. Não existiram nem caracteres culturais importados de modo fixo, nem abasileiramento (ou apaulistanização), no sentido tantas vezes subjacente às análises sobre imigrantes⁵. A pluralidade de combinações entre a herança cultural e as interações mantidas entre grupos e sub-grupos étnicos e a nova sociedade constitui um processo muito mais rico e contradiz a noção de um padrão dominante em direção ao qual estes grupos tenderiam a se aproximar com o tempo. Os imigrantes não necessariamente foram "assimilados", mas construíram relações sociais absolutamente originais como estratégias de sobrevivência na nova terra.

Abandona-se assim a noção de grupo étnico como a-histórico, imutável, e sua história pode ser contada não como um dado, mas como um processo sujeito a idas e vindas, onde atuam forças centrífugas e centrípetas. Conforme argumentou Seyferth analisando o significado da pertinência étnica teuto-brasileira, "a cultura original foi transformada e certos valores, ideologias e instituições de caráter étnico desapareceram ou foram reelaboradas; mas critérios de distintividade usados para marcar a identidade étnica persistem apesar da assimilação"⁶. Mais conveniente portanto seria se trabalhar com a noção de etnicidade, entendida como construção cultural historicamente determinada e iterativamente renegociada, por solicitações tanto internas ao próprio grupo, quanto externas da sociedade mais ampla. Os sírios e libaneses dão provas mais do que suficientes de que a assim chamada etnicidade relacionada ao grupo, longe de ser alguma forma de consciência carregada de algum rincão perdido da Síria ou do Líbano e a ser gradativamente dissipada na nova terra, brota exatamente da experiência de

5 vide, entre outros exemplos, os trabalhos de Manuel Diegues Jr. (*Imigração, urbanização e industrialização*. Rio de Janeiro: INEP, MEC. 1964), de Emílio Willems (*Assimilação de populações marginais no Brasil*. São Paulo: Cia. Editora Nacional. 1940; *Aculturação dos alemães no Brasil*. São Paulo: Cia. Editora Nacional. 1946) e de Hiroshi Saito e Takashi Maeyama (*Assimilação e integração dos japoneses no Brasil*. Petrópolis: Vozes. 1963).

6 Giralda Seyferth, "Imigração e colonização alemã no Brasil: uma revisão da bibliografia", *BIB - Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, n.25, 1988, p.33.

vida na nova terra. Atestam de forma inequívoca os diferentes modos de apresentação e de reconhecimento do grupo, seja como sírios, libaneses, turcos, fenícios, cristãos, ocidentais, etc. Provam-no ainda os reiterados investimentos simbólicos em transformar a figura pouco valorizada do mascate em uma espécie de novo bandeirante, ungido pela ética do trabalho. O que existe é seleção e reinvenção de atributos, de elementos que serão mais ou menos reaproveitados e reciclados no novo ambiente. Mais adequado seria se falar em metamorfoses, em desaparecimento, reaparecimento, contínua renegociação e manipulação de identidades. A riqueza da noção de etnicidade, evoluindo historicamente, está justamente no fato dela representar em cada momento uma condensação de representações, dela prover um guarda-chuva flexível e amplo o suficiente para acomodar diferentes percepções tanto internas quanto externas a respeito do grupo numa determinada conjuntura. Daí, conforme nos lembra Tilly, a face de Janus do conceito de etnicidade, com sua capacidade de olhar ao mesmo tempo para as realidades cambiantes tanto internas ao grupo quanto externas da sociedade inclusiva.⁷

No Brasil e em particular em São Paulo, onde a partir de 1930 uma elite desarticulada, sem o controle do processo político, não exerceu uma pressão muito intensa contra as perspectivas de mobilidade abertas ao imigrante, e onde a ausência de guerras e de crises sociais e econômicas muito agudas pouco contribuíram para períodos de intensa invenção de etnicidades como nos Estados Unidos⁸, a maioria dos outros grupos étnicos em geral logo tiveram suas identidades esmaecidas, convertidas em folclore, expressas quase que exclusivamente através de manifestações culturais, artísticas (como as festas étnicas populares envolvendo dança, música e comida típicas) e esportivas, numa espécie de pluralismo étnico coreografado e imunizado. Os sírios e

7 Charles Tilly, "Transplanted Networks", in Virginia Yans-McLaughlin, *Immigration Reconsidered - History, Sociology and Politics*. New York and Oxford: Oxford University Press, 1990, p.92.

8 consultar Philip Higham, *Strangers in the Land...*

libaneses, a exemplo de outros poucos grupos étnicos, souberam manter e mobilizar a identidade étnica sobretudo para alavancar a mobilidade social e econômica de forma eficaz. Neste sentido revelaram-se bastante pragmáticos, e logo assumiram uma postura agressiva, conquistadora em relação a posições de maior prestígio na estrutura social. Entenderam rapidamente que a verdadeira integração numa sociedade como a brasileira teria que passar necessariamente pela mobilidade econômica e social.

Souberam assim com grande eficiência maximizar suas trajetórias, tirando o máximo proveito de seu nicho, de sua trincheira de especialização econômica, ao integrá-los verticalmente de forma completa. Além disso, e sobretudo, souberam compensar a ausência de "capital" social num país onde a acumulação deste apresenta tamanha importância, através da construção de sua própria rede de "capitais" sociais, interna à etnia, mola mestra das trajetórias de mobilidade, impulsionadora de qualquer tipo de ascensão social e econômica observada na colônia.

Obviamente isso não significa afirmar que a colônia como um todo enriqueceu, de forma homogênea, e que dentro dela inexistasem setores desfavorecidos economicamente. Já observamos que como regra geral, os caminhos da mobilidade estiveram mais abertos para os pioneiros do que para os chegados tardiamente. Estes, se não dispusessem de algum capital, certamente tiveram maiores dificuldades em abrir espaços num tecido econômico já mais implantado. Neste caso, provavelmente a exemplo do que ocorreu para a colônia como um todo nos Estados Unidos em decorrência da presença anterior dos judeus, ocorreu um bloqueio estrutural na ascensão sócio-econômica, contornável apenas na medida em que regiões mais afastadas da capital ou do estado foram exploradas ou em que novos nichos de especialização foram trilhados.

De uma maneira geral entretanto, o saldo da mobilidade para a colônia como um todo foi sem dúvida amplamente positivo, e isso ocorreu não apenas em razão dos negócios, mas porque a estratégia de ascensão foi extraordinariamente ampliada pelos investimentos educacionais na segunda geração. Será este o momento crucial, a prova de fogo, da assim chamada "integração": o momento em que filhos de patrícios disputarão ombro a ombro posições de prestígio antes reservadas a elites, tanto no sistema educacional paulista quanto posteriormente no mercado de profissões liberais.

Procurei argumentar ainda que no campo político, as raízes da sobre-representação de descendentes de sírios e de libaneses em cargos políticos, facilmente observável hoje em dia, estão com certeza intimamente relacionadas aos condicionantes de suas trajetórias. Num primeiro momento, a entrada na política é fruto da convivência com outras elites nos bancos de faculdade, em especial na de Direito de São Paulo. Logo em seguida, a este fator se sobreporá o sucesso eleitoral crescente de patrícios em municípios interioranos, em última análise derivado de uma penetração capilar da etnia no interior do estado, em posições urbanas que privilegiavam o acesso a cargos públicos locais. Em pouco tempo, ao cabo de um ou dois mandatos, estes sucessos eleitorais regionais puderam ser convertidos em representações no Legislativo tanto estadual quanto federal.

Agora de um ponto de vista mais sociológico, acredito que o trabalho define um campo original de investigações que possibilita enriquecer nossa compreensão a respeito do modo como a estrutura social paulista se conformou historicamente. Tradicionalmente, conforme argumentou Boris Fausto, o problema da transição de uma sociedade tradicional a uma sociedade moderna em São Paulo sempre tendeu a ser desenvolvido do ponto de vista do processo de transição das relações de trabalho escravo ao trabalho livre. "Os estudos de Bastide e Fernandes partiram do problema das relações raciais e

do preconceito, gerando uma série de trabalhos sobre o tema que se estendeu a seus discípulos"⁹ De certa forma, tal opção resultou num retardamento dos estudos imigratórios. "Sem dúvida", continua Fausto, "a temática (dos estudos imigratórios) surgiu inevitavelmente nos estudos a que me referi, seja ao se ressaltar o processo sócio-econômico da transição, seja ao se ressaltar a questão das relações raciais. Mas ela se desenhava como elemento secundário de duas polaridades cujo elemento principal é o problema não resolvido do negro. Comparativamente, a questão imigratória aparecia, de forma explícita ou implícita, como uma história de final feliz."¹⁰

Será somente com o trabalho dos brazilianistas¹¹ e de José de Souza Martins que o tema da imigração começou a se constituir em objeto de análise não subordinado. Mesmo assim, toda a ênfase recaiu sobre a discussão dos processos de mobilidade econômica e social de imigrantes rurais, empregados pela lavoura cafeeira paulista. Muito pouca atenção foi dispendida com imigrantes cujos destinos foram as cidades¹², muito embora o censo de 1934 tenha sido enfático: metade da população estrangeira do estado já habitava áreas urbanas nessa época.

Ora, analisar a especificidade da inserção urbana de imigrantes em São Paulo é importante não apenas em vista da expressão numérica do contingente, mas também porque tais imigrantes provavelmente estabeleceram padrões de futura inserção de seus conterrâneos rurais quando o êxodo rural-urbano a partir de meados da década de trinta se avolumou. Já tivemos oportunidade de observar neste trabalho mesmo o modo como os Jafet selecionavam para suas indústrias mão de obra disponível através de recrutadores espalhados por todo o interior paulista. Seja em ocupações industriais ou

9 Boris Fausto, *Historiografia da imigração...*, p.12.

10 Boris Fausto, *Historiografia da imigração...*, p.13.

11 entre os autores pioneiros destacam-se Warren Dean, Michael Hall e Thomas Holloway, cujos trabalhos estão anotados na bibliografia.

12 a menos de trabalhos de cunho biográfico a respeito de grandes empreendedores.

comerciais, é muito provável que, sobre as bases de implantação anteriores de imigrantes urbanos, novas redes de acolhimento formadas com lógicas distintas tenham se mostrado operantes.

À exceção de alguns estudos sobre o trabalho especificamente fabril, o grosso da história dos imigrantes e de seus descendentes nas cidades tem sido largamente ignorado. Minha profunda convicção é a de que poderíamos ganhar muito em termos da compreensão da sociedade paulista se esta lacuna fosse suprida. Este trabalho, focado para uma etnia específica, indica que contribuições relevantes poderiam ser perseguidas em pelo menos algumas direções, que passo a elencar.

Em primeiro lugar, o trabalho procurou investir numa compreensão não apenas das causas objetivas deflagradoras da emigração (tradicionalmente empregadas em análises do tipo *push-pull*¹³), mas também numa direção que fosse capaz de restituir seu significado ao nível dos agentes que a implementaram. Desta forma, tomou-se possível identificar, ainda na terra de origem, dimensões em geral pouco ressaltadas em trabalhos que se ocupam da temática da imigração no Brasil e que depois se revelaram em nosso caso como cruciais aos argumentos que procurarão explicar as trajetórias desenvolvidas pelo grupo: a família como unidade básica de auto-referência para com o mundo, a importância da aldeia e das relações de conterraneidade daí decorrentes, um desenvolvido senso de competição e de *facciosimo* permeando a sociedade de origem. Serão estas predisposições subjetivas inculcadas no agente, e não as condições objetivas de sua expulsão que atravessarão o Atlântico e o acompanharão ao longo de sua vida na nova terra¹⁴.

13 análises cujo veio explora fatores de expulsão da terra de origem e fatores de atração na terra de adoção.

14 como referência de um trabalho exemplar neste sentido, consultar Kerby A. Miller, *Emigrants and Exiles - Ireland and the Irish Exodus to North America*. New York and Oxford: Oxford University Press, 1985.

Foi precisamente do confronto de tais predisposições (e de suas consequências imediatas, tais como o caráter inicialmente temporário da imigração) com a realidade encontrada em São Paulo, que foi possível explicar a inserção inicial da colônia na atividade de mascateação. Daí para a construção de um nicho de especialização econômica totalmente integrado dentro da economia paulista, diversas etapas se sucederam, as quais procuramos reconstruir. Do ponto de vista dos efeitos desta especialização sobre a estrutura econômica, cumpre chamar a atenção tanto para a contribuição no sentido da implantação de um setor econômico de grande expressão na história industrial de São Paulo, quanto para a definição e difusão de práticas comerciais, tais como em boa medida as conhecemos hoje como padrão.

Do mascate ao empresário industrial ou comercial - por todas as etapas perpassou porém um nexos comum, na medida em que estas foram alicerçadas por uma rede continuamente alimentada tanto por relações de entre-ajuda e de complementariedade nos negócios entre os aqui já estabelecidos, quanto pela importação de parentes e conterrâneos que renovarão e darão corpo à colônia. Será este o primeiro momento em que a reconversão do "capital étnico" em capital econômico será posta à prova, em que a pujança e a rentabilidade do primeiro deverá ser demonstrada, inclusive como munção para o confronto com outras etnias. Se ineficiente esta reconversão, o recorte pelo étnico empalidece, ou no mínimo passa a tomar outro sentido, totalmente diferente do observado em nosso caso. Assume uma importância primordial portanto analisar na história social de outras etnias em São Paulo, a qualidade e os mecanismos desta reconversão. O caso dos sírios e libaneses nos sugere a existência de trajetórias e de sociabilidades absolutamente peculiares, constituidoras de nichos no mercado de trabalho responsáveis por padrões de mobilidade social e econômica muito bem definidos e dotados de um grau de coerência interna muito forte.

Em terceiro lugar, o trabalho lança luz sobre uma área tradicionalmente muito pouco explorada pela literatura nacional, ao procurar identificar historicamente mecanismos de constituição de segmentos importantes de profissionais liberais no mercado de trabalho. Quatro orientações de pesquisa mostraram-se particularmente frutíferas neste tópico: o momento geracional e a magnitude (frente a outras etnias) da entrada em instituições escolares de primeira linha, a importância da própria colônia se constituir como mercado preferencial para os pioneiros (da colônia) que se estabeleceram em profissões liberais, as estratégias de transposição e de consolidação deste mercado cativo e a consequente penetração em territórios mais reservados a estratos de implantação mais antiga na sociedade (e as resistências oferecidas por tais estratos) e, finalmente, as lógicas de reprodução de posicionamentos na estrutura social no campo das profissões liberais de que se beneficiaram os filhos e parentes já de terceira geração dentro da colônia. Trabalhados aqui em torno das escolas de elite das três profissões liberais de maior prestígio na época, este estudo procura sugerir que estes mecanismos de vertebração destes segmentos profissionais, se perseguidos para várias etnias, certamente em seu conjunto atuaram como elementos fundamentais na conformação da estrutura social paulista.

Tão fundamentais - e este é o quarto ponto - que, conforme procurei demonstrar no sexto capítulo deste trabalho, imprimiram e ainda imprimem uma marca decisiva na própria constituição da representação política no estado. Serão os "doutores", em primeiro lugar os da Faculdade de Direito e em seguida outros em emergência a partir de bases interioranas, que se habilitarão ao preenchimento dos cargos políticos em disponibilidade a partir da redemocratização de 45, em geral favorecidos por um bom enraizamento social. Deve-se ainda mencionar que será na condição de portador de um título universitário de prestígio no mercado das profissões liberais, que o **engenheiro** Paulo Saïm Maluf pôde extravasar os limites étnicos de sua candidatura e brandir a

qualificação de administrador moderno e eficiente, provido portanto de competências técnicas valorizadas para cargos no executivo. Sem um qualificativo desta espécie, de validade mais universal, dificilmente Maluf teria conseguido galgar a posição que ocupa hoje no cenário político nacional.

Por último, ao lançar mão de um enfoque comparativo ao nível internacional, o trabalho também procura reposicionar o referencial de análise, relativizando a experiência dos sírios e libaneses em São Paulo. Deste ângulo, o trabalho procura chamar a atenção para o caso paulista no que ele demonstra de específico em relação às condições de desenvolvimento de outras sociedades também impactadas e transformadas por influxos migratórios expressivos.

No estado de São Paulo, que mais acolheu imigrantes no Brasil, a fração urbana destes certamente contribuiu para tornar em primeiro lugar a capital e em grande parte também a rede urbana do interior diferentes do restante do país. Neste processo, a exemplo dos sírios e dos libaneses, outras etnias especializaram-se em setores diferenciados e valeram-se da interação entre conterrâneos, transformando o "capital étnico" em capital econômico. Qualquer uma destas etnias teve suas grandes figuras, em geral pioneiros chegados no início e que depois de terem feito fortuna, foram venerados por toda a sua colônia. Jafet ou Matarazzo certamente se enquadram nessa cúpula de estrelas fulgurantes em seu tempo, mas não dão conta do que se passou com a maioria das famílias urbanas de suas colônias.

Na verdade, foram estes imigrantes, cada vez mais posicionados nas estruturas miúdas da indústria e do comércio (especializadas em muitos casos segundo a etnia), e posteriormente nas profissões liberais, os que no seu conjunto e a seu modo verdadeiramente revolucionaram a sociedade paulista. Já no início do século e com

mais vigor ainda no pós-30, eles foram capazes de introduzir nesta sociedade em grande desenvolvimento e ebulição, uma gama extensa, complexa e diferenciada de posições intermediárias na estrutura social urbana, esmaecendo as antigas oposições e clivagens características da sociedade agrária em declínio. Neste processo foram se constituindo novos padrões e modalidades de inserção social dificilmente apropriáveis por esquemas polarizados de análise, emergindo toda uma nova região da estrutura social que passou a abrigar os descendentes dessas etnias, dando feição própria e original ao atual tecido social paulista.

^ ^ ^

ANEXOS

ANEXO I

Cálculo do coeficiente de distribuição regional das principais etnias em São Paulo (1934)

O coeficiente proposto pelo modelo abaixo desenvolvido procurou traduzir em uma escala numérica o grau em que uma dada população étnica está distribuída entre regiões do estado de São Paulo. Como base de dados, foi utilizado os totais de estrangeiros por divisão regional agrícola registrado pelo censo de 1934 para todas as etnias, com exceção dos judeus (não discriminados por este censo, apenas englobados na categoria de *acatólicos*). Para os judeus, utilizou-se o censo de 1940, observando-se a mesma divisão regional e a compatibilidade no tocante a desmembramentos de municípios ocorridos entre 1934 e 1940.

Sejam portanto:

n = número de regiões do estado consideradas pelo censo.

p_i = a percentagem da população de estrangeiros de uma determinada etnia na região i do estado ($i = 1, 2, \dots, n$). Note que $\sum_{i=1}^n p_i = 1$ (isto é, 100% da população) e portanto, $0 \leq p_i \leq 1$, $i = 1, 2, \dots, n$.

Adotando-se como ponto de referência cada uma das n regiões, procurou-se medir a diferença entre o tamanho dos contingentes da região de referência em relação às outras, ponderada pela percentagem da população da região de referência. Temos portanto nosso índice composto por n parcelas:

$$\begin{aligned} &= (p_1 - p_1)p_1 + (p_1 - p_2)p_1 + (p_1 - p_3)p_1 + \dots + (p_1 - p_n)p_1 \\ &+ (p_2 - p_1)p_2 + (p_2 - p_2)p_2 + (p_2 - p_3)p_2 + \dots + (p_2 - p_n)p_2 \\ &+ (p_3 - p_1)p_3 + (p_3 - p_2)p_3 + (p_3 - p_3)p_3 + \dots + (p_3 - p_n)p_3 \\ &+ \dots \\ &+ (p_n - p_1)p_n + (p_n - p_2)p_n + (p_n - p_3)p_n + \dots + (p_n - p_n)p_n \end{aligned}$$

$$= \sum_{i=1}^n p_i \left(\sum_{j=1}^n (p_i - p_j) \right)$$

$$= \sum_{i=1}^n p_i (np_i - \sum_{j=1}^n p_j)$$

$$= n \sum_{i=1}^n p_i^2 - 1 \tag{1}$$

Observe que este índice varia entre 0 (no caso extremo de todos os p_i serem iguais, isto é, a população ser uniformemente distribuída) e $n-1$ (no outro caso extremo onde uma única região concentra toda a população).

Visando apresentar um índice mais mneumônico, optamos por definir o coeficiente CD como o complemento de (1) em relação a n , ou seja,

$$CD = n - (n \sum_{i=1}^n p_i^2 - 1)$$

$$CD = n(1 - \sum_{i=1}^n p_i^2) + 1 \quad (2)$$

Observe agora que o índice CD varia entre n (no caso da população estar uniformemente distribuída ao longo das n regiões) e 1 (no caso da população estar totalmente concentrada numa única região). Valores intermediários entre 1 e n significam distribuições intermediárias. O censo estadual de 1934 divide o estado em 10 regiões agrícolas; definiu-se o município da capital como a décima-primeira região ($n=11$). A tabela abaixo reúne os dados de distribuição (p_i percentuais) de cada etnia entre as onze regiões em que o estado foi dividido.

<i>reg. agric.</i>	<i>italianos</i>	<i>espanhóis</i>	<i>portug.</i>	<i>alemães</i>	<i>japon.</i>	<i>sírios</i>	<i>judeus</i>
primeira	6,66	5,33	5,12	12,55	4,36	4,49	1,02
segunda	0,76	0,30	0,97	1,19	0,49	2,56	1,09
terceira	1,02	5,25	14,29	5,03	5,68	3,14	3,95
quarta	2,17	3,68	1,11	3,11	0,17	4,46	0,83
quinta	4,72	7,87	4,40	9,26	11,07	5,24	0,70
sexta	12,94	4,79	5,00	4,77	0,73	5,88	1,31
sétima	14,83	11,17	5,41	5,09	3,75	9,38	1,35
oitava	10,78	7,85	7,18	3,27	15,39	9,96	0,95
nona	9,32	17,43	6,14	4,81	50,13	9,12	2,37
décima	8,63	14,60	4,97	1,46	4,11	10,61	0,81
capital	28,17	21,71	45,41	49,47	4,13	35,15	85,62

Calculados os coeficientes para cada uma das principais etnias definidas pelo censo de 1934 (e para os judeus com base no censo de 1940), foram obtidos os seguintes valores para os coeficientes de distribuição:

	<i>espanhóis</i>	<i>italianos</i>	<i>sírios</i>	<i>portugueses</i>	<i>alemães</i>	<i>japoneses</i>	<i>judeus</i>
CD	10,5	10,3	10,1	9,7	8,9	8,7	3,9

para os CDs variando de 1 a 11 regiões.

Por fim, é importante compreender tanto o alcance quanto as limitações do coeficiente proposto: a) o coeficiente não representa os tamanhos absolutos dos contingentes étnicos; b) com exceção dos judeus, o índice é calculado a partir dos contingentes de estrangeiros, não incorporando portanto os descendentes que também fazem parte dos contingentes étnicos; c) o índice trata as onze regiões indistintamente, não levando em conta as forças de atração de imigrantes diferenciadas que cada região apresenta. Não obstante, o coeficiente constitui uma aproximação objetiva ao modo como cada etnia encontra-se distribuída entre regiões do estado.

ANEXO II

A IMIGRAÇÃO SÍRIO-LIBANESA ÀS TERRAS DA PROMISSÃO,

de Taufik Duoun(1944)

AUTORES MATERIAIS

CATEGORIA MÁXIMA

São Paulo

Fiação, Tecelagem e Estamparia Ypiranga "Jafet" - Jorge Maluf & Cia. - Ind. Textis Aziz Nader S/A - Industrias Textis Calfat S/A.

CATEGORIA MÉDIA

São Paulo

Alexandre Issa Maluf - M. Sahnó - Camillo Ansarah - Fada Maluf - Salim F. Maluf & Cia. - S/A. F. T. Ypiranga "Assad" - S/A Fiação e Tecelagem "Lutfalla" - Chicre Azer Maluf - Mahfuz irmãos - Zarzur & Cia. Ltda. - Fiação e Tecelagem "Azem" - Irmãos Moussalli.

Rio de Janeiro

Casa Gebara de Tecidos Ltda. - Aziz Nader & Cia. - Anis Achcar - Mineração Geral do Brasil Ltda. - Rezk, Kazan & Cia. Ltda.

CATEGORIA MÍNIMA

São Paulo

Salim Aboud (Buenos Aires) - Nagib Hankach - Nicolau Srur - Tecidos Kalil S/A - Richard Saigh & Cia. - Tecelagem Maria Angela Ltda. - Salim Feres - Dr. Fadlo Haidar - Antonio Gebara - Jose & Assad Yazigi - Bechara Moherdau & Filhos - Salim D. Hachem - Guilherme Afif - Cia. Industrial Polp. Mad. - Abrão Dib & Filhos - Thomas & Gattas Cury - Nagib Jacob - Nassib Jacob - Ind. Simão Henaisse Ltda. - Feiz Zarzur - Taufik D. Camasmie & Filhos - Wadih Abdeh - Antonio Schoueiri - Ghosn & Xerfan Ltda. - Faez Assemani (Baía).

Rio de Janeiro

N. Haddad & Irmãos - Jorge Adayme - Racy Irmãos & Cia. - Salomão Neder - Nehme J. Aina - Jorge Saba - G. Nahum Ganem & Cia. - Jorge Chamma & Cia.

ANEXO III

**QUADRO A - FILHOS DE SÍRIOS E LIBANESES FORMADOS NA FACULDADE DE
MEDICINA ATÉ 1950 (nome, ano de formatura, sírio ou libanês, parentes que
seguiram a mesma carreira, profissão do pai)**

Abduhader Adura	1940	lib	2 filhos	mascate/comerc. *
Abib J. Kirche	1947	*	*	*
Abraão Massad	1943	*	*	*
Abrahão N Salum	1943	*	1 filho	mascate/comerc.
Alexandre K Yazbek	1919	lib	2 filhos, 1 primo	comerciante
Alfredo Habib	1947	*	*	*
Américo Nasser	1937	sir	1 filho	mascate/com./ind.
Aniz Azem	1939	lib	1 filha	comerciante
Bussamara Neme	1941	lib	1 filho, 2 sobr.	mascate/comerc.
Cazem Chaddad	1935	*	*	*
Cesário Mathias	1929	lib	-	mascate/comerc.
Chaim M. Chaim	1947	*	*	*
Daher Cutait	1939	lib	1 filho	mascate/com./ind.
Elmo Bittar	1949	sir	1 sobrinho	mascate/comerc.
Emílio Athie	1941	lib	1 sobrinho	comerciante
Emílio Mattar	1939	lib	1 filho, 1 irmão	mascate/comerc.
Emílio Salum	1947	*	*	*
Farid Chede	1934	*	*	*
Feres Neme	1936	lib	1 filho, 2 sobr.	mascate/comerc.
Feres Secaf**	1944	lib	2 filhos	mascate/comerc.
Fernando Chammas	1946	*	*	*
Francisco N Salum	1945	*	2 filhos	mascate/comerc.
Fuad Chammas	1940	lib	2 primos	mascate/comerc.
Fuad Daud	1937	*	*	*
Gilberto Acar	1936	lib	1 filho	comerciante
Guilherme Curban	1940	lib	*	*
Guilherme Mattar	1948	lib	-	mascate/comerc.
Hassib Ashcar	1940	lib	*	*
Hene M. Sadek	1941	lib	*	*
Jamil A. Haddad	1938	lib	1 primo, 1 sobr.	industrial
Jamil Daud	1939	*	*	*
Jamil N. Aun	1946	*	*	*
Jamil Salum	1947	*	*	*
João Yazbek	1935	lib	2 filhos, 1 irmão	mascate/com./ind.
Jorge Michalany**	1942	lib	1 filho	médico
Jorge Zaidan**	1935	sir	2 sobrinhos	mascate/com./ind.
José Sayeg	1936	*	*	*
José V. Bittar	1948	*	*	*
Kamal Yazbek	1948	lib	*	*
Maria E. B. Khoury	1941	*	*	*

Quadro A - (cont.)

Mário F. Mansur	1947	*	*	*
Michel Abujamra**	1940	lib	1 primo	médico/jornalista
Miguel A. Hiss	1942	*	*	*
Nacib M. Simão	1941	*	*	*
Nagib Curi	1949	lib	-	comerciante
Nascippe Calixto	1935	lib	1 sobrinho	mascate/comerc.
Orlando J. Aidar	1938	lib	*	mascate/fazend.
Paulo C Simão	1945	lib	-	mascate/comerc.
Pedro Jabur	1947	lib	2 sobrinhos	*
Pedro Saud	1943	*	*	*
Pedro T Camasmie	1938	sir	-	mascate/comerc.
Roberto Saad	1943	*	*	*
Romeu Fadul	1944	sir	1 filho	comerciante
Rosa Abdalla	1940	sir	*	mascate/comerc.
Salim J. Aidar	1933	lib	*	mascate/fazend.
Scharif Kurban	1948	lib	-	professor
Victor Khoury	1947	lib	1 filho	comerciante
Virginia Carone	1941	lib	-	mascate/com./ind.

(* dado não apurado)

(** vide nestes casos o Quadro 7)

**QUADRO B - FILHOS DE SÍRIOS E LIBANESES FORMADOS NA FACULDADE DE
DIREITO ATÉ 1950 (nome, ano de formatura, sírio ou libanês, parentes que
seguiram a mesma carreira, profissão do pai)**

Abdala Cury	1948	*	*	*
Adib Casseb	1948	lib	1 irmão, 6 sobr.	comerciante
Adib Yazbek	1944	lib	-	mascate/comerc.
Adil Bussamra	1946	lib	1 irmão, 1 sobr.	mascate/comerc.
Alberto J. Mauad	1950	lib	1 filha, 1 irmão	mascate/comerc.
Alberto Kury	1938	*	*	*
Alberto Nicolau	1949	*	*	*
Alfredo Buzaid	1935	lib	1 irmão	mascate/comerc.
Alfredo Farhat	1942	lib	1 irmão, 2 sobr.	masc./com./ind.
Alfredo I Assaly	1931	-	-	comerciante
Anis Aidar	1940	lib	1 filho	mascate/fazend.
Anis C. Saad	1936	lib	*	comerciante
Antonio J. Mauad	1945	lib	1 irmão, 1 sobr.	mascate/comerc.
Antonio Salem	1937	sir	*	*
Armando Mattar	1942	lib	*	*
Azi Buzaid	1940	lib	-	mascate/comerc.
Aziz Calux	1950	lib	2 primos	mascate/comerc.
Brasílio Camasmie	1935	sir	-	mascate/comerc.
Camilo Ashcar	1946	lib	*	*
Carlos A. Kfourí	1941	*	*	*
Célio S. Debes	1950	lib	1 filho	mascate/comerc.
Cesar Maluf	1936	lib	1 filho	mascate/comerc.
Dimas T. Calil	1949	*	*	*
Edmond Acar	1939	lib	*	comerciante
Eduardo Maluf	1932	lib	*	*
Elias Alasmar	1930	*	1 filho	comerc./fazend.
Emílio Maluf	1945	lib	*	*
Ernesto Chamma	1938	*	*	*
Eugênio A. Barbosa	1931	*	*	*
Euvaldo Chaib	1942	*	*	*
Feiz A. Chad	1949	sir	-	comerciante
Ferdinando Chaib	1949	*	*	*
Filizardo Kalil	1940	*	*	*
Foch Simão	1945	lib	2 filhos	comerciante/ind.
Fuad P. Izar	1933	*	*	*
Guilherme V Curban	1940	lib	1 primo	comerciante/ind.
Hacib Sayeg	1930	*	*	*
Jacob Rauedi	1938	*	*	*
Jamil M. Namy	*	*	*	*
Jamil Mattar	*	lib	-	mascate/comerc.
Jathyr Mafud	1945	*	*	*
João A. Nassif	1946	*	*	*
João Nassif	1949	*	*	*
João S. Hajar	1948	*	*	*
Jorge Coury	1934	*	*	*
Jorge Elias	1937	*	*	*

Quadro B - (cont.)

Jorge Nemr	1941	*	*	*
Jorge Sawaya	1946	*	*	*
José Kamil	1941	lib	1 primo	comerciante
José M. Deiab	1937	*	*	*
José M. Sadek	1941	lib	*	*
Júlio C. Jabur	1941	*	*	*
Labib M. Haddad	1941	*	*	*
Labiby Madi	1931	lib	-	comerciante
Madhat Pacha	1949	sir	1 irmão, 1 primo	mascate/comerc.
Mansur Nora	1949	*	*	*
Miguel Nahra	1946	lib	1 sobrinho	mascate/comerc.
Munir Tebet	1946	*	-	*
Nabih C. Salum	1949	*	*	*
Naim A. Saad	1943	*	*	*
Nasser Bussamra	1945	lib	2 irmãos, 1 sobr.	mascate/comerc.
Nassim Salomão	1936	*	*	*
Nicolau Tuma	1931	lib	*	mascate/comerc.
Nicolau Zarif	1945	sir	4 filhos	comerc./fazend.
Peres C. Tanus	1948	*	*	*
Raif Kurban	1945	lib	2 filhos	professor
Raul Coury	1950	*	*	*
Sad Salim Mussa	1945	*	*	*
Salim Gabriel	1939	*	*	*
Salomão Izar Filho	1942	*	*	*
Sylvestre Aidar	1940	lib	*	mascate/fazend.
Tuffy Maluf	1948	lib	*	*
Tufic F. Nassif	1945	lib	2 sobrinhos	comerciante
Wady Mattar	1939	lib	*	mascate/comerc.
Waibo Chamas	1941	*	*	*
William S. Saad	1942	*	*	*

(* dado não apurado)

**QUADRO C - FILHOS DE SÍRIOS E LIBANESES FORMADOS NA ESCOLA
POLITÉCNICA ATÉ 1950 (nome, ano de formatura, sírio ou libanês, parentes que
seguiram a mesma carreira, profissão do pai)**

Abrahão Yazigi	1935	*	*	*
Alfredo Mathias	1929	lib	-	mascate/comerc.
Américo Nagib	1947	*	*	*
Aziz Elias	1944	*	*	*
Chafic Jacob	1946	*	*	*
Chain Abujamra	1934	lib	*	empregado
Constantino Chain	1945	sir	1 filho	mascate/comerc.
Edmundo Saad	1945	*	*	*
Ernesto A Abdalla	1942	sir	*	mascate/comerc.
Felix Dabus	1932	*	1 sobrinha	mascate/comerc.
Guilherme Zaidan	1936	sir	3 filhos	mascate/com./ind.
Habib Izar Netto	1950	lib	1sobrinho	comerciante
Henrique Zaidan	1936	sir	2 filhos	mascate/com./ind.
Hibraim Aniz	1945	lib	*	empregado
Jamil G. Jacob	1947	lib	2 filhos	comerciante/ind.
Jamil S. Mattar	1950	*	*	*
Jamil Saade	1947	*	*	*
João Abbud	1949	lib	*	comerciante
Jorge Azem	1936	lib	-	comerciante
Julio Raben	1935	*	*	*
Mário Nasm	1949	*	*	*
Michel E Mahfuz	1939	lib	*	mascate/com./ind.
Michel Sayeg	1943	*	*	*
Nacib Abdalla	1947	*	*	*
Nagib Maluf	1949	lib	*	*
Nassim Nadruz	1932	*	*	*
Nelson Acar	1946	lib	3 filhos, 5 sobr.	comerciante
Paulo T Camasmie	1935	sir	2 filhos, 3 sobr.	mascate/comerc.
Romeu Fadul	1944	*	*	*
Tuffy J Aidar	1944	lib	2 filhos, 3 sobr.	mascate/fazend.
Victor Malumad	1935	*	*	*

(* dado não apurado)

BIBLIOGRAFIA

A Gazeta (30 de novembro e 4 de dezembro de 1953).

Abu-Laban, Baha. *An Olive Branch on the Family Tree: the Arabs in Canada*. Toronto: The Canadian Publishers, 1980.

Almanach Laemmert para 1903-1904. Rio de Janeiro: Laemmert e Cia., 1904.

Alsina, Juan A. *La inmigración en el primer siglo de la independencia*. Buenos Aires: Felipe S. Alsina(ed.), 1910.

Alvim, Zuleika. *Brava Gente! Os Italianos em São Paulo, 1870-1920*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

Araujo, Oscar Egidio de. "Enquistamentos Étnicos", *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, n.6 (março de 1940), p. 231.

Assrauy, Nagib. *O druzismo*. Belo Horizonte: Ed. São Vicente, 1967.

Avila, S.J., Fernando Bastos de. *Immigration in Latin America*. Pan American Union, OEA, 1964.

Backeuser, Everardo. "Comércio ambulante e ocupações de rua no Rio de Janeiro", *Revista Brasileira de Geografia*, ano VI n.1, janeiro-março de 1944, p. 14.

Baily, Samuel. "Cross-Cultural Comparison and the Writing of Migration History: Some Thoughts on How to Study Italians in the New World", In: Yans-McLaughlin, Virginia. *Immigration Reconsidered: History, Sociology and Politics*. New York, Oxford: Oxford University Press, 1990.

Baily, Samuel. "The Adjustment of Italian Immigrants in Buenos Aires and New York". *American History Review*, 88(2), 1983.

Baily, Samuel. "The Italians and the Development of Organized Labor in Argentina, Brazil and the United States, 1880-1914". *Journal of Social History*, 3, 1969.

Baily, Samuel. "The Role of the Press and the Assimilation of Italians in Buenos Aires and São Paulo, 1893-1913". *International Migration Review*, 12, 1978.

Barro, Máximo e Bacelli, Roney. *Ipiranga*. In: História dos bairros de São Paulo, vol.14, (s/d).

- Bastani, Tanus J. *O Líbano e os libaneses no Brasil*. Rio de Janeiro: Estabelecimento de Artes Gráficas, 1945.
- Bastide, Roger e Fernandes, Florestan. *Branços e negros em São Paulo*. São Paulo: Cia. Editora Nacional / EDUSP, 1971.
- Beloch, Israel e Abreu, Alzira Alves de. *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro (1930-1983)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, FGV/Cpdoc, Finep, 1984.
- Bendix, Reinhard. *National-Building and Citizenship*. University of California Press, 1977.
- Bernard, William S. "Immigration: History of U.S. Policy". In *Harvard Encyclopedia of American Ethnic Groups*, 1980.
- Beme, Pierre. *L'Immigration Européenne en Argentine*. Paris: Jouve & Cie. Éd. Faculté de Droit de L'Université de Paris, 1915 (thèse pour le doctorat).
- Bodnar, John. *The transplanted: a History of Immigrants in Urban America*. Bloomington: Indiana University Press, 1985.
- Bulmer, Martin. *The Chicago School of Sociology*. Chicago: The University of Chicago Press, 1990.
- Centro Brasileiro de Estudos Árabes / Organização Jamil Safady, *A cultura árabe no Brasil, Líbano e Síria*. São Paulo: Editora Comercial Safady Ltda., s/d.
- Cohen, Naomi. *Encounter with Emancipation: the German Jews in the United States - 1830-1914*. Philadelphia: The Jewish Publication Society of America, 1984.
- Conzen, Kathleen N. et alii. "The invention of ethnicity: una lettura americana", *Altretalie - rassegna internazionale di studi sulle popolazioni di origine italiana nel mondo*. vol.3, aprile 1990, Fondazione Giovanni Agnelli.
- Correio Paulistano* (11 de dezembro de 1953 e 21 de janeiro de 1954).
- Costa, Maria José Freire. *A Magistratura de São Paulo - Tribunais da Relação e Justiça (1874-1958)*. São Paulo: Duplicadora Massao Ohno Editora, 1959.
- Cury, Cristiane Abdon. *A participação política e social da colônia árabe em São Paulo*, Projeto de pesquisa submetido à Fundação Ford, (mimeo), 1983.
- Cury, Cristiane Abdon. *A participação social e política da colônia árabe em São Paulo*, Relatório de pesquisa (mimeo), 1984.
- Daniels, Roger. *Coming to America*. New York: Harper Collins, 1990.
- Dean, Warren. *A industrialização de São Paulo*. São Paulo: Difel, 1971.
- Dean, Warren. *Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura, 1820-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- Debs, Cheker. *Vida e obra de Adma Mokdessi Jafet*. São Paulo: Editora Comercial Safady Ltda., 1956.

Deffontaines, Pierre. "*Mascates ou pequenos negociantes ambulantes do Brasil*", *Geografia*, 2:1 (1936), p. 27.

Diário da Noite (4 e 12 de janeiro de 1954).

Diário de São Paulo (29 de novembro e 6 de dezembro de 1953, 8 e 19 de janeiro de 1954).

Diário do Comércio (2, 4, 9, 16 e 19 de janeiro de 1954).

Diário Popular (20 de janeiro de 1954).

Diegues Jr., Manuel. "*Dois grupos étnico-culturais no Brasil: italianos e sírio-libaneses*", *Jornal do Comércio*, 4 de outubro de 1951.

Diegues Jr., Manuel. *Imigração, urbanização e industrialização*. Rio de Janeiro: INEP, MEC, 1964.

Duoun, Taufik. *A emigração sírio-libanesa às terras da promessa*. São Paulo: Tipografia Editora Árabe, 1944.

Durand, José Carlos. "*Formação do pequeno empresariado têxtil em São Paulo (1880-1950)*", In: Henrique Rattner (org.), *Pequena empresa - o comportamento empresarial na acumulação e na luta pela sobrevivência*. São Paulo, Brasília: Brasiliense, CNPq, 1985.

Ellis Jr., Alfredo. *Populações Paulistas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

Etapas, dezembro de 1960, ano V n.60.

Farhat, Emil. *Dinheiro na estrada: uma saga de imigrantes*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

Fausto, Boris. *Historiografia da imigração para São Paulo*. São Paulo: Ed. Sumaré, 1991.

Féres, Assis. *O mascate*. São Paulo: Laiazul, 1970.

Fifty-fifth Annual Report of the Board of Foreign Missions of the Presbyterian Church in the United States, New York: Mission House, 1892; apud Clark Knowlton, *Sírios e Libaneses...*, p.30.

Folha da Manhã (10, 19 e 20 de janeiro de 1954).

Garcez, Benedito N. *O Mackenzie*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1970.

Geertz, Clifford. *Islam Observed*. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

Ghanem, Sadalla Amin. *Impressões de viagem (Brasil-Líbano)*. Niterói: Graphica Brasil, 1936.

Gjerde, Jon. *From Peasants to Farmers: the Migration from Balestrand, Norway, to Upper Middle West*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

Gleason, Philip. "American Identity and Americanization". In *Harvard Encyclopedia of American Ethnic Groups*, 1980.

Goren, Arthur A. "Jews". In *Harvard Encyclopedia of American Ethnic Groups*, 1980.

Goulart, José Alípio. *O mascate no Brasil*. Rio de Janeiro: Conquista, 1967.

Green, Nancy L. "L'Histoire Comparative et le Champ des Études Migratoires". *Annales ESC*, novembre-décembre 1990, n.6.

Grün, Roberto. *Negócios & Famílias: Armênios em São Paulo*. São Paulo: Ed. Sumaré, 1992.

Guimarães, Caio de Freitas. "A assimilação dos principais grupos estrangeiros, através das estatísticas dos casamentos e nascimentos, na população do município de São Paulo - 1940/46". *Boletim do Departamento de Estatística do Estado de São Paulo*, Ano XIV - 2a. fase, Boletim Especial n. 2, 1952.

Hajjar, Claude Fahd. *Imigração Árabe: 100 anos de reflexão*. São Paulo: Ícone, 1985.

Hall, Michael. *The Origins of Mass Immigrations in Brazil, 1871-1914*. Tese de doutorado, New York: Columbia University, 1969.

Handlin, Oscar. *The Uprooted - The Epic Story of the Great Migrations that Made American People*, New York: Grosset & Dunlap, 1951.

Higham, Philip. *Strangers in the Land: Patterns of American Nativism 1860-1925*. New Brunswick and London: Rutgers University Press, 1988.

Hitti, Philip K. *Lebanon in History: from the Earliest Times to the Present*. New York: Macmillan, 1967.

Hitti, Philip K. *The Syrians in America*, New York: George H. Doran Company, 1924.

Hitti, Philip. *A Short History of Lebanon*. London, New York: Macmillan, St. Martin's Press, 1965.

Hitti, Philip. *Syria - A Short History*. New York: Macmillan, 1959.

Hitti, Philip. *The Arabs - A Short History*. South Bend: Regnery/Gateway, Inc., 1970.

Holloway, Thomas. *Immigrants on the Land: coffee and society in São Paulo, 1886-1934*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1980.

Hutter, Lucy Maffei. "Entrada e saída de imigrantes italianos em São Paulo: análise de dados estatísticos", in *A presença italiana no Brasil (vol.II)*. Luis A. de Boni (org.) Torino, Porto Alegre: Fondazione Giovanni Agnelli, Escola Superior de Teologia, 1990.

Jafet, Antônio. *Basílio Jafet - Lembrança e Saudade*. São Paulo: Ed. Comercial Safady Ltda., 1956.

Jafet, Nami. *Ensaio e Discursos*. São Paulo: São Paulo Editora, 1947.

James, E. J. *The immigrant Jew in America*. National Liberal Immigration League.

- Jorge, Salomão. *Álbum da Colônia Sírio-Libanesa no Brasil*. São Paulo: Sociedade Impressora Brasileira, 1948.
- Jornal do Comércio*, 19 de março de 1968.
- Kayal, Philip M. "Religion and Assimilation: Catholic "Syrians" in America". *International Migration Review*, vol.7 (4) (Winter 1973).
- Khodr, Hekmat. *O Libanês no Brasil*, vol.3, 1987.
- Klein, Herbert S. "A Integração dos Imigrantes Italianos no Brasil, na Argentina e Estados Unidos". *Novos Estudos Cebrap*. n.25, outubro 1989.
- Klineberg, Otto. *Psicologia Social*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959.
- Knowlton, Clark. *Sírios e Libaneses: mobilidade social e espacial*. São Paulo: Anhambi Ed. Ltda., 1961.
- Kuraiem, Mussa. "A Cultura Árabe no Brasil", In: Centro Brasileiro de Estudos Árabes / Organização Jamil Safady, *A cultura árabe no Brasil, Líbano e Síria*. São Paulo: Editora Comercial Safady Ltda., s/d.
- Kurban, Taufik. *Ensaio e biographias*. São Paulo: Sociedade Impressora Paulista Ltda., 1937.
- Kurban, Taufik. *Os Sírios e Libaneses no Brasil*. São Paulo: Sociedade Impressora Paulista Ltda., 1933.
- Lacaz, Carlos S. *Médicos sírios e libaneses do passado - trajetória em busca de uma nova pátria*. São Paulo: Almed, 1982.
- Learsi, Rufus. *The Jews in America: a History*. New York: Ktav Publishing House, Inc., 1972.
- Lesser, Jeff H. *From Peddler to Proprietor: Lebanese, Syrian, and Jewish Immigrants in Brazil*, (mimeo), 1989.
- Lesser, Jeff H. *Pawns of the Powerful: Jewish Immigration to Brazil (1904-1945)*. New York: New York University (PhD dissertation), 1989.
- Levy, Maria Stella Ferreira. "O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872 a 1972)", *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, 8(supl.):49-90, 1974.
- Luebke, Frederik S. *Germans in Brazil: A Comparative History of Cultural Conflict During World War I*. Baton Rouge and London: Louisiana State University Press, 1987.
- Luné, Antonio Jose Baptista de e Fonseca, Paulo Delfino da. *Almanach da Província de São Paulo para 1873*. São Paulo: Tipografia Americana, 1873.
- Marcus, Jacob R. *Studies in American Jewish History*. Cincinnati: Hebrew Union College Press, 1969.
- Marques, Gabriel. *Ruas e tradições de São Paulo*, 1966.

Mehdi, Beverlee Turner. *The Arabs in America (1492-1977): a Chronology & Fact Book*. Dobbs Ferry: Oceana Publications, Inc., 1978.

Miceli, Sergio. "Carne e osso da elite política brasileira pós-1930". In: Boris Fausto, *O Brasil Republicano - Sociedade e Política (vol III)*. São Paulo: Difel, 1983.

Miller, Deborah L. "Middle Easterners: Syrians, Lebanese, Armenians, Egyptians, Iranians, Palestinians, Turks, Afghans". In: *They chose Minnesota: a survey of the State's ethnic groups*. St. Paul: Minnesota Historical Society Press, 1981.

Miller, Kerby A. *Emigrants and Exiles - Ireland and the Irish Exodus to North America*. New York and Oxford: Oxford University Press, 1985.

Moura, Paulo Cursino de. *São Paulo de outrora: evocações da metrópole*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 3.ed., 1954.

Naff, Alixa. *Becoming American: the Early Arab Immigrant Experience*. Carbondale: South Illinois University Press, 1985.

Naimy, Mikhail. *A New Year*. Leiden E. J. Brill, 1974.

O Cruzeiro, 16 de fevereiro de 1963; 9 de fevereiro de 1963.

O Estado de São Paulo, 1, 19 e 22 de janeiro de 1954; 8 e 9 de junho de 1961; 24 de janeiro de 1963; 20 de janeiro de 1973 e 19 de agosto de 1982.

O Tempo, 3 e 21 de janeiro de 1954.

Pessin, Deborah. *History of the Jews in America*. New York and London: Abelard-Schuman, 1957.

Prado, Antonio de Almeida. *Escolas de ontem e de hoje*. São Paulo: Anhembi, 1961.

Price, Charles. "Methods of estimating the size of groups". In *Harvard Encyclopedia of American Ethnic Groups*. Appendix I, 1980.

Quem é quem no Brasil - biografias contemporâneas. São Paulo, Sociedade Brasileira de Expansão Comercial Ltda., 1948.

Ross, Edward A. *The Old World in the New: the Significance of Past and Present Immigration to the American People*. New York: The Century, 1914.

Ruppin, A. "Syrien als Wirtschaftsgebiet." In *The Economic History of the Middle East: 1800-1914*. Charles Issawi, ed. Chicago, University of Chicago Press.

Safa, Elie. *L'émigration Libanaise*. Beirute: Université Saint-Joseph, 1960.

Safady, Jamil. *Coleção Brasil-Líbano-Síria*, São Paulo: Editora Comercial Safady, 1949.

Safady, Jamil. *O café e o mascate*.

Safady, Jorge S. *A imigração árabe no Brasil*, FFLCH-USP (tese de doutorado), 1972.

- Safady, Wadih. *Cenas e cenários dos caminhos de minha vida*. Belo Horizonte: Santa Maria, 1966.
- Saito, Hiroshi e Maeyama, Takashi. *Assimilação e integração dos japoneses no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1963.
- Saliba, Najib E. "Emigration from Syria". *Arab Studies Quarterly*. vol.3(1) (winter 1981), pp. 56-67.
- Saunders, P. *Social Theory and the Urban Question*. London: Hutchinson, 1981.
- Sawaie, Mohammed. *Arabic-speaking Immigrants in the United States and Canada*. Lexington: Mazda, 1985.
- Schappes, Morris U. *The Jews in the United States*. New York: The Citadel Press, 1958.
- Scobie, James R. *Revolution on the pampas: a social history of Argentine Wheat, 1860-1910*.
- Seckler, Jorge. *Almanach Administrativo, Commercial e Industrial da Província de São Paulo para o Anno de 1885*. São Paulo: Jorge Seckler e Cia., 1884.
- Seckler, Jorge. *Novo Almanach de São Paulo, 1883*. São Paulo: Jorge Seckler e Cia., 1882.
- Seyferth, Giralda. "Imigração e colonização alemã no Brasil: uma revisão da bibliografia", *BIB - Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, n.25, 1988.
- Sherman, Charles Bezalel. *The Jew within American Society: a Study in Ethnic Individuality*. Detroit: Wayne State University Press, 1961.
- Sklare, Marshall. *America's Jews*. New York: Random House, 1971.
- Skocpol, Theda. *Vision and Method in Historical Sociology*. Cambridge University Press, 1984.
- Smith, T. Lynn. *Brazil: People and Institutions*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1954.
- Solberg, Carl. "Mass migrations in Argentina". In: *Human Migration: Patterns and Policies*. McNeill, W. and Adams, R. (eds.) Bloomington: Indiana University Press, 1978.
- Solberg, Carl. *The Prairies and the Pampas: Agrarian Policy in Canada and Argentina, 1880-1930*. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- Souza, R. Paula. "Contribuição à etnologia paulista", *Revista do Arquivo Municipal*, pp. 101-2.
- Stein, Stanley J. *Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil - 1850/1950*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.
- Szuchman, Mark D. *Mobility and Integration in Urban Argentina: Córdoba in the Liberal Era*. Austin: University of Texas Press, 1980.

Tannous, Afif I. "Acculturation of an Arab-Syrian Community in the Deep South", *American Sociological Review*, vol.8 (3) (June 1943), p. 266.

Tannous, Afif I. "Emigration, a Force of Social Change in an Arab Village", *Rural Sociology*, vol.7 (March 1942), pp. 62-74.

Tannous, Afif I. "Social Change in an Arab Village", *American Sociological Review*, (October 1941), p. 660.

Thernstrom, Stephan (ed.). *Harvard Encyclopedia of American Ethnic Groups*. Cambridge: The Belknap Press, 1980.

Thorman, Canuto. *Completo Almanach Administrativo, Commercial e Profissional do Estado de São Paulo para 1895*. São Paulo: Editora Companhia Industrial, 1895.

Tilly, Charles. "Transplanted Networks", in Virginia Yans-McLaughlin, *Immigration Reconsidered - History, Sociology and Politics*. New York and Oxford: Oxford University Press, 1990.

Trento, Angelo. *Là Dov'è la Raccolta del Caffè*. Padova: Antenore, 1984.

Última Hora (1 de dezembro de 1953 e 19 de janeiro de 1954).

Walle, Paul. *L'Argentine Tel Qu'Elle Est*. Paris: E. Guilmoto, Éd., 1913.

Weinryb, Bernard B. "Jewish Immigration and accomodation to America". In: *The Jews: Social Patterns an American Group*. Sklare, Marshall (ed.). New York: FreePress, 1958.

Willems, Emílio. *Aculturação dos alemães no Brasil*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1946.

Willems, Emílio. *Assimilação de populações marginais no Brasil*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1940.

Yans-McLaughlin, Virginia. *Immigration Reconsidered: History, Sociology and Politics*. New York, Oxford: Oxford University Press, 1990.

Zahlan, Antoine B. "Migration Patterns of the Graduates of the American University of Beirut". In: The Committee on the International Migration of Talent, *Migration of High-level Manpower*. New York: Praeger, 1970.

Zeghidour, Slimane. *A Poesia árabe moderna e o Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1982.